UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Instituto de Artes

Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES

MAGNO SANTANA MATOS

PEDRA HOMEM. PROFEFLOR. CABRA FÊMEA...

- O DIÁRIO ESCOLAR DO CORPO PERFORMATIVO -

São Paulo

2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Instituto de Artes

Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES

MAGNO SANTANA MATOS

PEDRA HOMEM. PROFEFLOR. CABRA FÊMEA...

- O DIÁRIO ESCOLAR DO CORPO PERFORMATIVO -

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Artes, área de concentração: Ensino de Artes, na Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.
Prof°. Dr. Orientador: Giuliano Tierno Siqueira.

São Paulo

2018.

Instituto de Artes

Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES

MAGNO SANTANA MATOS

PEDRA HOMEM. PROFEFLOR. CABRA FÊMEA...

- O DIÁRIO ESCOLAR DO CORPO PERFORMATIVO -

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Artes, área de concentração: Ensino de Artes, na Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.
Prof°. Dr. Orientador: Giuliano Tierno Siqueira.

São Paulo

2018

Agradecimentos

À Dona Maria da Conceição, pelos tremores e temores diários da mãe preta periférica que sempre batalhou pela formação de suas crias; À meu pai, Seu Beto, por sempre me evocar a prática do perdão; À Vó Maria, a velha-cabocla-filha-do-meio que guarda o sertão de minha infância no osso de sua voz; À Cristina Nascimento e Judith Leite, por serem iabás na arte de inspirar e expirar música dentro e fora do corpo-escola que me pariu, À Cordel do Viramundo, a primeira banda que me compôs, À Raoni Gondim, corpo-território que me inspirou travessia; À Raul Sanches e Marcio Camillo pelo acolhimento inaugural e pela baldeação habitacional na cidade-pedra. À Fernanda Rios pelos rituais e divãs de cozinha; À Marcia Tiburi e Evandro Affonso Ferreira pelos desafios de escrita criativa que tonificaram corpo-em-escrevivência; Á Regina Machado, Luisa Toller e Solange Sá pelo tempo que se dedicarem aos brasis possíveis em voz de Pedra; À Cia Antropofágica por me inspirar a cena e a não-cena; À Luciana Ramin,“Darling Queen” que abriu as vísceras que me ajudaram a gestar e parir clipe sem órgãos; À São Yantó, santo que encaixou o corpo-Pedra nesta (e em outras tantas) canções; À Angela Maciel Barbosa pelos diálogos em trânsito. À Dona Aurora e Seu Gervásio que acolheram e abraçaram Pedra em seu roçado no sertão do Marizá; À Elisa Relva Basso, por nos ceder generosamente imóvel em obras para obra em obra; À todes colegues e profeflores do Mestrado Profissional em Artes/UNESP. E, por fim, a todas as belezas, alun_s e docentes que me fizeram e fazem diariamente profeflor nas escolas por onde germino.

Esse diário é dedicado a Ana Cláudia Andrade dos Santos, um ser de luz que esteve presente em boa parte da formação artística de Pedra Homem, e que saiu de cena esse ano em plena Lavagem do Bonfim.

RESUMO

Este diário se propõe a partilhar narrativas de práticas performativas realizadas pel_ docente/performer Pedra Homem no contexto de duas escolas públicas da Rede Estadual de São Paulo no intuito de gerar conversas sobre o potencial da performance artística no reavivamento do sentido de corpo na docência. A interface entre corpo artístico e corpo docente é mediada pelos relatos de um corpo-em-escrevivência, uma prática de meditação sobre a própria atuação desenvolvida pel_ docente/performer que expande a percepção sobre o corpo e o fluxo de informações que troca com o ambiente no qual se insere. A prática emancipada a partir de experiências de migrações territoriais/existenciais e holísticas recentes atuou/atua no friccionamento entre vida, arte e docência e aos poucos adquiram dimensão poética/política a partir da tensão entre o exercício artístico da docência e o modelo de gestão que ocupa as escolas onde atuou/atua. Os capítulos estão organizados em três cadernos. O primeiro apresenta o conjunto de narrativas que partilha as experiências pré e pós-migratórias da Bahia para São Paulo que culminaram na fabulação de Pedra Homem e emanciparam os procedimentos/métodos basilares de composição desse corpo performativo. Já o segundo caderno, apresenta as histórias de Pedra Homem dentro do contexto escolar em diálogo com vozes teóricas que traduzem a natureza poética/política/pedagógica das práticas subversivas levadas para a sala de aula. Por fim, no terceiro e último caderno surgem as narrativas de performances realizadas no contexto da sala de aula que emanciparam uma ancestralidade transgênero não-binária recentemente lançada na cena musical estreitando ainda mais as relações entre corpo docente e corpo artístico.

Palavras-chave: corpo-afetos-performance-docência-escrevivência.

RESUMEN

Este diario se propone a compartir narrativas de prácticas performativas realizadas por el profesor / performer Pedra Homem en el contexto de dos escuelas públicas de la Red Estatal de São Paulo con el fin de generar conversaciones sobre el potencial de la actuación artística en el reavivamiento del sentido del cuerpo en la docencia. La interfaz entre cuerpo artístico y cuerpo docente es mediada por los relatos de un cuerpo-en-escriba, una práctica de meditación sobre la propia actuación desarrollada pel_ docente / performer que expande la percepción sobre el cuerpo y el flujo de informaciones que cambia con el ambiente en el que se inserta. La práctica emancipada a partir de experiencias de migraciones territoriales/existenciales y holísticas recientes actuó/actúa en el frotamiento entre vida, arte y docencia ya los pocos adquieren dimensión poética/política a partir de la tensión entre el ejercicio artístico de la docencia y el modelo de gestión que se ocupa de las escuelas donde actuó/actúa. Los capítulos se dividen en tres cuadernos. El primero presenta el conjunto de narrativas que comparte las experiencias pre y post-migratorias de Bahía para São Paulo que culminaron en la fabricación de Pedra Homem y emanciparon los procedimientos / métodos basilares de composición de ese cuerpo performativo. El segundo cuaderno, presenta las historias de Piedra humana dentro del contexto escolar en diálogo con voces teóricas que traducen la naturaleza poética / política / pedagógica de las prácticas subversivas llevadas al aula. Por último, en el tercer y último cuaderno surgen las narrativas de performances realizadas en el contexto del aula que emanciparon una ancestralidad transgénero no binaria recientemente lanzada en la escena musical estrechando aún más las relaciones entre cuerpo docente y cuerpo artístico.

Palabras-clave: cuerpo-afectos-rendimiento-docencia-escritura.

SUMÁRIO

11 PRIMEIRAS PEDRADAS

21 CADERNO N°1 – DE-VIR-A-SER PEDRA HOMEM

22 Matéria

23 PRIMEIRA PEDRA – Do fui, do sou, do vir-a-ser...

25 Salto

26 Susto

27 Afeição

28 Curadoria

30 SEGUNDA PEDRA – Cidade de dentro/fora, cidade de fora/dentro: tensão entre demanda e desejo.

28 Cidade de fora

31 TERCEIRA PEDRA – A descoberta do mundo como escrivivência (I)

32 Imitação

33 QUARTA PEDRA – Da petrificação original a descoberta do mundo como escrivivência (II)

35 O mobile

36 QUINTA PEDRA – Sobre vir-a-ser vouyer de si partindo do outro: notas sobre ser/corpo em escrevivência

40 CADERNO Nº 2 – DE VIR-A-SER PROFEFLOR

41 Sabor

43 PRIMEIRA FLOR – Pelo sabor dos gestos: réquiem para a presença do corpo (docente) nas palavras.

46 Fuga

46 SEGUNDA FLOR – Das políticas de Estado aos estados de corpo: micromanual para instalação e manutenção da morte em vida.

48 Chegança II

48 TERCEIRA FLOR – Da escola ao cárcere do cárcere a escola: primeiro ensaio sobre arte/docência como escrevivência.

51 Está chovendo vozes

52 QUARTA FLOR: Do corpo ao poema, do poema ao corpo - a descoberta da performance artística como condição de ser arte/docente.

56 Modo Avião

58 QUINTA FLOR – Da leitura que se faz corpo ao corpo que se faz leitura.

61 B.O n° 1

66 SEXTA FLOR – Dos estados de corpo aos estados de arte/docência/política: micromanual para desinstalar morte em vida.

68 Deuslleuze

69 SÉTIMA FLOR – Dos cativeiros aos viveiros: micromanual para instalar a vida em morte.

75 PAZ ADVERTE/POEMINHAS PESCADOS DE CONSELHOS E REUNIÕES

82 OITAVA FLOR – O corpo macropolítico no corpo micropolítico do escolar: antimanual de desinstalação (I)

88 TORÓ DE VOZES – registros de áudio pescados no caminho de volta da escola para casa (ou quando corpo docente entrevista escola como ressoa dentro de si)

97 Presidente

98 NONA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico do escolar: antimanual de desinstalação (II). – a descoberta da maiêutica e da ironia.

102 Delação Premiada

104 DÉCIMA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico da escola: antimanual de desinstalação (III). – quando política se faz corpo.

110 As cores do absurdo

116 DÉCIMA PRIMEIRA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico da escola: antimanual de desinstalação (IV). – O binômio direita/esquerda..

120 Leviano

120 DÉCIMA SEGUNDA FLOR: Aula como programa performativo, programa performativo como aula - quebra de paradigmas nos processos de composição de aulas.

123 Xeque-mate

132 DÉCIMA TERCEIRA FLOR: A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. – Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (I).

134 Entre bloqueios

137 DÉCIMA TERCEIRA FLOR: A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. – Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (II).
138 Limpeza
145 Paz
148 DÉCIMA QUARTA FLOR: |A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (IV).
150 A sede de João

152 CADERNO Nº 3 – DE-VIR-A-SER CABRA FÊMEA
153 Videoclipe
155 PRIMEIRO SERTÃO – Pode a via(da)gem ser pedagógica?
158 Viadagem
158 SEGUNDO SERTÃO – Notas sobre primeiras via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem (I)
160 Piroca
161 TERCEIRO SERTÃO – Notas sobre primeiras via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem (II)
163 Religare
165 QUARTO SERTÃO – Notas sobre o despertar da ancestralidade viada em harmonia com arte e docência.
167 O batom de Carolina
168 QUINTO SERTÃO – Notas sobre a narrativa de origem das via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem.
170 Beijo Preto
172 SEXTO SERTÃO – Um olhar sobre o fazer perfomativo depois de feito/ partilha do olhar de pós-estreia.
175 Jogo da Imitação
176 SÉTIMO SERTÃO – Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (I)
177 Buraco
179 OITAVO SERTÃO - Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (II)

180 Escrotidão

183 NONO SERTÃO – Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (III)

184 Autoria

186 Mulher sem medo

192 DÉCIMO SERTÃO – O corpo artístico parido de dentro do corpo docente – Anotações do diário de bordo de Cabra Fêmea: da sala de aula para ruas e sertões.

193 O Presente de Graça

195 Transformer

198 DÉCIMO PRIMEIRO SERTÃO – O corpo artístico parido de dentro do corpo docente.

199 Dei

199 DÉCIMO TERCEIRO SERTÃO – *Te perder de vista é bom:* diário de bordo de Cabra Fêmea.

203 Pai xiô

203 DÉCIMO QUATRO SERTÃO – Último ensaio, nova morte celebrada

206 INS/PIR(A)ÇÕES

PRIMEIRAS PEDRADAS

Não! Isto não é um diário! Pelo menos não como aqueles que nos jogam goela abaixo a cada ano letivo. Não! Definitivamente, NÃO! Não gastaremos nossos corpos aqui preenchendo quadriláteros miúdos com C ou F. *"É com "C" de compareceu, viu professor? Não com "P" de presença".* NÃO! Não reproduziremos redundâncias que pouco ou nada nos descreve. Não ocuparemos, nem nos preocuparemos, com linhas que não nos cabe. Abandonemos as calculadoras! Das analógicas às digitais! Abandonemos todas! TODAS! Não chegaremos mais a nenhum resultado, seja em média ou gráfico. Inclusive, não chegaremos a lugar algum. Esse diário é de foro ÍNTIMO. Íntimo e ESCOLAR.

Mas como é possível um diário ser íntimo e escolar ao mesmo tempo?

Daqui consigo ouvir a voz-corpo-ninguém que está bem aí do outro lado da página. Sim! Assim chamarei a tod_s (sem distinção de gênero) que passarem por essas linhas nervosas. Usarei esse nome-convite: CORPO-NINGUÉM, no intuito de inspirar corpos docentes a se despossuírem de atributos; sim, desfaçam-se dos mais "nobres" aos mais "reles" pensamentos que tenha sobre si. Como ainda não me narrei, iniciarei como CORPO-QUALQUER. E assim, sem me saber, seguirei. Caso não deseje essa travessia para você, nem para ninguém, esteja à vontade a abandonar esse diário. Aqui, ninguém será obrigad_ a nada. NA-DA!

Voltemos então a essa anomalia; a essa coisa de diário íntimo e escolar. Onde já se viu? Sim! Repito: esse diário é tão íntimo quanto escolar. Você nem percebeu, mas fui ali agora, bem rapidinho, dei um "rolezinho" pela internet e wikipédia me informou que *"**Diário** é uma agenda, geralmente de caráter íntimo, onde se fazem anotações que contém uma narrativa (*ela falou: ***NA-RRA-TI-VA!)*** *diária de experiências pessoais* (***EX-PE-RI-ÊNCIAS PE-SSOAIS!****) que é organizada pela data de entrada das informações. Um diário pessoal pode incluir experiências de uma pessoa* ***(PE-SSO-A!)*** *e/ou pensamentos* ***(PEN-SA-MEN-TOS!),*** *sentimentos* ***(SEN-TI-MEN-TOS!)*** *e segredos* ***(SE-GRE-DOS!*** que posso aqui também traduzir como tudo **aquilo que oculto quando revelo, e ao mesmo tempo, revelo quando oculto? Poderíamos também contemplar a palavra como sinônimo de coisas que**

aprendemos em experiência com algo e/ou alguém? Métodos? "truques"?). *Alguém que escreve um diário é conhecido como um(a) diarista e ele(a) descreve toda sua vida ali.* **(DESCREVE TODA SUA VIDA ALI. >>> TODA VIDA ALI. >>> TODA VIDA. >>> VI – DA. ALI.)** *Existem também diários desenvolvidos para fins institucionais que desempenham um papel em muitos aspectos da civilização humana, como por exemplo, registros governamentais, livros empresariais e registros militares.* **(**prefiro continuar com o: **DESCREVE TODA SUA VIDA ALI. >>> TODA VIDA ALI. >>> TODA VIDA. >>> VI – DA. ALI.)** Mantrifiquemos mais uma vez? **(DESCREVE TODA SUA VIDA ALI. >>> TODA VIDA ALI. >>> TODA VIDA. >>> VI – DA. ALI...)**

Sinto que a pergunta que toma a vez agora é: mas um diário escolar não seria um documento meramente institucional?

Convido tod_s agora a degustar por alguns instantes o sabor da palavra *escola*. Observem como essa palavra ocupa vossas línguas. Que sabor tem? Eu falei: **ES-CO-LA**. Sentiram? Que gosto tem? É doce? Salgada? Suave? Suculenta? É intensa? É amarga? Azeda? Ácida? De fácil ingestão e digestão? Mas afinal de contas, o que é mesmo esse lugar que chamamos de *escola*?

Para muitas pessoas, pode até parecer óbvia a pergunta, mas na atual conjuntura micro/macropolítica, essa questão vem inundada de complexidades que, a meu ver, não devem nem podem ser elucidadas de maneira "simplória". A partir daqui, já temos um motivo para pegar uma rápida carona na própria história da escola, mais precisamente, no seu nascimento enquanto palavra/verbo. Na travessia, veremos também algumas imagens pescadas do cotidiano que tem me interpelado. Sinto que estas podem ajudar a desenrolar ainda mais esse novelo.

Faz menos de um ano que tive contato com o livro *Em defesa da escola uma questão pública*, e desde então, esta referência tem sido uma das vozes que mais ajudam a tornar claros conceitos e práticas que os modelos de gestão do sistema de ensino conscientemente tornam nebulosas. No abertura do capítulo dois, os autores afirmam logo na epígrafe que a origem, ou seja, que a ancestralidade a palavra *escolar* vem do grego *skholé* que significa originalmente **TEMPO LIVRE, descanso, adiamento, estudo, discussão, classe, escola, lugar de ensino.** Segundo os educadores, a escola é uma invenção política específica da polis grega e surgiu para usurpar os privilégios

das elites da época, únicas que, até então, poderiam gozar do “direito” de estudar e praticar. Nesse contexto, o tempo e espaço foram separados do tempo e espaço da sociedade e da família no intuito de que, a partir dessa suspensão, pessoas de todas as classes sociais, pudessem ser inspiradas a dar a luz a elas mesmas. Envolvid_ desse conteúdo, ocupei o primeiro dia de aula desse ano letivo (2018) com um desafio chamado “A palavra é... ESCOLA”. A proposta era que estudantes respondessem em primeiridade, ou seja, que olhassem para a primeira imagem que lhe aparecesse no slide da mente e, de imediato, traduzissem via oralidade em uma único golpe de expressão, como o sentido da palavra escola lhe surge no corpo. Depois pedi que cada ser olhasse para o corpo-palavra que lhe surgiu e narrasse a primeira memória de experiência que esta lhe remetesse. Logo após, apagamos as palavras e ficamos apenas com uma frase-síntese de cada experiência narrada.

Do outro lado do corpo discente, é comum pescar da fala de colegas as mesmas imagens. Estas, muitas vezes, surgem no momento em que ainda apanham os materiais para a primeira aula do dia. Já é de praxe vê-l_s respirarem fundo, soltarem ar e em tenebroso tom de anedota, lançar frases do tipo: *Ai! tem que ir mesmo, é? Então colega, quer entrar no meu lugar? Ai! Que merda! Já bateu foi?* (referindo-se ao sinal sonoro que indica que deve ocupar a sala de aula). *Ai, tô morta, isso porque ainda estamos na segunda-feira, hein? Será que aguento até sexta? Mas tem que ir, né?! Enfim...*

Se considerarmos os episódios descritos, podemos tropeçar em outras tantas questões que nos levará ao encontro de outros sintomas correlacionados. Sim! A intenção aqui é ESGOTAR SINTOMAS. Mas o que é isso que chamo de SINTOMAS?

Outra voz importante na tradução do que o corpo que traça essas linhas deseja comunicar é a do filósofo Peter Pàl Palbert. Suas palavras aparecerão em inúmeros momentos dessa conversa. Foi na escuta e transcrição do áudio da palestra *O Avesso do Niilismo - Cartografias do Esgotamento* realizada na Escola de Artes Visuais Parque Lage no Rio que tive acesso ao que o escritor chama de *sintoma*. No evento, as questões em pauta eram: o que é uma escola livre? Como redefinir o que uma escola e o que é uma sociedade? No início da conversa o autor pontuou que o momento atual pede com cada vez

mais urgência uma ousadia do pensamento, e logo cita uma ideia de Delleuze herdada de Nietzsche que diz que o pensamento tem por tarefa detectar sintomas. Nas palavras de Delleuze (como citado pelo autor) é um encontro, um acontecimento, e também uma violência, e que cabe apreender os sintomas do mundo, ou seja, tratar o mundo como sintoma. Para Palbert (e para mim, Delleuze e Nietzsche também), tal desafio não pode se dar buscando apenas os signos de doença, sem buscar ao mesmo tempo os signos de vida, de cura e de saúde. Isso significa que nada disso pode ser feito desde fora do mundo, do alto do mundo, de um lugar de um suposto juiz do mundo. E com a tradução das palavras de Artaud sobre dar um fim no juízo de Deus, o filósofo orienta a dar um fim em qualquer império que julga o mundo, pois, nós não estamos de fora dos sintomas que detectamos. E é justamente partindo do princípio que esses sintomas que nos atravessam se agarram em nós, é que guerrearemos aqui com nós mesmos no intuito de contragolpeá-los a partir do esgotamento. Para isso várias questões nos interpelarão nessa travessia. Algumas parecerão redundantes, mas é só na aparência mesmo que essas redundâncias se sustentam, pois, as experiências que serão expostas nesse diário comunicam/comunicarão que essa saturação é que torna legíveis as absurdidades do cotidiano que costuma invadir o escolar. Agora que já nos localizamos nesse conceito de sintomas, nos perguntemos: Que corpo é esse que chamamos de docente? Os gestos repetidos cotidianamente nos aproxima ou mantém afastad_s do sentido do escolar? O que perdemos quando deixamos de sentir o escolar nesse espaço que chamamos de escola? Quais são as consequências dessa perda? Como podemos nos reconectar com o lugar do escolar? Como potencializar a potência do corpo docente em um modelo de gestão que se orquestra para reduzir-nos? Como transformar o corpo-não-desejante em um corpo-desejante desse espaço que é despejado de seus princípios?

NÃO! Não vim aqui para anunciar milagres, nem nenhum produto revolucionário da Polishop. Não mesmo. Lembre-se de que, por enquanto, conversam com um corpo-qualquer que poderá vir a ser alguma coisa e coisa nenhuma. Logo, não trarei fórmulas mágicas, receitas milagrosas, medicamentos, curas, mandingas (apesar de amá-las), nem banhos de descarrego e demais atrativos do gênero. Também não tenho pretensão

alguma de provar nada. Absolutamente nada. Nadica de nada. A intenção desses dedos que aqui me digitam é esgotar sintomas, e com isso, inspirar corpos. Sim! **(INS)PIRAR CORPOS.** Inspirar? Mas como?

Imagine agora que você, docente, conduz um talk-show cujo entrevistado é o seu corpo. Imaginou? Muito bem! Nesse exato momento, olhe bem no fundo dos olhos desse corpo e faça as seguintes perguntas:

1. E então corpo, como você se sente nesse lugar que chama de “escola”?
2. E então companheir_, como costuma ocupar esse espaço?
3. Diz aí corpo, como tem se relacionado com os demais corpos que ocupam esse espaço? Como tem se relacionado com _s estudantes? Com qual rosto tem olhado para el_s? Quais gestos ilustram o padrão que melhor traduz a maneira como se relaciona com _s discentes? Quais adjetivos você tem mais usado para descrever esses seres?
4. Com quais corpos deseja encontrar nesse espaço? Com quais corpos costuma “tretar” nesse espaço?
5. De um modo geral, como são os encontros nesse espaço? Esses encontros costumam animá-l_ ou desanimá-l_?
6. Você se sente potente quando preenche diários? O que costuma por ali?

Nesse momento, adoraria escutar todas as respostas, mas diante da impossibilidade, me cabe aqui partilhar as questões que partiram da escuta do corpo que ocupo e que impulsionam os dedos ainda mais a seguirem acendendo caracteres. Esses dígitos agora me perguntam: Será que esse lugar do diário que preencho quase sem corpo é o habitat natural do que temos chamado de escolar? Será que esses registros que notamos ali nos notam? O que traduzem? Será que temos nos ocupado diariamente com o escolar nesse espaço-escola? Estamos ocupados ou afastados do lugar do escolar? Esse corpo com o qual ocupamos a escola diariamente em se ocupado majoritariamente com o escolar? O que tem nos levado a nos afastar do escolar dentro do espaço-escola? Como reavivar o escolar dentro da escola? E como um simples diário poderia potencializar nessa travessia?

Percebam que, desde o início, CORPO é a palavra que tem sustentado (e continuará sustentado) toda nossa prosa. **CORPO** será/é palavra-raiz desse diário que desde o início, se propôs assim: eu, corpo-qualquer, e você(s), corpo(s)-ninguém. Suponho que se chegamos até aqui, é porque abraçamos

tanto a conversa quanto a (des) proposta. Por isso, sugiro agora que zeremos o corpo para que no caminhar por essas linhas seja possível acompanhar outros compostos, outras formas de ser dessa nossa única via de contato com as coisas do mundo. Sejamos aqui, corpo e suas inúmeras possibilidades de fabulações. Sim, convido tod_s a olharem para o corpo como real fabulado, e também, como principal instrumento para a fabulação dos reais que mais convir ao escolar e cada um de nós. Mas seria possível (re) inventar um corpo que (re)inventasse o escolar dentro do corpo do mesmo modelo que o destrói? E se partíssemos desse princípio? Se começássemos a nos abrir agora para percepção de que cada corpo fabula para si o real que mais lhe convém? Porém, eu, corpo-qualquer, iniciaria aqui também um conflito: Seria ético narrar um corpo cuja minha existência não se ocupe. Dito de outra forma: é possível inspirar corpos se dedicando apenas a observação "científica" de corpos que não habito?

A resposta-pomada para essa questão-queimadura surgiu logo no primeiro semestre de 2016, durante os encontros da matéria *Metodologia da Pesquisa*. Enquanto a professora Valéria Alencar apresentava semanalmente inúmeras naturezas e formas de pesquisa acadêmica, o corpo ia acendendo e apagando feito disjuntor gasto. *Bricolagem... Pesquisa de observação... Pesquisa Biográfica...* (Oi?)... *Pesquisa Autobiográfica* (BINGO!). Sim, a pesquisa autobiográfica traduzia bem (pelo menos naquele instante) os impulsos e as materialidades que me arremessaram no Mestrado Profissional em Artes. Foi a partir desse lampejo que comecei a acessar alguns artigos que versavam sobre esse tipo de pesquisa. O primeiro que me chamou a atenção foi *Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica* de Maria Helena Menna Barreto Brandão. Foi ali que encontrei o "álibi" perfeito para partilhar narrativas no corpo de um trabalho acadêmico, pois, na autobiográfica, o elemento basilar é a memória, e as histórias de vida, o principal instrumento de coleta de informações. Desde então, esse mestrado começou a se expandir em corpo e sentido, pois, foram as narrativas de aula sopradas nos ouvidos de corpos-afetos, e posteriormente escritas e publicadas na rede social, que me lançaram no PROFARTES sem que, a priori, desejasse estar aqui. Para mim, corpo-qualquer, só faria sentido ocupar esse espaço com as histórias que se tornaram a minha principal via de conexão com a realidade social multifacetária e com processos de

esgotamento de sintomas e emancipação performativa que partiram do encontro com os músculos da cidade e do modelo de gestão de ensino do Estado de São Paulo. As narrativas se tornaram condição *sine qua non* da minha presença no mundo, por isso, a ênfase aqui será dada as emoções, intuições e percepções dos fenômenos que advém da experiência de mudança de Salvador (aldeia-primeira) para a capital paulista em 2014 e do encontro com corpos que ocuparam/ocupam as duas escolas públicas que ocupei/ocupo nesses quase quatro anos em que performo/leciono (n)esses espaços.

Para que seja possível narrar/descrever as experiências (sem cortes), serão fabulados os nomes das escolas e também da maioria das "personagens" que surgirão nas narrativas. O trajeto aqui seguirá como um rio cravejado de pedras, flores e sertões de diferentes formas e tamanhos, ou seja, as histórias seguirão o fluxo da memória, podendo ora caminhar de forma linear (em sequência cronológica), ora de modo não linear, isto é, em desacordo com o tempo cronológico. Pedras, flores e sertões aparecerão no correr das águas de cada capítulo e convidarão _s leitor_s a interagir com vozes de diferentes áreas do conhecimento. Tornei-me encarnação das palavras e frases que leio e escrevo. Ora estas me antecedem, ora me traduzem. São palavras-poema, palavras-prosa, palavras-teatro, palavras-filosofia, palavras-psicanálise, palavras-educação e palavras-performance que compõem uma rede de saberes engajada a impulsionar e traduzir as experiências que serão partilhas nesse diário.

Uma palavra-teatro que merece menção nesse início de percurso vem do artigo "*A alma, o olho, a mão ou o uso da autobiografia no teatro"* de Marcia Abujamra. Após a descoberta da pesquisa autobiográfica como método, sentia que me faltava uma abordagem que pudesse incluir no corpo desse gênero, os elementos e procedimentos artísticos que já praticava intuitivamente na escola, ou seja, sem nem conhecer o campo da performance enquanto corpo teórico. Nesse artigo, a autoria faz, justamente, uma aproximação entre a figura do narrador, segundo Walter Benjamin, e a de atores/ performers que criam seus espetáculos a partir de um material autobiográfico, ou seja, ela tangencia uma aproximação entre a experiência compartilhada pelo narrador/performer e ouvinte/público. Para ilustrar a pauta, Abujamra apresenta o trabalho do performer americano Spalding Gray, artista que se tornou referência quando se

pensa no uso da autobiografia. Foram nas palavras-teatro de Abujamra que encontrei as primeiras pistas que traduziam a natureza das acontecências que meu corpo criava partindo da tensão entre docente/artista e o sistema de gestão do ensino. Essas tensões foram progressivamente estreitando ainda mais a linha tênue que separa vida e obra, realidade e ficção, e progressivamente, emancipando/expandindo performances que ganharam dimensão artística, política e *transgenere*, em um contexto, a priori, inusitado e "improvável" destas acontecerem. Foi a partir da emancipação de uma série de experimentos/procedimentos performativos que foi possível abrir campos de expressão, criar espaços de empatia e potencializar saberes dentro de um ambiente cuja experiência era/é quase sempre mutilada por ordens e imperativos do modelo de gestão. Esses imperativos, ao serem incorporados e repetidos (mesmo que a revelia), eram/são traduzidos em gestos que corrompiam/corrompem o papel da escola e o próprio sentido do escolar via ação dos corpos.

Com esse diário, me lanço no desafio de levar para o escopo acadêmico, e principalmente, para os processos de formação docente, as narrativas dos eventos, e as descrições dos processos/experimentos/procedimentos que tornaram possível o florescimento e intercâmbio de narrativas diferenciadas em um espaço inundado por conceitos coagulados que pouco traduziam/traduzem o escolar. Um desafio que hoje vejo que me foi dado desde o ingresso na rede pública de São Paulo, mas que só tive dimensão dos fazeres e saberes emancipados nesse processo, depois das ações realizadas, narradas e partilhas em rede. O fazer tornou-se mais urgente do que pensar no que fazer, e muitas vezes, esse fazer, era só sentir, se angustiar e escutar o ressoar das vozes dentro do corpo. Foram essas experiências materializadas em narrativas que me fizeram/fazem perceber que o corpo sabe, melhor do que nós mesm_s, o momento da ação, e que toda ação sabe, também melhor do que nós, o momento de agir. Não é por acaso que o sistema se orquestra conscientemente para dominar corpos e que esse cárcere tende a nos excluir da PRESENÇA.

Vale ressaltar que esse diário não se inventa como uma insurreição gratuita ao corpo burocrático. As narrativas que serão partilhadas testemunham a criação de um (anti)corpo que fabula corpos se valendo da própria história de vida

dentro de um modelo em que a burocracia ao invés de servir, é usada conscientemente para desocupar corpos da docência. Desocupação que reflete no padrão de imagens repetidas no imaginário e nos gestos dos corpos de discentes. É através dessas narrativas, e das conversas, reflexões que estas poderão gerar, que convido a tod_s que ocupam os olhos com essas letras, a perceber como docentes e alun_s (des)aprendem seus respectivos corpos dentro desse sistema. Em particular, a pergunta é: como (des)aprendo o corpo dentro desse modelo e ativo a possibilidade de nascimento de “novas” formas de ser profess_r_? Como esses outros corpos que invento podem reavivar o sentido do escolar dentro do espaço escola? E o que os processos artísticos têm a ver com isso?

Com base nos princípios, procedimentos e métodos da *escrita de si como performance*, o *Diário Escolar do Corpo Performativo* apresentará em três cadernos, as experiências que me tornaram *Pedra Homem*, *Profeflor e Cabra Fêmea.* Serão as narrativas partilhadas aqui que ilustrarão e abrirão conversas com vozes que traduzem/nutrem em conceitos as tensões que interpelam e constroem o corpo performativo dess_ personagem que ensaia infinitamente a si própri_. Vale mais uma vez ressaltar que a intenção desse diário é a mesma desde a sua primeira materialização nas redes físicas e virtuais de afetos que o acompanham, ou seja, o intuito é inspirar _s leitor_s a perceber, refletir e pensar sobre as possibilidades de interface entre corpo artístico e corpo docente, e como a fabulação/expansão simultânea destes pode reavivar e potencializar o sentido do escolar, e o próprio sentido da arte em processos abertos dentro e fora do espaço-escola. Ao virar essa página, vocês terão acesso às histórias de um corpo docente que em rota de fuga para o corpo artístico se espantou ao encontrar no próprio corpo da arte, o sentido do escolar, da docência e da presença no mundo.

Uma boa morte a tod_s!

"<u>Os Princípios da Dinâmica</u>

- Conceito de Equilíbrio

São possíveis dois tipos de equilíbrio:

Estático: um corpo em equilíbrio estático encontra-se parado, sua velocidade é nula.

Dinâmico: um corpo em equilíbrio dinâmico encontra-se em movimento uniforme, sua velocidade é constante.

Corpos em equilíbrio (estático ou dinâmico) não tem aceleração (a = 0)"

(Tomada de nota de Newton, pura jovialidade/exuberância leonina e professor de física que após mais de quarenta anos de docência foi convidado pelo Sistema de Ensino do Estado de São Paulo a "achar" outro corpo que ocupe a sua função como condição para liberação de sua aposentadoria. São Paulo, agosto/2017).

Caderno n°1

De-vir-a-ser

PEDRA HOMEM.

Matéria.

São Paulo, fevereiro/2018.

- Fessô, como é seu nome? – perguntou a aluna em pacata ansiedade no primeiro dia de aula.
Em transe, o corpo regente catou um toco de giz, mirou vários olhos de mangá e desenhou com precisão caligráfica no quadro - PEDRA HOMEM.
- Oxe? Pedra Homem?
- Sim.
- Mas é seu nome de verdade mesmo, fessô?
- Humrum.
- E é assim que tá escrito no seu RG, é? – desafiou um estudante do fundão.
- Quer saber meu nome de verdade ou o nome do RG?
- Como assim, fessô? Seu nome de verdade é o nome que tá no RG, não? – bradou outra aluna do alto de seu embaraço.
- Hummm... Como é que você se chama?
- Eu?
- Sim, você.
- Eu me chamo Larissa.
- Larissa do quê?
- Larissa Ribeiro da Silva.
- Hummm... quem escolheu esse nome?
- Ué?! Meus pais, né?!
- Suponho que assim está escrito no seu RG, não é?
- Exatamente assim.
- Pois então, me responda apenas uma coisa, Larissa Ribeiro da Silva...
- Diga, fessô!
- Quanto de você está presente nessa verdade que te nomeia?
- Kê?... Como?... éeéé...
- OXE, isso é aula de quê mesmo, hein? De filosofia é? – interrogou a mana ao lado.
- Será?

- Então fessô, diga logo vá! O sinhô dá aula do quê mesmo?– perguntou um aluno curioso e assombrado com o rumo da prosa.
De volta ao transe, o corpo abraçou novamente a miudeza do giz e escreveu abaixo do desnome - PROFEFLOR DE FELICIDADE.
- OXENTE? FELICIDADE? COMO ASSIM?
- Aff, cês nunca tiveram uma aula de felicidade?
- Nunca ouvi falar que existia essa aula! - desabafou uma aluna enquanto abria o caderno. – Então eu vou escrever como no caderno? Professor “Pedra Homem” e preencher “Felicidade” na matéria?
- Sim. Mas lembrem-se de que sou PRO_FE_FLOR, pufavô!
E dali por diante, Pedra ficou a contemplar assombros de corpos vibrantes que reverberavam terror e encantamento pelos olhos dos cochichos...
- Aff... que zuado, mano! Onde já se viu?... Pra mim, é aula de filosofia... Eu acho que é de artes... Esse cara deve ser de teatro, só pode!... Nãããão, mano!Pode ser de português também... Tá mais pra artes isso sim... E agora, hein?...

PRIMEIRA PEDRA - do fui, do sou, do vir-a-ser.

Vida. Morte. Texto. Vida. Texto. Morte. Texto. Morte. Vida. Texto. Vida. Morte. Errante, erro o texto. Errar deve ser mal de poeta que aqui brinca de prosar a própria dor. Por isso, desde já, peço perdão aos olhos que me leem pela impotência dessas digitais que me digitam. Ao invés de ensaiar a escrita de uma “dissertação científica” fui atirad_ para algo semelhante aquilo que os corações mais acadêmicos traduziriam (sem aspas) com o nome de “memorial descritivo”. Sim! Todo esse diário é um memorial expandido. Tânato deve estar sorrindo agora. Filho sem pai. Filho da noite. Filho da filha de Caos. É justamente na genealogia de Tânato que encontraremos os primeiros elementos que elucidam o porvir dessa leitura.
Comecemos pel_ _ av_: *Caos*. Divindade esquiza. Sem gênero. A mais antiga forma de consciência divina segundo a mitologia Grega, como descrita por Hesíodo. Seu nome deriva do verbo grego *chaíno* (*χαίνω*), que significa "separar", "ser amplo", significando o espaço vazio primordial. Também poderia ser chamado de *Aer* (*Αηρ*), que significa "ar" ou de *Anapnoe* (*Αναπνοη*), que

significa "respirar".[1] Ainda na teofania de Hesíodo, Caos é também descrit_ como uma das potências geradoras do universo que manifesta a vida por meio da “cisão”, da “rachadura”, do “corte”, da “separação”. El_, é um contrário análogo do irmão, *Eros*, que personifica a força de “junção”, “união”. Essa descrição de Caos se repete em diversas tradições mitológicas que _ apresenta como esse vazio primordial de caráter amorfo, ilimitado e indefinido, que precedeu e propiciou o nascimento de todos os seres e realidades do universo. Desse deus andrógino, surgiu a mãe: *Nix*. Personificação da noite. Bela e cruel escuridão tão temida por seres que desde cedo aprendem a repelir subterrâneos. Desta senhora-noite nasceu Tânato, divindade que arrebata a vida na medida em que personifica a morte. Seria possível trançar a vida sem essas três tiras? E como posso seguir a chamar de “autobiografia”, esse conjunto de eventos que narram momentos de quando estive separad_ do que fui?

Caos. Nix. Tânato. Vazio. (Des)ordem. Escuridão. Morte. Três elementos simbólicos indivisíveis que dão unidade aos princípios e afetos dessa experiência de escrita que se arrisca a compartilhar a própria escrita de si como experiência. A partir daqui, reduziremos os watts de potência do termo “autobiografia” (que traduz cientificamente a natureza da pesquisa) para acender o conceito de *“heterotanatografia”.* Sim! É esse o nome estrambólico da expressão que me foi revelada pelo filósofo Franklin Leopoldo e Silva durante a leitura do prefácio do livro-diário: *Testemunho Transiente* do também filósofo Juliano Garcia Pessanha. O termo se alinha ao fato de que esse ensaio parte de memórias que concentram narrativas de morte que revelam novas possibilidades e formas de ocupar a própria existência. Essas formas ampliam a percepção de que narrar a si é expor-se a morte, ou seja, ao óbito de formas e “fórmulas” que condicionaram/condicionam a existência aos imperativos que administram e reduzem a potência vital e a própria experiência com a linguagem escrita. Por isso, parto do princípio de que _ sujeit_ que desenvolve a potência de narrar a si mesm_ abre caminho para perceber-se, borrar-se e reinventar-se continuamente. Errar sugere borrar(-se). O ato de borra(-se) é despossuir(-se) de formas/fórmulas inscritas nos atos, gestos e intenções do

[1] CONTEÚDO, aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A2nato >acesso em: 12 ago 2017.

corpo que bloqueiam o contato físico com as coisas do mundo e a própria experiência (no sentido larrosiano) [2]com a linguagem. A narrativa-aperitivo que abre o diário traduz bem esse conceito que a partir daqui chamarei de **ANTIBIOGRAFIA** para no intuito de tornar mais palatável a nossa prosa. Tomaremos com *antibiografia*, o gesto de tornar-se amorf_, de permitir-se a tensão entre caos externo/interno, de mergulhar na próprio breu e dialogar com os sintomas do mundo que se concentram na memória do nosso corpo até que uma "velha" forma se esgote e abra espaço para que uma nova possa se manifestar. Logo, trata-se de um exercício voltado para expansão da autoconsciência sobre esse movimento de se permitir a morte que materializa e compartilha o próprio processo de deslocamento através da escrita. Aqui vida e morte não serão tratadas como alternativa e sim como totalidade. Um princípio muito bem traduzido por Gilberto Gil em *Drão* na lógica-zen do verso *tem que morrer pra germinar*.

Salto.

São Paulo, 1º de julho/2014

A cidade era do outro lado do mar, imensa onda de pedras. O ano era de 2014. Naquele dia – uma terça-feira, do mês de julho – desembarquei na manhã que começava fria. Oscilava entre o ânimo e o receio da chegança; nó de forças contrárias que já me ensaiava dias antes do embarque. Um verso do Caetano me servia de escudo na pueril tentativa de blindar o corpo já coberto de segurança frágil. Confiava plena, a tímida consciência do salto que tinha dado. "*Não saio daqui brigado com Salvador, apenas preciso amá-la de longe. Do avesso. Estou ciente de que não estou me mudando para um sonho feliz de cidade*." Era assim que, arbitrariamente, abusava da linha de Sampa. Era com essas palavras que tentava também traduzir aos afetos menos conformados (e reforçar em mim) a necessidade de mudança. O abuso vinha da quase ausência de corpo nas palavras que me erguia a canção no radinho interno. São Paulo, a priori, parecia uma refeição indigesta, mas intuía que seria tão necessária quanto suficiente para matar a fome de existir. *"Você tá louco?*

[2] Segundo Jorge Larrosa Bondía, a experiência não é o acontece, e sim, o que nos acontece.

Você é negro, gay, nordestino... vai fazer o quê em São Paulo? Quer morrer é?" – disparava à queima-roupa a professora do centro de artes, cuja figura por muitos anos me narcisava o Édipo. Sim, era esse profundo desejo de morte que me inspirava a colher água no fluxo do rio Tietê.

Susto.

Salvador, setembro/2013.

Uma janela me vagava na sala de professores. Estava ali, no centro de artes. Naquele instante em que cotovelos sustentavam todo o peso do silêncio, o corpo já havia adquirido a forma espaldar da cadeira. Na solidão do entre-aula, os olhos em vidro vislumbravam o nada. O oco. O branco. A forma. A fonte. Palavras. Frases. De súbito, a matéria gravada na capa de uma revista abandonada a mesa relampiou-me a pele: "Os novos caminhos do mercado literário brasileiro" – o título me faiscou mãos e dedos. De imediato, catei o impresso e comecei a caminhar por páginas e páginas enquanto uma avalanche de novidades me corroia o conforto. Após duas dúzias de linhas, veio o tropeço: ESCRITA CRIATIVA. O assombro instalou-me na hora dentro do corpo, e de lá se iniciou o interrogatório: "*Como você, um ser que já fez verbo pegar delírio, se contenta em apenas dar aula? Até quando continuará nessa zona de conforto desconfortável? Como tal composição*: *ES_CRI_TA CRI_A_TIVA nunca me ressoou nos tambores do ouvido?"* Cada espanto me despia violentamente. No fim daquela janela, a única peça que me cobria o íntimo era essa coisa de nome-angústia. No retorno para a sala de aula, fui fazendo as contas. A cada passo que me aproximava da classe uma nova agonia de uma mesma contradição assombrosa: mesmo dando aula de literatura em um centro de educação profissional em artes no qual me formei, e de música para crianças em uma escola privada, fazia cinco anos que era poeta sem poema; cinco anos que era voz sem canção; cinco anos ato sem cena, corpo quase sem serpente, sem presença; cinco anos contador sem histórias; cinco anos nome quase sem ser.

Afeição.

São Paulo, 31 de dezembro/2014.

A diferença entre São Paulo e o Nordeste é a seguinte: lá no nordeste, a gente acolhe antes e desconfia depois, mas em São Paulo é o contrário, as pessoas desconfiam antes e acolhem depois - assim falou Paulo Neto, um amigo, cantante nordestino que já morava há sete anos em SP quando versávamos no vagão do metrô amarelo sobre o tempo da afeição na metrópole apressurada. Disse a ele que tinha lido na revista Ypislon, uma crônica do Tavares que dizia que em algumas cidades a fita métrica afetiva, no caso, os sentidos, eram mais curtos e em outras mais cumprida. Foi nas palavras conterrâneas do cantador cruzadas com a de Tavares que pude rever no osso da memória a cena que me traduziu perfeitamente aquela máxima dele. Era fim de ano e fazia apenas duas semanas que tinha me mudado para o apartamento da melhor amiga de R. em Perdizes. Com ela, mais dois corpos ocupavam quartos no imóvel: corpo-um, no quarto 1; corpo-dois no quarto 2, corpo-três-proprietária na suíte principal e, eu, corpo-quatro-qualquer no quartinho dos fundos com vista para lavanderia. Da cozinha, onde nos encontrávamos sempre, ensaiavamos viagens e regressos às aldeias-natal. A maioria dos ensaios se realizou: Corpo-um partiu para Goiás, Corpo-dois para as serras mineiras, Corpo-três-proprietária para Goiás também, e eu, corpo-quatro-qualquer-de-férias-e-sem-grana, fiquei onde já estava e não queria. E assim, experimentei o desafio de transformar a frustração em festa, afinal seria o primeiro réveillon em essepê. Tinha chegado à fila de uma balada em antigo prédio do centro dez minutos antes da contagem para o novo ano. *Dez...Nove(...)Cinco...Quatro...Três...Dois...Um...* E o acanhado feliz ano novo chegou da garota que entre amigos, ergueu a taça, meia hora depois que os fogos cessaram. Essa exatidão dos minutos não me foi dada apenas pelo relógio; mais pelo “tempo” que os corpos levaram para “notar” o corpo que tomava um pequeno pedaço da fila. Circulei pouco mais de uma hora pela festa e depois retornei para casa com uma sensação de salamargo no corpo. Vinha de uma cidade-corpo onde tocar a pele umas das outras enquanto interagem não era visto como ofensa. Naquele momento, não haveria chance de alguém

me perceber a presença, por ser a presença esse algo que ainda não saberia como produzir em solos tão contrários a cidade de dentro.

Curadoria

São Paulo, novembro/2014.

Transitar pelo centro da cidade, ocupar bares e casas noturnas, virar noite em baladas e perder as chaves de casa já tinham virado rotina. Saia sempre com a intenção de me dispor aos olhos de outrem, de me encontrar com pessoas que se avizinhassem aos meus olhos. Porém, estes ainda guardavam no corpo os olhos miúdos de um corpo-nômade como principal tradução da palavra *afeição*. De modo (quase) geral, me sentia como um objeto intocável em uma galeria de arte. Um quadro. Uma instalação. Um totem. Muitas pessoas me olhavam, "admiravam", mas não se aproximavam, não me tocavam, nem se avizinhavam desse corpo tão fora da ótica comum aos paulistas da Paulista e adjacências. Eu era sim, um corpo/evento, ou seja, uma espécie de exposição curada aos olhos de seres contrários. Passei a me perguntar: Como seria esse evento partindo da filtragem desses olhos contrários? Com que olhos me olho? O olho que me olha pertence a quem? A mim? Como seria se assumisse a curadoria do corpo que habito? Naquele momento, de certo modo, já fazia isso, mas ainda sem legibilidade. A potência do chamado para curar o próprio corpo só me seria revelada em outro espaço.

SEGUNDA PEDRA – cidade de dentro-fora, cidade de fora-dentro: tensão entre demanda e desejo.

Sinto que já deu para perceber que a metalinguagem (rodapé) é o principal vetor estilístico desse diário, por reconstituir no corpo dessa pesquisa a experiência de morte d_ sujeit_ que, antes de aprender a migrar de si, era dotad_ mais de pesquisa do que de histórias; mais de ideias (sobre si e as coisas do mundo) do que de presença/experiência. Nessas primeiras narrativas, nos encontramos com um ser cambaleante que se atira no risco de se reinventar dentro do desconhecido. Com um corpo cravejado de imagens poéticas, a "personagem" oscila (e sempre oscilará) entre queda e salvação.

Por isso, vale reiterar aqui mais alguns parágrafos sobre as questões conceituais que levaram a escolha do termo “antibiografia” no lugar de “autobiografia”. Essa mudança se alinha com o conceito de “heteronomia sem sujeição”, desenvolvido pelo psicanalista e filósofo Vladimir Safatle. Em *O Circuito dos Afetos*, o autor descreve a diferença entre o “agir pela demanda” e o “agir pelo desejo”. No *agir pela demanda* (próprio da sociedade de indivíduos), o autor afirma que o reconhecimento passa a ser mais importante do que o amparo, ou seja, espera-se que o outro reconheça em mim um valor que se baseia no quanto me disponho a atender as expectativas desse outro ao qual permaneço narcisicamente amparad_. Já a *ação pelo desejo* tem como consequência o abandono da ideia de um agir de maneira autônoma. Neste caso, a pessoa abandona a ideia de autonomia, ou seja, se despossui da ideia de que é capaz de dar para si mesmo a sua própria lei que a submete a uma vontade no qual ela própria legisla sobre si mesma. Assim, _ sujeit_ nutre a ilusão de que tem certa jurisdição sobre si mesmo. Na abordagem de Safatle, o *desejo implica certa heteronomia* porque, de certa forma, quando desejamos não estamos em nós mesmos, pois, estamos de certa maneira fora de nós; não porque apenas os objetos são exteriores, mas também, porque aquilo que poderia ser compreendido como motivação, como impulso para agir também não é resultado de um projeto que coloquei para mim mesmo, uma lei que coloquei para mim mesmo. Este é resultado de alguma coisa que age em mim. Logo, no desejo há uma heteronímia que não implica em servidão. Eis o conceito de *Heteronomia sem sujeição* que traduzo aqui como um agir pelo desejo que parte do contato com o mundo que acontece fora e dentro de mim. Isso reitera a percepção de que os sintomas do mundo me interpelam, mas para que não se sujeitar a estes é preciso esgotá-los no próprio corpo. *Em salto, susto, curadoria e afeição* percebo o modo como lidava com as situações que me aconteciam nos primeiros meses em São Paulo. Essas narrativas ilustram como ainda me movia pela cidade amparad_ narcisicamente com os atributos do velho corpo. Era como se a cidade que habitava dentro de mim ainda me impedisse de saltar para fora de seu umbigo. Logo, até o momento, agia mais pela demanda do que pelo desejo.

Cidade de fora.

São Paulo, julho/2014.

Fazia quase um mês que tinha me instalado na casa de um casal de amigos que ficava a dez minutos a pé da escola onde lecionaria Língua Portuguesa. Naquele período, procrastinava ao máximo ocupar o cargo de professor efetivo na rede pública estadual de São Paulo. O corpo parecia expelir o encontro com o espaço-escola. A oportunidade do concurso havia surgido semanas depois dos primeiros ensaios da mudança em Salvador, e, a priori, via apenas como a garantia de uma estabilidade mínima e suficiente para dar início a composição do "novo" corpo. Naquele momento, pouco me desejava docente. O pêndulo antes alinhado com a sala de aula se voltava para os primeiros estudos e experimentações artísticas. Logo iniciei um laboratório de escrita criativa* e aulas de canto popular*. Esses primeiros estudos somados aos primeiros "rolês" como espectante do circuito de produção artística na Paulicéia deram início ao propósito do salto. A essa altura, também já era de praxe flanar pela metrópole com um caderninho laranja nas mãos e um lápis no bolso. Sentia como se a cidade me solicitasse a escuta. República, Consolação, Paulista, Faria Lima, Pinheiros, Vila Madalena, Bexiga... Descolado e deslocado da aldeia original, o mundo parecia me convocar a tomar nota de sua presença. Impunha-se a tudo que havia construído sobre mim. Ali era um corpo qualquer. Anônimo e atônito. Ao tempo em que aos poucos me esvaziava, um amontoado de páginas em branco iam sendo preenchidas pela potência do agora. *"Deus quando fez o mundo, estava tomando xarope! Xarope!"* – disse o velhinho ao rapaz da banca de revista na Brigadeiro Luiz Antonio. *"Por que você fica tão tranquilo em me ver nervoso?"*- rompeu o silêncio noturno do vagão o jovem casal gay. Era estranho e delirante perceber que o corpo que passou boa parte da existência reverberando dentro de si olhares que lhe negavam o direito de existir começava a perceber o mundo que vem de fora de si. Tomar nota desse mundo "novo" que me interpelava através de frases e *gestus* era a primeira aposta que fazia no próprio ato de (re)nascer em outro-mesmo-corpo. Porém, esse (re)nascimento não seria possível sem um dialético movimento em direção à morte. O estranhamento de mim mesm_ tinha se

iniciado e a casca que ali se rompia não me daria chance de evadir da mudança.

TERCEIRA PEDRA – A descoberta do mundo como escrevivência (I)

Vocês conhecem esse texto de Foucault? Foi com essa frase que tive o primeiro contato com João Junior da Companhia Estopô Balaio quando participei da oficina *O ator e a escrita de si* na Escola Livre de Teatro em julho 2016. Era feriado na Bahia e ao mesmo tempo fazia dois anos do salto. O corpo de Junior se engajava em traduzir com sua própria história de migração, os conceitos presentes na abordagem do filósofo francês. Foi inevitável o reflexo da narrativa migrante de Junior, corpo-migrante-nordestino com a experiência que em mim aniversariava. A descrição de suas primeiras impressões sobre a cidade e da poética que construiu partindo dessa tensão entra as cenas da metrópole e as memórias do corpo que performava na terra natal tornava ainda mais legível os acontecimentos que me aconteceram no início da relação com a Paulicéia. As narrativas de João eram muito similares às minhas, e a maneira como contava tornavam legíveis os gestos e as materialidades que operava intuitivamente desde o salto. A oficina propunha o exercício da expressividade cênica como um ato de escrita pessoal cuja cena era/é vista como um dispositivo que o artista utiliza para reelaborar esteticamente as suas narrativas pessoais. Após uma partilha de relatos de vida, experimentamos jogos improvisacionais que nos permitia acessar camadas mais profundas daquelas narrativas que antes partilhadas, e construímos a cena partindo desse material acessado. A essa altura o acesso às narrativas pessoais partindo do encontro com cenas que me interpelavam tanto no espaço-cidade como no espaço-escola era o princípio de todos os procedimentos que realizava intuitivamente. A única diferença era que João usava os jogos teatrais para desenvolver sua poética. Eu usava caderninhos, pautas de reunião, folhas avulsas e gravadores de voz. João construía a cena partindo do corpo-palavra, e eu, àquela altura, construía o corpo-palavra partindo das cenas mais cotidianas.

Imitação

Vale do Capão, junho/2014.

Todos os dias, as pedras me convidavam a nudez. Era assim no Vale do Capão. Lugar-rito-passagem. Lugar-transe. Lugar-ensaio. Ali preparava o salto. Queimava só à beira das águas que fluíam adocicadas e sangrentas. Ficava bem ali à espreita em imersão e desamparo. A presença das pedras me exigia atenção plena. Sua quietude era puro movimento. Do silêncio via as primeiras gotas de poeira anunciar o desabamento do fui. E celebrar a descoberta do vir-a-ser. E me assombrar com a potência desse porvir. Ali estava a expor as vísceras. As pedras que conhecia até então me pareceram desleais. Nasciam de corpos brutalmente civilizados. As pedras quando arrancadas de si deixam de ser. As mãos que as extraem as transformaram em muros, fizeram delas barragens, com elas abriram feridas, violaram e interditaram corpos, bloquearam sonhos. As pedras que assombrosamente me encantava naquele vale eram completamente antagônicas as metáforas aprendidas que as maldiziam. Elas não poderiam ser condenadas pelo sequestro de sua natureza. Ali aprendi que as pedras permitem e sempre permitiram a passagem de tudo o que flui. Abraçam a impermanência. Se dispõem ao transbordar das águas, ao descanso dos pássaros, a miudeza dos insetos, ao deslizar das serpentes, ao nascer da mata, das flores. As pedras me ensinaram o momento. Foi ali diante das delas que repeti exaustivamente o gesto que tinha aprendido ao imitar o amoroso anfitrião que me iniciou naqueles solos. Conheci o nobre moço três meses antes. Era mestrando em processo de escrita. Artista que escrevia a si próprio no corpo de uma pesquisa. Eu saboreava o modo equânime e visceral com o qual tomava nota de tudo que o interpelava. O moço levava sempre um caderninho e um grafite no bolso. Também era corpo-nômade cravejado de travessias. Sua juventude me causava estranheza e arrebatamento. Seus gestos eram lentos, leves e precisos demais para um corpo que nem chegara aos trinta. Os sentidos bastante apurados me desafiava a afinar-me com a vida. O moço era movimento em quietude. Ele e as pedras tornaram-se terríveis brinquedos por onde me via. Ali me entreguei ao sono e a vigília. Aprendi com ambos os corpos que o tempo não existe, e que momento é espaço que nos convoca a ocupá-lo com presença. Com o afã de ser, imitei

exaustivamente essas duas presenças, até que me tornei estas duas formas e forma nenhuma.

QUARTA PEDRA – Da petrificação original a descoberta do mundo como escrevivência (II)

Era com um bloco de papel que havia ganhado de uma colega/professora no amigo secreto que tomava nota de todo terror sagrado experimentado no Vale do Capão nos dias que precederam a mudança para São Paulo. Porém, foi a relação com a outridade amorosa desenvolvida três meses antes da experiência no vale que me inspirou para o uso da tomada de nota como principal mediador da escrita de si. Eu era espectante dos seus gestos, e essa espectação de cada movimento da outridade a qual nutria admiração e assombro que me impulsionou a imitá-lo. Essa imitação me permitiu acessar as primeiras camadas de sintomas que me mantiveram durante cinco anos na zona de conforto que tanto desejava evadir. O que hoje se torna nítido para mim é o papel dos afetos e dos gestos na inspiração de práticas. São os gestos e os afetos que estes inspiram que impulsionam as práticas. São os gestos, ou seja, o *modus operandi* do corpo que inspira afetos, sejam estes bloqueadores ou transformadores. Os gestos do moço e daquelas pedras me convocavam violentamente a estar presente, ou seja, a tornar-me PRESENÇA.

O poeta é ao mesmo tempo, o objeto e o sujeito da criação poética: é a orelha que ouve e a mão que escreve o que a sua própria voz dita. – Octavio Paz foi o ruído que me acompanhou nos primeiros dias pós-travessia. Já havia lido o capítulo *O poema* de O Arco e a Lira na Faculdade de Letras (Rodapé), mas reencontrá-lo nas prateleiras no primeiro passeio a uma livraria, e ainda com uma tarja com cinquenta por cento de desconto foi irresistível. Toda vez que meus olhos passeiam pelas palavras de Paz sinto-me impotente em dizer a mim mesmo tamanha a potência de sua tradução de todo processo que envolve a experiência poética. Nesse livro, ele desenha com letras luminosas as afinidades da experiência poética com a experiência: amorosa e religiosa. Em qualquer página que eu abra, encontrarei vários pedaços do que fui/sou grifados em frases e anotados em rabiscos a lápis que transbordam na moldura das linhas. Mas que impulso é esse que não para de cessar desde a

experiência com o moço e as pedras e que se repete no próprio processo de escrita desse diário? O que me move a tomar nota dos opostos que em mim lutam sem cessar? Que procedimentos são esses? Quais os riscos de usá-lo?

Em *O autor e a escrita de si* Foucault lança um olhar sobre o papel da notação escrita na cultura filosófica sobre si (em um período anterior ao cristianismo). Segundo o autor, dentre todas as técnicas que conduziam os seres humanos a compreensão de si por si mesmos, a escrita era o procedimento mais potente, e por isso, indispensável na vida ascética. Nos textos de Epicteto, citados pelo filósofo, a escrita aparece regularmente associada à "meditação", a esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reativa o que a pessoa sabe, impulsiona a reflexão sobre si, e se prepara assim para enfrentar o real. Como elemento do treino de si, a escrita tem, para o autor (que se apropria de uma expressão de Plutarco), uma função *etopoiética*, isto é, trata-se de um operador da transformação da verdade em *ethos*, ou seja, em costume, prática pessoal/social. Esta escrita etopoiética estabeleceu-se no interior de duas formas. São estas, os *hypomnematas* e a correspondência..

Tecnicamente, os *hypomnematas* (sim! esse nome inominável que já já vamos implodir) podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. Quando usados como livro da vida, guia de conduta eram assinaladas "citações, fragmentos de obras, exemplos, e ações de que se tinha sido testemunha, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória." Relicário das coisas percebidas, lidas e/ou pensadas que norteia a releitura e a meditação seguinte, era matéria prima para a escrita de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação), ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça)[3].

Para que possamos nos apropriar melhor das palavras de Foucault e tornar mais legível o procedimento que reinventou a minha prática tanto artística quanto docente, proponho a troca do termo *hypomnematas* (que até hoje ensaio para escrever e falar) por "escrevivências". Entre a palavra criada pela

[3] FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. In: O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-131.

poeta brasileira e a expressão usada pelo filósofo francês fico com a potência poética da mulher, negra cujo nome-cor é o mesmo de minha mãe. Convenhamos que *hypomnemata* tem gosto de jiló, não? Já “escrevivência” me faz lembrar de acarajé quentinho recém saído do óleo de dendê. E é com essa delícia de palavra que continuaremos o passeio por essas linhas. Chamo de “Escrevivências” a prática constante/cotidiana de tomar nota, ou seja, de reter/refletir sobre acontecências no momento em que estas acontecem. Mas este é um procedimento que muitas pessoas, profissionais, acadêmicos, estudantes e professor_s já utilizam; o que há de tão potente em uma simples tomada de nota? Toda tomada de nota pode ser considerada *escrevivência*? O que faz com que esse gesto aparentemente banal e utilitário de tomar nota se torne instrumento mediador da transformação de si? E o que é isso que acabei de chamar de “acontecências”?

O mobile

São Paulo, Julho/2014.

A dor pegou um ônibus pro Trianon. Ninguém percebeu, mas ela deu bom dia ao motorista, cumprimentou o cobrador, passou pela catraca com o cartão da CPTM, se encostou no espaço pra deficientes e sacou um *mobile* do bolso da calça. Ninguém viu que a dor era uma bela moça com longos cabelos vermelhos que não podia, e nem queria ser vista. Seu grande sonho era se tornar invisível. Imperceptível. Porém, para nossa surpresa, alguém a viu. Sim, aquele rapazinho negro que estava logo ali, na segunda cadeira da fileira à sua direita. Sim, ele viu tudo. Observou cada movimento. Virou voyeur da dor. Bastou a moça dar uma espiadinha na tela do aparelho que ela prontamente se despiu aos olhos do rapaz. Logo ele viu o rosto dela imitar a coloração dos cabelos, e uma lágrima ser censurada pela mão desocupada. Segundos depois, o rapaz testemunhou a moça visualizar mais uma vez aquela tela, e um soluço úmido ser camuflado por sua respiração. O peito do pé esquerdo da moça quicava suave e acelerado no piso quando ele a viu olhando pela última vez para o painel daquele *mobile*. Desta vez, tímidas lágrimas acompanharam dois soluços homeopáticos, e só. O rapaz, do seu lugar, sentiu que a dor era uma passageira ilustre naquela condução que parecia tão vazia de angústias.

Estava certo de que ela se sentiria criminosa caso viesse a público de forma tão espontânea. É, toda dor teme a um tribunal, meditou o rapaz. A esta altura da viagem, ele não era mais capaz de distinguir se a dor era de fato aquela moça de cabelos vermelhos com o *mobile* na mão, ou se era ele mesmo, ali, sentado à sua espreita. Em sua mente se instalou um mal estar cravejado de dúvidas. Procurou no bolso papel e caneta. O ônibus continuou seu trajeto. A dor desceu nas Clínicas, e o mocinho partiu pra Consolação. **(por no rodapé? primeiro desafio de escrita criativa proposto pela Marcia Tiburi e pelo Evandro Affonso Ferreira no Laboratório realizado no Espaço Revista Cult entre julho e dezembro de 2014).**

QUINTA PEDRA – Sobre vir-a-ser vouyer de si partindo do outro: notas sobre ser-corpo em escrevivência.

Esse primeiro exercício de escrita criativa cujo desafio era dar conta através de um "mal-estar literário" remonta a experiência de memória de uma cisão, de uma separação, de uma dor recente e presente partindo da observação de uma cena externa no cotidiano de um ônibus. O gesto de tomar nota como escrevivência esta presente em todo enredo e em todo processo de escrita desse miniconto. Ao anunciar que uma dor pegou um ônibus para o *Trianon*, o narrador se distancia da cena ao narrar-se em terceira pessoa e torna-se voyeur de si ao se camuflar como personagem que lê a própria dor no corpo, nos gestos e afetos de uma jovem passageira. A dor estava em cena. Mas a dor de quem? Da jovem? Do rapaz que tomou nota? Do narrador que se inventou personagem em terceira pessoa para narrar com mais precisão a experiência? Ou do autor que se inventou narrador e personagem para realizar o feito narrativo? A cena cotidiana foi/é disparadora de uma memória recente e pessoal, e é exatamente nessa intersecção entre paisagem externa, sensações, afetos e conflitos internos que está o princípio da tomada de nota como escrevivência. É esse gesto de tomar nota da acontecência no momento em que acontece que vai possibilitar a esse corpo-escrevente estar presente e sustentar a presença em uma questão; viver um conflito de fato, encontrar-se com sintomas e esgotá-los. Mas quais gestos me roubavam à presença? O que me levava a não estar presente nesses espaços em que o momento nos

convida a ocupar? O que nos leva a recusar as investidas que o agora nos faz cotidianamente?

Hans Ulrich Gumbrecht e seus trabalhos sobre materialidade da comunicação se tornam urgentes nesse ponto da nossa prosa. *Produção de Presença* era um título que sempre me faiscava os poros. Ensaiei a leitura inúmeras vezes, mas foi no meu segundo retorno a Salvador, um mês antes da entrega do texto de qualificação, que tomei nota da teoria desenvolvida pelo pensador alemão, radicado nos Estados Unidos desde os anos 80. Segundo o autor, a palavra "presença", refere-se a uma *relação espacial com o mundo e seus objetos*. Vem do latim *Producere* que é traduzido como *ato de trazer para diante* um objeto no espaço. Logo, pontua já no primeiro capítulo que "produção de presença" aponta para *todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos "presentes" sobre corpos humanos.* A crítica desse trabalho de Gumbrecht a hipervalorização da metafísica no mundo ocidental e na ciência moderna me transportou para a memória do corpo no qual habitava antes da mudança para São Paulo. Apesar de nascer e crescer em um ambiente cultural em que o corpo é visto como principal predicado, Magno estava em vivendo em um *processo gradual de abandono e esquecimento da presença*. Magno era corpo que acumulava funções dentro de uma mesma instituição há quase uma década. Tanto que passou a ser apontado por um professor de percussão visto pelo grupo como o mais "fora da caixa" como "cabeça de Google". O título pegou e era acolhido com certa vaidade. Era um atributo que o mantinha amparado narcisicamente aquelas pessoas que via praticamente todos os dias da semana. O adjetivo de fato traduzia o modo como esse corpo ao logo dos cinco anos que antecederam o salto atuava. Havia se tornado professor na mesma instituição que havia se formado técnico em música. Chegou a dar aulas de onze matérias distintas no período de estadualização e construção/implementação do curso. Tinha se tornado por um longo período braço direito da coordenadora pedagógica que era ao mesmo tempo sua professora de música. A formação na faculdade de Letras foi paralela aos estudos de música e ao trabalho na instituição. Durante a formação docente, fez do Centro de Artes, o seu laboratório de experimentos. A escolha por Letras se deu pelo incômodo que sentia quando as professoras liam seus escritos e gritavam "Poeta". Sentia

vergonha por desconhecer a própria natureza da linguagem com a qual já expressava. Foi esse o motivo que o levou a cursar Letras, descobrir se de fato o que escrevia era poesia. Mas como optou por licenciatura, acabou descobrindo outra potência: a docência.

Através das palavras de Gumbrecht posso traduzir como após a formação em Letras, o acúmulo de trabalho institucional se intensificou e pesou sobre o corpo-Magno. Mesmo em um modelo de gestão muito mais "suave" (como diria _s estudantes aqui de Sampa) do que o que Pedra atua, Magno tornou-se um corpo mais inclinado a buscar obsessivamente o sentido do que a ter uma experiência com as coisas do mundo. As atribuições que acumulava e os atributos que tentava sustentar para corresponder às expectativas dos formadores e o apego às relações o faziam oscilar entre arrogância e frustração. Entre apego e carência. A grande contradição era que mesmo realizando trabalhos muito elogiados nas instituições onde lecionava literatura e música, e tendo mais liberdade para criar e atuar nos processos, o corpo-poético definhava. Essa redução gradativa da potência só se tornaria legível a esse corpo a partir do episódio descrito no "susto". Com esse corpo a prática da tomada de nota como escrevivência se tornaria inviável. Mas por quê?

O gesto de tomar nota como escrevivência convoca o corpo à presença. O desafio é abandonar a separação límpida (e tóxica) entre materialidade e sentido. É escutar o corpo e suas afecções no momento em que uma materialidade tangível e próxima nos indaga. É ficar ali, na espreita a olhar profundamente para a coisa, olhar profundamente para as sensações, memórias, fluxos de pensamento que essa mesma coisa dispara em si e sustentar essa presença na coisa até o "desaparecimento" fora/dentro do corpo. Em síntese, é praticar a máxima artaudiana de que o sentido só tem sentido se for sentido.

Outro autor que descreve bem o *modus* de um corpo em escrevivência é Larossa Bondia. Conheci o artigo *Notas sobre o saber de experiência* durante a caminhada com o anfitrião amoroso, aquele moço que intermediou o encontro com as pedras. O texto, que era uma das principais referências do seu trabalho de mestrado, traça as características do que o filósofo chama de *sujeito de experiência*. Segundo Bondía, a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase

impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Em Salvador, corpo-Magno era dotado mais arroubos epistemológicos do que de presença. Era mais metafísico do que físico. Não havia equilíbrio entre efeitos de sentido e efeitos de presença nas suas práticas. Magno se relacionava platonicamente com as coisas do mundo. Era quase sem corpo. Sua ânsia de conhecer era o muro que se impunha ao saber. Era excesso. Excesso de informação. Excesso de opinião. Sua tagarelice atravessava freneticamente corpos/interlocutores. Velocidade. Torrente. Na mesma medida em que acelerava a busca por conhecimento, se distanciava do delírio/sabedoria. Saber/sabor. Deleite. Magno ainda não conhecia a sabedoria do corpo que habitava. Essa potência que brota da presença do corpo no mundo e não dos condicionamentos mentais que o aprisionava a um platonismo e que o tornava mais excêntrico do que complexo; mais incorpóreo que incorporado. Era preciso parar. Cessar a busca. Fugir para a realidade pelo sabor da palavra.

Caderno n°2

De-vir-a-ser

PROFEFLOR.

Sabor

São Paulo, setembro/2014.

Nas primeiras horas de setembro de dois e quatorze, um professor de português, recém-chegado à rede paulista, caminhava em direção à escola. Havia um nó fincado em seus poros. Sim, a angústia vinha do primeiro encontro que teve com as turmas e os colegas de trabalho. Gritos internos ainda ressoavam em todo ambiente. E o contrário também acontecia. Os primeiros encontros já sinalizariam que ali, a palavra era mero capital a serviço de uma loteria onde poucos prosperariam. Moeda de troca entre corpos surdos. Pouco ou nada diziam a ouvintes que pouco ou nada escutavam. Enquanto seguia, o professor contrapesava suas pulsões com um livro de capa verde escura que ganhara de uma professora aposentada que ensinava música para surdos. *Do universo à jabuticaba* era a graça do livro. Nele, havia pequenas crônicas e histórias de um educador que não tinha o menor pudor de ser poeta. Entre um passo e outro, deu-se, de súbito, um tropeço. Uma pedra? Não. A frase: *O educador é cozinheiro que deseja iniciar o seu discípulo nos sabores do mundo.* Nutrido de risco, o professor entrou na sala de aula e lançou a seguinte pergunta aos alunos:

- Que sabor tem as palavras?

O silêncio se pôs de imediato sobre olhos de mangá. Segundos depois, um jovem à direita quebrou a pausa:

- Ué? E palavra tem sabor?

- Tem sim.

- Como assim?

- É simples. Elas podem ter sabor agradável, desagradável ou não ter sabor nenhum.

- Num tô entendendo nada.

- E não precisa entender! Basta descobrir. Me diga aí! Você conseguiria caminhar sem as palavras? Sem vê-las ou escutá-las seja dentro ou fora de você?

- Hummm, acho que não, fessô!

- Pois bem, vocês já pararam para experimentar o sabor dessas palavras que diariamente nos encontra?

- Isso não existe, fessô! Onde já se viu? Palavras não tem sabor.

- Me digam então um sabor que vocês gostam bastante e um outro que considere bem desagradável, e eu listarei um por um aqui no quadro, tá bom?. – insistiu o professor.

A rigidez das mãos que empunhavam canetas se dissolveu em despojamento. A retidão de corpos encaixotados que apoiavam os cotovelos em cadernos ganharam movimento e sinuosidade a cada gesto expressivo que disparava palavras no peito do professor:

- BRIGADEIRO! JILÓ! BOLO! LIMÃO! SORVETE! QUIABO! ESFIRRA DO HABIB'S! REPOLHO! CREMOSINHO! XAROPE! - uma galáxia de sabores se desenhou.

- Pronto! Muito bem! Agora observem por alguns instantes todos esses sabores... observaram?

- Sim, fessô!

- Agora me digam aí, qual a sensação que vocês têm quando experimentam as palavras nas aulas? Com qual desses sabores elas se parecem?

- Já sei, fessô! – levantou com entusiasmo a garota do fundão – DE JILÓ! Elas tem gosto de jilóóóó!

- kkkkkkkkkkkkkkkkk... – explodiu a turma.

- Eu também sei. De xarope!

- De-re-polho! Re-po-lho! Re-po-lho! – cantou com um garoto que driblava com o corpo em estribilho.

- De limão, fessô! De li-mão, isso sim...

O professor tratou de anotar no verso do mapa de sala distribuído pela coordenadora os ecos das vozes dos alunos. Sua intenção era compartilhar a experiência com os colegas, já que na manhã seguinte participaria da primeira reunião de professores. Da noite para o dia, deu-se o encontro. Divididos em mesas redondas improvisadas em uma biblioteca fantasma estava o grupo. Todos os olhos se voltavam para os resultados de provas diagnósticas que os alunos tinham realizado na semana anterior à chegada do professor.

- O resultado dessas provas não reflete a realidade do aluno em sala de aula. – trovejou a professora de matemática insatisfeita com as notas das turmas.

- Eles nem olham para a prova! Passam mais tempo reclamando do que lendo as questões! – protestou outra colega.

E os rostos seguiram a se ocupar com gráficos, tabelas e planilhas. Vozes cantavam números. O grupo reverberava sem reservas siglas amargas aos ouvidos do novato que tentava apreendê-las em no verso da folha de pauta. Diante da insatisfação geral, a coordenadora convocou a todos para pensar em formas de tornar esses instrumentos mais atrativos para os alunos. Nos cinco minutos finais, tempo e palavra desembocaram no professor:

- Bom dia a todos! Sou o novo professor de português da escola, e quero compartilhar com vocês a experiência da aula de ontem à tarde com as turmas do oitavo ano. Perguntei aos alunos: que sabor tem as palavras que vocês experimentam nas aulas? E adivinha só o que eles me responderam? Eles disseram que elas têm gosto de jiló, xarope, repolho, limão... - atravessado por alguns espasmos de risos o professor prosseguiu:

- Vejo a preocupação de vocês com esses instrumentos, mas, honestamente, sinto que é impossível afetar algum ser humano com esses termos. Eu até anotei alguns aqui “SARESP”, “SADUSP”, “Prova Diagnóstica”. DI-A-GNÓSTICA! DIAGNÓÓÓSTICA! Não posso falar por vocês, mas para mim, todas essas palavras têm gosto de jiló.

Desta vez, todos riram, e o sinal triturou o assunto.

PRIMEIRA FLOR – pelo sabor dos gestos: requiem para a presença do corpo (docente) nas palavras.

“As palavras tornaram-se cartas extraviadas, perdidas, que jamais chegam ao seu destino” assim sentenciou Eliana Brum em um artigo publicado em 2016 no jornal El País. No texto, a jornalista e escritora chama a atenção para a impotência da comunicação verbal no atual cenário político brasileiro. Brum cria desenhos verbais a partir do caso de uma mãe que se lava com o sangue de um filho morto por uma bala perdida em uma favela do Rio de Janeiro. A imagem da pietá negra que pinta o rosto com o sangue do filho para comunicar um horror que cotidianamente é mascarado pelo hábito ilustra metaforicamente o modo como venho atuando nesses quase quatro anos que performo na rede estadual de educação de São Paulo. As frases-chaves desse texto abrem questões que não cessam de me inquietar. Para a autora, mais complicado do

que nos tempos da censura, hoje as palavras são ditas, mas não produzem transformação.

No primeiro caderno desse diário nos encontramos com a generosidade de pedras que no percurso entre uma narrativa e outra iam a permitindo a passagem e o transbordar de vozes que traduziam os processos que fecundaram e gestaram Pedra Homem. O surgimento desse corpo gerou em Magno uma abertura para perceber e responder a tudo aquilo que está em sua presença. Um perceber e responder que se traduz em um profundo processo de relação com os seres e coisas do mundo através da recuperação dos valores plásticos, afetivos e expressivos da palavra. A experiência de *petrificação original* gerou uma mudança na forma como me relacionava com a própria linguagem de potência. Posso afirmar que existe um Magno a.P, ou seja, antes de Pedra e o Magno, d.P; depois de Pedra. Antes, Magno se comportava como uma espécie de “dono/patrão” das palavras, após a parição de si mesmo em Pedra, tornou-se servente delas. É e nesse servir a palavra que progressivamente vai expandindo formas de recuperar sua natureza original. Isso significa que o vir-a-ser das palavras é o que a expansão das múltiplas maneiras de ser.

Desde a primeira reunião de professor_s realizada um dia após o segundo encontro com _s estudantes percebi que o mal-estar coletivo que mantinham corpos condicionados ao modelo (que naquele momento não conseguiria descrever) partia da linguagem que era praticada e reproduzida como verdade no ambiente corporativo que ocupava/ocupa a escola. A descrição mais precisa desses encontros semanais d_s professores com o modelo de gestão nomeadas de ATPCs (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) surgiu em uma dessas reuniões. Folheava uma edição da Revista Cult que trazia logo no início uma entrevista com o professor/filósofo Peter Pal Palbert, uma voz até então desconhecida, mas que se tornaria recorrente nos processos que constroem essa pesquisa. Fazia um ano, que escrevivia essas ATPC’s nas folhas distribuídas pela coordenação/gestão. As pautas impressas seguiam/seguem sempre o mesmo formato: no cabeçalho, timbre da instituição, em seguida uma epígrafe do Augusto Cury, Içami Tiba ou de autoria desconhecida, ou por vezes duvidosa, e por fim um roteiro definido previamente por gestor_s/supervisor_s divididos pelos tópicos: objetivos (muitas vezes os mesmos coagulados por

semanas), conteúdos informativos e formativos (que serviam/servem mais para controle da atuação e infantilização da relação com _s docentes do que para contribuir com o trabalho). À medida que os corpos repetiam os mesmos discursos e gestos, seguia as linhas de Palbert na revista. No momento em que a escutava a coordenadora repetir pela enésima vez sobre a importância do trabalho de “equipe”, meus olhos caminhavam pelas palavras que versava sobre maneiras de sabotar esse sistema de comunicação de palavras de ordem que repetiam clichês e se inspirava no terrorismo poético de Godard para escapar do que ele chamou/chama de *fluxo pseudo-interativo tirânico e despótico em que somos obrigados a deglutir todos os dias uma quantidade de redundâncias acachapantes*. Estava ali, nas palavras de Palbert, a tradução mais sincera para o modus como aqueles encontros se fabulavam/fabulam. São raríssimos os momentos em que professor_s ocupam de fato uma ATPC com seus corpos. O fato de ter que solicitar ou lutar por espaço em um encontro que a priori seria para atividades relacionadas diretamente à docência já revela a aniquilação dos campos de expressão tão necessários aos processos da docência. Quase nunca há partilha de processos, de narrativas de aula e de vida, a troca de abordagens metodológicas, de referências que nutrem nossas práticas, a composição coletiva de projetos que alinhassem os saberes, ou seja, de tudo que torna possível conectar desejos e potencializar os encontros com _s alun_s. Majoritariamente, as questões pseudo-discutidas eram/são as mesmas: aplicação e resultados de provas, análise (com ares de culto) de gráficos e planilhas, aprovação compulsória de leis (que mais convém ao modelo do que ao escolar), “leitura” de textos previamente escolhidos pel_s representantes do modelo (que em geral, comunicava que não correspondíamos às expectativas do que a gestão esperava de nós, ou seja, uma espécie de “lição para professor que não sabe dar aula”, que gerava estados melancólicos visíveis nos corpos), preenchimento de fichas, planos, diários de classe, levantamento de dados, assinatura de laudos, medidas de controle, repressão e punição para corpos discentes e docentes que não partilhavam/partilham do consenso. Como reflexo, o padrão de gestos dos corpos traduziam/traduzem o efeito dessas violências. Os espaços de fala eram/são ocupados amplamente com narrativas de conflitos, julgamentos e adjetivações que fabulavam/fabulam e cristalizam no espaço imagens

negativadoras e derrotistas a respeito dos corpos discentes. (inserir imagem de pautas em que essas imagens e adjetivações aparecem).
Os semblantes e expressões dos rostos, movimentos eloquentes de braços e mãos, as pernas que quicam feito britadeira por baixo da carteira, e o macete de muit_s colegas que semelhante a_s estudantes, usavam meios para atravessar uma aula chata, deixavam legíveis os afetos bloqueadores que costumam compor a tônica desses encontros, e que impregnavam/impregnam a atmosfera do espaço. São estes os afetos administrados: o ódio, o medo (e esperança), a culpa e a melancolia.

Fuga

São Paulo, fevereiro/2016.

TRÊS FUGITIVOS SAÍRAM DA SALA, FESSOORR!!! – noticiou aos berros o aluno nos minutos finais da aula de português.
- Três o quê?
- Três fugitivos, fessorr!
- Fugitivos? Humm... Me diga uma coisa, em qual contexto, em que lugar essa palavra costuma ser usada?
- Ah, na escravidão, na cadeia...
- Humm... e por que então você a usou para se referir aos seus colegas de turma?
- Ah, fessorr! Porque qualquer coisa que nóis faz aqui é ocorrência, advertência, suspensão ou conselho tutelar.

SEGUNDA FLOR – **Das políticas de Estado aos estados de corpo: micromanual para instalação e manutenção da morte em vida.**

Uma flor rompe o asfalto! assim anunciou Drummond quando a modernidade adolescia. O nosso percurso nesse segundo caderno virá coberto de flores. São essas flores que rompem grilhões com a fragilidade de suas delicadezas que mediarão o diálogo com as narrativas que marcaram/marcam o ingresso de Pedra Homem na Rede Pública de Educação do Estado de São Paulo. A

intenção aqui não será apresentar “soluções” para “problemas”, mesmo porque as experiências desses quase quatros anos de atuação em duas escolas públicas da capital paulista me comunicam que o papel do corpo docente não é solucionar absolutamente nada, e sim tensionar seres para que estes possam parir a si mesm_s. E é esse o verbo que nos guiará a partir de então. Partilharei aqui os “bastidores” da invenção de eventos que se apropriam das tensões do ambiente para subverter a normalidade que mantém corpos sob o domínio de uma biopolítica que tem invadido há séculos o espaço do escolar. Mas o que é “biopolítica”? Como ela ocupa a escola? O que professor_s tem a ver com isso?

Na mesma entrevista folheada durante a ATPC, Palbert descreve o que ele chama de uma espécie de *assepsia na vida acadêmica*. Ele diz que esse modelo que provém do individualismo faz com que tod_s tenham a *tendência adaptativa de se conformar ao modelito*. Para isso, segundo o autor (e a experiência de espectação da cena que impulsionou essa leitura) implementou-se um mecanismo de avaliação de professor, baseada na quantidade de produção, que gera uma infantilização nos próprios professores que passam a obedecer a esses critérios. Requesitos que nada tem haver com o pensamento, pois, *vai se instalando um autocontrole onde tudo é avaliado.* A absurdidade desse sistema perverso é que este vai produzindo seres em avaliação incessante, ou seja, em dívida permanente, pois, cada, no caso, docente, *incorporou/incorpora esse olho do poder* (seja por avidez ou aversão a este) *na própria cabeça e vai produzindo essa infantilização, essa patrulha interna que aborta muitas possibilidades.* O MONITORAMENTO e a AVALIAÇÃO CONSTANTE é o principal mecanismo da sociedade de controle, não a vigilância. O modelo de gestão das escolas públicas de São Paulo (que vivenciei/vivencio nas duas escolas que atuei/atuo) se vale da intimidação para colocar tod_s os corpos sob a ameaça de perder benefícios, cargos e /ou funções. E esse modelo de MONITORAMENTO e AVALIAÇÃO CONSTANTE é o mesmo que _s professor_s acabam comunicando a_s alun_s com seus corpos. É por meio deste sistema que se administra os afetos que bloqueiam os processos escolares. Por isso, não me causa espanto perceber que o mesmo medo que _s alun_s tem de passar de ano é o mesmo que _s professor_s tem de serem punidos caso não operem com o corpo que convém

ao modelo. Mas como sabotar esse modelo? Como desinstalá-lo do corpo? Para ser mais precisa, a pergunta deve ser: Como Pedra Homem conseguiu/consegue resistir a esse modelo?

Chegança II

São Paulo, setembro/2014.

Primeiro dia de aula. Sinal sonoro pontiagudo atravessa carcaças. Portões se abrem. Jovem rebanho segue o eco dos gritos que os dirigem ao confinamento. Tempos modernos sem Chaplin. Pedra atravessa silenciosamente a porta da sala. Em movimento sincronizado, os corpos lançam cadernos sobre a mesa. Empunham canetas. Observam o desconhecido enquanto esperam o gesto previsível. Eis que o corpo estranho assina no quadro a giz: Professor: Pedra Homem. Matéria: Felicidade.

TERCEIRA FLOR – Da escola ao cárcere, do cárcere a escola: primeiro ensaio sobre arte/docência como escrevivência.

Um dos grandes equívocos (e perversidades) desse modelo é instaurar na mente e no corpo de docentes e discentes a ideia de que as nossas narrativas pessoais, os nossos afetos, sentimentos e a nossa forma de existir no mundo não podem e nem devem ocupar o espaço das aulas. "*É preciso separar o pessoal do profissional. É preciso deixar de lado a emoção, e usar sempre a razão.* A pergunta é: Qual o propósito de ainda sustentarmos dentro do nosso corpo um que modelo nos induz a discriminarmos e excluir a nós mesmos dos processos que legitimam o escolar dentro da escola? O que nós, corpos docentes, ganhamos com a repetição desses clichês pronunciados inúmeras vezes por gestor_s, coordenador_s e colegas? E o que perdemos ao nutrir e praticar esse conceito diariamente?

As experiências desses primeiros encontros com essa musculatura rígida do modelo de gestão do ensino público me despertou a pesquisa bem antes da aparição desse mestrado. Toda vez que iniciava uma visita às plataformas virtuais de artigos acadêmicos a intenção era me encontrar com vozes que traduzissem e legitimassem as escrevivências que já me tomavam o corpo. Era

uma vivência tão solitária quanto solidária. Precisava escutar vozes que autenticassem os delírios do corpo. O primeiro encontro foi com o artigo *Corporeidade e Educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade* de Alvori Ahlert. Segundo o autor, o termo *corporeidade* indica a essência ou a natureza do corpo. Sua etimologia vem de *corpo*, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. Trata-se da maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade. Ela é constituída por dimensões: física, emocional-afetiva, mental-espiritual e sócio-histórico-cultural. Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano constituindo a sua corporeidade. Ou seja, o corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona contínuo e ininterruptamente.

Na primeira reunião de professor_s descrita na primeira narrativa desse segundo caderno, percebi o quanto as dimensões do corpo são/estão fragmentadas no modelo de gestão praticado na rede estadual de ensino de São Paulo. Essa cisão entre corpo e mente, como já disse, está presente nos gestos, intenções, afetos, discursos, instrumentos, procedimentos e métodos adotados. A primeira ação do corpo que me ocupa no primeiro encontro com _s colegas em uma reunião foi repetir o método impulsionado pela experiência da petrificação original e praticado nas ruas nos primeiros estudos de arte em São Paulo. Comecei a *escreviver* esse ambiente assim que recebi das mãos da coordenadora a primeira folha de papel com timbre da instituição. Estava ali, eu e uma pauta de ATPC. No corpo-folha, estavam definidos os rumos de uma “prosa” fabulada pela própria gestão e repetida pelo padrão normativo dos corpos. Foi naquele momento que senti que o grande desafio posto para Pedra Homem era o de existir naquele ambiente. Isso implicava não repetir os corpos dos quais já tomava nota. Corpos tão antagônicos quanto familiares haja vista que, em certa medida, já os imitei na encarnação anterior. Mas o que acontece com os corpos quando ocupados por contextos de dominação biopolítica?

Foi arrumando os livros da estante da amiga do moço (aquele mesmo das pedras), com qual passei a morar seis meses após o salto, que me encontrei com o psicanalista, educador e poeta Conrado Ramos. A faxina foi

interrompida por um longo período. Eu degustava cada linha do texto e acendia com cada tradução que o autor fazia das percepções do cotidiano da escola que transcrevia nas pautas. Em *A dominação dos corpos no mundo administrado*, Ramos descreve as consequências das práticas pedagógicas da modernidade nos corpos por estas administradas. Segundo o autor (e as escrevivências aqui partilhadas), as práticas pedagógicas do corpo na modernidade impuseram o controle das mesmas pelo adestramento calculado e científico do movimento; ideologia que supõe a necessidade de "moralizar" o corpo com medidas que exigem sacrifícios, vigilância e punição constante. Neste contexto, o corpo tem sua natureza sensível e expressiva mutilada por gestos repetitivos de caráter meramente utilitarista. Para isto, o mundo administrado necessita dominar os gestos, gerenciando, de modo aferente, o controle da natureza particular representada pelos corpos singulares e, de modo eferente, as relações espaço-temporais do material humano empregado na produção capital. Logo, o corpo torna-se fonte de força de trabalho dentro de um sistema de exploração capitalista, ele cede à racionalidade mecanicista desta relação gesto-espaço-tempo em benefício da produção, e nunca do autor do gesto. (RAMOS, 2004, p. 146-147).

Ahrlert e Ramos convergem em suas abordagens. Assim como Ramos, Ahrlet denuncia que dicotomia entre a teoria e a prática fez da teoria um instrumento de dominação científica que resultou/resulta na coisificação da vida. Segundo o autor, a subjetividade individual se impõe de tal forma que o eu nega a existência do outro, impedindo a afluência de intersubjetividades, ou seja, processa-se uma interdependência entre ciência, técnica e administração estatal fazendo da ciência uma força a serviço da produção. Quando submetid_s a esse tipo de dominação, Ramos afirma que o prazer é absorvido pelo sistema, e o indivíduo sem nada poder criar e sem poder descobrir-se, reduz-se ao membro substituível e anônimo, porém atento e eficiente ao que dele é exigido: o movimento controlado e imitado. Essa não é uma imitação que liberte pela incorporação e distinção do que é imitado; ao invés disso, proporciona o fortalecimento de gestos repetidos que tiram o movimento da vida: a capacidade de expressar sentimentos.

Quando o corpo que ocupo inscreveu *Pedra Homem* no quadro a giz e determinou com riscos que a matéria a ser partilhada era *Felicidade* não tinha a

mínima noção que estaria aqui diante de vocês com tantas histórias para contar. Depois de tanto buscar o sentido da vida, descobri, a partir dessas experiências que a própria vida vai dando sentido as nossas pulsões. Esse princípio foi o fio condutor da ocupação do cargo de docente na rede pública do estado de São Paulo. Diante de um modelo que desde os primeiros dias de ingresso, me comunicou/comunica que o pré-requisito para ser docente era/é anular a si a partir do corpo e abdicar do direito às múltiplas formas dessa potência existir, coube a Pedra, esse *ser/vir-a-ser* fecundado nos momentos que antecederam o salto e gerado nos primeiros giros pela Paulicéia, inventar-se e (re)inventar a si e o escolar dentro do próprio corpo. Eu poderia encerrar agora esse diário com a máxima: “para ser profeflor, basta ser”. Mas não seria justo nem ético passar por essas páginas sem desenhar com palavras os processos, procedimentos, instrumentos e métodos que envolveram/envolvem esse reavivamento da potência do ser e do corpo na atuação docente/ artística, e artística/docente.

Está chovendo vozes

São Paulo, março/2015.

Dia de sol. Na sala de descanso, o professor trazia no corpo todos os decibéis das primeiras horas da manhã. Gritos de jovens enjaulados detidos por clamores histéricos de ordem e disciplina. Carne trêmula em arranha-ceú de ruídos alheios. Alheios? Sinal Sonoro. Troca de turno. O corpo inseguro ensaia o primeiro passo em direção aos rumores da tarde. Apanha um guarda-chuva. Para. Interroga o necessário. Interroga a si mesmo. Num **lampejo**, o homem abre a sombrinha, se cobre com um inabalável silêncio, e segue. Nos corredores, espanto, dedos em riste, mãos a encobrir o desconcerto de risos que reverberam em corpos. Algo cortava o padrão do dia. Em transe, a quietude em movimento se instala sala de aula. Recebe serenamente uma avalanche de risos que oscilavam entre o deboche e o acanhamento. Com olhar firme e amoroso, o sujeito contempla rostos. Aos poucos, vozes cedem ao espanto. Burburinhos parecem reconhecer o terror da beleza-mistério. Em ritual, o professor apanha um toco de giz amarelo, e inscreve o próprio silêncio em frase-abismo: *Está Chovendo Vozes.*

QUARTA FLOR: Do corpo ao poema, do poema ao corpo - a descoberta da performance artística como condição de ser arte/docente.

Em horizonte mínimo, o brinquedo brinca. Em horizonte mínimo, o corpo dança. *Horizontes Mínimos* é o paradoxo que dá título ao filme de média-metragem do documentarista mineiro Marcos Pimentel. Em julho de 2016, me destraía na primeira fila da sala de exibição do 11º Festival de Cinema Latino-Americano realizado em São Paulo. Não tinha lido nada sobre a referida produção, sequer sabia da sua existência. Apenas havia me lançado na modesta aventura de ver filmes gratuitos perto de casa. O sopro daquele intenso inverno ainda cirandava nas minhas canelas até o momento em que fui golpead_ pela metáfora que na primeira cena do filme me fotografou sem o menor sinal de pudor. Era um resto de pipa pendurado em um fio de alta tensão; um bagaço de brinquedo que ziguezagueava tranquilo ao sabor do vento. Naquela primeira fotografia, estava um retrato de mim. Senti naquele momento o terror e a alegria de perceber o que é ser performer, em especial, ser *profeflor* da/na rede pública do Estado de São Paulo.

BINGO! Performer é um ser-resto-de-pipa que dança ao sabor do vento no fio de alta tensão. Antes mesmo que a palavra e todo corpo teórico dos estudos de performance me chegasse aos sentidos, já atuava como tal. A experiência da petrificação me abriu as fontes do ser, porém, um ser ainda sem forma. Foi a partir da tensão com os sintomas presentes nesse contexto de dominação do escolar que o corpo começou a criar *atos de resistência*, que a meu ver era/é traduzido como poemas criados com o corpo que irrompiam um fluxo do cotidiano normalizado e chamava atenção, como todo poema, para si mesmo. Entretanto, a mensagem que era comunicada por esses “poemas corporais” ou “corpoemas” eram/são uma oportunidade de tornar legível os próprios sintomas presentes no ambiente que obstruem as possibilidades do escolar acontecer na escola. Em nenhum momento planejei fazer poema com o corpo dentro da escola, mas foi nessa primeira experiência que notei que o corpo “pensa” por si só, e que cabe a mente manter-se atenta a cada gesto, intenção, afeto e movimento presente no momento da “escrita poética” que potencializa encontros. Uma escrita que se torna evento e convida discentes-espectantes a ler e traduzir as coisas do mundo que estão inscritas em seus corpos.

O termo “técnico” para essa prática só seria acessado um ano depois. Foi após o envio do plano de trabalho para esse mestrado que esbarrei no texto *“O que pode a performance na educação”* que parte de uma entrevista com o professor/performer Richard Schechner. O performer conta que chamados *happenings* surgiram no contexto dos Movimentos dos Direitos Civis nos Estados Unidos e, posteriormente, nos Movimentos Contra a Guerra do Vietña. Foram esses dois movimentos políticos-sociais que o levaram a realizar “demonstrações” em que mostravam algum sintoma a partir de uma ação em contexto real onde este se localizava. Um exemplo citado pelo entrevistado era o happening *Sentar Junto,* em que ele e mais performers brancos e negros iam a um café no sul dos Estados Unidos e sentavam juntos no intuito de tornar visível a incoerência e injustiça da lei que eles conheciam e estavam quebrando. O autor afirma que a performance significa mais do que algo que é encenado. Ele e _s performances naquele momento não estavam particularmente com sede, e tampouco queriam uma taça de café. O que ele e _s performers queriam era sabotar o costume e tensionar a legalidade da segregação.

É nessa mesma entrevista que Schecnher apresentará um ponto de tensão com as narrativas que compõem essa antibiografia e que traduzem esses quase quatro anos de atuação na rede pública de São Paulo. O autor afirma que a *abordagem performativa de mundo* é um território onde se reúnem ideias e ações, que aqui traduzo como conexão teoria e prática, mente e corpo respectivamente. Mais a frente, sinaliza que a performance potencializa o uso do ensaio de um espetáculo como modelo de construção do conhecimento. Em paraticamente todo o texto, o autor pontua que uma educação ativa deve envolver um todo *mentecorpoemoção* que só é possível se alinhada a essa abordagem performativa de mundo. Porém, próximo ao fim da entrevista, alerta que o ato de *ensinar não constitui uma performance artística, mas certamente é uma performance.* Para ele, o professor se situa apenas no campo da performance da vida cotidiana e não na arte da performance, ou seja, o corpo docente não atua em uma situação de performance. Na visão de Schechner, o/a professor/a interpretando a si mesmo/a muito se assemelha a um artista de performance – tal como Spalding Gray ou Liam Amaris ou mesmo Guillermo Gomez-Pena, que interpretam a si mesmos, porém, interpretam a si mesmos

em uma situação particular, em uma situação de performance, que para ele, não traduz o contexto de atuação de professor_s. Mas se considerarmos a situação atual das escolas públicas, em especial, dos ambientes em que lecionei e descrevo nessa pesquisa, não teríamos um contexto propício para a realização de *happenings*? As narrativas que compõem esse diário me convocam a implodir a abordagem de Schechner com as seguintes perguntas: Um contexto no qual os costumes e as leis impostas pelo modelo de gestão invadem o espaço da escola, e promove a exclusão dos corpos dos processos escolares através de instrumentos, procedimentos e métodos repetidos, muitas vezes confundidos como “pedagógicos”, não configura uma situação de performance artística? E quando essa dominação biopolítica é apropriada pelos corpos de docentes a ponto de impedi-los de realizar plenamente a docência? E quando a escola deixa de ser playground da sociedade e passa a ser microcosmo de uma macropolítica rentista, oligárquica, populista e excludente? E quando todos os conceitos coagulados, clichês e absurdidades repetidas cotidianamente impedem as escolas de serem escolas, professor_s de serem professor_s e alun_s de serem alun_s, não estaríamos diante de uma situação propícia (e emergencial) para a prática da performance artística nesse ambiente? Mas qual corpo teria potência para tal façanha?

A entrevista com Schechner foi realizada pelos professores Gilberto Incle e Marcelo de Andrade Pereira para a revista *Educação & Realidade* em fevereiro de 2010 no Café Le Courlis em Paris. Percebo que as experiências narradas por Schechner nessa entrevista não apresentam contextos, nem situações em que o seu corpo docente fosse explorado por imperativos que reduzissem a sua potência a ponto de impedir a sua existência. Se considerarmos as diferenças sociais, políticas, culturais e históricas dos modelos das escolas em que Schechner lecionou para os sistemas de gestão das escolas no Brasil, em especial, dos contextos onde lecionei/leciono em São Paulo, perceberemos o abismo que torna os nossos territórios de atuação e lugares de fala bastante distintos. Ingressei na rede pública de São Paulo em um Brasil que havia recentemente atravessado o portal aberto pelos movimentos de 2013. Logo, a potência do chamado para a docência no momento em que esta se via/vê sucateada, sequestrada e alienada do próprio corpo emancipou-me performer. A arte da performance, no contexto da primeira escola em que atuei, tornou-se

condição *sin ne qua non* para a realização da docência, pois, chamar a atenção para os sintomas presentes no ambiente tornou-se também condição para que o escolar acontecesse. Nesse sentido, seria justo esperar/cobrar de Schechner a descrição de um corpo que ele não escreviveu?

Para ser coerente com a implosão, e com a transgressão de outros termos já realizada nas páginas anteriores, a partir de agora chamaremos *happenning* de **acontecência,** mesmo porque, o termo em inglês não se harmoniza com a sonoridade de **escrevivência,** nome que melhor traduz o procedimento base desses eventos poéticos que traduzem o modo de ser e de me relacionar com o ambiente.

Está chovendo vozes foi a primeira acontecência que realizei na primeira escola onde atuei na rede estadual de São Paulo. Esse evento poético surgiu de uma questão que me interrogava/interroga desde o ingresso: Como poderia inspirar um silêncio genuíno que potencializasse a escuta de si e do outro nos processos escolares em um ambiente dominado por gritos de ordem e embotamento de afetos? Esse conflito partia/parte da observação constante dos procedimentos e métodos utilizados por professor_s que reproduziam gestos e instrumentos impostos pelo modelo de gestão. Eram através de gritos que atravessavam os muros da escola, do uso de mapas de sala, cópias excessivas de textos e/ou advertências (papéis impressos com timbragem da instituição que vinham com alternativas de “ocorrências” previamente descritas e espaço para o registro de outras que saíssem do campo de expectativas do que já era esperado pel_s docentes) que tentavam em vão instaurar o silêncio no ambiente. As fórmulas se revelavam tão impotentes quanto excludentes, mas continuavam sendo repetidas sem nenhum espaço para autocrítica. O corpo que ocupo se recusava a reproduzi-las e enquanto um modo de agir não me ocorria, permanecia a escutar solitariamente a angústia dos gritos genuínos que reverberavam dentro dele. O desafio era: como inspirar um silêncio genuíno em um espaço em que mascará-lo era a prática comum? O jogo poético proposto por esse fluir do corpo em ação foi se construindo no encontro com seres que ocupavam as salas de primeiro ano do ensino médio. Risos e gargalhadas iniciais aos poucos iam dando lugar ao espanto conferido pelo corpo em transe que segurava um guarda-chuva e contemplava a paisagem de rostos. O gesto seguinte foi ensaiar lentamente a saída da sombrinha quando o

silêncio ocupasse todo o espaço. Pedra Homem olhava para o teto como se percebesse estio e colocava lentamente as mãos para fora do guarda-chuva no intuito de sentir a torrente que acabava de cessar. Na medida em que escutava um ínfimo barulho, o corpo retornava ao guarda-chuva, e assim se instaurou o jogo. Alguns dos jovens corp_s brincavam por alguns instantes com _ performer, e produziam sons debochados com o propósito de testar o corpo em acontecência. Esse jogo permaneceu até que colegas começaram a pedir o retorno do silêncio. Por vezes, Pedra também se dirigia ao lado de estudantes que ensaiavam uma fuga via aparelho celular. Ali ficava encostad_, a segurar o guarda-chuva enquanto sustentava o transe no olho que mirava para as mãos em posse do objeto. Em alguns momentos, o conflito interno de alguns corpos discentes era materializado em frases-questões. Assim que interpelavam o corpo, _ performer logo catava um toco de giz e escrevia uma resposta-abismo no quadro. Um d_s corpos que mais produziam barulho em sala foi o primeiro a interrogar com o enunciado: *O que será do meu futuro com um professor que não fala comigo?* Nesse momento, o corpo em transe, mirou os olhos d_ jovem, e prontamente escreveu *Enquanto continuar a chuva de vozes, não haverá futuro.* O instante durou todo o período de uma aula, e por fim, as frases inscritas no quadro tinham toda potência de um poema.

Modo Avião

São Paulo, março de 2016.

Um avião pousou no “aerocrespo” do professor de português. Ainda com o vermelho das unhas coberto de neve-giz, virou os olhos do corpo e se deparou com mais da metade da turma dispersa. Enquanto uma parte submergia em bombardeios de bolinhas de papel, outros produziam um balé aéreo com dezenas de caças feitos com pétalas de cadernos. Sem a atenção e escuta convencional dos alunos, o professor observou por alguns instantes a cena que dava luz ao seu desamparo. Logo, viu um aviãozinho passar bem próximo ao seu horizonte do peito. Apanhou-o e imediatamente o embrenhou em suas madeixas. Capturou um outro...e mais outro...e um outro que lhe cruzou os olhos...e outro...e mais outros tantos. Encaixou-os um a um na crespa nuvem e mergulhou no mais profundo silêncio. Os alunos o acompanharam até o último

aviãozinho ser fixado. Sorriram, gargalharam e voltaram a produzir mais e mais caças sem nenhuma fresta para um cessar fogo. Suavemente, o Cleiton, um aluno sempre calado, distraído, cabisbaixo e arredio ao uso do caderno, saiu do lugar onde estava e foi lá cutucar o silêncio:

- Ei! Cê tá no “modo avião”?

- Hummm... o que é o “modo avião”? – devolveu o professor.

- Ué, aquele do celular, fessô!

- Hummm, sei! E o que acontece com o celular quando o colocamos no “modo avião”?

- Ele fica mudo, e a gente não pode fazer ligação.

- Hummm... então é isto que acontece nesse aqui-agora?

- Sim.

- Por quê?

- Porque ninguém quer fazer contato com o senhor.

- Pois então. A turma nesse momento demonstra interesse em me encontrar? Em entrar em contato comigo?

O menino arregalou os olhos, sorriu e disparou:

- É isso mesmo fessô, a gente tem colocado você no modo avião, né? – disse cheio de entusiasmo.

- Elementar, meu caro! Elementar. Hummm, podemos dizer que acabamos de fazer uma leitura?

- Como assim? Hummm... pera...acho que sim, fessô?

- Por quê?

- Porque eu descobri o que o senhor está fazendo, né?

- Mais que isso, querido! Você me enxergou além dos meus olhos e me ajudou a descobrir e melhorar o que estou fazendo. Valeu, mesmo! É preciso uma boa dose de sensibilidade e inteligência para fazer isto que você acabou de fazer.

O garoto imprimiu ternura e confiança pelo sorriso dos olhos, e voltou menos cabisbaixo para o lugar onde a **escola** insiste em colocá-lo.

QUINTA FLOR: Da leitura que se faz corpo ao corpo que se faz leitura.

Esse menino tem laudo? Eu tenho certeza que ele tem déficit de atenção. Acho que ele passa fome, coitado! Você vê que ele não interage na aula, não é? Já fiz de tudo e nada! Ele mal escreve o próprio nome! É analfabeto quase absoluto, não lê um ó com o copo! Eram esses os enunciados que pescava da fala de colegas quando versavam a respeito de Cleiton, o menino que escreveu comigo a história de *Modo Avião.* Eram com adjetivações e conclusões semelhantes que também "descreviam", o Rafael, estudante do 8º ano que logo quando ingressei me presenteou com três origamis, quase dois anos antes do episódio com o Cleiton. Me foram entregues três seres feitos de dobraduras bastantes complexas em sua simplicidade: um sapo, um pássaro e uma estrela. A potência do Rafael para transformar pétalas de caderno em seres e os verbos correspondentes a cada origami me arrebatou a ponto de inspirar o "rolê" daquele bimestre. Inspirad_s pelo saltar, voar, brilhar do sapo-pássaro-estrela navegamos pelo universo dos haikais. Já o episódio *Modo Avião* me inspiraria a alçar *Voos Baffônicos* pelo sabor do gesto. A performance d_s alun_s com seus caças me convocou a borrar o gesto repressivo já comum naquele ambiente. *O que é isso, professor?* – perguntaram os colegas assim que entrei na sala dos professores com a cabeça cravejada de aviõezinhos. *Acabei de dar aula no oitavo ano A.* – respondi. *Ah, mas eles são terríveis, né?! Não sei mais o que fazer com essa turma* – disse a professora de inglês. O corpo nesse momento era só silêncio e escuta. No dia seguinte, antes de retornar a escola para mais um dia de trabalho, amanheci com o episódio latejando no corpo. Após tomar um café da manhã, catei umas folhas de sulfite e ensaiei um avião. Na quarta dobradura, veio o espanto; percebi que havia tanto tempo que não fazia aviõezinhos de papel e tive que recorrer a tutorais na internet para compor caças semelhantes aos produzidos pel_s alun_s. Compus trinta caças e neles transcrevi com lápis de cor alguns haikais do poeta/amigo Giovanni Baffô, coloquei-os em uma bolsa colorida tipo carteiro que estava em desuso, passei um lápis no olho, vesti uma bata crua e no caminho fui me afinando com o transe do corpo. Em rito entrei na sala, mirei cada rosto e o corpo se pôs a amorosamente disparar

caças baffônicos no horizonte do peito dos seres que me “atacaram” no dia anterior.

São situações como estas que me convocam ao estado de poesia. O juízo que o modelo praticado pel_ maioria d_s colegas fazem d_s corpos d_s alun_s obstrui as possibilidades de se encontrar com as potências e potencializá-las. Nesse contexto, o corpo performativo se torna um anticorpo, um corpo que se desvia do padrão repetido para acessar e experimentar um outro estado de corpo.

Em setembro de 2016, conheci a *Teoria Corpomídia* durante o *Circuito Arte do Corpo* realizado na PUC-SP. No encontro com a professora e crítica de dança Helena Katz tive a oportunidade de tomar de nota de grande parte de seus estudos sobre o corpo. Os estudos de Katz partem de uma insatisfação com as abordagens acadêmicas que apresentam o corpo como forma de expressão de conteúdos meramente individuais. O entendimento de emissão, recepção processamento e devolução que enxerga o corpo como mero recipiente (caixa depositária) é substituído pela percepção do corpo como mídia, ou seja, como um espaço de trânsito/troca de informações constante. Na visão da professora, o corpo atua no ambiente com os sentidos e possui uma coleção de informações (não conteúdos) que é permeável e mutante. O corpo não nasce com os sentidos prontos, pois são desenvolvidos em acordo com o ambiente, numa relação de co-dependência onde a percepção é vista como uma ação que o corpo faz. Logo, o fluxo de troca com o ambiente é inestancável. Katz alerta que as teorias que essencializam o conceito de corpo estabiliza essa potência de troca do corpo que se relaciona com um ambiente, pois, não se atem ao fato de que as informações se transformam (interna e externamente) a cada encontro. *A coleção que eu sou perde e ganha predicados* a todo tempo. Nesse sentido, o corpo não é, está o tempo inteiro sendo, pois, é o tempo todo mídia dessa coleção de informações que se transforma mesmo quando não temos consciência imediata dessa mutação. Por isso, a autora afirma que a qualidade da informação muda a forma do corpo em tempo real, e a abertura e contato com essa mudança dependerá da maneira como cada corpo se situa politicamente no mundo.

O episódio *Modo Avião,* bem como as demais narrativas que compõem esse diário marcou uma mudança de paradigma que foi fundamental para a

emancipação/ expansão do corpo performativo. Segundo a teoria de Katz, o corpo conta da coleção que ele é naquele momento, e isso, tem um impacto político avassalador, pois, nos convoca a estarmos mais atent_s as coisas que colocamos no mundo, ou seja, à diferença que fazemos no ambiente que atuamos e a diferença que este faz em nós. A maneira como os corpos se fabulam no ambiente dependem de como lida com suas respectivas coleções, pois, existem coleções mais refratárias e outras mais receptivas. O corpo diz o tempo todo de si mesmo, e a informação dominante o domina. Percebo que mesmo quando me pensava abert_, criativ_ em Salvador, existia uma desconexão entre a maneira como me fabulava e a forma que o corpo atuava. As informações eram vistas como algo controlável, possíveis de serem administradas, e por esta razão, os sentidos não atuavam de forma integrada e consonante com a noção de fluxo. Sendo assim, sustentava a imagem de ser receptivo como um predicado quando na prática o corpo era mais refratário na relação com a informação. Hoje percebo como praticava pouco os sentidos e a intuição, ou seja, os sentidos integrados postos em movimento ainda não estavam presentes no jeito que tentava apreender a informação do mundo antes da experiência de *petrificação original*. Por esta razão, percebo como o ambiente escolar dominado pelo atual modelo de gestão do Estado de São Paulo tende a valorizar corposmídia com coleções mais refratárias que receptivas aos processos que traduzem potencialmente o escolar. O próprio formato das ATPC's, como já descrito, favorece mais a "blindagem" e individualização dos métodos do que a partilha do pedaço coletivo de cada ser/docente. As questões que nascem dessa experiência de leitura do Cleiton que partiu da recepção a uma performance artística é: Quais as possibilidades que a arte da performance nos abre para potencializar a experiência de leitura na sala de aula?

Em *Performance, Recepção e Leitura,* o crítico de literatura Paul Zumthor atenta sobre a importância de introduzir nos estudos literários a consideração das percepções sensoriais, ou seja, de um corpo vivo. Isso põe em cheque métodos e elocuções críticas que desconsideram a questão da presença corporal d_s leitor_s de literatura no momento em que esta acontece. No capítulo *Em torno da ideia de performance,* Zumthor é tomado pela lembrança da infância em Paris em que adorava parar para escutar os cantores de rua

que irrompiam aceleração cotidiana com palavras erguidas por melodias bem simples que eram impressas grosseiramente e vendidas por alguns trocados. O crítico pontua que a grande força de atração era justamente o jogo, isto é, era o espetáculo que o prendia, a ponto de ter que correr em seguida para não perder a hora do trem.

Não há como conversar com a abordagem de Zumthor, sem retornar a teoria de Gumbrecht sobre a dominância da interpretação sobre a materialidade no mundo moderno. Essa hegemonia é legível na forma como muit_s professor_s pensam, praticam e avaliam as experiências de leitura. No caso do modelo percebido nas duas escolas onde lecionei em SP, as experiências de leitura são majoritariamente limitadas aos mesmos instrumentos/gestos, no caso, o uso do caderno, do livro didático e da apostila do Estado. A linguagem para o estudo do texto literário acaba sendo utilitária e afasta os corpos do engajamento e do prazer com a leitura. A experiência de *Modo Avião* e dos *Origamis* do Rafael comprova que o equilíbrio entre materialidade e sentido depende de uma conversão, ou seja, da "borragem/apagamento" da linguagem utilitária com a qual as informações são impostas as inteligências e sensibilidades para ascensão de uma linguagem que tenha a mesma natureza de texto em estudo. Neste caso, em particular, poema e corpo tem essa potência em comum: falar e traduzir a si mesmos. As narrativas comunicam que partilhar de forma artística textos artísticos (e não artísticos) nos abre mais possibilidades de comunhão poética com as informações em estudo.

B.O n° 1

São Paulo, 1º de abril/2015.

- Professor, o senhor me acompanhe até a sala da direção, por favor! – convocou o gestor com ar pesado e cerimonioso assim que o corpo docente atravessou a porta da sala de uma reunião recém-encerrada.

No pequeno percurso, a docência fotografou a frágil estabilidade de um corpo que tentar sustentar uma calma com gestos milimetricamente coreografados. Ao atingirmos a sala, o diretor me apontou a cadeira com um sinal polido. Catou um caderno preto de capa dura com adesivo branco. Na tarja branca estava impresso: "Livro de Ocorrências". O homem branco, alto, de cabelos

recém-grisalhos que muito lembrava a figura paterna daquele corpo docente sentou-se ao lado da ex-professora-de-matemática-nova-vice-diretora que pausou a concentração nas comedidas digitações com os quais simulava desatenção aos passos do gestor. Com os corpos dispostos feitos jornalistas-âncora de telejornais, abriram o livro e leram a sequência de “informes” para a docência que se doou a escuta da voz do gestor e do próprio corpo:

-*“Ao primeiro de abril de dois mil e quinze, o professor Magno Santana Matos, RG... CPF... está sendo autuado pelas seguintes infrações:*

1. Por repetidas vezes chegar atrasado no primeiro horário e, com isso, comprometer a aprendizagem em processo dos alunos;

2. Por incitar os alunos contra a Unidade Escolar;

3. Por realizar meditação em sala de aula, desviando-se assim dos conteúdos a serem dados;

4. “Por desenvolver métodos inadequados às propostas do currículo do Estado de São Paulo.”

- Por estas razões, professor, eu peço que o senhor, por favor, assine esse documento no local indicado... – pediu o diretor com a voz em tom grave, timbragem aveludada e volume reduzido.

O professor pousou o caderno aberto sobre os joelhos. Pôs-se a ler novamente as informações no tempo de relação com cada palavra posta e com o corpo em transe solicitou a escuta da gestão:

- Bem, agora vocês me permitem traduzir cada tópico posto aqui do meu lugar?

- Claro, professor!

- Sobre o tópico um, tenho realmente dificuldades com essa coisa de afinar o corpo com essa máquina de devorar gente chamada relógio. Já me relaciono com essa imperfeição há alguns anos, por esse motivo, logo quando me mudei para São Paulo, escolhi uma escola próxima ao local que iria habitar. Até o ano passado, morava a dez minutos daqui. Vinha sempre a pé pelo parque contemplando as belezas e mistérios do parque. Mas recentemente, essa coisa perigosíssima que chamamos vida, me arremessou para Perdizes, e ficou realmente mais complicado lidar com essa deficiência. Os dez minutos a pé, se converteram em no mínimo uma hora e dez minutos em que tenho pegar um trem e um ônibus com os quais ainda não me afinei. Mas o horário de tolerância para entrada na sala de aula? É qual mesmo?

- Até às 13:10, professor!

-Hummm... pois então, por favor, peçam pros portões da escola se afinarem com esse horário, pois, às 13:05, ele costuma já está trancado para mim e para estudantes que também não conseguem entrar na escola e se encontrar com a aprendizagem em processo.

- Mas...

- Bom, quanto ao segundo item, percebo que se refere ao episódio da semana passada. – disse atento ao afeto colocado na voz.

- Exatamente, professor! – pontuou com ar convicto a ex-professora-de-matemática-nova-vice-diretora.

- Pois bem, Silvana! Posso repetir para o diretor a mesma narrativa que partilhei com você quando me desviou da aprendizagem em processo do primeiro ano D para relatar o episódio?

- Por favor, professor!

- Então, na quinta-feira da semana passada, eu dormi na casa do Alê, professor de química que mora aqui perto no intuito de reduzir o risco de atraso na aula que dou no segundo horário da manhã. Quando cheguei a entrada da escola e encontrei com cinco estudantes que aos berros expressavam revolta contra algo que a priori não era legível pra mim. Esses corpos estavam escoltados por uma viatura e dois policiais que permaneciam de pé vigiando-os. Ao estranhar a cena, me aproximei e apenas perguntei aos jovens o que acontecia. A aluna mais exaltada, aos prantos disse que tinham chegado um pouco atrasados para o primeiro horário e começaram a bater no portão na tentativa de entrar para a segunda aula. Como a escola não tem porteiro tiveram que bater mais forte para que fossem escutados. Foi então que, segundo elas, apareceram a vice-diretora e a coordenadora que abriram o portão, deram uma bronca, e bateram com o porta na cara deles. Pelo que percebi a revolta era com a maneira com a qual, segundo elas, foram tratadas.

- Mas essas alunas estavam fumando maconha na praça, professor! Por isso, se atrasaram!

- Bem! O fato é que disse a elas que a reivindicação me parecia legítima, porém, o método era impotente. Orientei que transformassem aquele desespero e revolta que as mantinham naquela condição desfavorável em um processo de agremiação do qual tem direito. Dentro de um grêmio aquela

reivindicação isolada e pueril ganharia força política o suficiente para construir uma relação menos infantilizada com a gestão da escola.

- Mas foi o suficiente para os policiais entenderem que o senhor estava incitando os alunos contra a escola, professor!

- E pelo visto, a gestão entende da mesma forma, não? Pois bem, me respondam: o que de fato depõe contra a escola? Um professor que sugere a agremiação de alunos revoltados com tratamento dado por representantes do modelo de gestão que os impediram de acessar a aprendizagem em processo e legitimaram as palavras de policiais acionados pela vizinhança para escoltá-los?

- Mas o senhor mesmo disse para esses alunos que os melhores professores dessa escola eram os grevistas...

- Sim! A aluna descontava a violência sofrida justamente no corpo de professores que estão nas ruas lutando por condições de trabalho que permitam que a escola de fato aconteça. Por isso, quando no meio de seu protesto, ela afirmou que ia a escola mesmo assistindo apenas duas a três aula em um dia por conta da falta de professores em greve, com tom explícito de repreensão a esses docentes, meu corpo não me deu alternativa a não ser tensionar a forma com a qual lia a situação. Disse que naquele momento, os grandes educadores da escola eram justamente esses professores e professoras que estavam na rua lutando por um modelo escolar diferente daqueles que nos coloca nessa situação.

- E o senhor mantém essa posição?

- Claro que sim! Isso não é incitar contra, pelo contrário, politizar estudantes é engajar-se a favor da escola. Quanto ao terceiro item, não há novidade.

- Como assim, professor?

- Peço que recordem que no planejamento, no início do ano, já havia partilhado os primeiros experimentos com a meditação em sala de aula. Desde que ingressei, percebi a dificuldade de produzir silêncio e escuta genuína no ambiente. Sou meditante há cinco anos, e desejava partilhar a prática na sala de aula, mas não sabia como. Na primeira semana, fiz uma pesquisa e cheguei ao Mente Viva, uma instituição que distribui material pedagógico para prática de meditação em diversas escolas do Brasil e da América Latina. Fiz o pedido pelo site, e quando nem lembrava mais da ação, o material chegou. Tentei

inspirar as classes à prática da técnica, cinco a dez minutinhos antes das atividades no intuito de potencializar a atenção, escuta e concentração nas aprendizagens em processo.

- E o episódio lá do guarda-chuva, hein?

- É essa questão que pauta o último tópico?

- Sim. Os alunos do EJA vieram aqui e disseram que você não ensina nada.

- Realmente, eu não ensino nada! Apenas inspiro práticas que façam esses seres parirem a si mesm_s. O *Está chovendo vozes* é uma extensão dessa proposta de aprender o silêncio por si mesmo, e não há nenhum descompasso entre a prática e os conteúdos propostos no currículo de São Paulo. Por falar nisso, vocês podem me informar quais são os eixos-formativos, conteúdos e competências propostas pelo currículo de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo?

- Éééé...

- Bem, pelo que percebo o que há aqui não é uma preocupação com o cumprimento currículo. O que há é um descrédito com a maneira com a qual abordo metodologicamente esses conteúdos. Venho de uma escola de formação em artes na Bahia. E minha mudança para São Paulo se deu pelo desejo de impulsionar os estudos de arte. Como sou artista em expansão, consigo enxergar mil possibilidades de abordagem de um mesmo conteúdo, partindo sempre da conexão e do desejo de encontro com os corpos. No caso do EJA, iniciaremos agora a escrita de cartas pessoais. Pelo que vocês me descreveram, sinto que esses alunos já estão no ponto para realizar o primeiro ensaio comigo. Eles serão inspirados a escreverem uma carta para o professor de português para relatar a experiência dessas primeiras aulas. Então, mais alguma coisa que possa ajudar?

- `Éééé... veja bem professor, você pode assinar ou não esse documento, mas devo informá-lo que esse documento vai para a diretoria de ensino. – disse o gestor com ar preocupado e confiante da adesão.

O professor olhou para o livro e para os corpos âncoras que já haviam desmanchado a bancada. Leu pausadamente cada linha, respirou e anunciou:

- Pois bem, Jota e Silvana! Eu escrevo. E tenho cada vez mais vivido o que escrevo. Para viver a escrita, preciso me conectar com a verdade. Ela que me conduz a me relacionar diariamente com a crueza do real. Para isso, é

necessário que haja uma equivalência entre seleção e organização de palavras para que possam traduzir verdades. Que as torne legíveis. Como esse princípio não aparece aqui nesses parágrafos, e para ser coerente com tudo que expus aqui, eu não assinarei esse documento, ok?. – disse o docente ao devolver o livro que aberto e erguido mais parecia uma leve gaivota negra em voo.

- Ok, professor! Você tem esse direito. Mas saiba que esse documento vai para diretoria de ensino...

- Hummm... então isso significa que alguém lá de cima irá me chamar para uma conversa?

- Provavelmente sim, professor!

- Então está tudo bem! Gosto de conversas.

SEXTA FLOR – Dos estados de corpo aos estados de arte/docência/política: micromanual para desinstalar morte em vida.

O corpo com o qual ocupei/ocupo as escolas da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo se trans/forma a todo tempo a partir da troca de informações com o próprio ambiente que o convoca de forma mais intensa a sabotar o modo instrumentalizado como atuou durante o período de 2009 a 2013 em Salvador. A narrativa *B.O n°1* (e a maioria das partilhadas até o momento) foram inspiradas nas experiências da atuação na *Escola Estadual Professor Jota Não Deixa*, nome ficctício da primeira escola onde atuei no período entre setembro de 2014 a dezembro de 2016. Esse nome me foi dado pela própria dramaturgia do espaço. Quando ingressei, havia uma diretora que estava prestes a desocupar o cargo, que logo no ano seguinte, seria assumido pelo então vice-diretor designado, o Professor Jota. Desde o ingresso entrei em contato com inúmeros sintomas, já descritos nesse diário. Entretanto, a ascensão do Professor Jota a direção intensificou ainda mais o abismo que separa o corpo que criava para mim com a atmosfera e modus operandi impresso pelo gestor. O nome ficctício partiu do enunciado mais repetido por alun_s, professor_s, coordenador_s, secretari_as, auxiliares de limpeza no período em que atuava na escola. Cada lampejo que ensaiava para uma prática ou estudo tentava partilhar nas ínfimas horinhas de descuido com colegas e funcionários que prontamente repetiam sempre: *Ah, mas o Jota não*

deixa... Vixe! Esquece querido, Professor Jota não deixa mesmo!... Iiiiihh, tem que ver se o Jota vai deixar, viu? Duvido que ele deixe. O drama social impresso por esse modelo de gestão é quem tempera essa fabulação do nome da escola. Logo, estava posto que Pedra Homem dava aula de Felicidade na Escola Estadual Professor Jota Não Deixa. Mas que corpos eram estes? Como Pedra Homem e Professor Jota Não Deixa conseguiram conviver em um mesmo ambiente durante dois anos? E como Pedra Homem consegue fluir e se potencializar diante de um ambiente administrado por um corpo tão avesso?

Quando sai de Salvador, não tinha a percepção profunda do modus operandi do corpo que ocupo. Por mais que o ambiente de trabalho fosse ocupado por corpos mais receptivos do que refratários, existiam ranços de uma instrumentalização, não tão intensa, mas ainda assim semelhante a praticada pelos corpos regidos por esse modelo de gestão. Sim, o corpo que Pedra Homem ocupa já esteve sob o adestramento de sistemas administrativos que ocupavam o escolar em Salvador. Esse corpo também já acreditou que sem sua "presença", a escola de artes que ajudou a construir e consolidar também afundaria. Que as pessoas que nutriam admiração deveriam reconhecer suas bajulações, sacrifícios, participações em rodas de fofoca, arrogância epistêmica e egocentrismo introspectivo como altruísmo. O corpo que Pedra Homem ocupava também já pensou que homem só poderia vestir calça e mulher saia. Que cabelo de negro não podia crescer. Que racismo não existia. Que morar na favela era vergonhoso. Que beijo entre pessoas do mesmo sexo era errado. Que Deus é o único pai possível. Que hierarquias deveriam ser respeitadas a todo custo. Que as figuras de autoridade garantem a ordem e a segurança de um ambiente. Que todos aqueles quadradinhos de planos que fazia exaustivamente garantiria uma boa aula. Que amor era esperar das pessoas mais do que elas poderiam doar. Em certa medida, em Salvador, por um longo período da existência, o corpo que Pedra Homem ocupa também já foi Jota e todos aqueles corpos que por avidez ou aversão a ele mantinham-se sobre o seu domínio. Por esse motivo, considero a ficção a parte mais sincera desse diário.

A diferença entre Professor Jota e Pedra Homem não estava nas informações contidas em seus corpos, pois, estas eram comuns, mas combinações dessas informações e no modo como lidavam com essa coleção. Enquanto Jota

buscava afirmar seus predicados e fixá-los no ambiente, Pedra Homem tinha disposição de se desfazer de todos que não faziam sentido para o corpo que desejava para si. Mas que corpo era esse que Pedra Homem desejava para si? A resposta para a questão e a possibilidade de se tornar outr_s estavam justamente no antagonismo entre os corpos. Pedra Homem não tinha como precisar qual corpo desejava, mas, começou a se compor a partir dos corpos que não mais desejava para si, e assim começou a fabular-se. Mas como é possível fabular a si?

Deuslleuze

São Paulo, março/2016.

- FESSOORR... o sinhô acredita em Deus? – perguntou o aluno logo depois que o professor performou um poema do Manoel de Barros na abertura da aula de português.
- Eu sou deus.
- KÊÊÊ? Como assim, professor?
- Eu-sou-deus. – repetiu com serenidade.
- Hummm... mas Deus tem superpoderes. O senhor também tem superpoderes?
- Tenho potência, não poderes.
- Como assim?
- Tenho tudo aquilo que todo ser humano tem, mas tem sido pouco estimulado a mobilizar. Você, como eu, como qualquer um, é também um deus de potência.
- Ké dizê então, que eu também sou deus?
- sim.
- Que conversa é essa, fessô? Ai ai, viu?... Então me diga aí, qual a diferença do Deus de poder pra esse deus de potência aí?
- O Deus de poder, governa. O deus de potência, cria. O primeiro tenta controlar o mundo com mãos de ferro, o segundo apenas brinca, cria, compartilha e observa suas criações sem julgá-las.
- E eles são amigos? - perguntou uma aluna embriagada pelo perfume da curiosidade.

- O Deus-todo-poderoso é pouco tolerante com as brincadeiras do deus criador. Geralmente, ele o vê como inimigo, pois, costuma se sentir ameaçado pelas criações do brincante.
- E o deus criador não gosta do Deus-todo-poderoso? Ele zoa com ele? É contra ele? – perguntou um outro aluno.
- Não. Ele apenas sente compaixão da impotência do Deus de Poder. Está sempre atento a ela, e cria a partir dela. Só isso.
- Como assim, então quer dizer que o deus de poder é impotente?
- Sim.
- Oxe, por quê?
- Ué! Porque ele se alimenta da impotência de todos que ainda não descobriram a própria potência. Como ele é muito controlador costuma ganhar força toda vez que a humanidade se cobre de medo ou de esperança. Mas se cada humano descobrir a própria potência, esse deus-todo-poderoso morrerá de fome.
- Sai pra lá, fessô! Cê ké me dizê então que Deus pode morrer de fome?
- Esse Deus, sim.
- Quando?
- Quando nos reconhecermos comuns em potência.
- Duvido que isso aconteça... Du-vi-do.
- Bem, me contem agora tudo o que vocês sentiram, pensaram, buscaram e descobriram a respeito dos poemas que compartilhei no encontro de ontem... quem deseja começar?
- EU!
-Ok Cecília, leia e compartilhe aí conosco as suas aventuras com o poema do Galeano.

SÉTIMA FLOR – Dos cativeiros aos viveiros: micromanual para instalar a vida em morte.

Foi durante uma reunião informal na casa do Leonardo, um jovem professor de sociologia, que o Marcos de Paula, outro docente sociólogo que tinha ingressado na rede no mesmo período em que estreei, me atravessou com “título” que me acendeu o corpo. Estávamos em algum dia do segundo

semestre de 2015. A casa do encontro era próxima a escola, e o convite para uma cerveja, um papo (façanha difícil para o modelo) e um beck após o dia de trabalho era bem atraente. Na roda, a pauta era o autoritarismo do modelo de gestão do Professor Jota, que naquele primeiro ano já se mostrava bem saliente. O Marcos era o professor mais engajado a elaborar estratégias para tirar o Jota da gestão. Era meticuloso, articulador e de uma inteligência bastante sagaz. Seu modo de fazer revolução era bem diferente do de Pedra, mas esse foi o tempero que deu liga a nossa amizade. Marcos estava mais para Malcom X, Pedra para Martin Luther King. Confrontava com o Jota o tempo todo pelo debate exaustivo com argumentos bastante precisos. Era um modo reativo que entrava em colisão com um corpo que tinha um padrão de gestos muito parecido. Marcos peitava o Jota com o mesmo corpo que o Jota o enfrentava. Era a imagem do pai do severo e do filho rebelde que tentava a todo custo destruir a figura a qual por aversão reivindicava amparo. Marcos tomou a frente da reunião, e entre um gole e trago começou a definir as linhas teórico-filosóficas de cada docente da roda. Contemplava com graça o seu engajamento em colar os “adesivos” nos colegas. Éramos cinco, três da área de humanas, um professor de filosofia que também era artista e Pedra. Começou fixando em si e no anfitrião, o rótulo de Socialistas Marxistas, o Alexandre, professor de História foi contemplado com a tarja de Trotskista, e encerrou a “distribuição” no outro Leo, docente de Artes e Filosofia, com a placa de Focaultiano. Eu que já estava formigando de curiosidade para saber com qual adjetivo ele ia me batizar, “protestei!”: *Oxe?! E eu, sou o quê, hein?*. *Aaah, Pedra, você? Você é um ser amorfo!* – disse com um só golpe, este foi suficiente para me comover.

Isto de dizer que Pedra era um ser *amorfo* fez muito sentido. Quando saltei de Salvador para São Paulo já era um corpo em processo de abandono dos predicados que amparavam a forma que não desejava. A intenção era tornar-me corpo artístico, mas não tinha um esboço de como seria esse corpo, quais seriam os modos de ação, jeito de andar, de falar, de se expressar. A atenção sempre esteve mais voltada para a morte das formas do que para os estados de corpo que surgiriam a partir destas, e essa consciência só me veio agora.

A experiência da *petrificação original* foi o ponto de partida da abertura para me permitir a situações que quebravam a estrutura de qualquer previsão, e a fluir

nos acontecimentos. Percebi que a vida é avessa à maioria das projeções e previsões que elaboramos e assim os horizontes de expectativas começaram a ser reduzidos. Aos poucos fui abandonado o culto às imagens que surgiam/surgem na tela da mente como projeções e perspectivas e passei a permitir que o fluxo da vida e a lei natural dos encontros construíssem os estados de corpo. Percebi que o vício do controle dos processos nutria a insegurança que embrutecia gestos e movimentos que reagiam a ameaças sempre nebulosas por conta da desatenção dada a estes. Quando nos centramos nas imagens mentais nos desconectamos da atenção ao corpo. Foi/é voltando a atenção às sensações, movimentos e gestos do corpo se torna possível romper com os padrões mentais que o condiciona. Ao invés dos conteúdos mentais reger o corpo, são as informações/narrativas instaladas no corpo que subvertem os condicionamentos e o reconecta de maneira harmoniosa a mente. Deixei de tentar me defender previamente de ataques e perigos abstratos. Arriar espada e escudo e substituí-los por caderninhos, lápis e gravador de voz foi o primeiro movimento para o abandono da linguagem que reduzia a potência de vida e me mantinha mais mort_ que viv_ em vida. Abdicar do medo de ser outra pessoa me ajudou/ajuda a desinstalar do corpo a pessoa que não mais desejava/desejo ser. Mas como é possível criar outros corpos dentro de um mesmo corpo?

A primeira ação para abrir a possibilidade de criar novos estados de corpo é despossuir-se dos atributos que o mantém amparado por algum modelo que reduz a potência de vida. Não ter predicados fixos torna inviável a barganha entre modelos e seus assujeitad_s, ou seja, despossuir-se das características esperadas (e não esperadas), despersonalizar-se é o primeiro ensaio de morte do indivíduo. É preciso matar o indivíduo para abrir as fontes do ser/vir-a-ser. Mas como isto é possível?

Em *Afeto, Política e Psicanálise,* palestra em que apresentava o livro “Circuito dos Afetos” a psicanalista Maria Rita Kehl, o filósofo e também psicanalista Vladimir Safatle, pontuou que *existem duas formas distintas e complementares de descrever o “eu”. “Moi”, em francês, significa o “eu do ego”; é uma espécie de “gestor” da psique. Nele tenho a ideia de saber quem sou, meu nome, de onde eu vim, quais são meus atributos, mas, centrado nele me mantenho alienado em relação aos meus desejos. “Ge”, em alemão, significa o “eu do*

desejo", o inconsciente; é o "artista" da psique. A grande questão é que existem sociedades que só produzem "gestores", neste caso, indivíduos.

Na fala de Safatle está a síntese da inversão de lógica que ocorreu a partir da decisão de mudar para São Paulo. Em Salvador, estava alienado em relação aos meus próprios desejos. Magno dava nome ao *Moi* e Pedra Homem ao *Ge*. Magno era o "eu" dominante, Pedra, o "eu" dominado. A experiência do salto mortal permitiu que essa lógica se invertesse, hoje, Pedra Homem é o "orixá do centro" e Magno é, como bem diz o aluno, o "parça" dele. Ou seja, se antes o estado de corpo burocrático dominava corpo artístico, hoje esse corpo se coloca a serviço da arte e da docência. Essa inversão converteu/converte poder em potência.

Outra voz muito importante para traduzir esse modo amorfo de ser de Pedra Homem vem do escritor malinês Hampâté Bâ Amadou. Em *A noção de pessoa na África Negra,* Amadou conta que na língua bambara, a expressão "*maa ka maaya ka ca a yere kono* significa: "As pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa." Entre os Fula (uma das etnias tradicionais de Mali), a noção de pessoa comporta uma multiplicidade interior, de planos de existência diferentes ou sobrepostos, e uma dinâmica constante. Nessa tradição há primeiro o *maa:* pessoa receptáculo, e *maaya*: diversos aspectos de *maa* contidos na *maa* receptáculo. Logo, o *maa* (pessoa) pode ser considerado como o receptáculo visível e palpável que serve de invólucro e suporte a outros aspectos mais sutis, da pessoa humana. Este ser é, ao mesmo tempo, simples e múltiplo. Mas como alguém consegue ser simples e múltiplo ao mesmo tempo?

Quando inscrevi no quadro a giz Pedra Homem, ao invés de Magno, e coloquei como matéria Felicidade, ao invés de *Língua Portuguesa*, os gestos e movimentos já sabiam o que para mim ainda era desconhecido. Esse gesto comunicava a maneira como o corpo trocava suas informações com o ambiente. Quando entrei na sala de aula, já havia passado pela experiência da petrificação original, do salto-mortal, dos primeiros estudos de arte em que jpa assinava Pedra Homem, já havia realizado as primeiras escrevivências nos primeiros "rolês" pela cidade. É importante notar que quando ingressei na rede já era outro estado de corpo, ou seja, Pedra Homem tinha acabado de nascer e era essa potência que produziu/produz presença nesse encontro com a rede pública. E era esse modelo de gestão tão hostil a esse corpo que oferecia os

ingredientes necessários para o desenvolvimento e expansão de Pedra Homem. Se o fluxo convocava para expandir o processo de mudança a partir da reflexibilidade com corpos hiperinstrumentalizados estava ali a chance de potencializar essa potência de despossuir-se de predicados e tornar-se outr_s a partir da mesma matéria, no caso, Pedra Homem, até então, professor de felicidade. Hoje percebo, pois como já disse, nada foi arquitetado, projetado com objetivo, justificativa, metodologia e coisa e tal, que a figura de Jota era o contrário que mais me desafiava a potencializar potências inventivas. Foi no convívio com o corpo-ambiente ocupado por aquela figura de poder que a potência Pedra Homem se expandiu. Mas como isso que deu? Qual procedimento usou?

O primeiro gesto para despossuir-se de predicados é o de borrar-se. Para isto, é necessário primeiro barrar o fluxo dos sintomas do ambiente no próprio corpo. Logo, a primeira ação é a de suspender o julgamento das cenas/discursos que nos atravessam no cotidiano para que seja possível tornar o sintoma comum, ou seja, é partir do princípio que aquele sintoma que julgo pode (e geralmente está) instalado no próprio corpo. Essa prática me fez perceber que são os afetos e intenções que regem cada gesto, ação e movimento do corpo e que estes contribuem para corromper ou potencializar procedimentos e métodos de um respectivo processo. Essa corrupção ou potencialização vai depender da natureza do afeto que impulsiona a ação, ou seja, se estes são bloqueadores ou potencializadores de um processo. Segundo Saflate (e as narrativas desse diário do corpo) existem afetos que nos bloqueiam e outros que nos transformam. Se no movimento que faço, se no gesto/ação que ensaio percebo que o combustível presente é o medo, a culpa, o ódio, a esperança, o espírito de vingança, a inveja, a bajulação, a carência, o ciúme, a mesquinhez... barro a ação até que seja possível borrá-la e a partir daí transformar-se em outra. Para que seja possível borrá-la é necessário estranhar a si, observar o gesto e o afeto correspondente, angustiar-se, escutar/conversar com a angústia e todas as sensações, fluxos de memórias, emoções, sentimentos que ela despertar. É tornar-se espectante do próprio processo de transformação de si através da mutação dos afetos/corpos. No caso do estado de corpo que escreve a si nesse diário, esse processo é mediado pela tomada de notas, gravações de voz e pelas próprias

materialidades que surgem da experiência do corpo que atua dentro e fora do contexto escolar. À medida que avançamos nesse processo de esgotamento de sintomas em nós, um novo modo de ação já começa a ser fomentado. É o momento em que a angústia/sintoma vai abrindo espaço para a expansão dos *lampejos*. E são justamente desses lampejos que surgem novas performances, ou seja, nascem materialidades, novos estados de corpo, dito de uma outra forma, é do desaparecimento de um sintoma que surge novas potências de ser. Vale aqui ressaltar que esgotar um sintoma não é resolver/esgotar uma questão, e sim gerar em si uma possibilidade de mudar de corpo, ou seja, de transformar o modo padrão que costumava/costuma lidar/agir em uma determinada situação. Não é a toa que a vida nos põe de volta numa mesma cena infinitamente, e é aí que está sua sabedoria. Cada repetição que a vida nos agracia não seria uma oportunidade de mudar a maneira como atuamos na cena?

Os procedimentos e métodos que fizeram de Magno, Pedra Homem; de Magno/Pedra Homem, Profeflor; e de Magno/Pedra Homem/Profeflor, Cabra Fêmea partem dessa mesma prática. Delleuze chama isso de *Corpo sem Orgãos*, que aqui traduzo como a prática de desterritorialização de si no intuito de desinstalar os órgãos (no caso, predicados, atributos) que mantém corpos adestrados/funcionais em sistemas de dominação biopolítica. É essa prática que faz com que o corpo consiga fluir, afetar e migrar do modo produtivo para as intensidades, da moral para ética, da melancolia para o delírio, do medo para o risco, da esperança para o motim, da antipatia para a empatia, da vingança para o perdão, da piedade para a compaixão, da brutalidade para a delicadeza, do modo *workalick* para o modo vidinha haikai, da rejeição para a aceitação, das obrigações para os lampejos, do devorar das horas para o devir sem tempo, da mentira para a verdade, do ódio para o amor, do poder para a potência, do real fabulado para a fabulação de novos reais. Mas que história é essa de fabular o real?

Fabular o real é reinventar os estados de corpo a partir da atenção aos fenômenos que ocorrem antes, durante e após encontros com corpos/ambientes com os quais troca informações. O papel da mente é o de observar, descrever, narrar e refletir sobre as acontecências. O corpo é o regente do contato com o mundo enquanto isso a mente reconhece e traduz

essas informações, ou seja, transforma a sabedoria desse estado de corpo, que nunca está pronto, em conhecimento. No **real fabulado**, ocorre o inverso, a mente é o centro, seus conteúdos passam a dominar corpos que se alienam de suas potências a partir da fixação, troca, barganha de predicados que mascaram a verdade sobre si e o mundo.

PAZ ADVERTE:

O ser humano é inseparável das palavras. Sem elas, é inatingível. O ser humano é um ser de palavras. (...) Somos feit_s de palavras. Elas são a única realidade ou, pelo menos, o único testemunho da nossa realidade. As palavras não vivem fora de nós. Nós somos o mundo delas e elas, o nosso. (...) Quando as palavras se corrompem e os significados se tornam incertos, o sentido de nossos atos e de nossas obras também é inseguro. Coisas e palavras sangram pela mesma ferida. (PAZ, p. 37-38)

POEMINHAS PESCADOS DE CONSELHOS E REUNIÕES

São Paulo, 19 de abril de 2018. U.E 2

"Eu olhei pra cara dela quando estava fazendo a prova e disse: tem aluno que tem uma empáfia, uma arrogância, que nesses momentos de prova se nota a bestialidade desse ser. Ela é a arrogância da ignorância em pessoa." (A. professor de geografia sobre aluna do 2º ano - homem cis branco, com aproximadamente quarenta anos, semblante caído e olheiras profundas, obeso, com problemas intestinais graves recém diagnosticados problemas, se posicionar na sala dos professores com um discurso de esquerda bem autocrítico, é a favor do Lula Livre).

"Essa aí não vai entender de nada nunca. O sistema vai engolir ela, e não adianta fazer nada. Ela tá presa no mundinho dela, não vai se emancipar." (Ainda sobre a aluna do 2° ano - A. professor de geografia, homem cis branco, com aproximadamente quarenta anos, semblante caído e olheiras profundas, obeso, com problemas intestinais graves recém diagnosticados problemas, se posicionar na sala dos professores com um discurso de esquerda bem autocrítico, é a favor do Lula Livre).

"Eu entrei na primeira aula e eles não paravam de conversar na rodinha. Parece que eles estão sempre na pracinha, não param de falar. Incomodou tanto a minha aula que tive que chamar a inspeção para tirá-los da sala. A inspetora se recusou e eu disse se ela não os tirasse, eu ia sair. É a turma de que não tem moral pra falar de mim." (Professor de História – homem cis branco, aproximadamente trinta anos, hétero, falta muito durante o bimestre, alega problemas de asma e justifica a ausência sempre por mensagens enviadas de um hospital quando na verdade o docente sofre com graves problemas de alcoolismo. Também se posiciona politicamente como esquerda e com discursos bem autocríticos).

"Do mesmo jeito que vocês não me querem, eu também não quero vocês. Só me relacionaria com raras exceções daqui." (Professora de biologia, mulher cis hétero, doutora, umbandista, filha de índio, trabalhou durante anos em um laboratório de análises clínicas. Luta para se aposentar, já estando aposentada).

"Antes de você falar o próximo nome da lista, eu já me benzi [...] Esse aí não tem consideração com a mãe que dirá com a professora." (Professora de Química, mulher cis, hétero, é conhecida como a mais "carrasca" e muit_s alun_s afirmam que não compreendem o que a docente diz, adora partido alto e tem a bibiografia da Rita Lee disposta ao lado dos diários de classe).

"- Esse menino não tem laudo?" (pergunta a professora de química)
"- Tem sim! Tem laudo de safadeza e preguicite aguda!" (responde o professor de geografia)

É possível mudar a educação sem mudar de corpo? Enquanto não nos atermos aos nossos corpos, suas sensações, afecções, memórias e traumas, a ponto de retornarmos ao lugar do sensível, continuaremos a operar feito Hitler enquanto citamos Paulo Freire.

São Paulo, 23/09/2015. U.E 1

"A piranhinha espalhou a água em cima do livro, e molhou tudo." (Professor de português, homem cis branco, gay sobre uma aluna negra do 6º ano do fund. II enquanto se chocavam com a questão do "bullyng" que estudantes praticam entre el_s. O professor adora música, toca e canta muito bem).

"Eles entram na aula que horas? As 7 da manhã, não é? Saem pro intervalo que horas? as 9:20, não é? Por que é que o aluno tem que sair mais vezes que isso? O aluno tem que tá mal, agonizando para ter direito a ir no banheiro ou beber água, entenderam? [...] precisamos aceitar os combinados que a maioria firma aqui, ou trabalhamos em equipe ou vai ficar cada vez mais complicado pra nós." (professor Jota Não Deixa sobre o descontrole das saídas da sala de aula. O diretor quem ocupou, como volta e meia faz).

"A solução para indisciplina do pessoal da noite é a suspensão, viu Jota?! Não tem outra." (diz a professora de artes).

São Paulo, 28/03/2017. E.E 2

"Onde é que a gente pega esses caras? É com o diário de classe. O diário é um registro a favor da gente." (Vice-diretor, homem negro, cis, presta concurso para delegado discursa sobre a função do diário de classe).

"Eu tranco tudo, porque tenho medo." (coordenadora, mulher branca, cis, justifica-se sobre o acesso a sala da coordenação).

"- Ela é completamente demente! Não é ofendendo, é porque o caso é extremo!" (diz o professor de física, homem branco, cis que já está aposentado sem poder se aposentar)

"- Mãe é igual. Eu acho que hereditário o negócio!" (responde a coordenadora).

" - Eu já disse aos alunos dessa turma: Eu não sou veterinária! Eu não sei trabalhar com animais irracionais" – disse a professora de matemática.

"- Os pais reclamaram na reunião que os professores gritam demais, por vezes insultam os alunos." (professora de português que mediou a reunião de pais de uma turma da manhã).

São Paulo, U.E 1

"Eu já desisti de pintar a escola. Vai ficar assim!" (Professor Jota não deixa, sobre o excesso de pichações).

"- O problema de repetência do Alexandre está no próprio DNA da família dele." (Professor Jota não deixa sobre o aluno que está cursando pela terceira vez o 9º ano).

"- Que bom que está chorando Angelo! É sinal de que se arrependeu, de que reconhece suas falhas e de que melhorar no próximo bimestre, não é?" – professora de português e inglês, mulher, cis, hétero, evangélica, diz que adora ler e odeia escrever para o aluno após expor suas impressões a mãe e aos colegas no conselho de classe).

- "Foi uma prova divina. Equipe unida, favorece o trabalho." (professora de inglês sobre a aplicação do SARESPINHO, simulacro do SARESP para alunos que não fazem SARESP).

- "Vocês brincaram, agora é a nossa vez. Se recusar fazer a lição da recuperação manda para a coordenação." (Coordenadora para os alunos que ficaram em recuperação de algumas matérias e tiveram que fazer de todas por decreto da gestão.)

"- O trabalho está sendo feito de qualquer jeito, um copia do outro." – (professora de inglês com ar derrotista sobre o "engajamento" dos alunos nos trabalhos de compensação de ausência).

São Paulo. U.E 2

"Só essa semana foram 73 alunos que chegaram atrasados. Teve uma do 3º ano que olhou pra minha cara e disse: Ué, mas a escola não é pra aprender? Então, a gente tem três anos pra aprender a chegar no horário." (Diretora, mulher cis, branca, espírita, que acha que racismo é vitimismo)

"Mas temos também que respeitar a opinião do aluno racista. É um direito dele opinar!" ***(vice-diretor homem cis, negro após censurar e retiras cartazes produzidos pelos alunos e pela professora da sala de leitura, mulher, cis, branca para a semana da consciência negra depois que alguns alunos contrários à causa colaram uma tarja escrita "mimimi" no material).***

Conselho de classe U.E 2 em 21/02/2017.

"Com a razão, ganhamos a causa em qualquer instância. Com a emoção, não." ***(vice diretor sobre as estratégias para não ser processado por pais e alunos).***
"Não responda ou bata boca com aluno. Manda pra mim que comigo não tem conversa, não tem negociação." ***– vice-diretor sobre os casos de conflito entre professores e alunos em sala de aula.***

"Quem manda na escola é o Estado e nós cumprimos normas." ***– vice-diretor sobre o papel dos professores.***

São Paulo, E.E 2 15/05/2018.

"Tem que selecionar quatorze alunos bons do primeiro ano, tem que deixar as tranquêras de fora dessa visita ao museu." ***(palavras da nova diretora, mulher, cis, branca, no segundo dia de gestão).***

São Paulo, E.E 2 20/03/2017.

"- Pra eles abrirem a garrafa de café e cuspirem não custa! – alertou a professora de química.
- Por isso tem que tomar muito cuidado com alunos na sala dos professores... É nesse minutinho que o pior acontece. Eu não confio em aluno. Na outra escola onde trabalhei, colocaram detergente e muitos professores passaram mal. Cuidado! Eles são maldosos. – acrescentou a coordenadora pedagógica."

"A antiga professora falou que aquele aluno desde os doze anos tem psicopatia. Toma remédio! Ela falou que a mãe diz que o que acontece na

escola é de responsabilidade do Estado.” (professora de química sobre aluno do segundo ano médio)

“Jamais! Jamais serei a favor do aluno.” (vice-diretor sobre as situações de “treta” entre professor_s e alun_s).

“Os do terceiro estão no primeiro e os do primeiro ainda no fundamental.” – análise do professor de física sobre o nível cognitivo d_s alun_s.

São Paulo, U.E 1 em 27/05/2015

“- É o maconheiro da noite! Tive vontade de socar ele!” (fala da coordenadora pedagógica durante a tentativa de discussão do tema “autoridade do professor”, conteúdo formativo decidido e do texto escolhido pela gestão).

“- Suspender pra eles é prêmio!” (professora de arte sobre alunos que tomam suspensão e falam para os pais que é dia de Conselho de Classe Participativo).

São Paulo, E.E 1. 30/03/2016.

“- Tem que premiar os bons.” (comentário da professora de inglês sobre a discussão proposta pela direção sobre gestão da sala de aula).

“- O aluno provoca vômito para mãe vir tirá-lo da escola!” (comentário da professora de ciências sobre estudante do sétimo ano).

“- Não é culpa da gestão, mas nós conhecemos a praguinha que você colocou aqui.” (Professor Jota Não Deixa falando do que disse a mãe do garoto do sétimo ano que provoca vômito para sair mais cedo da escola.)

“EEEEECA!” – comentário professor mediador sobre o ECA – Estatuto da Criança e d_ Adolescente.

Conselho de classe E.E 2 18/04/2017.

"- Essa aluna é mediana" – pontua a professora de sociologia.
"- Ah, colega! Como você é elegante! Mediana? Traduzindo: ela é burra! Uma jumenta! Uma jumentinha!"– pontua o professor de física e provoca risos quase unânimes.

"´- Os alunos não tem noção nem da matéria que você dá! Entre na sala e pergunte que matéria eu dou? Poucos vão responder. (professor de física)

"Eu tô ruindo, colega! Sabe Por quê? Uma aluna do primeiro ano abriu o caderno e me perguntou se aquilo que ela tinha anotado era o que eu estava dando. Colegas! Pasmem! Era caderno de biologia! Você tem noção?" – Professora de biologia provoca mais risos quase unânimes.

"- Brinca o tempo todo, se diverte, dá risada, conta piada! Ela é feliz, por isso essa nota baixa!" (Professor de educação física sobre aluna do segundo ano médio)

"- Dei um para não dar zero! – justifica professora de português.
- Dei zero para não dar um! – devolve em trocadilho o professor de física."

- "É uma sala que tem potencial, mas não sabe usar! Ops, sabe, né? Mas pra fazer coisa ruim!" – (professor de educação física sobre uma classe de segundo ano da manhã).

- "Aqueles quatro? Aquilo é uma quadrilha! Vou separar mesmo." – (professor de filosofia, homem, cis, hétero branco sobre alunos que conversam na sala de aula).

São Paulo, U.E 2, 19/06/2018

"É melhor investir naqueles que subiram no degrau, naqueles que dê pra salvar. Os outros, esquece. Foca nos que merecem." – palavras da nova diretora, ao reger o primeiro conselho de classe na U.E. (Mulher cis, branca, estudou em colégio de freira.)

"Melhor aprovar, pois, se o aluno entrar com recurso, ele ganha a causa." – orientação da nova diretora para casos de estudantes ausentes em processos.

OITAVA FLOR – O corpo macropolítico no corpo micropolítico do escolar: antimanual de desinstalação (I).

Os primeiros dias de contato com a musculatura rígida do modelo de gestão que administra as escolas estaduais em São Paulo foram suficientes para ocupar as minhas moléculas com questões que passaram a nutrir (e ainda nutrem) uma atenção constante a gestos e intenções que se tornou o principal modo de agir/ser de Pedra Homem nesse contexto. A cada encontro com sintomas, essa voz interna que me entrevista o tempo todo pergunta em que ponto da aventura humana na Terra desaprendemos a ver/escutar as palavras que lançamos no mundo diariamente? O que faz com que docentes e discentes confiem mais em ameaças nebulosas de um real que é fabulado e repetido conscientemente pelo modelo de gestão do quê na potência de seus corpos?
Percebo que desde que ingressei na rede pública paulista, a atenção às ações do corpo e as imagens mentais que são disparadas a partir destas, tem me presenteado com um repertório de procedimentos/métodos que foram se emancipando nos momentos em que existir nesse contexto tornou-se urgente. Essas maneiras de agir/ser repetem no contexto do escolar, alguns dos procedimentos e técnicas experimentadas antes de ocupar as salas de aula da capital paulistana, tendo as tomadas de nota, seja escritas ou gravadas em áudio, como principal instrumento de meditação sobre a própria atuação. No percurso da pesquisa, fui me encontrando com vozes que traduzem os princípios e natureza desse agir/ser Pedra Homem na rede pública do Estado de São Paulo. Uma das traduções mais precisas dessa linguagem desenvolvida nesses quatro anos de atuação é realizada pelo filósofo Sul-africano Mogobe Ramose na sua abordagem sobre *a filosofia e ética do*

ubuntu. Segundo Ramose, a ética do ubuntu investe contra a fragmentação do ser empreendida pelo pensamento hegemônico ocidental. Para o filósofo, uma das funções primárias da linguagem é quebrar o silêncio do ser, ou seja, somente se e depois da linguagem tiver quebrado o silêncio do ser é que é possível começar uma conversação com ou sobre o ser. As falas e perfis extraídos das tomadas de notas realizadas em pautas de reuniões e conselhos de classe ilustram bem os sintomas que condicionam corpos docentes e discentes a um sistema que propositalmente só estimula e produz "treta", isto é, conflito entre membros da base que compõe o escolar. Nesse ambiente, a comunicação entre as partes que legitimam a existência da escola tende ao embrutecimento. Percebe-se que tanto o prazer de lecionar quanto o de estudar bem como a empatia entre corpos vem sendo suprimida pelo desespero de passar de ano, de se livrar das redundâncias burocráticas e pela ânsia de folgas, feriados e férias. Esses sintomas nos sugere uma visão sistêmica do fenômeno cuja origem localiza-se nas próprias tensões entre os imperativos/instrumentos do modelo de ensino vigente e os princípios do escolar. A ocupação do tempo e espaço do escolar com redundâncias burocráticas que condenam docentes e discentes ao isolamento pedagógico; a lógica de resultados que desconsidera contexto e condições de trabalho; a escassez de recursos materiais; o estímulo a uma competitividade meritocrática; a fragmentação dos profissionais da educação que impede a possibilidade de construção de vinculo desses profissionais com colegas e alun_s e o modelo rentista de gestão que coloca a educação refém dos sistemas econômicos revelam essa invasão e mutilação de processos formativos que culminam na redução da potência do escolar. É possível perceber os reflexos desses sintomas na linguagem dos corpos e nas palavras que estes proferem. Nesse contexto de invasão ideológica, o maior desafio tem sido o de escolarizar a escola, ou seja, de contragolpear a desescolarização que o próprio modelo de gestão conscientemente tem investido. Mas como o *ubuntu* pode nos ajudar a compreender e a contragolpear esses sintomas que invadem o escolar? Mas o que é mesmo esse tal de *Ubuntu*?

Ubuntu é a origem da filosofia africana. É ela quem ancora a existência do povo africano no universo. Falar em ubuntu como princípio tradutor da minha experiência de atuar na educação em São Paulo é também afirmar o

re/encontro e reavivamento da própria ancestralidade como elemento expansão e potencialização do corpo docente/artístico. O *ubuntu* é uma categoria ontológica e epistemológica do pensamento africano do povo de língua banta, e sua origem dava significado e importância à interação humana praticada antes do nascimento do deserto do Saara. Quando falamos *ubuntu* pronunciamos duas palavras em uma. *Ubu*- evoca a ideia da existência de modo geral, ou seja, antes de manifestar a si mesma de forma concreta e específica. Como bem descreve Ramose, o *Ubu* aberto à existência é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, contínua, através de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, *ubu* é sempre orientado para um *ntu*, ou seja, para um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento que pode ser epistemologicamente distinto. Logo, o *ubuntu* não descreve apenas uma condição de ser, pois, também reconhece o vir-a-ser como uma potencialidade indissociável do próprio ser. Em um ambiente de dominação biopolítica como é o caso das escolas administradas pelo modelo de gestão do Estado de São Paulo, é recorrente perceber como corpos instrumentalizados operam na manutenção de uma narrativa fixa em que o conjunto de predicados são sustentados a custo de barganhas que se impõe sobre o *–ntu*, ou seja, às possibilidades do vir-a-ser que devolveria ao escolar a sua natureza experimental e a libertaria desse modelo que condena a escola a um permanente clima de antipatia, estagnação, medo, melancolia, chatice e arrogância. O que percebo nesses quatro anos é que os corpos tem uma profunda dificuldade de experimentar outros modos de ação, e esse sintoma sustenta a “eterna” dicotomia entre teoria e prática, pois, a linguagem praticada reforça o modelo de pensamento que prevê uma irreconciliável oposição entre *ubu* e *ntu*, ou seja, entre ser e vir-a-ser. Dito de outra forma, o modelo adestra, doma os seres, barrando as possibilidades destes se re/inventarem a partir da re/invenção da ação. Assim, os seres se distanciam de suas potências e passam majoritariamente a forjar/barganhar atributos e a enrijecer/blindar procedimentos e métodos. Neste caso, como bem afirma o filósofo, a linguagem cristaliza no imperativo que o ser vindo-a-ser precisa ser, isto é, tende a suspender o vir-a-ser e torna somente ser. Este ser, nesse caso, é a uma caricatura verificável do ser vindo-a-ser, que é tão previsível quanto

facilmente corruptível. Trata-se de uma ordem linguística que não é mais que a fragmentação e, portanto, a distorção do ser original. Essa ordem linguística será o principal elemento usado por Ramose para apresentar (em jogo de contraste) o *reomodo*, a linguagem filosófica do ubuntu.

Segundo o filósofo, reomodo é derivado de um verbo grego “rheo” que significa *fluir.* Diferente do sistema linguístico ocidental que impõe a divisão irrestrita e sequencial dos termos sujeito-verbo-objeto, a linguagem *reomodal* aceita o verbo (e não o sujeito e seus predicados) como ponto de partida. Esse modelo entende o verbo como um nome verbal, que é por dizer, um gerúndio, ou seja, a compreensão de que toda pessoa que é, está sendo a partir do fazer que a faz. Na visão ubuntu, o verbo não apenas pressupõe, mas é também a materialização/incorporação/personificação d_ agente. Esses estudos sobre a linguagem do *ubuntu* somados as experiências de Pedra Homem na rede de educação paulistana me levam a perceber que, de um modo geral, os predicados/atributos mais comuns à temporalidade fixa que ocupa ideologicamente as escolas que lecionei/leciono em São Paulo, não se sustentam quando narramos e descrevemos a maneira como os corpos atuam nesse contexto. A prática da tomada de nota como escrivivência repetida na primeira reunião de “professor_s”, isto é, quando algo em mim transformou a folha de pauta em caderno de anotações estava ali o gesto que inscreveria um “novo” modo de agir/ser naquele contexto. Esse procedimento foi que oportunizou Pedra subverter no próprio corpo-escrevivente, sistemas que adestram o escolar e a partir de então, emancipar métodos de caráter metalinguísticos que fabulam um novo real que atua na revelação do real fabulado pelo e que o próprio modelo tenta dissimular como verdade. Esse princípio do ubuntu pressupõe uma atenção/sintonia a tudo que possa abrir as fontes do ser, um gesto que nem sempre (ou quase nunca) deve ser entendido como sinônimo de consenso com determinada pessoa ou grupo de pessoas. O que a experiência me comunica é que para a linguagem reomodal se desenvolver é preciso haver uma conexão, uma harmonia entre as esferas pessoais e coletivas, uma unidade entre ordem e caos, razão e emoção.

Em *elementos para uma cartografia da grupalidade,* Peter Pal Palbert inicia uma conversa sobre o processo de re/invenção de comunidade com a afirmação de que cada indivídu_ poderia ser definid_ por um grau de potência

singular e, por conseguinte, por um certo poder de afetar e de ser afetado. Mais adiante coloca que *o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação* e também de *prudência.* Essa combinação aparentemente antagônica torna nítido uma questão que se repete dentro do modelo. Volta e meia somos convocad_s para encontros em que as decisões já estão tomadas e fixas, e nos quais a anuência é forçada e forjada pelos próprios imperativos do modelo. Dito de outra forma, nem sempre (ou quase nunca) nas vivências nas duas escolas da rede que atuei/atuo, as pautas coletivas são de fato coletivas. Na maioria dos casos, tudo muda para que nada mude, ou seja, tudo se orquestra para salvaguardar os interesses do próprio modelo de gestão, não do que é comum ao escolar. Por conta disso, que as práticas desenvolvidas nesses quatro anos sempre se engajaram no encontro com muitos desejos comuns ao escolar. Percebo que é o encontro com esse comum em crise e em estado de emergência, que impulsiona as performances de Pedra Homem. Mais adiante, o filósofo pontua que, *o comum contemporâneo é mais amplo do que a mera linguagem, dado o contexto da sensorialidade alargada, da circulação ininterrupta de fluxos, da sinergia coletiva, da pluralidade afetiva e da subjetividade coletiva daí resultante.* Em um ambiente em que clichês são confundidos com o comum, em que a percepção sensível do ambiente e as emoções são embotadas, em que a nostalgia de uma vida comunitária outrora experimentada é presente no discurso de colegas, em uma ambiente que estimula uma homogeneidade grupal que mais deságua em suicídio coletivo do que com uma união comunitária, a prática do *ubuntu* fez com que Pedra Homem se tornasse o que o Peter Pal chama de “solitário solidário”. Esse termo cunhado por Delleuze e ressignificado por Palbert traduz bem esse corpo-escrevivente que sustenta em si as tensões advindas da interação com o coletivo no intuito de se encontrar com as memórias inscritas e esgotar em si os sintomas que lhes são comuns. É esse modo de agir que permite esse corpo emancipar novas formas de existir e se relacionar com a heterogeneidade, a pluralidade e a distância de existências que nada tem a ver com esse desejo de fusão unitária, que pressupõe, como diz Palbert, *a pureza unitária, e que sempre se pode levar mais longe as exclusões sucessivas daquel_s que não respondem a essa pureza.*

87 TORÓ DE VOZES – registros de áudio pescados no caminho de volta da escola para casa (ou quando corpo docente entrevista escola como ressoa dentro de si).

Voice102.amr (24/10/2016)

Hoje tenho maior consciência da dimensão política das minhas práticas. Quando comecei a fazer, não tinha... é importante que essa dimensão não devore o processo, não se imponha a potência da ação...a criação, tanto na crítica ao processo... que a dimensão macropolítica não esmague a micropolítica presente na performance.

Voice103.amr (24/10/2016)

Que o amor seja a essência de toda ação.

Voice104.amr (24/10/2016)

Há de se observar o caráter libidinal das minhas práticas... elas se ligam ao prazer... a realização... ao corpo... tem a ver com aquilo que a Fernanda falou sobre a importância do sexo na manutenção da exuberância do corpo...me remete também a experiência com o tantra.

Voice105.amr (24/10/2016)

O pater poder e o pensamento político teológico temem o amor... tudo se orquestra para o esfriamento das paixões... para o abatimento da exuberância sexual... A percepção que tenho é que eles temem o que mais desejam.

Voice106.amr (24/10/2016)

O sentido do amor está no corpo... uma febre que gera gozo...palavras...como a sexualidade potencializa a expansão do corpo-palavra... essa coisa da oralidade e do corpo me atrai para a filosofia africana. Alegria...tesão...gozo...são palavras que assustam o sistema.

Voice107.amr (24/10/2016)

A suspensão do julgamento e a aceitação das perdas... perda de poder...perda de atributos...o acolhimento disto...abraçar a perda...a perda de poder...a perda de atributos...cada vez mais.

Voice108.amr (24/10/2016)

A dimensão política da subversão do gênero... como essa questão desarticula o pater poder e o pensamento político-teológico...Experimentar mais! Experimentar mais!

Voice109.amr (24/10/2016)

Olhar para a dimensão política do amor... perceber como ele atua no reavivamento das paixões...na produção de presença...na materialidade...no sentido... na alegria...no tesão... no prazer teórico.

Voice110.amr (24/10/2016)

Escola é uma palavra de gênero feminino, mas o princípio do seu pensamento, do seu modelo de escolarização é machista... o pater poder e o pensamento teológico-político é dominante...não seria oportuno inventarmos uma mater-potência-profana para resistir aos ditames desse modelo?

Voice111.amr (24/10/2016)

Poder: palavra de gênero masculino... potência: palavra de gênero feminino...Preciso ler a Ana Thomaz?

Voice112.amr (24/10/2016)

Sobre a performance da Samantha no Conselho de Classe... a professora queria delatar naquela estrutura autocrática, o comportamento machista de um aluno em relação a uma colega de turma que não toma tais atitudes como abuso... A performance da Samantha era extremamente patriarcal... a partir do poder que ela tinha como professora, membro de uma bancada privilegiada, queria expor de forma extremamente autoritária a sua percepção... a delação do machismo percebido no comportamento do Jonatas ia ser feita, epistemologicamente (será que essa é a palavra adequada?) com o mesmo

método usado pelo *pater poder.* Não haveria subversão do método, e sim repetição.

Voice113.amr (24/10/2016)

Desconsideraram a figura da mãe... aquela senhora alta, de cabelos presos, saia longa...corpo retraído...comedido... e semblantes duros me comunicava que era uma evangélica ortodoxa que estava ali no conselho de classe. Essa senhora comunicava através da performance que o machismo era um dado estável em seu corpo. A presença física e os gestos da personagem legitimava o discurso do pater poder. Havia uma identificação narcísica por adesão a fala do diretor. Eram gestos que denunciavam total obediência àquela figura de autoridade que violava direitos. Já a Samantha, professora de ciências, uma feminista engajada, comunicava com a sua presença, uma identificação narcísica por aversão, por oposição ao pater poder. Sua perna esquerda era uma eficiente britadeira. Seus gestos eram extremamente reativos, e comunicavam um desejo de destruição total da figura do diretor e do adolescente que queria denunciar na presença de todos que estavam naquele arco do proscênio. Seu mal-estar era, para mim, bem familiar. Estava presente a memória do afeto de quando o meu corpo desejou loucamente matar o meu pai.

Voice114.amr (24/10/2016)

Consciência e criatividade...uma é masculina e a outra feminina?...será que é isso que falta a consciência?... criatividade... Tentamos concentrar tudo na energia masculina? Não é uma feminilidade, nem um feminino do ponto de vista sócio-cultural-político, mas a qualidade de energia que emana do universo. A potência de gerar, de criar... a potência para gerar vida.

Voice115.amr (24/10/2016)

Quanto ao palavrão... essa história de que “professor tem que dar exemplo”... quando não tensiono a relação que é construída com o uso do palavrão, desperdiço a potência comunicativa e afetiva que tem no uso do palavrão, tem muito afeto colocado no palavrão... a questão é perceber no gesto qual a intenção que está presente no uso do palavrão, sem julgamento. O palavrão

pode comunicar para mim, por exemplo, uma apropriação da aprendizagem. Várias vezes quando os alunos tem acesso, quando eles encontram o absurdo do texto, eles costumam saltar um: *"Caraio, fessô!".* Palavrão, não é?... Às vezes, eles materializam uma indignação com um: *"fi da puta!"*. E aí tem uma tensão bastante oportuna para mais uma aprendizagem... é quando encontro uma fissura para perguntar se é justo responsabilizar as putas por tamanha escrotidão...É assim que a gente tensiona ainda mais a questão e aprofunda a leitura de mundo... então assim, eu não vou ser exemplo de hipocrisia, não gente!... Vou ser exemplo, mas de quê? Eu nem acho que professor deve ser exemplo... nem percebo que funciona assim... Percebo que os alunos vão encontrar desejos comuns e alguns professores, e em outros não. E isso é impermanente... Muitas vezes esse encontro ocorre apenas nas propostas que convém a eles, né?! Que no máximo, vai me ver como referência de algo, ou como um parceiro de alguma experiência, de algum acontecimento que aconteceu nele... acontece quando os dados presentes no meus gestos, no meu corpo, na minha performance que advém das minhas experiências de vida, das minhas leituras se cruzam com os dados que eles trazem no corpo-ambiente deles. Alguns dados são mais estáveis e outros não. Quando há essa troca, há experiências que podem ampliar o repertório de narrativas que eles levam para casa, que eles poderão levar para a vida toda. O palavrão muitas vezes é uma chave que abre a possibilidade de haver essa troca e de comunicar essa troca... entre o moralismo e o potencial comunicativo e criativo do palavrão, eu fico com a potência não com o moralismo, tá? Não vou ser exemplo de nada, tampouco de hipocrisia! Não vou mesmo. Beijo pr'ocês.

Voice116.amr (24/10/2016)

O momento agora na escola é de cada vez mais se aproximar, se encontrar com as bases... não de violentá-la, porque quando é conveniente, todo mundo, professores e até a gestão, compulsoriamente se engajam e engaja a base. Mas, isso não é construído na base do amor, e sim dos interesses... dos interesses corporativistas... enfim, não se desinveste nesse poder para potencializar potências criativas, e (pausa) e quanto mais isso ocorre mais se distancia da base, né?!... Eu tô falando da relação professor e aluno antes de

tudo... não esquecer o modelo, mas inverter a lógica, ou seja, transformar esse tumulto impossível em um acontecimento possível.

Voice117.amr (27/10/2016)

O exercício do perdão tem se revelado como um potente exercício de resistência. Perdoando, ao mesmo tempo, você pratica a compaixão e autocompaixão. Você perdoa tanto os colegas quanto os alunos que repetem e insistem nesse modelo, porque sabe que você já repetiu e não está isento de repeti-lo.

Voice118.amr (27/10/2016)

As contingências que nos desafiam a criar novas possibilidades de fazer, de ser... contingências não são problemas a serem resolvidos, e sim desafios pra gente criar nossas linhas de fuga... inventar nossas linhas de fuga; não de fuga do problema, mas linhas de fuga que nos faça enxergar inclusive que aquilo que está na nossa frente não é um problema, e sim uma dimensão... um olhar que lançávamos sobre ele.

Voice119.amr (27/10/2016)

Período composto por coordenação e subordinação. E se Pedra Homem ampliasse a percepção semântica e compartilhasse também o sentido macro e micropolítico dessas palavras? O que pode ser composto por coordenação? O que pode ser composto por subordinação? Seríamos capazes de compor períodos por emancipação? E se pudéssemos criar uma gramática em que o conteúdo linguístico viesse integrado a um conteúdo político?

Voice120.amr (30/10/2016)

O tempo inteiro eles se excedem, eles cometem excessos, medidas, excessivas, abusivas, e sustentam a gosma da aparência de que são plausíveis.

Voice121.amr (31/10/2016)

Pedra Homem não é apenas visto como uma ameaça ao sistema de escolarização, mas também pode ser lido como uma ameaça ao modelo

conservador de família. Esse tensionamento que faz com que a Bruna oscile tanto entre assujeitamento e emancipação parte dessa figura da mãe... do poder que a mãe exerce sobre ela. Logo, Pedra Homem se tornou também uma ameaça à conservação do modelo neoliberal conservador vigente no núcleo familiar da aluna.

Voice122.amr (31/10/2016)

O silêncio que compartilho com o ambiente não é de arrogância, nem de tristeza. O silêncio é um gesto de nobreza. É um silêncio exuberante que pode inspirar medo, pois, nesse vazio ninguém é dono de nada. Então, esse vazio comunica o quê?... Sim, eu sinto que para eles é muito difícil lidar comigo, lidar com minha presença na escola. Eu compreendo que seja duro para eles, porque nesse meu vazio e a serenidade que compartilho com o ambiente não dá abertura para assujeitamentos, eles não acham espaço para se apoderar de minhas práticas. Os rostos, por vezes, me comunicam uma angústia que parte de um não saber o que se passa comigo. De uma dificuldade de prevê minhas ações. De um desconforto de lidar com o imprevisível. Pedra Homem é um ser que bagunça essa exatidão, esse cálculo, esse controle de uma racionalidade predominantemente demonstrativa... Lidar com isso não é simples. Claro que eles devem ser informados sobre minhas práticas, até porque não me escondo. Eu apenas não encontro ali espaço para narrá-las.

Voice123.amr (31/10/2016)

O que me faz pensar que o silêncio que eu compartilho no ambiente é nobre e o silêncio da gestão como vil?... Perverso? Por quê? Por quê?(pausa) Porque quem investe o tempo todo no medo, na ameaça, no insulto... quem se vicia na prática do vínculo social pelo medo, pela culpa, e também pela esperança (afeto correspondente direto do medo) e pelo ódio... sim (pausa)...torna incomunicável para si e para o outro a nobreza do silêncio que compartilha. (pausa) Essa ameaça não me pertence... o que cabe a mim lidar é olhar e acolher os riscos que emanam da tensão entre essas diferentes formas de lidar com os silêncios.

Voice124.amr (31/10/2016)

Gestos sutis comunicam a conivência... a adesão (mesmo que seja temporária, menos estável) ao modelo... gestos sustentam um conforto, um consenso... são pequenos gestos, como por exemplo, o corpo/falante do Jorge que em um gesto tão severo quanto bonachão ao responder a professora Jéssica: *Ah! Aluga um helicóptero para vocês chegarem no horário*. Quando ela tentou esclarecer o atraso no primeiro horário em virtude do horário do término do curso de ingressantes realizado até ao meio dia e meia. O corpo que rodava o cafezinho no copo, o olhar não dirigido à professora e o sorriso compartilhado a mim solicitavam a adesão ao que era comunicado. A própria ocupação do espaço dos professores na hora do intervalo com uma camaradagem opressiva comunicava um gesto de poder. Percebo cada vez mais que os interesses do modelo se nutrem da repetição dos gestos e afetos, mais que das palavras. Os gestos, os afetos e as palavras se desencaixam e se perdem no espaço. E esse abismo sem escuta... Eis a importância em manter a neutralidade dos gestos em momentos em que força-se um tipo de coopção como esta. É com um gesto sutil, um leve sorriso de canto de boca, um olhar que se pode comunicar e falsear para nós mesmos o que é comunicado ao modelo.

Voice125.amr (01/11/2016)

Viver é um risco... Viver é um risco... E a vida não existe... Ela não se materializa sem a emancipação. Ela perde vitalidade. Você deixa de ser um vivente e vira um sobrevivente, né?! Você éé... você éé... fica a mercê de uma sobrevida. Não vive. E...(pausa) Viver, né?!... quando há predominância de afetos bloqueadores como o medo, a culpa, o ódio...e somados a isso as relações de poder...teremos um circuito de afetos que vai bloquear o quê? A vitalidade. A vida. E em qualquer lugar que essa potência se manifeste, vai haver o quê? Um campo de força que se orquestra para esmagá-la. Haverá um maior investimento em poder para esmagar a vida. Então, por exemplo, os meus atrasos são ambivalentes...é dialético, pois, ao mesmo tempo que para a estrutura burocrática, e para muitos alunos também, soa como um descompromisso com a educação, o que pulsa em meu corpo não é isso... Não é isso... Existe uma série de variáveis, de pulsões, que fazem com que essa minha ausência ou não frequência aconteça. Claro! Questões singulares; questões das minhas questões, né?! Questões do meu corpo-ambiente com o

próprio ambiente... a minha dificuldade de organização...então, entre perder a vitalidade...entre perder a potência de vida e o primeiro horário, eu acabo sempre perdendo o primeiro horário...Lógico, ao mesmo tempo que é uma fraqueza, sim, pois eu estou à altura desta dificuldade, sim. Não me mudei para perto da escola à toa, assim que me mudei para São Paulo, mas em compensação é essa fraqueza que preserva a minha potência de vida. (Atchim! Atchim!). Enfim, potencializa a minha potência... Pois bem! quando eu penso que vou ter que chegar em um espaço onde não terá um almoço, onde não terá nenhuma possibilidade de um almoço saudável por perto... muitas vezes entre perder o primeiro horário e fazer uma refeição com dignidade, eu escolho perder o primeiro horário. Algo que está em mim, que vai se organizando, escolhe, pois eu não determino isso, eu sigo no fluxo. Isso vai acontecendo, há um esforço em equilibrar essas forças, mas chega a um limite que tende mais ao atraso cronológico. Eu aceito, assumo e afirmo...e muitas vezes... por exemplo, no conto que compus que diz que “nos olhos do possível todo trem parte sem pudor”...há a imagem do peito do pé que estapeia o piso de borracha... é isso... desse lugar que falo... desse correr para pegar o trem...pegar outro ônibus que me possibilite chegar no horário...a chance de ‘resolver’ essa demanda é a possibilidade de remoção...E outra coisa, né?! ... Existe um privilégio dos professores em relação aos alunos quanto ao horário de chegada. Todos os professores tem a chave dos portões. E aí o que acontece... os portões , né?! ... aliás, a lei que nos é imposta diz que os alunos podem entrar até à uma e dez, assim como os professores. Porém, quando dá uma e cinco da tarde, eles fecham. Na maioria das vezes que atraso, eu me encontro nessa mesma situação vivida pelos alunos e alguns pais que até tentam, mas, como nós também não encontram espaço para argumentar. (pausa) O estranhamento... olha, a vitalidade, a alegria, exigem a aceitação do caos, aceitação no sentido de uma atenção ao caos, não de um controle ou de uma reação por oposição imediata ao caos... estar sempre atento a um caos que é fruto do encontro com o modelo, mas que o modelo não assume por ser moralista, autoritário, então para ele, convém, esmagar alguém que destoa dele, e manter a gosma da aparência... ou seja, se amparar em uma medida burocrática, uma lei, um decreto, por exemplo, que diz que o professor não pode faltar x aulas na mesma turma e etc... quando o que está ali, como diz o

Safatle, é o afeto. O combustível do gesto é sempre o afeto, ou seja, se eu cooptasse, ou seja, se eu tivesse um repertório de gestos, de ações, que comunicasse que eu coopto com o modelo e com suas práticas, certamente, o afeto seria outro. Ou seria o mesmo afeto, o medo e a esperança? Será que eles já não tem esperança em relação a mim, é isso? Sendo assim, eles retornaram para o afeto correspondente, que é o medo. O medo. Bom, se isto acontecer, se eles decidirem me expulsar, mais livre para escrever eu estarei. Talvez seja isso que a natureza auto-organizadora da vida esteja apontando para mim. Ou seja, tomar distância do ambiente, me desligar dele, isto é, aceitar, acolher essa possibilidade de esmagamento que pode ser o anúncio de um suicídio ainda mais criativo.

Voice126.amr (01/11/2016)

Quando a gente começa a aprender a vida é muito difícil retornar... Não!... éé é...Quando a gente começa a aprender a vida, a gente começa a expandir e a expansão assusta...essa expansão assusta...assusta inclusive os alunos, pois, com o modelo, eles tem aprendido mais a sobrevida do que a vida.

Voice127.amr (01/11/2016)

Eu sou afetado, claro! Eu considero todas essas contingências, acolho, escuto o que eles dizem, escuto o que eles falam...percebo, considero...sou afetado, mas não barro a vida. Tudo isso é alimento pra vida... eu torno alimento, não pesticida... não um agrotóxico pra vida. (pausa) E isto tem um preço. (pausa) Quando você compreende que o dinheiro não pode ser mais importante do que a vida... o dinheiro nunca pode ser mais importante do quê a vida. Então, você assume muito mais riscos... Você se permite a morte. E aceita a morte; a morte das formas. (pausa) Ah! O que é que eu vou fazer? Não sei. Não sei mesmo. Vou contemplar o desmoronamento da casa... Vamos lá!

Voice128.amr (01/11/2016)

Eu olho sempre para o afeto que me move. Então, qualquer justificativa que eu venha dar... porque é assim, se a comunicação burocrática opera dessa forma, sem espaço para a expressão, e é esse espaço de desubjetivação, de assujeitamento...Logo, se eu ensaio um gesto em que eu venha dar alguma

justificativa, dar algum amparo lá para a coordenação, para a direção e percebo que o afeto presente ali é o medo, ou a culpa...ou o ódio...eu borro o gesto. Eu percebo que ele é impotente. Desinvisto. E a mesma coisa eu faço com os alunos, se vejo que o gesto é de controle, de poder... por medo...vááárias vezes eu borro o gesto. Cada vez mais.

Voice129.amr (01/11/2016)

O exercício da compaixão acontece de maneira muito tranq... muito natural, porque eu já tive no lugar deles...no lugar do outro, da Eliana, principalmente, e da Fátima...Eu sei... Eu já estive nessa... não assim...o nível de cartesianismo e de racionalidade demonstrativa era bem menor que o daqui, mas essas questões já pulsavam em mim lá em Salvador, só que na zona de conforto eu não conseguia tanto borrar o gesto... Eu conseguia até borrar, mas não mobilizava ações que me satisfaziam tanto, pois, havia uma porção de culpa... Chegou a um ponto que eu não estava mais... estava insatisfeito... Sentia que a minha potência estava muito assujeitada ao modelo de lá... Era um modelo mais aberto, sim, mas eu precisava de um espaço antagônico... Eu precisava da morte... Exatamente... matar a forma, pois, existia um assujeitamento por lá também. (pausa) Era um apego... o apego a esse amparo... Eu estava muito confortável, apegado à figura de Judith, Cristina... Era uma relação baseada na confiança, na alegria... a alegria era o grande afeto, mas ainda assim, existia questões em mim que me mantinham apegado, como por exemplo, a relação com minha mãe e meu pai e como eu a transferi para a minha relação com Judith... Questões que me inquietava e ao mesmo tempo me fazia manter certo apego a essa zona de conforto... Pois o que estava ali dentro muitas vezes não tinha partilha, não havia como compartilhar em outros espaços... tínhamos uma coisa assim de sempre estarmos juntos... estávamos sempre juntos, e eu sentia necessidade de me descolar, me distanciar. De experimentar esses afetos de longe. Em outro lugar.

Voice130.amr (01/11/2016)

Pra que esses afetos não me intoxicassem, pois, acabam ficando tóxico.

Voice131.amr (01/11/2016)

Cadê o sentido da palavra *corpo* quando se fala em corpo docente e corpo discente?

Voice132.amr (08/11/2016)
Pedra Homem é esse personagem que inventei para mim mesmo, não é?
Logo, cabe apenas a mim, realizá-lo.

Presidente

São Paulo, junho/2016.

- Fessô, o que é um deputado? – disparou o aluno no peito do professor de português que preenchia quadriláteros miúdos.
Baqueado pelo encanto da pancada, o educador até ensaiou uma explicação, mas logo caiu em si, e colocou-se ignorante diante do jovem sábio:
- Ah, você sabe tão bem ou melhor que eu, né?!
- Oxe, como assim, fessô?
- Ké vê! Imagina só se essa escola fosse o Brasil? Diga aí, quem seria o presidente?
- O diretor! – respondeu na bucha, e nesse contracanto seguiu o menino.
- E o vice-presidente?
- A vice-diretora!
- E os senadores...
- Já sei! As coordenadoras!
- Hummm, ok. E agora, quem seriam os deputados?
- Os inspetores?
- E os ministros?
- Os professores.
- Uau! É mesmo!
- Pois é, fessô! O sinhô estaria no ministério de português, né?
- Nossa! Que responsa, hein?!
- É mesmo, fessô!
- Então, todos esses cargos devem representar os interesses de quem?
- Do povo.

-E quem é o povo dessa história que escrevemos agora?
- Nós, os alunos?
- E quais são os interesses do pov...digo, dos alunos?
- Aaaah, bagunça, né?!
- Hummm...faz sentido! A vida é mesmo essa coisa que se bagunça e vai se auto-organizando. Mas nesse país-escola que inventamos todos os dias, qual o direito devemos fazer valer?
- Hummm...Ah, já sei! o de estudar, né?!
- Sim. E então, essa organização tem cumprido direitinho com esse dever?
- Ah, claro que não, né fessô?
- Ué! Por quê?
- Ah, porque qualquer coisinha que nóis faz aqui, a maioria dos ministros, manda a gente pra sala do presidente. Eles só sabem dar dura na gente. Nem escuta nóis, e sai dando advertência e suspensão. Quando nós diz que é injustiça, o presidente fala que ninguém vai acreditar na gente porque ele é o presidente e diz que nóis que deve obedecer as ordens dele. Às vezes, nóis tá na sala numa boa e ele entra gritando com a gente sem necessidade nenhuma. No conselho de classe , eles faz a gente passá a maior vergonha, denuncia nóis pros pais, que depois bate no nosso bumbum achando que só nóis que erra. Nóis nem pode ir no banheiro, nem beber água quando dá vontade. Os senadores, os deputados e a maioria dos ministros sempre obedece o presidente, mesmo sabendo que muitas das vezes ele que tá errado. Assim não tá certo, fessô!
- Humm... E então, é possível mudar?
- Dá sim, fessô! Se os peixinhos se juntar, o tubarão morre de fome, né?
E o professor viu o poema que declamou em fevereiro brilhar nos olhos de junho.

NONA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico do escolar: antimanual de desinstalação (II). – a descoberta da maiêutica e da ironia.

Foi no segundo semestre de 2016, durante as oficinas livres da Cia. Antropofágica de Teatro que me deparei com um dos procedimentos emancipados (e mais usados) pelo estado de corpo em escrivivência no

contexto escolar. Realizávamos a primeira leitura do texto *Liberdade, Liberdade*, peça escrita por Millôr Fernandes e Flavio Vianna, e encenada originalmente no ano de 1965, em plena ditadura militar. As páginas foram divididas por grupos e a cena que parou em minhas mãos foi a do julgamento de Sócrates, filósofo grego preso injustamente, que ao ser acusado e condenado por “corromper”, “doutrinar” jovens, se dispôs a realizar sua própria defesa no tribunal.

“Sócrates: varão de Atenas, soldado, pensador e místico. Condenado a morte em 399 Antes de Cristo, poderia ter-se libertado com um pedido de clemência. Preferiu a cicuta. Seu julgamento, com palavras textuais de Platão, termina aqui:” (fragmento do texto da peça *Liberdade, Liberdade)*.

O método utilizado por Sócrates ao disparar questões simples a Meletos, seu opositor, e com isso levá-lo ao encontro com contradições presentes em ideias tomadas e defendidas como verdade, era o mesmo presente na minha memória mais atualizada de corpo docente. Me perceber na figura desse personagem condenado a morte foi avassalador. Estava ali, na performance de Sócrates, a maiêutica e a ironia, dois recursos de linguagem que já faziam parte do repertório de Pedra Homem na sua ginga em favor da produção de presença em ambiente antagônico à sua existência ambígua. Até então, não havia dado um nome a essa prática, assim como não havia nomeado inúmeras outras paridas dessa experiência de lecionar em São Paulo. Em Salvador, corpo-Magno, usava um procedimento similar que chamava pedantemente de “roteiro de provocações”. Este consistia em um conjunto de perguntas elaboradas e escritas antes do encontro com estudantes. A maneira como planejava essas questões estava impregnada do corpo que as performavam. As perguntas já vinham organizadas em um circuito fechado previamente que impelia e/ou mascarava a escuta d_ interlocutor. Eu forçava o interlocutor a olhar com o meu olhar. Por mais que naquela época confiasse no método como adequado aos processos, o corpo era outro. O corpo instrumentalizado, apegado a predicados e pouco presente. Um corpo ávido a resolver o que apenas precisava ser tensionado. Não havia risco. Não havia febre, nem delírio.O corpo Pedra não elabora questões previamente como se quisesse prender o leitor na sua teia, sem contato com os corpos. Elas se constroem a partir do jogo com o interlocutor e do corpo em contato com o ambiente. É da

escuta das respostas do outro, é no ressoar de sua voz em Pedra que as questões vão surgindo organicamente. A intenção é de chegar junto com o interlocutor a verdade, mas sem atropelar o seu processo de construção e revisão do pensamento com a arrogância que sabotava a potência do método, pois, mesmo sem perceber, assujeitava a inteligência d_s alun_s quando não me permitia desviar de roteiros pré-concebidos.

Segundo, Ana Lúcia Santana, mestre em Teoria Literária pela USP, a **Maiêutica** foi desenvolvida por Sócrates no século IV a.C. Através desta linha filosófica, ele procura dentro do ser a verdade. É famosa sua frase “Conhece-te a ti mesm_”, que dá início à jornada interior da Humanidade, na busca do caminho que conduz à prática das virtudes morais. Através de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a Maiêutica dá à luz ideias complicadas. O filósofo busca o conhecimento através de questões que revelam uma dupla face – a ironia e a maiêutica. Através da ironia, o saber sensível e o dogmático se tornam indistintos. Sócrates dava início a um diálogo com perguntas ao seu ouvinte, que as respondia através de sua própria maneira de pensar, a qual ele parecia aceitar. Posteriormente, porém, ele fazia com que este percebesse por si mesmo a esterilidade de suas reflexões, de suas contradições, levando-o a admitir seu equívoco. Sócrates usava uma metáfora inspirada na profissão de sua mãe, que era parteira. O ato de trazer uma vida à luz era similiar a verdade, que para Sócrates, também precisava ser parida.

A miêutica, a ironia, bem as acontecências (happinings) são procedimentos que construíram o acervo basilar das práticas metodológicas de Pedra Homem dentro e fora do contexto escolar. Essa metodologia potencializa as possibilidades de desvio do sistema explicativo de assujeitamento das inteligências tão criticado pelo filósofo Jaques Rancière. Em *O Mestre Ignorante*, Rancière afirma que a explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. Ao contrário, é essa *incapacidade,* a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. No episódio que inspirou a narrativa *Presidente*, em que o Lucas, um garoto de 14 anos me pergunta o que é um deputado, está presente o gesto de borrar o corpo explicador e se inserir no lugar de mestre ignorante. No corpo desse aluno já estava inscrito inúmeras experiências na micropolítica vivenciada no ambiente escolar que ele

mesmo poderia traduzir para si e chegar à resposta de sua questão sobre como se orquestra o modelo macropolítico brasileiro. Se colocar ignorante nos dá a oportunidade de perceber o quanto o modelo que nossos corpos acostumaram a servir subestima a inteligência d_s estudantes. Está aí a principal diferença entre o corpo-Magno e o corpo-Pedra, o primeiro tende mais a explicar, e o segundo a ignorar, ou seja, a sair de cena propositalmente para que _ alun_ possa descobrir e traduzir para si mesm_ o que já sabe. Segundo Rancière, o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato pedagógico, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto — somente agora tem início o ato de aprender; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar. As experiências me comunicam que o papel e a urgência do corpo docente estão em inspirar pessoas a parirem a si próprias, e para que isso seja possível, é necessário borrar no próprio corpo os procedimentos que corroboram com o que Ranciere, ao evocar Jacotot, chama de princípio de *embrutecimento*. Para o filósofo francês, *o embrutecedor não é o velho mestre obtuso que entope a cabeça de seus alunos de conhecimentos indigestos, nem o ser maléfico que pratica a dupla verdade, para assegurar seu poder e a ordem social. Ao contrário, é exatamente por ser culto, esclarecido e de boa-fé que ele é mais eficaz. Mais ele é culto, mais se mostra evidente a ele a distância que vai de seu saber à ignorância dos ignorantes. Mais ele é esclarecido, e lhe parece óbvia a diferença que há entre tatear às escuras e buscar com método, mais ele se aplicará em substituir pelo espírito a letra, pela clareza das explicações a autoridade do livro.*

Delação Premiada

São Paulo, 1º de setembro/2016

- Boa tarde, professor! Você pode me acompanhar a sala de coordenação, por favor. – disparou ao corpo que tinha acabado de atravessar o portão de entrada, a vice-diretora vestida de um tom polido e denso enquanto contornava para trás da orelha a franja que nem havia se desprendido.
Cada percutir comedido do salto da ex-professora de matemática sobre o piso me martelava de curiosidade. Não tinha(como em nenhum dos b.o's) a menor noção de qual seria a pauta que justificaria aquela condução tão ritualizada.
- Por favor, sente-se professor! – me indicou com um gesto sutil e educado para uma cadeira vazia rodeada por três corpos discentes do nono ano e pela coordenadora que sentava na mesa a frente.
- Então professor! Gostaríamos que você escutasse o que esses alunos querem te dizer, mas estavam com vergonha de expor em sala.
- Tudo bem! Pedra na escuta! – disse com sorriso sereno e um arrepio nos olhos.
- Éé...ééé...éé´como posso dizer!... – gaguejou o aluno que mal conseguia se encontrar com os olhos de Pedra.
- Então, digam o que vocês disseram pra nós! – disse a gestora com os olhos mirados para o aluno que cada vez que olhava para a ex-professora tentava disparar palavras que pareciam barradas por constrangimento atípico àquele corpo.
- Ééé.. então, professor é... éé...é que a gente veio aqui pra dizer... ééé... que o senhor tem que impor mais respeito na sala...
- Ué! É isso? Mas essa pauta volta e meia já tivemos na sala, não?
- O que eles disseram professor, é que tem alunos que te xingam e o senhor não faz nada. – tomou a palavra a gestora.
- Me xingam é?
- É professor! Diz que o senhor é viado! – disparou quase sem voz o aluno que melhor traduzia o corpo de Pedra aos quatorze anos. Um corpo que o tempo inteiro policiava gestos sinuosos para não ser apontado, mal tratado e excluído do convívio com colegas da escola.

- Oxe? Mas isso pra mim não é xingamento, é orgulho! E eu já desenhei isso pra vocês de inúmeras formas, não?! Só não entendo o porquê de ocuparmos a sala da coordenação e o tempo da gestão com uma pauta que está sempre aberta a escuta e ao diálogo nas nossas aulas de felicidade.
- Ééé... que... – Se entreolharam os dois alunos enquanto no centro a colega negra de sobrenome congolês cruzava os braços e mal conseguia olhar para os dois meninos.
- Bem, podemos subir e tornar público esse debate com os demais colegas de vocês? – levantou-se e dirigiu-se a sala, acompanhando _s alun_s que mal conseguiam disfarçar apreensão.
Ao entrar na sala, o corpo docente mudou a posição da primeira carteira da fila e a turma o imitou se engajando na instauração do fórum. Com as carteiras frente a frente, a voz docente, pôs-se a falar.
- Boa tarde, amores! A vice-diretora me chamou à coordenação para conversar sobre uma questão levantada pelos colegas de vocês. No desenvolver da cena, percebi que a pauta levantada envolve a nós todos e diz respeito, especificamente, ao modo como temos construído a nossa relação nas aulas de felicidade .
- Eeeeta... O que foi, hein? Ké ki esses X-9 foram caguetá, hein? – ecoou uma voz revoltada do fundão.
- Caaaalma, Maurício! Bem, a pauta levantada pelos colegas de vocês procede e reflete na maneira como alguns de vocês volta e meia questionam os métodos de Pedra e a maneira como atuo em sala, não é?
- Afff, fessô! Nada a ver! Eles ficam bajulando a direção e a coordenação só pra receber elogio no conselho de classe! Falo mermo!
- Enfim, Carolina, o fato é que sei que não sou uma unanimidade, nem tenho pretensão de ser, mas vejo nessa experiência uma bela oportunidade de ocuparmos esse bimestre com a pauta levantada por esse episódio.
- Como assim, fessô! Cê vai ser demitido?
- Calma, Pedro! Apenas quero dar a oportunidade de vocês avaliarem a minha regência, os meus métodos através de uma votação.
- Oxe? A gente vai votar? Em quê? Como assim?
- Me digam aí, qual foi o evento que ocupou e ainda ocupa os noticiários desde ontem?

- Ah, foi o impeachment da Dilma, né? Aquela safada!
- Sim, mas vamos nos dar tempo, inclusive, de ver se isso que você diz, procede, Marcela! Pois bem, daqui a um mês, isto é, depois de partilharmos alguns textos, de ler um filme e experimentar coisas que nem eu mesmo sei quais são, sinto que estaremos aptos a votar a favor ou contra o impeachment de Pedra Homem.
- Oxente?! Nãããão, professô! Pára com issoooo! Tá vendo seus x-9, o que vocês fizeram?
- Calma, amores! Sinto que vai ser mó divertido!
- Mas se a maioria votar a favor, fessô?! E aí, você vai sair da escola, é?
- Sabe do que mais gosto da vida?
- Do quê, fessô?
- É que ela continua assim, repleta de perigos!
- Oxe? Cê é lôko, fessô!
- Vai ser preciso viver pra saber! Vivamos o impeachment de Pedra Homem.

DÉCIMA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico da escola: antimanual de desinstalação (III). – quando política que se faz corpo.

Tudo que nessa época tem de sociável costuma se apoiar nas muletas da mentira a ponto de não mais poder deixá-las. É com essa sentença, a priori, indigesta, do comitê invisível, que desabrocharemos a prosa em décima flor. O episódio *"delação premiada",* ocorrido um dia após o impeachment da presidenta Dilma Roussef foi/é emblemático no que se refere a percepção da brutal reflexibilidade das práticas do sistema macropolítico brasileiro na micropolítica de gestão das escolas. E como já ficou evidente nessa antibiografia, falar de política aqui é falar de corpos e falar de corpos é versar sobre afetos.

Para uma melhor tradução/percepção das afecções que deram contorno político aos "terrorismos encantados" praticados por Pedra Homem, retornarei ao ano de 2015, período marcado pela ascensão do Professor Jota, então vice-diretor, a diretor na escola onde atuei durante quase todo o estado probatório. Sua designação ao cargo foi concomitante ao início do primeiro ano letivo de Pedra Homem na rede pública de São Paulo. O período em que dava aulas

para turmas de primeiro ano do ensino médio foi atravessado por inúmeras medidas abusivas que condenava os corpos a uma despolitização quase que generalizada. A essa altura, já era nítido para Pedra que a designação era/é o principal instrumento do modelo rentista de gestão para ocupar ideologicamente o espaço do escolar através de figuras de autoridade que instauram normas antidemocráticas marcadas pela impotência para o diálogo e pela obstrução da participação coletiva em decisões. O reflexo é o uso de medidas abusivas para manutenção do controle de corpos e despolitização das bases que legitimam o escolar em um ambiente precarizado propositalmente pelo próprio modelo. O evento marcante dessa natureza foi a imposição da regra de uso dos banheiros e bebedouros no ano de 2015. No espaço escolar havia apenas um bebedouro para centenas de estudantes e os banheiros estavam sem manutenção e com escassez de funcionários para a limpeza. A medida imposta pela gestão para "resolver" essa demanda foi impedir estudantes de usarem o banheiro e de beberem água no horário das aulas, ou seja, só seria permitido acesso a bebedouro e banheiros nos vinte minutos de intervalo. O impacto de medidas desse gênero sobre os processos era intenso, e não havia a menor possibilidade de me encontrar com as turmas sem abrir fóruns de escuta e diálogo no espaço das aulas de felicidade.

"- Oxe, professor, a entrevista é sobre o quê? – perguntou o aluno do fundão.

- É sobre vocês, sobre nós!...me digam aí, o que vocês sentem quando entram aqui na escola?

- Oxe? Como assim, fessô!

- Me respondam, por que vocês demonstram tanta avidez, tanta ânsia em sair da escola? Por que vocês já entram querendo sair daqui?

- Por quê?... Aaaah, por que a escola ultimamente num tá um lugar assim agradáááável de ficar... Eu não acordo todo dia e digo: "EBA! Eu vou pra escola!", com aqueeele entusiasmo, sabe? É sempre um tédio e um desespero... Por que é muita regra, sabe?... você não pode beber água, você não pode ir no banheiro... e você não pode conversar, se expressar... você tem que ficar preso... não tem um passeio pra você ir ver o mundo... você não tem uma aula diferente... você só fica confinado dentro de uma sala como se a gente fosse um monte de bichinhos, daí fecha uma porta, e vamos escutar só teoria teoria teoria... tem alguns professores que ainda passa uma prática, né?

Vamos fazer isso, vamos fazer assim.. abrir as cadeiras... mas aí você chega na escola e trancam a gente como se fôssemos animais numa cela, e hoje, por exemplo, não tem luz, e vamos começar por aí, que a gente deveria ir embora...mas não, vai deixar a gente aqui, e daí quando perceberem que os alunos não tem como ficar na escola, daí liberam ... E aí quando a gente perdeu o dia, já tá mal humorado em plena sexta-feira, aí vai pra casa todo mundo triste e todo molhado.

- Ok, mas hoje é sexta, e na segunda? Vocês vão voltar felizes?

- Não, mais triste ainda porque vai ter a revolta de hoje e mais a da segunda...

- Entendi, acumula, né?

- Vocês sentem confortáveis em expor isso pra... ééé... De onde é que vem essas regras? Como é que funcionam? Por que é que vocês questionam tanto essas regras?

- Porque é uma regra que eu não sei quem fez...quem foi o infeliz porque é uma pessoa infeliz... não estudou não foi?...Daí inventa um monte de regra, e não pergunta se eu tô de acordo em cumprir essas regras... Não perguntam: “então alunos, vocês quer ficar sem beber água?”... não, é assim: “A partir de hoje, vocês não vão mais descer pra beber água!”...Oxe? Vai morrer de sede? ... Eu só queria saber uma coisa: será que eles que dá a regra pra gente, fica sem beber água? Sem ir no banheiro?... Não fica, né? E porque trata a gente assim?

- E mesmo se ficasse, era justo?

- Não, não era justo! É cachorro é? A gente não é cachorro, não!

- E como é que nasce uma regra? Onde é que ela tem origem e como ela chega aqui até vocês?

- Como assim? Tipo uma lei escrita? Tipo a do celular?

- E se tivesse uma lei que dissesse que é proibido ir ao banheiro e beber água durante as aulas, ainda assim, ela seria justa?

- (silêncio)

- Todas as leis são justas?

- Não! Depende!

- Todas as regras são justas?

- Ah, depende da situação, né?

- Eu tô perguntando o seguinte: se todas as leis que existem no mundo são justas.
- Não!
- E como é que se dá a composição, a criação até a implementação de uma lei, de uma regra... Qual é o processo que tem aí?
- É assim... se reúne um monte de gente que não tem o que fazer, mal amado e faz assim... Vamos lá, pessoal! Eu acho que a gente tem que a gente tem que arregaçar com a vida deles. É escola, e eu acho que eles não tem que beber água mais. Cês concorda? Daí, os mal amados, concordamos. Daí vira lei, só é possível beber água no intervalo... é isso.
- Mas só é possível compor regras dessa forma?
- Eu nem sei como se compõe uma regra, essa é a verdade!
- Mas você acha que regra não deveria existir?
- Não. Certos tipos de regra é preciso ter pra gente poder conviver.
- Mas como é que se cria?... Por que como vocês dizem essas regras afetam vocês, né?
- Muito!
- E vocês são as pessoas que estão aí...
- Sofrendo.
- Sofrendo! Sim, essa é a palavra. E você disse que as leis, as regras devem existir, enfim...
- Algumas.
- Então, se as regras tem que existir, qual é o propósito de uma lei? De uma regra?
- Eu acho que é assim, na cabeça deles, é manter a ordem da gente, que a gente possa viver numa sociedade e que possa conseguir conviver. Mas eu fico pensando assim, os animais? Não tem regra e eles convivem. É certo que eles brigam, lógico, os mais fortes brigam com os mais fracos, mas isso é a lei da natureza. E por que que a gente tem que ter...
- Você acredita que essas regras vão contra a natureza de vocês?
- Vão sim, porque eu sinto vontade de sair por aí gritando e não posso, porque vão falar logo que eu sou louca se sair gritando por aí...
- Mas só é possível construir uma regra de cima para baixo?

- Não, de baixo para cima também. (pausa) Éééééé! A gente podia fazer uma regra! Taí gostei disso! (...)”

Foi a partir dessas primeiras entrevistas e também dos primeiros experimentos artísticos com estudantes que progressivamente as aulas de felicidade de Pedra Homem foi expandindo sua dimensão política, tendo as linguagens, em especial, poesia e performance, como meios de tensionamento, percepção, reflexão, esgotamento, expressão e comunicação de sintomas presentes no ambiente e re/invenção do real.

Em *A hora da micropolítica*, a psicanalista, crítica de arte e cultura e professora Suely Rolnik fala, em entrevista concedida ao Goethe Institutk, sobre a importância da resistência micropolítica no contexto atual da sociedade brasileira. As palavras de Rolnik vestem bem o estado de corpo político de Pedra Homem no contexto em que atua que se revela como um ambiente dominado pelo o que a professora chama de “inconsciente colonial-capitalista”. Para dar conta desse conceito, Rolnik descreve dois tipos de experiência que fazemos no mundo. A primeira é a experiência de sujeito, ou seja, a experiência imediata, baseada na percepção que nos permite apreender as formas do mundo segundo seus contornos atuais – uma apreensão estruturada segundo a cartografia da cultura vigente. Essa experiência já vem associada ao repertório de representações de qual disponho e que, projetado sobre algo que vejo, toco, escuto, lhe atribui sentido. A tradição ocidental que tende a confundir subjetividade com sujeito investe em ativar e insistir apenas nessa possibilidade de subjetivação da experiência política, limitando o potencial mais amplo, múltiplo e complexo da experiência das subjetividades com o mundo. Só o fato da aluna entrevistada, demonstrar nunca ter vislumbrado a possibilidade de participar do processo de construção de regras de convivência na escola, já revela o silenciamento de outra perspectiva de experiência política fora dos padrões culturais vigentes no ambiente.

Um outro tipo de experiência com a subjetividade que Rolnik apresenta é a de “fora-do-sujeito”, ou seja, é a que se vale das forças que agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente. Segundo a psicanalista, tais efeitos consistem em outra maneira de ver e de sentir aquilo que acontece em cada momento (o que Gilles Deleuze e

Félix Guattari denominaram, respectivamente, “perceptos” e “afectos”). O que percebo no contexto das escolas públicas em que atuo/atuei é que há uma forte tendência a homogeneização dos sentidos/significados atribuídos a experiência política vivenciados no ambiente, no qual os corpos e seus afectos são desconsiderados e descartados dos processos escolares. É nítido que essa experiência apenas de sujeito (sem tensionamento com experiência de “fora-do-sujeito”) deságua no engessamento de procedimentos e métodos. Se os estados de corpos permanecem os mesmos, lidam com as questões que os afetam sempre da mesma forma, os procedimentos e métodos se cristalizam, não mudam, não se re/inventam.

Segundo Rolnik, na experiência de “fora-do-sujeito” somos tomad_s por um estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam e que, no entanto, é real e apreensível por este modo de cognição que a professora denomina de “saber-do-corpo”. Neste saber-de-corpo já não se trata da experiência de um indivíduo, tampouco existe a distinção entre sujeito e objeto, pois o mundo “vive” em nosso corpo sob o modo de “afectos” e “perceptos” e faz parte de sua/nossa composição em processo. Estes formam uma espécie de germe de mundo que passa a nos habitar e que nos causa estranhamento por ser, por princípio, intraduzível na cartografia cultural vigente, já que é exatamente o que lhe escapa e a coloca em risco de dissolução. É da fricção entre essas duas experiências indissociáveis, irredutíveis e que se relacionam paradoxalmente que se desestabiliza a subjetividade vigente e se instaura um estado de inquietação e mal-estar que convoca o desejo a agir e a restaurar o equilíbrio vital dos corpos políticos. Toda a experiência de Pedra Homem tem se configurado em uma jornada sensível/amorosa pela transformação da subjetividade e de seu campo relacional através da tensão/desestabilização das experiências e percepção/escuta profunda do mal-estar que o *modus* consensual do modelo de gestão tende a desconsiderar e silenciar. É por uma perspectiva antropo-falo-ego-logocêntrica que define o inconsciente colonial-capitalístico que corpos são anestesiados de suas possibilidades de decifrar o mundo. O que há de mais perverso nesse modelo é justamente o seu empenho consciente em fazer com as bases do escolar (professores e estudantes) sejam tolidos de suas potências para se relacionar, decifrar e trans/formar o mundo.

As cores do absurdo

São Paulo, outubro/2016.

- ABSURDO! ABSURDO! ABSURDO!
- Ôxe! Ôxe! ké que cê tem, fessô? Tá doido, é?!
- Me responda, por favor! O que é o ABSURDO? – perguntou o professor de português à turma que se dividia em quintetos.
- Ah, fessô, é alguma coisa desagradável, né?! Que não tem limite! – respondeu prontamente o aluno mais proficiente.
- Eu sei, fessô! É algo que não tem lógica! Uma coisa sem cabimento. – disparou um outro com a mesma sede de elogios.
- Hummm...Ok. E essas coisas desagradáveis, que não tem lógica, limite, nem cabimento, são sempre fáceis de perceber?
- Nem sempre, fessô! Nem sempre. – falou a aluna lá do fundão.
- Hummm... por quê?
- Ah, porque muitas das vez a gente se acostuma tanto, né?! Que nem sente mais os absurdo.
- Hummm... então quer dizer que esses absurdos se tornam, muitas vezes, invisíveis aos nossos ouvidos?
- Assim mesmo!
- E se fôssemos capazes de colorir alguns desses absurdos?
- Tá doido, fessô! Como assim? Onde já se viu colorir absurdos?

Logo, o professor começou a distribuir alguns impressos e um marcador para cada grupo:

- Veja só, galera! Eu trago aqui alguns artigos que circularam na minha rede social essa semana. Dá uma olhadinha aí e veja se conseguem encontrar alguns absurdos embaralhados nessa bololô de palavras.
- Como assim, fessô?
- Bem, sugiro que chamemos esse desafio de: “As Cores do Absurdo”. É bem simples! Basta que leiam o texto em grupo e marquem com a caneta colorida cada absurdo que vocês encontrarem.
- Ué, fessô! E como eu vou saber que o absurdo é um absurdo?
- Se mantenham atentos a cada choque que o corpo de vocês tomarem. Este é o sinal que os absurdos usarão para se comunicar com vocês.

- Ah tá! Tendi, fessô!

Em silêncio, o professor pegou um texto e também se pôs a colorir mais absurdos. Enquanto iluminava enunciados com piloto lilás, contemplava as primeiras e sutis descargas elétricas que saiam dos jovens corpos. Burburinhos atravessavam escalas em intensidades bem variadas. Minutos depois, ouviu-se o primeiro:

- Pronto! Cabamos, fessô! O que é que é pra fazer agora?

- Bom! Que tal compartilharmos cada cor aqui na roda? Será que é possível compor um arco-íris com esses absurdos?

- Kkkk, ai ai, viu fessô!

- Bia, me diga aí, qual a cor dos absurdos marcados pelo seu grupo?

- Rosa, fessô!

- E o que tem aí nesses absurdos cor de rosa-choque?

- Tá falando aqui da PEC 241!

- Humm... e quais absurdos roseiam essa PEC?

- Diz que o Brasil gasta muito mais do que arrecada porque arrecada pouco. Que é o país que menos investe em saúde e educação, e que mesmo com muitos especialistas dizendo que com essa PEC as coisas só vão piorar, o presidente está fazendo de tudo para aprovar essa proposta.

- Hummm... E vocês sabem o que significa essa sigla: PEC?

- Eu sei, fessô! Eu sei! Éééé´... éééé...Partido Eleitoral... éééé....

- Caaalma, Maurício! Saca só! PEC significa Proposta de Emenda Constitucional. Sabe aquele documento que foi elaborado depois de muuuuitas e muuuuuitas lutas sociais, logo depois da ditadura militar? Aquele documento que foi escrito para assegurar direitos através dos serviços públicos? Alguém aqui sabe o nome desse documento? Quem sabe? Quem sabe?

- Éééé... seria a Constituição, fessô?!

- Exato, Bruna! A PEC é uma proposta de complementação ou alteração nesse documento. Algumas dessas propostas partem do lugar de direito e reafirma o valor do documento, outras servem apenas para aniquilar esses direitos e sustentar privilégios.

- Aaaaah! Tendi, fessô! Então essa PEC 241 é um golpe, né?!

- Hummm... vamos ver o que as cores nos dizem...Tainá, compartilhe aí com a gente os absurdos que seu grupo coloriu de laranja...

- Aqui tá dizeno, fessô, que “RICO NÃO PAGA IMPOSTO SOBRE JATINHO, HELICÓPTERO E IATE DE LUXO!”
- Olha só! Me diz uma coisa, quem aqui tem condições de ter iaaate...jatiiiinho...helicóóóptero...?
- Ah fessô! Ninguém, né? Nóis não é rico!
- Me diz então uma coisa: quem aqui tem parente que possui carro ou moto?
- Ah, meu pai tem um carro, fessô!
- O meu também! O meu também! – disse o Ricardo percutindo o tambor do peito.
- Seus pais são ricos, João?
- Claro que não, né fessô!
- E eles costumam pagar impostos para manter esse carro circulando?
- Sim. Meu pai sempre fala pra minha mãe lembrar a data que vence o IPVA. Sempre!
- Pois então, galera! Eu tenho aqui alguns absurdos lilás e gostaria muito de compartilhar com vocês, posso?
- Manda aí pra nóis, fessô!
- Xiiii! Tem uns números aqui que vou ter que colocar no quadro. Olha só! O Instituto de Economia Social de Brasília afirma aqui que em 2015 o Brasil deixou de arrecadar 500 BILHÕES por conta da sonegação fiscal. Quem aqui sabe o que é sonegação?
- Eu sei fessô! É essa gente que não paga imposto, né?!
-“Essa gente” que não paga imposto chamamos de SO-NE-GA-DO-RES! Já a sonegação é a prática dessa gente. Aqui no artigo diz que a Dívida Ativa da União chegou em R$ 1,58 trilhões superando o total arrecadado que é de R$ 1,274 trilhão. Quem pode nos ajudar nessa conta?
- Eu sou bom nisso, fessô! Xá comigo! Pera... hummm...um tri e quinhenhos...meeenos...um tri e duzentos e...pera lá...meeenos...quinhentos bi... Caraaaaaca, fessôôôô!
- Que foi, Lucas?
- Se não tivesse essa sonegação toda, o Brasil teria mais de 200 bilhões em caixa, fessô! Nem teria dívida!
- Pois é! No Brasil se sustenta a ideia de que só há corrupção no setor público. Mas aqui diz que 80% dessa corrupção no Brasil tem origem no setor privado,

ou seja, nas empresas e grandes corporações financeiras que não pagam seus impostos. Mas a grande anedota desse absurdo é que o Brasil não é um país que tem muito imposto!

- Ôxe?! Como assim, fessô! Minha mãe vive esticano a grana pra manter os impostos tudo em dia?! E quase não sobra nada do salário dela?!?! Como, assim?

- Pois bem! Na Inglaterra, por exemplo, a taxa de impostos é de 50%; nos EUA, 32% e no Brasil? Sabe quanto é a taxa tributária?

- Não!

- 27%.

- Ué? Então por que meus pais reclamam tanto dos impostos?

- A questão, Rafa, é que nosso modelo de arrecadação de impostos é regressivo, e por isso, perverso. Funciona assim, quem tem menos, paga mais impostos. E quem tem mais, paga menos, e muitas vezes, dá um "jeito" de não pagar nada, captô?!

- Saquei, fessô! Rebanho de fi da puta!

- Caaaalma, Rafa! Não seja injusta com as putas! Teve uma vez que fui em palestra em que o palestrante disse que: "o mercado brasileiro é uma associação de criminosos com CNPJ." Sabe como eles manobram para não pagar nada e sair impune?

- Ai que raiva, fessô! Diga aí!

- Olha só! Aqui no texto diz que são váááárias as manobras que eles fazem para manter seus privilégios. Um exemplo que nem é considerado crime é a *elisão fiscal*.

- Elisão?

- Sim, Marcos! Elisão. Essa palavra significa "eliminação". Nesse caso, eliminação do tributo, e funciona assim: as empresas dão um jeito de exportar seus produtos a preços abaixo do valor de mercado para uma empresa coligada lá em um paraíso fiscal. Depois, essa aliada vende o produto com o preço mais alto do que tinha comprado para o próprio país da produtora. Resultado: elas usurpam os tributos que não recolheu no país da produtora e que não pagou no paraíso fiscal. Já o consumidor paga mais caro pelo produto produzido no próprio país, e as micro e pequenas empresas enfraquecem e diminui a geração de empregos. E o detalhe é que esse rombo nem sempre

constará nas planilhas, pois se aparecesse lá seria mais de 500 bi a menos nos cofres públicos.
- QUE ABSURDO, FESSÔÔÔ! QUE NOJOOOO! Mas porque tudo isso não aparece na TV! Por quê, hein?
- Xiiiiii! Olha ali, Tainá! O João já levantou a mão, e aquele sorrisinho de canto de boca me diz que ele tá doidim pra expor os absurdos que o grupo coloriu de verde-limão. Fala aí, Jão! rs
- Então Bia, aqui diz que a Globo deve mais de R$ 600 MILHÕES aos cofres públicos, e que a emissora teria usado 10 empresas criadas em paraísos fiscais para esconder a fraude. Você acha que ela vai ser contra essa PEC?
- Mas e as outras emissoras?...
- Aqui diz também que a Record já sonegou com uso do dinheiro da Igreja Universal, que apesar de milionária, é isenta de impostos. E até o Silvio Santos já se envolveu em um escândalo de fraude fiscal, com uma dívida de R$ 3,8 bilhões aos cofres públicos.
- Mas então porque ninguém protesta, fessô? Por que ninguém faz nada?!
- Bem, já tem gente protestando sim! Inclusive, muitos dos nossos pares, alguns professores e muitos alunos da rede pública, já estão em movimento contra essa proposta.
- Mas eu não vejo mais na TV aquelas pessoas que iam na Paulista de verde-e-amarelo pedir o fim da corrupção!
- Hummm... mas quem eram essas pessoas, Bia? Era gente como você?
- Não!
- Como seus pais?
- Não, fessô!
- Seus vizinhos foram lá?
- Que eu saiba, não!
- Era o Jaguaré? O Rio Pequeno? O Mutirão e as demais comunidades que você conhece que estavam ali na Paulista vestindo a camisa da Fifa, que aliás também esteve envolvida em vários escândalos de corrupção?
- Não, fessô! Não conheço ninguém que foi lá.
- Então, de qual camada social vocês fazem parte? Da que mais paga ou da que mais deve ao Brasil?

- Da que mais paga, né fessô! Eu tô indignaaaada com tudo issoooo! Então ké dizê que foi pra isso que eles tiraram a presidente, né?! Pra gente pagar a conta deles, né!? Sustentar os privilégio deles, né? É isso?
- O que diz o Conselho Federal de Economia, Alex? Traga aí pra gente os absurdos verde-esperança!
- Eles dizem, fessô, que “o governo ao invés de debater a questão da desigualdade fiscal, prefere o caminho “mais fácil”, ou seja, jogar o prejuízo no ombro dos mais pobres”. Aqui diz também que “a medida reduzirá em R$ 650 bilhões os recursos da saúde nos próximos vinte anos, recursos que já são insuficientes para atender uma população que envelhece rapidamente, e que por isso, precisa de mais investimentos”.
O professor suspendeu a voz e começou a atenuar o calor opressivo que tomava todo o ambiente com um bloco de páginas grampeadas.
– Sabe o que tem aqui? – disse em tom grave apontando com a cabeça para o abanador improvisado.
A turma ardia em silêncio quando ele pôs a resma nas mãos de um aluno com olhos de mangá.
- Ké isso, fessô?
- Uma lista.
- Lista de quê?
- É só uma lista com as 500 empresas e grupos que mais devem ao país.
- Kê?! Ahaammm... humm... Caraaalho, fessô!
- Xô vê também! – puxou violentamente o colega do lado.
- Pera... Pera...Olha só Anderson! Olha só, tudo calotêro, ó?! Só tem pilantra! Tudo pilantra!
- Velho! O Bradeeesco... O Itaucard... Ói só! até a Bombriiil...a Coca-cola...Mano, a Coca-cooola que nóis beeebe, parça! E a Caixa também tá na lista, fessô?!
- Ué! Checa aí, parça! rs.
- Aaaaah! Então tá explicado, fessô!
- O que é que tá explicado, Flávia?
- É por isso que eles querem essa reforma do ensino médio, né? Entendi tudo!
-Ah tá! Discutimos isso na aula passada, né? Como assim? Por que diz isto?

-É que eles não querem, nem vão investir nada em educação, fessô. Veja nóis aqui, nesse calor disgraçado, sem ventilador na sala e com apenas um bebedouro funcionando com aquela água imunda que nem cachorro merece beber. Daí eles querem tirar artes, educação física, sociologia e filosofia pra gente nem reparar nas falcatrua deles e nem ter como se manifestar, né?! Vão colocar um monte de gente sem ser professor pra dar aula só pra treinar a gente pra virar escravo em alguma dessas empresa corrupta aí, né? Entendi tudo! Tudinho!
- Putz! Olha só onde chegamos com essa história de colorir absurdos? Será que é justo que nós paguemos durante 20 anos pelas dívidas da Globo, da Vale, do Bradesco, da Bombril, da coca-cola. É justo que vocês comecem desde já a pagar as dívidas de um patrão em potencial que vocês ainda não tem?
- Não mesmo, fessô! NÃO MESMOOOOO! Bruna, a gente tem fazer alguma coisa, cara! Todos nós temos que fazer alguma coisaaa!!! ISSO É UM ABSURDOOO!!! UM ABSURDOOOO! – disse a aluna enquanto era atravessada pelo sinal sonoro.
- Então Bia, você sabia que minha vó foi a primeira professora de Educação Física aqui da escola?
- Não!
- Pois é! Ela me contou que na época da ditadura, saía às ruas e tacava pedra em monte de militar que tentava impedir que ela lutasse pelos seus direitos...
E o corpo encadocente se pôs a acompanhar a travessia das vozes de fogo através dos ecos que quicaram pelas paredes do corredor. A beleza e ardência daquele cortejo de corpos animaram a percepção de que as palavras devem cada vez mais desamparar-se do excesso de proficiência. Arder é urgente. Entender não é.

DÉCIMA PRIMEIRA FLOR: O corpo macropolítico no corpo micropolítico da escola: antimanual de desinstalação (IV). – O binômio direita/esquerda.

"Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe." Foi com essa frase que Delleuze encerrou sua conversa no artigo intitulado *Ato de Criação.* E é com esse período que iniciamos aqui a prosa em décima

primeira flor. Em um contexto de polarizações partidárias em que o binômio direita/esquerda ocupava não apenas os telejornais, as redes sociais e as reuniões mais acirradas entre professor_s, não é de se surpreender que tais sintomas chegasse a sala de aula. Inventar um povo, uma comunidade por vir, partindo da afirmação do desamparo ofertado pelo modelo se tornou cada vez mais urgente. Depois de passarmos por inúmeras experiências de leitura que culminaram na votação do Impeachment de Pedra Homem, ficou nítido para _s alun_s os sintomas que os faziam em certos momentos, duvidar e até rejeitar a forma como atuava. A maioria desses alunos perceberam a dialética presente nessa tensão entre admiração e espanto com métodos fora da ortodoxia de procedimentos ao qual, mesmo odiando, tinham se acostumado. *"É foda, fessô! Mesmo odiando regimes e métodos autocráticos, nós estranhamos e muitas vezes não conseguimos caminhar fora desse padrão."* Eram construções como estas que vinham da fala de vári_s estudantes pós-impeachment. O direito a vida política em uma escola não ocupada era urgente, e precisava ser construída. Se por um lado, professores que tendiam mais a direita conservadora corroboravam com a maioria das medidas autocráticas do modelo de gestão e outros a esquerda ora trokcista, ora marxicista, por vezes, se desesperava em engajamentos desesperados que atropelava o processo emancipatório d_s estudantes. A experiência do período em que o Governo do Estado anunciou o fechamento de 94 salas foi tão emblemático quanto controverso. Se por um lado, a ameaça de mudança na vida funcional uniu professor_s de direita e esquerda, por outro, me sentia mal com o engajamento compulsório de estudantes que até então eram tolidos da vida/formação política. O desfecho naquele momento era, para mim, tão fantasmagórico quanto previsível. Após uma passeata realizada pelas avenidas onde se localizava a escola, a comunicação violenta dos procedimentos, métodos e estados de corpos que anulavam o binômio direita/esquerda entre a maioria d_s colegas de docência, prosseguiria. E assim, foi. A maneira de resistir a uma medida abusiva do governo torna-se também abusiva quando ao invés investir na formação política dessa potencial multidão, os gestos, intenções e afetos que circulavam ali comunicavam que o tratamento dado a ess_s estudantes era o mesmo dado às massas.

Rolnik aborda muito bem essa questão quando afirma que o poder do inconsciente colonial-capitalístico abarca a subjetividade da própria esquerda, já que ela nasce no interior da mesma cultura e dela forma parte ainda hoje. Segundo a professora, ela tende a funcionar segundo uma micropolítica reativa e a estar desconectada da experiência do fora-do-sujeito, reduzindo-se assim à do sujeito. As estratégias seja contenção quanto de mobilização dos corpos seguem a mesma lógica. Com esta limitação, seu único recurso disponível para interpretar e avaliar o que acontece é o consumo e a mimetização de visões pré-estabelecidas (neste caso, visões de esquerda). E mais: por não alcançar a experiência do fora-do-sujeito – na qual nos compomos dos efeitos do mundo em nosso corpo e são estes efeitos que nos indicam o que deve ser criado para que a vida coletiva volte a fluir – a experiência subjetiva é vivida e entendida como sendo do âmbito do indivíduo. Isso leva a subjetividade de esquerda a confundir a prática de decifração do mundo a partir de seus efeitos na subjetividade com mover-se segundo interesses individualistas, característica da burguesia. Com base nessa interpretação, a resistência micropolítica é então desqualificada e rechaçada. O mais paradoxal é que tal argumento justifica e reforça a desconexão com o saber-do-corpo, No parágrafo seguinte, Rolnik propõe o abandono do modo de subjetivação que passa pelo “devir revolucionário” apontado por Delleuze. Tal devir é impulsionado pelas irrupções de afetos que nos chegam do saber-do-corpo e que nos forçam a reinventar a realidade – o que não tem nada a ver com “a” Revolução, com R maiúsculo, total e absoluta. A ideia de “Revolução” pertence a essa mesma lógica do inconsciente colonial-capitalístico, em sua versão de esquerda: com o bloqueio da experiência fora-do-sujeito, o mal-estar da desestabilização leva a subjetividade de esquerda a imaginar defensivamente um outro mundo, que substituirá o existente como um só bloco, mediante a tomada do poder do Estado. Um mundo idealizado e com eternidade garantida, porque nele estaríamos protegidos contra as turbulências inevitáveis da vida, que nos tiram da zona de conforto e nos exigem um trabalho constante de transformação, como condição para a própria preservação da vida. De um modo (quase) geral, o que percebo (também como reflexo do modelo político em vigor) é que há uma grande dificuldade de aceitação, e de cuidado com um elemento fundamental tanto para arte, quanto para educação, tanto

para vida política que é a atenção e a presença nos PROCESSOS. Por esta razão, que os afetos que impulsionaram as propostas levadas para as aulas de felicidade sustentavam (e ainda sustentam) o desejo de tornar legível para estudantes às fragilidades, contradições e complexidades da nossa formação política, como estas refletiam nas experiências vividas na micropolítica da escola, e a partir daí vislumbrar e experimentar possibilidades de reinvenção da nossa maneira de viver a política. "*Mas professor, apesar da Bruna ser minha amiga, ela é de direita, e eu, de esquerda, cê jura que nós vamos fazer a leitura desse texto sobre a PEC juntas?"*

Os experimentos em sala de aula durante as aulas de felicidade nunca tem, nem nunca tiveram a intenção de convencer estudantes de nada ou de "resolver" algo, e sim, de tensionar conceitos, clichês coagulados que tiravam/tiram destes o direito a uma experiência de fato política. E isso não cessa de me acontecer. A arte inventa atos de resistência. É o processo artístico que melhor (des) oculta absurdidades inaudíveis. É a obra de arte que tem potência para irromper o fluxo de repetições, provocar conversas e experimentar novas formas de viver o escolar dentro das escolas. E nesse ambiente onde tudo é precarizado propositalmente, que nos priva de tudo, de tempo, espaço, recursos e até das palavras só nos resta o corpo como linguagem.

Imagino que alguns desses corpos que me leem nesse momento, devem estar se perguntando, mas Pedra Homem é de direita ou de esquerda? Como resposta, uso as palavras de Rolnik, desta vez, com recuo à direita:

> "Em lugar de dizer que sou de esquerda, ou melhor, a favor de um Estado mais justo e menos permeável ao neoliberalismo (que é o mínimo a que se pode aspirar), eu diria que me sinto parte de uma comunidade transnacional, informal, múltipla e variável, que compartilha um olhar micropolítico para detectar o intolerável e buscar formas de combatê-lo. O que orienta este olhar é uma bússola ética, cuja agulha aponta para tudo aquilo que impede a afirmação da vida, sua preservação e sua expansão. Essa mesma bússola é a que orienta tal comunidade flutuante em seus modos de agir. Estes consistem em atos de criação que vão redesenhando os contornos do presente, de maneira a dissolver os pontos em que a vida se encontra asfixiada; neste sentido, agir é muito distinto de reagir por oposição. E se o que a sufoca abrange, evidentemente, o âmbito macropolítico, certamente não se restringe a ele. Para que o

> termo “resistência” recupere seu valor, é preciso que ampliemos seu sentido, tradicionalmente associado à noção de esquerda e, portanto, restringe-se ao âmbito macropolítico onde esta atua. Há que ativar seu sentido micropolítico, o que torna seu objeto muito mais amplo, mais sutil e mais complexo do que o das lutas no âmbito do Estado – principalmente quando seu foco tende a reduzir-se à conquista e à conservação do poder macropolítico. No lugar disso, o que temos que conseguir é a dissolução do poder da micropolítica reativa do capitalismo globalitário, que abarca todas as esferas da vida humana. E aqui já não se trata de um combate pela tomada deste poder, nem tampouco se faz por oposição ao mesmo ou por sua negação, mas sim de um combate se trava por meio da afirmação de uma micropolítica ativa, a ser investida em cada uma de nossas ações cotidianas, inclusive aquelas que implicam nossa relação com o Estado, que estejamos dentro ou fora dele. Não será exatamente isso o que está acontecendo com a proliferação desse novo tipo de ativismo?” (ROLNIK, p. 3)

Leviano

São Paulo, novembro/2016.

- Eu acho que cê deveria fazer teatro, fessô! – disse o aluno enquanto anotava no caderno o conteúdo que o professor de português ensaiava com o corpo todo.
- Teatro? Sério? Mas por quê?
- Ah! É que o sinhô é assim...tão leviano! – disse com mel na palavra o garoto.
- Leviano? Eu? Como assim? Traduza aí!
- Ah! Sei lá, fessô! É que cê consegue tratar os assuntos mais pesados de forma tão leve.

DÉCIMA SEGUNDA FLOR: Aula como programa performativo, programa performativo como aula - quebra de paradigmas nos processos de elaboração/composição.

As Aulas de Felicidade de Pedra Homem marcam uma grande mudança de paradigma na forma como lidava com os processos do escolar. Lembro-me de corpo-Magno na época em que virava a noite preenchendo planos e mais planos, na ingênua confiança de que a “excelência” de uma aula se mensurava

pelas horas que se debruçava em ocupar aqueles quadriláteros que ultrapassavam as laudas. A obediência a essa estrutura limitava a inventividade. A leveza da abordagem em sala percebida por aluno no oitavo ano em 2016 reflete essa mudança. Os encontros de Pedra Homem são bem menos “programados”. A atenção constante ao corpo, aos gestos e as intenções tem inserido no processo de invenção dos encontros com estudantes uma dinâmica mais oral do que propriamente escrita. Pedra caminha atent_ aos sintomas e esse cuidado constante o tem presentead_ com lampejos, ou seja, sugestões, gotas de chuva com potencia para toró, enunciados claros e sucintos, verbos no infinitivo sem adjetivos, que se encontram com as narrativas/corpo/desejos presentes em sala de aula. Se antes corpo-Magno se desviava das leituras que lhe despertava desejo por acreditar que existia uma separação entre textos que serviam para as aulas e outros para a vida pessoal, hoje essa fricção entre docência/arte/vida alcançada pelas experiências aqui narradas aniquilaram com essa falácia. A maioria das histórias partilhadas aqui, não se emanciparam pela via do apego ao predicado da “excelência”, e sim, pelo desejo constante de produzir presença e gerar conversas. Vale a compreensão de que o corpo performativo de Pedra Homem é antes de tudo um corpo-escrevivente que por si só já pressupõe um corpo-escremorrente, ou seja, uma forma que nasce a partir da falência (esgotamento) de outra antagônica.

Mas há sim, um “modo de preparo” que merece ser pontuada aqui. É um tipo de construção que se dá em consonância maior com o pulsar da vida em movimento. Cada aula se constrói como obra aberta que ocupa e constrói estados de corpo que são levados aos encontros. São obras em construção, como ensaios que não cessam, e cada processo solicita uma construção peculiar. As tomadas de nota (em caderninhos, pautas), as gravações de áudio e as narrativas (das quais falarei a seguir) são os instrumentos basilares desser procedimentos composicionais específicos de Pedra Homem, os mesmos usados no processo artístico, tendo como diferença apenas os pares e o contexto de ação. Os lampejos assumem o processo e conduzindo a fazeres, seja a uma seleção de materiais, seja a ritualização do vestir-se para o encontro, a ritualização e a atenção redobrada ao estado de corpo e sua

relação com os demais corpos-ambiente a cada entrada em sala e a composição de programas performativos.

No primeiro semestre de 2017, participei de um laboratório de procedimentos criativos em vídeo e performance orientado pela atriz/performer Luciana Ramin na SP escola de Teatro. Um dos textos usados na fase inicial dos encontros me chamou a atenção pela maneira como descrevia os processos que envolvem a realização de uma ação performativa. O reconhecimento dos processos que envolvem a maneira como Pedra Homem fabula encontros com estudantes da rede pública foi imediata. No texto *Programa Performativo: O corpo-em-experiência*, a performer e teórica da performance Eleonora Fabião esclarece que *para um performer, "organismo", "sentido" e "sujeito" são* ***atos*** *– nem algo, nem dados, nem plenos, nem prontos, nem repetíveis, mas atos, atos performativos – e, como tal, configurações momentâneas de aderências-resistências, modos relacionais em devir*. Seja no contexto da carreira artística quanto da docência artística, esses lampejos me conduz ao encontro com uma materialidade e vice-versa, essa sequência de gestos e de fazeres é que vão compondo uma partitura de estados de corpo para os encontros. Esses estados não são fixos, pois, permite que corpo espectante com o qual me relacione, converse, participe e atue, reordene os fluxos desse fazer. Muitos gestos presentes nas narrativas provêm desses devires. Como bem diz Fabião, *performers não pretendes comunicar um conteúdo determinado a ser decodificado pelo público, mas promover uma experiência através da qual conteúdos serão elaborados.* Essa é a principal diferença entre os modus de atuação do corpo-Magno e do corpo-Pedra. Magno pouco permitia a participação dos corpos naquilo que planejava, já Pedra permite passagem e se deleita com as modificações nos gestos que cada encontro propicia. A construção de uma aula deixou de ser um planejamento em sentido mais cartesiano, mais tradicional, e passou a ser um fazer poético/prosaico/performativo que integrou docência/arte/vida, tornando essas dimensões indissociáveis nos processos.

E é com a citação que Fabião faz do performer afro-americano William Pope. L após essa passagem do artigo que, a meu ver, está o argumento que torna ainda mais tênue a linha divisória entre a performance artística e o exercício da docência. Pope. L dizia que *artistas não fazem arte, eles fazem conversas.*

Eles fazem coisas acontecerem. Eles modificam o mundo. Parafraseando-o, Pedra diz que profeflores não ensinam, fazem conversas, fazem coisas acontecerem, modificam o mundo.

É importante aqui ressaltar que quando Fabião fala em programa performativo significa dizer que este é motor de experimentação, pois, a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento, ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. William Pope.L, "O Artista Negro Mais Amigável da América" diz em epígrafe que abre o primeiro capítulo do artigo de Fabião que *se tivesse que dar outro nome ao que faz, se não se chamasse de performance, chamaria de prática*. A grande mudança nos processos composicionais de uma aula se resume no ato de descartar tudo o que pese sobre a performance, ou seja, é um desviar-se, um borrar todo e qualquer imperativo que não esteja a serviço da prática.

Xeque-mate

São Paulo, março/2018

- Fessô, a aula hoje é de xadrez é?! – perguntou o aluno ao mirar na mão docente o jogo que costuma levar pra sala nas horinhas de descuido.

-Sim...não...e também. – respondeu profeflor.

- Oxe?! Como assim?

- Bem! Pra falar a verdade, eu nem sei jogar esse troço, mas é que o desafio de hoje nos convocará a olhar pra vida da gente através desse jogo de xadrez. – disse ao lançar o tabuleiro nas mãos do aluno que já exibia testa sanfonada.

- Vamos lá, amores! Organizem a sala em modo "fórum"... tem peça demais aí dentro, né Mateus?!...por favor, prepare o tabuleiro, e separe todas as peças brancas das peças pretas, tá?!

- Pó deixá, fessô! Xá comigo!

Após peças e carteiras ficarem bem dispostas, profeflor sacou uma resma de papel da bolsa prateada, em seguida tirou o aparelho celular do bolso, abriu a galeria de fotos e pôs uma imagem a girar na roda. Ao se deparar com o conteúdo da pequena tela, afetos foram surgindo em cânone:

- Creeedo, fessô!... Noooossa! Ké ké isso?!...Meu Deus! Que horror!... Ai, nem

quero ver!... Aff! E esse nariz todo ensanguentado!... Quem fez isso com ela?...Coitada!...Quem é ela? ... Ah, eu vi ontem no jornal, fessô!... Eu também vi no face!... Mó zuado isso!...Aaah, fessô, minha tia tava lá!...

Na medida em que a imagem ia rodando, profeflor ficou pousando em mãos juvenis, uma folha que aos poucos, esgotava a resma em olhos de mangá. Após um pequeno silêncio ensurdecedor, o corpo, em febre, pôs-se a ler a crônica que trazia no título o nome plural do ofício que amorosamente abraçou. Findada a leitura, disparou:

- Bem! Antes de tecer qualquer comentário sobre o texto, desafio vocês a traduzirem com uma só palavra o que sentiram quando viram a imagem que circulou na roda.

Foi então que, de imediato, profeflor começou a desenhar uma diversidade de afetos no quadro a giz:

Angústia, fessô!... Dor, muita dor!...Pena!...Revolta, muita revolta!... Empatia, serve?... Amor...Ódio... Dor... Compaixão, fessô!... Raiva!... Tristeza!... Orgulho!... Indignação!... Ira!... Decepção!... Desastre!... Tragédia, fessô!... Violência!... Eu tô sur_presa, fessô!... Desgosto!... Sofrimento!...Vergonha, muita, mas muita vergonha, fessô!...

- Pois bem! Alguns de vocês disseram que viram na rede social... nos jornais...
- Sim, fessô! Eu vi ontem no jornal!
- Viu o quê, Lucas?
- Vi que os professores fizeram uma manifestação no congresso, né?
- No congresso? Mas onde fica o congresso?
- Ah, em Brasília, né?
- Mas esse episódio foi em Brasília?
- Nããão fessôôô, foi em São Paulo, na Câmera de vereadores! Minha tia tava lá.
- Hummm... e então, sua tia tá bem, Nayara?!
- Tá sim, fessô! Graças a Deus! Foi uma treta maldita que rolou ontem, né?!
- Sim. E que “treta maldita” foi essa, cês tão sabendo?
- Eu vi no jornal da TV, fessô! Os professores tentando entrar e os policiais impedindo. Foi vandalismo, né?
- Vandalismo? Da parte de quem, Mateus?
- É que o jornal da TV disse que eram “vândalos” que queriam entrar na

câmara.
- humm... pegue o dicionário ali na mesa, Pedro, e procure o significado da palavra “vândalo”, por favor!.
- Tá, fessô! Hummmm... pera... éééé... diz aqui... vândalo...pessoa que destrói bens públicos e/ou privados.
- Ok. Eu quero agora que me descrevam o que viram, e não o que escutaram na TV. Me responda: nessas imagens que circularam na TV, no face, havia alguma professora ou professor armado?
- Não. – responderam em coro uníssono.
- Havia algum grupo armado?
- Sim, fessô! Os policiais que impediam os professores de entrar. Eles tinha bomba, gás, cacetete...
- Hummm... e esses policiais estavam a serviço de quem?
- Ah, do prefeito, né?
- Quantos policiais apareceram feridos na tela de vocês?
- Oxe?! Nenhum, fessô!
- Algum funcionário da Câmara saiu ferido? Foi agredido?
- Não.
- Alguma vereadora ou vereador apareceu ferido?
- Não. Também não.
- Então. Qual grupo foi violentado nesse episódio?
- Os professores, fessô! Só os professores. E essa foto que o sinhô mostrou foi da professora que apanhou dentro da Câmara, né? Foi um guarda da prefeitura que bateu nela, num foi? Num foi?
- Sim. E vocês sabem o que essa professora e aquela multidão de docentes foram fazer lá?
- Ah, eu vi que eles querem tirar os direitos dos professores, né?
- Exato. A multidão de docentes queria ocupar a Casa do Povo para acompanhar uma votação que colocava em risco seus direitos.
- Casa do Povo? Como assim? Não era a Câmara?
- Sim Bianca, quando digo "Casa do Povo" me refiro a Câmara.
- Oxe? Ainda não entendi, fessô!
- Uma simples pesquisa na internet vai informar a vocês que a Câmara Municipal é considerada a mais aberta e democrática dos poderes locais, pois

deve ser composta por membros das mais variadas posições políticas, e que cabe a ela proporcionar condições para que a sociedade a recorra na busca de seus direitos.

- Ué? Mas eles queriam fazer justamente o contrário, né?

- Exato, Vitória.O que contradiz o papel de uma Câmara. E vocês sabem que proposta ia ser votada lá ontem?

- Ah... éééé... humm...

- Então, João, o jornal que você viu na TV, explicou?

- Não, fessô.

- Pois então, se os professores do município não tivessem se manifestado ontem, vocês saberiam que os direitos deles estavam sob ameaça?

- Não, fessô! Antes disso, nenhum jornal falou nada. Num vi nada.

- Por quê?

- Ah, porque não é do interesse deles, né?

- Sim. E vocês tem interesse em saber o que está acontecendo com as professoras e professores do município?

- Sim, fessô! Larga logo aí pra nóis vai...

- Ok. A situação do município não se difere muito do que acontece conosco aqui no Estado. Ontem, fiquei acompanhando pela rede um bombardeio de imagens, notícias e relatos sobre o episódio. Na medida em que os detalhes me alcançavam, foram surgindo inúmeras reflexões, memórias de experiências, sensações diversas que me impulsionava a buscar mais informações sobre o acontecido. E assim, fui tomando nota de tudo que me acontecia para usar nesse nosso encontro de hoje.

- Tomando nota?

- Sim. Tem um gênero textual que é um ótimo meio para reter e refletir sobre informações que podemos usar depois em diversas situações.

- E que texto é esse, fessô?

- Ué?! Tomada de notas. Tá aqui ó! – elucidou a profeflor ao exibir o caos que organiza seus fluidos.

- Ah tá! E o que tem nessas nota aí?

- Então, fui pesquisar sobre a P.L...

- P.L.??? Ké ki é P.L?

- P.L. significa “Projeto de Lei”. Funciona assim, um projeto de lei é lançado na

Câmara para que seja votado. A Câmara votando a favor, torna-se lei. Mas isso não pode ser feito de forma apressada, velada, sem debate com a sociedade, sem escuta, audiência pública...

- Hummm... tendi! Mas que projeto é esse? Quem colocou lá?

- É a P.L 261/16, também chamada de "Sampaprev". Ela foi lançada pela prefeitura de São Paulo que propõe váááárias mudanças que violam direitos dos professores. Na pesquisa que tomei nota ontem, encontrei um parecer de um jurista que já presidiu o Superior Tribunal de Justiça e que é professor de direito há mais de vinte anos na Universidade de Brasília. Ele aponta graaaaves problemas e irregularidades nessa P.L. Mas para perceber o tamanho desse absurdo, é necessário primeiro compreender como tem sido a gestão dos recursos públicos nas últimas décadas, principalmente, aqui no Estado de São Paulo.

- E é como, fessô?

- Em 2016, tomei nota da fala de um brilhante professor que realizava uma aula pública na ocupação da USP, aqui pertinho da gente. Ele disse que, nas últimas duas décadas, o principal modelo de gestão dos recursos públicos no Brasil é REN-TIS-TA. – registrou no quadro cada sílaba soletrada.

- Como assim, rentista?

- Cês conseguem traduzir esse adjetivo: “REN_TIS_TA”?

- Hummmm...ké dizê que é alguma coisa que retém?

- Exato, Laila. E reter é sinônimo de qual verbo?

- humm... guardar?....segurar?...

- Sim. Se o modelo retém, segura, guarda o dinheiro público, como os gestores públicos passam a enxergar a escola e a educação pública? Como um investimento? Ou como um problema para o sistema?

- Ah, como um problema, né fessô?

- Sim, Yasmim. E onde podemos perceber o reflexo desse modelo?

- Hummm... Aqui na escola?

- Isso. Observem, por exemplo, essas carteiras que vocês ocupam... qual o estado delas?

-Velhas! Muito velhas!...em muitas delas o tampo cai toda hora, fessô!...

- Me digam, quantas beliscadas na bunda vocês já receberam de cadeiras arrebentadas de tão velhas, hein?

- Váááárias, fessô! Várias mesmo! Tem também uma camisa minha que furou nas costas por causa desse parafuso frouxo que tem na maioria das cadeiras de madeira.
- E os bebedouros? Quantos existem na escola, Rodrigo?
- Um só, fessô! Um só.
- E qual a qualidade dessa água que vocês bebem todo dia?
- Barrenta, fessô! Muito barrenta!
- Pedro, você falou sobre a água ontem. O que havia com ela?
- Ah, ontem tava mó calor e a água além de barrenta, tava quentona também.
- Eu imagino que essas tubulações do prédio devem ser bem antigas. Mas nesse modelo de gestão, os gastos devem ser evitados. A função de uma direção tornou-se fazer render o pouco que se tem, ou seja, é mais segurar o recurso, conter gastos do que investir em melhorias básicas. E a minha pergunta é: reter pra quem? Segurar... guardar para quem, hein?
- Aaaaah, pros ricos! Pra a elite, né fessô?
- Elementar, meu caro! Elementar. Nesse caso, principalmente, para banqueiros, especuladores e grandes empresas que muitas vezes financiam campanhas eleitorais. Logo, podemos afirmar que essas condições nas quais a escola se encontra refletem esse modelo?
- Claro, né fessô! Aqui nunca tem dinheiro pra nada! Nunca pode nada! Mó zuado.
- Bem, agora, vamos fixar nossos olhos nesse tabuleiro de xadrez. Imaginem que essas peças negras representam os corpos que ocupam a escola, e que as peças brancas, representam essa elite rentista. Agora pergunto: quem são essas peças que ocupam o lado da escola?
- hummm... a diretora? ... o vice ... a gerente... as secretárias... professores... a coordenadora... as tias e o tio do corredor...as tias da limpeza...as tias da merenda...
- Ok. E do outro lado da força? Quem opera?
- O sistema?
- Exato! E quais são as peças desse sistema?
- São os ricos, né?... a maioria dos políticos... o presidente... a maioria dos prefeitos... governadores... os banqueiros... muitos empresários..., a mídia, e essa peãozada aqui na frente são os PM, é fessô? Eles que estão protegendo

o sistema, né?!
- Também, Mateus! Agora observem o jogo. Vamos “supor” que o grande desejo dessas peças brancas seja destruir as peças negras que representam a potência da escola pública. Para que isso aconteça, qual a primeira peça que esse lado da força precisa destruir para garantir sua vitória?
- Aaaah, os professores, né fessô?
- Hummm.... e por que, Bruna?
- Porque eles que estão cara a cara com a gente todos os dias para nos ajudar a aprender, né? Se o professor tá mal, não tem condições de trabalhar, a aula não tem como ser boa; e se não tem professor, não tem aula, e se a aula não funciona, ou não tem, não tem escola, né?
- Xeque-mate! Segundo o jurista consultado pelo sindicato, essa P.L propõe descontar do salário dos professores municipais um valor que não retornará quando se aposentarem. Isso contraria o princípio fundamental da previdência que é contribuição/benefício. Nesse caso, corre-se o risco de haver uma contribuição muito maior do que o benefício a ser recebido. Como os números não são transparentes, o servidor não tem como avaliar como fica o seu salário no modelo proposto pela prefeitura.
- E aquelas propagandas que aparecem na TV, fessô? E essa reforma do ensino médio que diz que escutou professores e alunos do Brasil todo?
- Em algum momento, algum representante do governo veio aqui escutar vocês?
- Não.
- A mim também não, Gustavo. É que esse modelo precisa investir muuuuito em propaganda para forjar realidade e vender uma eficiência que é pura fachada. Além disso, é preciso também administrar o medo que eles alimentam toda hora com essa história de crise econômica e com esse discurso de “gestão eficiente” para realizar todos os cortes e violações de direitos fundamentais. A qualidade da escola que aparece nas propagandas do governo, as condições e recursos que elas dispõem, por exemplo, condiz com a experiência que vocês têm acumulado nesses anos na escola?
- Oxe?! Não mesmo!
-Esse modelo precisa vender a imagem de que há investimentos na escola pública, quando na realidade, está tudo orquestrado para que ela não funcione.

Ou que pelo menos, funcione para convir ao modelo. A reforma do ensino médio prevê uma mudança apenas no formato, mas não em estrutura. Esse texto do Valter Hugo Mãe que doei a vocês, por exemplo, tive que imprimir cem cópias para esse encontro que se construiu de ontem pra hoje devido a potência do chamado. De onde vocês acham que saiu esse recurso? Do governo?

- Claro que não! Saiu do seu bolso, né fessô?

- E é justo isso? É ético que não tenhamos recurso para esse debate?

- Claro que não.

- Por isso que a potência do escolar é reduzida o tempo todo e o corpo dos professores é o mais violentado e usado para esse fim. Atuamos nessa tensão entre a potência do escolar, do nosso amor a dádiva de educar e o massacre desse modelo que, além de não escutar a base, não assume suas cagadas e costuma responsabilizar os professores pelo fracasso da educação pública.

- E o prefeito, fessô? Onde ele tava nessa hora? Ele disse alguma coisa sobre o que aconteceu ontem?

- Bem! O prefeito estava em um Fórum Econômico Mundial voltado para investidores.

- Kkkkkkk só rindo pra não chorar, né fessô! – desabou o David.

- Apois, de lá, ele polidamente, muito “elegante” e enfático, disse o seguinte: “Houve uma invasão, é preciso estar claro. Aliás, não foi um convite (feito aos professores), foi uma invasão, o que não justifica nenhum tipo de violência – nem da parte que invade, nem da parte que é invadida. A prefeitura, a figura do prefeito, não justifica nem ampara nenhum tipo de invasão.” – performou o corpo docente.

- Oxe, fessô?! Mas se ele inventou uma lei dessa, como é que os professores não poderiam ocupar a câmara? Não é a “casa do povo”? Tem mais que ocupar mesmo.

- Bingo! Se esses professores não fossem lá, a sociedade saberia dessa votação?

- Não mesmo. Eles queriam votar por debaixo dos panos, né fessô?

- Sim, e sem nenhum debate público com a sociedade... sem um processo que permitisse a escuta e a discussão com as partes que serão afetadas diretamente pelo projeto, se aprovado. Nesse caso, a invasão foi aos direitos

desses trabalhadores. E quando o prefeito diz que “não aprova os dois lados”, está assumindo a responsabilidade com o episódio?
- Ah, fessô! Tá na cara que ele tá tirando o dele da reta, né? Caindo fora! Mó safadão!
- Pois, então, voltemos ao significado da palavra: “vândalo”. Leia aí de novo pra gente, Pedro...
- Tá, fessô!... hummm...vândalo... indivíduo que destrói bens públicos e/ou privados...
- Hummmm.... então...os professores que tentaram ocupar a Câmara ontem estavam contra o bem público?
-Não. Claro que não!
- Ao propor esse projeto de lei, numa votação apressada, velada e sem debate público, a prefeitura demonstra que se compromete com a educação pública de qualidade?
- Não mesmo, fessô!
- Então, nesse caso, é mais coerente com os fatos atribuir o adjetivo “vândalo” a qual substantivo: professores ou prefeito?
(Sinal sonoro)
Ok amores. Continuaremos o debate na próxima aula. Porém, se for do interesse de vocês avançar nesse rolê, é necessário que cada ser participante desse fórum, destaque as frases-chave do texto do Mãe, ou seja, as passagens que mais afetaram vocês. Em seguida, tomem nota das sensações, memórias de experiências, reflexões e conclusões que elas provocarem, tá? Se achar necessário alguma consulta ao dicionário ou pesquisa, se joguem com fé.
- Tá, fessô! Mas pra quê cê tá insistindo nessa coisa de tomar nota?
- Ah, querida! Nosso maior e constante desafio é esgotar esse modelo dentro de nós mesmos.
- Como assim, fessô?
- É que ele aparece no padrão de gestos, discursos, comportamentos, afetos e atitudes que vejo cotidianamente todos os corpos repetirem aqui sem nem se dar conta. Como sempre me atento aos sinais desse corpo que ocupo, desejo inspirá-los a praticar também essa atenção e contragolpe no sistema olhando para a nossa performance no dia-a-dia escolar. Tomar nota de nós mesmos em

processo, ajuda muito
- Oxe, fessô? E como se consegue isso?
- Com poesia, amore! Ela tem fome de realidade e sempre deixa à mostra tudo o que se tenta esconder.

DÉCIMA TERCEIRA FLOR: A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. – Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (I).

Chegamos aqui a uma conversa que versará sobre o maior fatrimônio que Pedra Homem tem construído nesses quatro anos de corpo-em-escrevivência. Percebo no comportamento social, seja físico quanto nas redes virtuais, uma avidez em opina que tem como efeito colateral uma escassez de circulação de narrativas, ou seja, de experiências com os temas discutidos. Em um contexto de polarizações e binarismos, a avidez pela opinião tornou-se, a meu ver, o ato de expulsar, de expelir apressadamente a oportunidade de perceber os sintomas sociais inscritos no corpo por tentar a todo custo transferir imediatamente para o corpo alheio algo que, a priori, seria/é insuportável admitir em nós mesm_s. A opinião, como bem diz o professor Jorge Larossa Bondia, é a parte subjetiva da informação que, para ele, assim como para Pedra Homem, é a anti-experiência
Em *Sociedade Excitada: filosofia das sensações*, o filósofo alemão Christoph Türcke descreve logo no primeiro capítulo sobre como os imperativos do progresso técnocientífico da sociedade moderna subverteu o próprio significado original da palavra *sensação*, que deslocada da percepção do comum, passou a denotar nos dias atuais como tudo aquilo que atrai, o espetacular, o chamativo. Se antes o corpo era esse aparato em experiência, ou seja, esse instrumento disponível ao fluxo de acontecências, hoje, a busca incessantemente por estímulos no qual é levado por uma torrente que obstrui as possibilidades de um corpo gerar narrativas.
Lembro que logo quando dei o salto-mortal de Salvador para São Paulo, um dos primeiros gestos foi o de trocar a minha foto de perfil da rede social para uma folha em branco A4 em retrato, e a de capa para uma folha em branco A4 em posição de paisagem. Daí em diante passei a ir muito pouco a rede.

Passava em média de dez a quinze dias sem deslizar dedos por páginas iniciais, e quando entrava, não ultrapassava os vinte minutos. Lembro que me dava desafios, como por exemplo, ver apenas as dez primeiras postagens da timeline e de publicar apenas o que de fato movesse profundamente minhas moléculas. Essa redução de frequência de uso das redes sociais somados aos primeiros estudos/experimentos artísticos e ao início de terapias holísticas (massagem tântrica/meditaçãovipassana) foram atos que aos poucos foi potencializando isso que chamo de corpo-em-escrevivência. O próprio fluir dos processos foi me oportunizando a experimentar a vida fora dessa torrente. Desde que comecei a realizar performances artísticas no contexto da sala de aula, tornou-se urgente a necessidade de partilha desses eventos. A priori, desejava trocar com colegas nas reuniões, porém, como já foi descrito, os campos de expressão tanto para alun_s quanto pra professor_s são bem limitados nesse modelo de gestão. Como não havia espaço de escuta e troca dentro do contexto em que atuava, comecei a partilhar essas narrativas oralmente, em conversas com pessoas da minha rede de afetos extraescolar. Vale aqui ressaltar, que o edital desse mestrado foi partilhado por um desses afetos que escutava essas narrativas com a legenda: *“Achei a sua cara!”.*

Foi em fevereiro de 2016 quando partilhei no meu perfil pessoal do facebook a primeira narrativa de aula que percebi que poderia ocupar esse espaço com outro corpo. Lembro exatamente do diálogo interno que travava. Os dedos tremiam, e eu via nesse ato, a oportunidade de troca com a rede, da escuta de possíveis críticas a respeito da atuação, a expansão dos espaços de empatia e de encontros entre pares de diversos segmentos juntos com alunos e colegas docentes e artistas. Foi essa a grande mudança na minha relação com as redes, pois, a partir do estudo da recepção da primeira narrativa pude perceber que Pedra Homem resignificou o uso da plataforma ao transformar o gesto de partilha (e de acesso) de conteúdos em ato, ou seja, em uma extensão de seu programa performativo. As notícias, textos, postagens, a performance da rede, as opiniões, os sintomas sociais ali percebidos e os afetos disparados se integraram aos processos composicionais das performances de Pedra Homem. Por esta razão, outra mudança de paradigma foi a de inclusão indiscriminada de alun_s na rede, um procedimento que não realizava em Salvador. Antes, fazia seleção que era reflexo do estado de corpo que era dominante antes da

experiência de descolamento/deslocamento de si, ou seja, de apenas praticar a política de sujeito, e não desse lugar de “fora-de-sujeito”.

A recepção d_s leitor_s as narrativas me apontam para várias questões. A primeira é da oportunidade que as narrativas me de um posicionamento pela prática e não meramente pela opinião. Outro ponto é o quanto percebo a carência das pessoas (dentro e fora da rede) por histórias que as inspirem, ou seja, me convence a percepção de que o mundo precisa mais de inspiração do que de opinião. Outro ponto importante, é a percepção de como essas histórias de aula conseguem irromper o fluxo de julgamento, de adjetivações tóxicas. Antes de publicar a primeira, vislumbrei a possibilidade de julgamento e de rejeição agressiva de parte da rede. Isso para mim estava posto, era um risco que fazia parte do ato. Porém, para minha surpresa, nesses dois anos de ocupação de corpos físicos e virtuais com essas narrativas, percebo que narração e descrição dessas conversas com estudantes contragolpeia essa torrente de opiniões e afetos bloqueadores na rede. Mas há um aspecto proposital desse programa performativo das narrativas que elucida esse comportamento em relação a estas. À medida que Pedra Homem vai entrando em contato com os afetos tóxicos que surgem da forma como a própria rede lida e se relaciona com as informações que circulam vai se instaurando estados de delírio que inspiram a fabulação de um real que contragolpeia os sintomas da rede. Essa fabulação torna-se proposta para os encontros com estudantes e na sala de aula que esse contragolpe acontece e recheia o corpo de Pedra com narrativas que passaram a ocupar a rede. Se absorvesse (sem filtro) os afetos que circulam na rede, certamente Pedra Homem não existiria. Mas é importante salientar, que a processo composicional de Pedra Homem se dá a partir da conversa com afetos e espaços antagônicos a esse estado de corpo.

Entre bloqueios

São Paulo, maio/2016.

O professor de português contemplava gestos e expressões de jovens estudantes que desvendavam pela primeira vez a beleza dos cordéis nordestinos. No meio da aventura, surgiu o inspetor acompanhado por dois militares que pediram para dar um recado à turma. Cônscio do delito, o

professor abriu passagem e pôs-se a ouvir e meditar.
- Desculpe atrapalhar a atividade, mas queria que vocês me escutassem por alguns instantes! –iniciou um deles a abordagem.
Sem o crédito de alguns adolescentes que ainda se refaziam da abrupta mudança de rota, o militar encorpou e amplificou a voz:
- Vocês já ouviram falar em RESPEITO?
De pé, diante dos alunos, o professor sentiu cada página do corpo, e manteve a escuta aberta ao contexto.
- Eu vim aqui falar para vocês de um lugar onde se ensina de verdade. Um lugar que não há como você não aprender o que é certo e o que é errado. – seguiu o milico.
Alguns risos ecoaram do fundo da sala e acertaram em cheio o homem que, do seu lugar, enrijeceu ainda mais o discurso:
- Lá não existem risinhos desse tipo, sabe por quê?
Antes que o militar respondesse, vários alunos miraram o rosto do professor como se quisessem ler em outra página aquilo que a sabedoria do corpo deles já sabia. E o porta-voz dos militares prosseguiu:
- Lá os estudantes sabem que qualquer infração é descontada da remuneração que ele recebe por estar estudando. Ele sabe que pode causar sofrimento pra mãe que aguarda a ajuda dele no fim do mês. Um dinheirinho a mais no orçamento doméstico ajuda, né?! Sim, os alunos recebem oitocentos reais para estudarem em uma escola que prepara todos eles para um mercado de trabalho em que o emprego já é praticamente garantido.
- Mas eu não quero ser PM! – segredou ressabiado um aluno para o colega ao lado.
- Existem várias formas de seguir carreira militar. Ser policial, estar em viaturas é apenas uma delas. Você pode ser médico da corporação, advogado, engenheiro, enfim, desenvolver outros trabalhos que não necessariamente seja o da polícia. Mas saibam que lá vocês não ririam dessa forma como riram aqui. Lá ninguém usaria o celular. Lá vocês aprenderiam que não é certo usar isso aqui, por exemplo... – disse o anunciador ao sacudir a aba do boné de um aluno que celebrava nos olhos uma desconfiança.
- Vocês não estariam desse jeito como a colega ali... – marcou com o indicador a aluna que confortável em uma bancada dividia um livro com dois colegas

para que outros pudessem se aventurar na mesma fábula-cordel que ela traduzia. E assim concluiu:

- Lá vocês aprenderiam que a ação de um pode ser o prejuízo de todos, pois, o coletivo exige que todos tenham os mesmos modos, que ajam da mesma maneira. Lá é aquele esquema: um por todos, e todos por um.

Depois de distribuir envelopes brancos com palavras verdes para os alunos, o militar se dirigiu ao regente:

- Obrigado professor! Tome aqui um folheto, caso algum amigo tenha interesse!

Logo após os militares e o inspetor cruzarem a saída, um aluno disparou:

- E aí fessô, cê acha uma boa?

Em silêncio, o professor foi até o centro da sala. Abriu o envelope. Olhou-o por alguns segundos. Levantou o rosto para os olhos dos alunos. Ergueu com as mãos o papel até que lhe cobrisse toda a face. Rasgou ao meio. Retalhou-o em trinta e duas pílulas, e jogou-as no cesto de lixo como lançasse bombinhas juninas ao chão.

Prontamente, o aluno que esboçara em um sussurro o receio de se tornar PM, repetiu o gesto enquanto alguns adolescentes estudavam a proposta com certo interesse. Logo depois, a garota negra, a mesma da bancada, trouxe impresso no sorriso e na pétala do caderno, a felicidade de traduzir uma fábula em versos de cordel.

- Prefiro estudar em uma prisão que me pague do que em uma que não me paga nada! – desabafou uma aluna para a colega.

- E ATÉ QUANDO O DINHEIRO CONTINUARÁ MAIS LIVRE QUE AS PESSOAS? – trovejou na boca docente o verso do poema traduzido no bimestre passado.

Enquanto observava alguns adolescentes que caducavam comprando esperança a partir do medo, o jovem errante de boné vermelho convocou a atenção do professor. Com a testa sanfonada e olhar desconfiado para o livro, o estudante indagou:

- Esse tal de repente é tipo hip hop, né fessô?

- O que lhe aponta para isto?

- Ah, essas rimas aqui. Os caras rimam que nem os mano da quebrada, e muitos deles também denunciam as injustiças que o povo sofre, né?!.

E este foi o momento em que João Cabral tornou a sorrir nos olhos do professor:
- "A poesia circula livremente entre os bloqueios".

DÉCIMA QUARTA FLOR: A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. – Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (II).

A publicação das narrativas na rede se tornou o diário que melhor traduz as experiências do corpo docente de Pedra Homem. É a partir da organização, materialização, publicação e escuta da recepção a esses relatos que consigo expandir a consciência sobre a minha própria atuação docente/artística. É no processo de composição que consigo revisitar e perceber com mais apuro os conteúdos gerados a partir do encontro com estudantes, estes acabam por vezes, construindo uma espécie de bússola para as próximas propostas de conversa.
Outro ponto importante que vale salientar é que cada história/relato se organiza no corpo de Pedra em um devir sem tempo. É nesse devir que consigo visualizar seja com o corpo em inércia ou em movimento, o retorno de cada gesto, de cada afeto que compõe os encontros. Esse processo de maturação da narrativa até a sua materialização e publicação na rede virtual é ensaiado com base no conflito entre os afetos que circulam na rede e a necessidade de contragolpe que percebo ressoar no corpo-em-escrevivência. Publicar uma narrativa é sempre um ensaio que se realiza nessa tensão entre a pressa d_ espectante que reflete a velocidade da própria rede e a hesitação do corpo-em-experiência. Por esta razão, que o gesto apressado é sempre suspenso até que afetos transformadores surjam e o converta essa ação banal de publicar, em ato. Fabião traduz bem esse movimento que é comum a todos os estágios composicionais das performances de Pedra Homem quando diz que *não se atinge o corpo performativo grosseiramente. O corpo performativo não pára de oscilar entre a cena e a não-cena, entre a arte e a não-arte, e é justamente nessa vibração paradoxal que se cria e se fortalece.*

Limpeza

São Paulo, abril/2018

- Oxe, fessô! Ké ki cê tá fazendo aí na porta? Já bateu o sinal! O sinhô não vai dar aula pra nóis não é?
- Vou sim, amores! É que eu tô esperando uma convidada ilustre que vai nos dar a honra de sua presença em nosso encontro.
- Convidada ilustre? Quem é?
- Já já saberão! Organizem a sala em modo “fórum”, que já já ela chega pra iluminar a nossa prosa de hoje.

E assim, permaneceu profeflor esfregando as mãos feito lâmpada mágica a espera da importante figura. Passados quase cinco minutos, atravessou a sala de aula, uma senhora miúda, corpo robusto, semblante esfalfado e sorriso a iluminar as maçãs da face. Com calça e camisa de brim cor de lápis, chinelos gastos, sentou-se na cadeira já reservada ao lado direito do corpo docente. Nas mãos ainda pálidas de cloro, sustentava como cajado imperioso uma vassoura e uma pá. Do fundão, um aluno rompeu o silêncio que denunciava o assombro em jovens olhos de mangá.

- Oxe, fessô! A tia da faxina é a convidada que você tava esperando, é?!
- Quem? Como?
- Oxe, Lucas, não é assim que se diz não, seu cusão. Se diz “tia da limpeza”! Aff... que ignorante – trovejou a colega ao lado.
- Bem, alguém aqui conhece essa senhora? – cutucou profeflor.
- Ah, fessô! É a tia da limpeza!... É a tia da limpeza!... tia da limpeza... – respondeu o coro em cânone rotativo.
- Hummm... peraê! Alguém aqui pode me dizer o nome da nossa nobre convidada?
- Ah, fessô! Pra nóis é a tia da limpeza e pronto. – respondeu confortavelmente outra aluna.
-Mas que curioso! Nobre convidada, me responda, por favor: a senhora foi registrada pelos seus pais com esse nome? “Tia da limpeza”, foi? – virou-se para a direita profeflor munido de amorosidade debochada.
- Claro que não, fessô!?
- A senhora poderia revelar o seu nome?

- Com todo prazer, fessô! Meu nome é Janete.
- Janete do quê?
- Janete Alves Martins de Jesus – disse a senhora enquanto profeflor desenhava com riscos de giz cada substantivo próprio pronunciado pela convidada.
- Janete Alves Martins de Jesus! Que belos esses sobrenomes! De Jesus é o mesmo de uma grande escritora brasileira que deveria estar no café da manhã de cada ser que habita esse país tropical.
- Quem é fessô?!
- Cês já ouviram falar em Carolina de Jesus?
- Não!
- E a senhora, Dona Janete?
- Também não, sinhô!
- Procurem no Google e se presenteiem com essa pesquisa. Já o Alves também é um sobrenome bastante grifado aqui.
- É o sobrenome da Virgília, né fessô! A véia lá da foto que é o nome da escola, né?
- É sim. Esta senhora foi mãe de um governador de São Paulo. Mas vocês convivem com ela? Encontra com ela todos os dias aqui?
- Não. Nunca vimos. Ela é viva ainda?
- Desconfio que não. Mas vale pesquisar... Ops... peraê? Há quanto tempo cês frequentam esse espaço-escola?
- Há quase três meses, fessô!
- E até agora não aprenderam o nome dessa senhora, por quê, hein?
- Éééé...
- Vocês vieram de outras escolas, não é?
- Sim.
- Quantos anos passaram lá?
- Ah todo o funde II, fessô!
- Ok. Me digam aí, os nomes de todos os “tios e tias da limpeza” que passaram por lá...
- Éééé... iiiiih... lembro não, fessô!
- Ninguém lembra? Um nome já faria um bem enorme. Cês não lembram de nenhum?

- Ah, fessô! Nunca soube mesmo. – disparou o Lucas inundado de franqueza.
- E da diretora da outra escola? Cês lembram o nome?
- Meire. Era Meire. – respondeu na bucha o coro em uníssono.
- E a diretora daqui?
- Marli.
- Oxe, mas a tia da limpeza é muito mais suave que a diretora! – concluiu o Mateus lá do fundão.
- Mas não é Mateus! E então, cês já se perguntaram por que sabem de cor o nome das diretoras e ainda não aprenderam, e nem se ocuparam em saber o nome dessa senhora que está aqui todos os dias da semana disponível para tornar possível e mais agradável nossos encontros?
- Éééé´... éééé....
- Pois então, Janete! Você poderia nos contar um pouco como é seu dia-a-dia?
- Claro, fessô! Com todo prazer!
- A senhora costuma acordar que horas?
- Às cinco da manhã, fessô!
- Hummm... Por que levanta da cama tão cedo?
- Ah, é porque eu tenho que pegar um buzão e uma perua para chegar aqui no horário.
- E a senhora leva quanto tempo nesse trajeto de casa para a escola?
- No total, umas duas horas, fessô!
- O buzão é tranquilo?
- O buzão vem menos cheio, mas a perua vem entupida! Lotada mesmo.
- É confortável a viagem?
- Claro que não, né fessô! Muitas vez eu já chego aqui é morta de cansada...
- E quando a senhora chega aqui... o que costuma fazer?
- Ah, limpar tudo. E ficar de olho pra que a sujeira que a gente limpou não volte.
- Então a senhora costuma encontrar muita sujeira nesse espaço-escola?
- Sim, fessô!
- O que senhora mais encontra?
- Ah, é muito papel de bala, às vez pirulito derretido no chão, chiclete, bolinha de papel, resto de lápis, aqueles picotadinho de caderno, sabe?...
- E onde costuma encontrar esse lixo?
- Ah, nas salas de aula... no pátio, nos corredor, principalmente, depois do

intervalo...
- Hummm... vocês tem ideia de como esses itens se acumulam no espaço? – perguntou aos olhos de mangá que de mudos começaram a disparar risinhos constrangidos entre si.
- Que horas tem que chegar aqui, Janete?
- Oito da manhã, fessô!
- E sai daqui que horas?
- Eu saio daqui as dezenove hora.
- Hummm... tem intervalo?
- Sim. De uma hora.
- Quem consegue me dizer quantas horas, dona Janete trabalha diariamente aqui na escola? Contem aí...
- Hummm... pera....10 horas por dia, fessô!
- É muito ou pouco?
- É muito, né fessô! Zuado! Cê é lôco!
- Além da senhora, tem mais quantas pessoas que desempenham esse trabalho de auxiliar de limpeza aqui na escola?
- Ah, fessô! É só eu e minha filha.
- A outra funcionária da limpeza é sua filha?
- É sim, fessô! É minha filha.
- Quem de vocês sabem o nome da filha da dona Janete?
(silêncio ensurdecedor)
- Ok. Quem sabe me dizer quantos andares tem essa escola?
- Quatro, fessô! – Respondeu prontamente o João.
- Quantas salas temos aqui? Cês já experimentaram contar?
- Não, fessô...
- Então vamos lá... se a gente esquecer de alguma, por favor, nos ajuda, tá Dona Janete!...
- Éééé... aqui no segundo andar tem... uma...ok...duas...três...cinco salas de aula... uma sala de leitura... uma de vídeo...uma sala de professores... uma de coordenação...um depósito... lá embaixo... quatro de aula... mais secretaria...direção.... informática...dois banheiros... mais abaixo... mais uma de aula... o pátio... a cozinha... mais duas salas de vídeo e um laboratório... e por fim, a quadra... arquibancada e dois vestiários...hummm...

- Deu 29, fessô!
- Pois então, quase trinta espaços de uso e apenas duas auxiliares de limpeza é um número justo?
- Afff, não mesmo, fessô! É um absurdo! – protestou o Nicolas.
- E como a senhora se sente quando volta pra casa depois de um dia de trabalho, dona Janete?
- Oxe, fessô! Moída, né! Parece que um trator passou por cima de mim. E em dias de chuva é pior. Ontem mesmo, cheguei quase dez hora da noite em casa. Até eu dormir já era quase meia noite.
- Pra começar tudo de novo no dia seguinte, né?
- É isso aí.
- E se a senhora decidisse não vir um dia por conta do cansaço, o que aconteceria?
- Dá não, fessô! Eu corro risco de ser mandada embora! Eu dependo desse trabalho pra viver.
- E o salário, Dona Janete? É justo com a força de trabalho que a senhora dispõe todo dia nessas dez horas?
- Oxe? Não mesmo, fessô!
- Como é o contrato?
- Ah, até o ano passado era horrível! A gente é terceirizada!
- Terceirizada? Como assim? Poderia nos explicar?
- Posso sim, fessô! É assim, a empresa faz um contrato de três meses, podendo renovar ou não.
- A empresa? Não é o estado que te contrata? – vestiu-se de ignorância o corpo docente.
- Não, é uma empresa. Se nós for bem avaliada pelo fiscal , o contrato é renovado pra mais três meses. Se não, é demissão na hora.
- E como é ficar sob ameaça de ser demitida a cada três meses? Como se sente?
- Ah, é muito ruim, né? Bate um desespero. Já pensou cê ficar num trabalho que a qualquer hora cê pode ser mandada embora sem nenhum direito? Como fica a dispensa? Os fio? O neto? As conta pra pagá? Mas esse ano tá mudando, fessô! O contrato agora vai ser de cinco anos.
- E esse contrato de cinco anos vai incluir direitos trabalhistas?

- Acho que vai sim, fessô!
- Vai mesmo?
- Tem que incluir, né?
- Sim. E lá nesse contrato de trabalho, dona Janete, tem escrito o nome da função para qual foi contratada?
- Tem sim, fessô!.
- Qual é, hein?
- Auxiliar de limpeza!.
- Hummm... AU-XI-LI-AR DE LIM-PE-ZA! – repetiu e anotou cada sílaba em caixa alta na lousa. – Vamos agora olhar atentamente para essa expressão: A-U-X-I-L-I-A-R DE L-I-M-P-E-Z-A. Ela é composta de quantos termos?
- Dois, fessô!
– Muito bem, Marcel!
- Nessa composição, o termo “Auxiliar”exerce qual função?
- Substantivo, fessô!
- Muito bem, Geovanna! E a expressão “de limpeza”?
- Hummm... éé... um adje... ops... é uma locução adjetiva, né?
- Sim, pois, está dando o atributo referente ao substantivo, mas com uso de uma preposição “de” junto com o substantivo “limpeza”. Pois bem, já que perceberam a função dos termos, desejo que nos concentremos agora no sentido deles... o que é um ou uma “auxiliar”?
- Ah, é alguém que auxilia! Que ajuda em algo, né fessô!
- Ok, Pedro. Alguém que é auxiliar, ou seja, cujo papel é ajudar, auxiliar em determinado serviço. Esse alguém que tem o papel de auxiliar, ajudar em algo deve ser tomado como agente principal de uma ação?
- Não, né fessô! Se é auxiliar...
- Hummm... Pois bem! Cês conseguiriam me responder quem são os principais agentes responsáveis pela limpeza de um espaço de uso coletivo?
- Quem usa? – respondeu a jovem voz trêmula que ressoava em bochechas avermelhadas.
- Exato. E aqui na escola, quem são os principais agentes da limpeza do espaço?
- Nós? – respondeu outra voz interditada por assombro.
- Sim. E como vocês tem desempenhado esse papel?

- Xiiiii, fessô!... Viu que eu te falei!... Ta veeeendo, Mateus!... Viiiu, dona Naiara!... – dissimulou-se um coro de delatores em risinhos cheio de sintomas.
- Dona Janete, nos avalie, por favor, diga aí: temos desempenhado bem a função de principais agentes da limpeza do espaço?
- Olhe, fessô! Posso ser bem sincera?
- Por favor, Janete!
- Não. Posso dizer que a sala dos professores dá muito menos trabalho, mas ainda tem uma coisa de aparecer resto de comida junto com o lixo do papel toalha. Isso que é o pior. Mas os banheiros e as salas de aula ainda é o espaço onde a gente mais se desgasta pra limpar.
- Hummmm... tenho acompanhado a “novela” na sala dos professores... também tenho observado muito o estado das salas após as aulas. O que posso declarar é que considero muito difícil vigiar mãos que não me pertencem. Só é possível observar e usar as minhas, sabe?
- Aaaah...Vai dizê que cê nunca jogou nada no chão, fessô!
- Tem tantos anos que nem me lembro quando fiz, e se fiz. Recordo que desde a infância, sentia um constrangimento constrangido toda vez que ensaiava jogar lixo no chão, da mesma forma que sentia muita vergonha quando via amigos próximos fazendo isso sem esboçar o menor sinal de remorso. Váááárias vezes já catei lixo do chão para reduzir a angústia. Ao longo da minha existência, tenho aprendido a me observar muito em ação para que não seja necessário que ninguém precise me explicar o óbvio. Sinto que hoje o papel de um corpo docente tem sido esse, né? O de traduzir o óbvio.
- E como cê faz com o lixo?
- Eu costumo acumular todo lixo seco na minha bolsa, levo-o e coloco na sacolinha separada do lixo orgânico. Faço coleta seletiva em casa.
- Mas aqui não tem cesto pra coleta seletiva, né?
- Por isso mesmo! E vocês? Tem cumprido esse papel de principais agentes da limpeza do espaço que usam diariamente? De que maneira?
- Pra falar a verdade, eu nunca pensei dessa forma, fessô! – confessou o Pedro.
- Pois é, Pedro! Aquele sistema rentista do qual já falamos, reduz o número de funcionários da escola, e terceiriza o trabalho dessas auxiliares. Ele cria uma série de desigualdades que devem ser repetidas diariamente por todos para

que elas se tornem “naturais” aos nossos olhos.
- Naturais? Como assim?
- Tão naturais quanto despercebidas pela maioria. Por exemplo, quando as mãos de vocês lançam ao chão todos esses “itens”(como os listados por Dona Janete) sem nenhum remorso, sem nenhum constrangimento, vocês se tornam parça da “tia da limpeza” ou exploradores dessa força de trabalho?
(silêncio ainda mais ensurdecedor)
- Exploradores, fessô!
- É isso. O sistema atua com a certeza de que nós iremos repetir o seu gesto. É assim que se sustenta a exploração. Passamos a não reconhecer o outro que é mais base do que nós dentro desse modelo hierárquico de relações de poder, e assim, o exploramos mesmo quando cremos que nutrimos o mais nobre dos afetos e as melhores intenções.
- A senhora se sente explorada, Dona Janete?
- Muito, fessô! Por tudo que já contei aqui, eu me sinto muito explorada mesmo.
- Pois bem, Dona Janete! Eu agradeço muito a sua presença aqui nessa aula, viu?. Faço votos de que o seu nome e a história que a senhora partilhou aqui conosco sejam lembradas toda vez que uma mão ensaiar lançar ao chão alguma imundice.
- Ok, fessô! Vou indo nessa...
Sob aplausos juvenis, a senhora foi se retirando timidamente da cadeira cativa até cruzar a porta de acesso ao imenso corredor.
- Então hoje, decretamos o dia da tia Janete, né fessô! – anunciou a Julia com alívio e entusiasmo.
- Pode ser que sim, Júlia! Mas se todos os dias cada ser se der uma ínfima oportunidade de se livrar de alguma imundice cotidiana que nos torna imundes, já me dou por satisfeite!
- Como assim, fessô?
- Se cada ser que compõe essa aldeia conseguir barrar e borrar em si o costume de amar a “tia da limpeza” com a mesma intensidade que a explora, o mundo, com certeza, ficará não só fisicamente, como também politicamente mais limpinho. É isso.

Paz

São Paulo, novembro/2018.

- “A paz é que é culpada. Sabe, não sabe? A paz é que não deixa.”
- Aff! Essa senhora tem muita raiva da paz, né fessô?!
- Hummm, mas que paz é essa que ela culpa tanto?
- É a paz que matou o filho dela, né? – respondeu a Cláudia.
- Mas a paz é um substantivo abstrato, não? Qual nome concreto presente no conto do Marcelino Freire revela quem tirou a vida do filho dessa personagem?
- A polícia, fessô? – disparou o garoto do fundão.
- Será? Em que contexto aparece esse substantivo concreto?
- Aqui ó fessô! Quando ela diz: “Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor.”
- Hummmm... e qual o perfil social dessa personagem?
- Ela é pobre! Mora na favela! E é negra, né fessô?
- Hummm...o que te faz afirmar que ela é negra?
- Tem aqui no texto ó! Quando ela diz: “a paz é muito branca”.
- Ok.
- Mas nem precisava ir no texto, né fessô? Basta a gente ver a realidade, e isso logo aparece.
- Hummm... qual realidade?
- Ah, que a polícia sempre desconfia dos negros!
- E isso é justo?
- Claro que não, né?
- Alguém aqui, tem alguma história semelhante em primeira ou em terceira pessoa que possa nos contar? – Bastou realizar a pergunta, e x profeflor de de português foi obrigade a arregaçar os ouvidos para receber a avalanche de narrativas que transpostas para a dramaturgia renderiam váááários episódios dignos de um seriado da Netflix.
- Eu tenho! Eu também tenho, fessô! Não! Eu aqui primeiro ó!´Eu!
- Ok, Gabriel! Narre aí pra nós, por favor o primeiro episódio da série!
- Foi assim, fessô! Eu tava no shopping da Granja, e tinha acabado de encontrar meu primo que vinha da escola militar. Esperávamos nosso vô ali

bem na entrada. De repente, apareceu dois policiais armados. Eles mandaram meu primo, um negro de pele bem escura, encostar na parede e levantar as mãos. Enquanto esgarçava as pernas dele com bicudas, disse bem assim ó: “abra as perna, neguinho! Nem era pra cê tá aqui! Não vê que isso aqui não é lugar pra você?!” Foi então, que um deles viu o emblema na farda do meu primo embaixo do casaco, e percebeu que ele era aluno da escola militar.

- E então?

- Nessa horinha mesmo, fessô, meu vô chegou retrucando os PM. “Só porque o menino é negro é?” – disse logo botando na cara dos polícia o documento de militar aposentado.

- E aí? – perguntou a Renata.

- Oxe, o policial ficou todo sem graça e só faltou ajoelhar ali mesmo na rua!

- Hummm... mas se seu avô e seu primo não tivessem vínculo com as instituições militares, seria justo que recebessem esse tipo de tratamento?

- Claro que não, né fessô! Isso é racismo!

- Eu tenho outra história, fessô! – disse um outro narrador faminto antes mesmo dx docente abrir a boca para compartilhar conceitos sobre o assunto.

- Ok, Thiago! Largue o doce, vá!

- Oxe, fessô! Ké ké isso?

- Significa, conte logo, em baianês. rs

- Ah tá! Então! Eu saía do Mac Donald’s com dois amigos em direção ao Parque Villa Lobos. Uma hora, percebemos que uma rota estava acompanhando a gente. Foi quando quatro policiais armados com oitões saíram da viatura e cercaram nós. Eles logo gritaram: “neguinho encosta na parede vá!” Depois que fomos revistados, eles perguntaram se tínhamos passagem pela polícia, onde morávamos, se estávamos usando drogas e disse que eu tinha cara de playboy drogado. Já o negrete...

- Já quem? – interpelou x profeflor.

- O negrete, fessô! É o meu amigo!

- Mas é esse o nome do seu amigo? É assim que ele foi registrado? – atirou as palavras mirando para os olhos de Diadorim do narrador.

- Éééé... ké dizêêê... o nome dele é Caique, fessô!

- Pois, então! O que houve com o Caique?

- É que o Caique ficou nervoso de medo e começou a dizer que ele era

trabalhador, que não mexe com coisa errada e tal.
- E aí?
- Oxe, o policial na hora disse: “Você é trabalhador? Nada! Tu tem cara é de traficante! De bandido, isso sim!”
- E quem estava enganado a respeito do Caique? O Caique? Ou os PMs?
- Os PMs, fessô! O Caique tava dizendo a verdade! Ele trabalha num supermercado ali pertinho.
- E então?
- Bom, depois que eles revistaram, revistaram e não acharam nada, eles pediram o RG da gente, olhou, olhou e antes de irem embora liberaram nós dizendo que estavam apenas cumprindo com o trabalho deles.
Atenção, queridxs leitorxs!
As demais histórias narradas pelxs alunxs no mês de maio desse ano reverberam até hoje nesse corpo que ocupo, e lógico, também dialogam com as outras tantas narrativas que acumulo nesses 35 anos de (re)existência. Pararei por aqui antes que o dia 20 de novembro passe em branco nessa página. Mas, se passar, de boa, né?! Pois, histórias assim acontecem e podem ser narradas todos os dias. Quem aí manteria os ouvidos do corpo sempre abertos para nos escutar diariamente?
Asè.

DÉCIMA QUARTA FLOR: A sala de aula na rede virtual, a rede virtual na sala de aula. Narrativas como extensão do programa performativo de Pedra Homem (IV).

Em setembro do ano passado tive uma grata surpresa com uma narrativa que será partilhada no próximo capítulo. Essa história, em especial, viralizou e atingiu pouco mais de 2.800 reações, 115 comentários, 609 compartilhamentos e uma avalanche de pessoas dos mais variados perfis me enviando solicitações de amizade. Esse episódio me inspirou a criar a página “O Diário Escolar de Pedra Homem” no facebook. Lá passei a publicar e às vezes impulsionar narrativas pretéritas, não vistas pelo público que passou a me acompanhar e se expandir a partir dessa viralização na rede. Em média, as narrativas do perfil pessoal obtiveram/obtém organicamente entre 50 e 180

reações e sempre geraram/geram comentários que comunicam essa carência por narrativas, em especial, por histórias que devolvem para o escolar a confiança que o próprio modelo de gestão orquestra retirada. Os impulsionamentos pagos na página do diário tiveram/tem a intenção de ampliar a distribuição e circulação dessas narrativas na rede e expandir as possibilidades de encontro com pessoas que possam se inspirar com as práticas. Nesse mês de junho, a página O Diário Escolar de Pedra Homem ultrapassou a marca das mil curtidas, apenas como distribuição das histórias. Vibro ao ver o encontro de alun_s, colegas da docência e/ou das artes nos comentários. Em ver docentes sejam veteran_s, sejam em início de jornada se inspirarem nessas histórias. Essa recepção também presenteia Pedra Homem com traduções de suas performances pelos comentários d_s leito_s. O estado de corpo *Profeflor* tem esse des/nome graças a um comentário do Gustavo Eiras, um estudante de psicologia e leitor assíduo que ao ser afetado pela narrativa *O presente de Graça* presenteou-me com esse termo que traduz bem o modo de agir de Pedra Homem no contexto escolar.

É nítido nos olhos da poesia que veste Pedra Homem que esse CIStema só produz “tretas”. Para ele, é conveniente que as bases nunca se entendam. É no atrito entre corpos que não se percebem comuns que se mantém. É preciso que cotidianamente docentes tretem com discentes, que discentes tretem com docentes, que docentes tretem com docentes e que discentes tretem com discentes. Está tudo orquestrado para que essa guerra entre corpos da base nunca cesse. Para o CIStema, esses corpos jamais deverão se perceber comuns em seus desejos.

Diante desse contexto, ocupar as redes com narrativas é também uma das formas de Pedra Homem ampliar os espaços de empatia entre os corpos reconectando essa rede de afetos pela via da prosa poética que nasce do encontro com os desejos que nos são comuns. Trata-se de um modo agir/ser que atua pelo sabor dos gestos, pela transformação de afetos bloqueadores em potências, pela o uso da delicadeza que viola CIStemas embrutecidos, assim como a flor drummondiana que de tão frágil e pálida rompe o asfalto.

A Sede de João

São Paulo, setembro/2016.

- Fessô-ô, posso beber água?

- O que diz sua consciência?

- Éééé...que não!?

- Hummm.... e essa consciência que te diz “não”, é sua? Ou de outro?

- Ééééé...

- Me responda uma coisa: o que diz o seu corpo?

- Meu corpo diz que sim, fessô!

- Por quê?

- Ora! Porque eu sinto sede.

- Então, seu corpo é sua consciência?

- Não.

- Ué! Por que não?

- É que meu corpo diz que sim, e a minha consciência diz que não!

- O que é isso que você chama de consciência?

- Éééé... a mente?!

- Então, você está convicto de que apenas a mente é sua consciência? É isto?

-Ééééé... éééé...

- Algo que sentimos pode ser a nossa consciência?

- Não!

- Por que não?

- Ééééé...

- Me responda: se você me pedisse para ir beber água sem estar com sede, seria um pedido da sua consciência?

-Não.

- Por que não?

- Porque consciência é aquilo que sentimos?!

- Hummm....Será? Diz aí, é possível sentir alguma coisa sem um corpo?

- Não!

- Então, é possível existir consciência sem corpo, João?

(pausa.cataclisma.carnaval.)

- CARAAAACA, FESSÔÔÔÔ! CLARO QUE NÃÃÃO! PUTZ!

- Pois bem! A consciência que nesse momento pede que você mate a sua sede

está ameaçando a liberdade de alguma outra consciência?
- NÃO! - vibrou com a voz no peito logo após puxar o ar pelas narinas.
- Então João, tem necessidade de existir uma lei ou figura de autoridade para te autorizar toda vez que sua consciência solicitar algo que não ameaça a liberdade de outro corpo?
- Não, fessô! Não mesmo!
- Pois bem, qual a única coisa necessária para matar a sua sede, João? É uma lei? Uma ordem? Uma autorização de um poder soberano?Ou sua própria consciência?
- Aaaaah, minha consciência, né fessô?! – cantou o garoto já a dois passos de cruzar a porta da sala.
E foi assim que nasceu o instante em que João e o professor souberam que não valeria mais a pena seguir com seus velhos corpos.

Caderno n° 3

De-vir-a-ser
CABRA FÊMEA.

VIDEOCLIPE

São Paulo, abril/2018.

- Ouvi dizê que cê vai lançar um clipe, é verdade fessô?
- Sim. É verdade.
- Uaaau! Ki da hora! Quando vai ser?
- Mês que vem.
- Jura?
- Aham.
- Como é a música? Qual o estilo o sinhô canta? ...
- Aaah... o sinhô eu não sei, mas no meu caso, na hora certa cês vão saber.
- Aaaah, fessô! Ké dizê que só no dia que a gente vai saber é?
- Não, não! Talvez antes.
- Oxe? Talvez? Como assim?
- É que começarei a postar contéudos que vão dar umas pistas da hora sobre o conceito desse primeiro clipe-canção.
- Vai postar onde? No seu face?
- Também, e nas novas plataformas.
- Que plataformas?
- Na fanpage do face que, mesmo já tendo uma, terei que começar outra do zero.
- Do zero?
- Sim, do zero mesmo. O facetruque me deu uma página de figura publica no ano passado. Não pedi nada, e me jogou guela a baixo. Umas mil e tantas delícias da minha rede acabou curtindo. Tentei excluí-la, mas não rolou. Logo, pensei, pode ser útil quando lançar o clipe, é só trocar o nome para Pedra Homem, e pronto. Só que não, né?
- Como assim, fessô?
- É que o face só permite que eu mude para um que seja próximo do nome “Magno Santana Matos”, daí danou-se.
- É mesmo fessô! Pedra Homem é mais da hora mesmo. E cê já tem Instagram?
- Até ontem eu nunca estive no instagram. Inclusive, tomei uma bela surra quando estava abrindo a página. Tive que abrir pelo PC, pois, ainda estou sem

celular no momento.
- Putz! Pelo PC é mó zuado mesmo!
- Muito! Ainda mais para uma virgem como eu!
- KKKKkkkkkkkk
- O que posso adiantar é que serão nessas plataformas, no face e no instagram que vocês poderão testemunhar e participar do rito de passagem.
- Rito de passagem? Como assim?
- Cês não sabem o que é um rito de passagem?
- Ah, sei lá... tem a ver com mudança, né?
- Sim, Nicole. Um rito de passagem é uma celebração que marca um momento importante na vida de alguém. Geralmente está ligado a nascimentos, mortes, casamentos...
- Oxe! Então ké dizê que o sinhô vai casá é fessô?
- De certa forma, sim! E também morrer e nascer.
- Aff, fessô! Ki idea de lôco é essa? Tá lôco é?
- Xiiiiii... sinto que já tô dando pista demais, hein? Melhor parar por aqui.
- Aaah... conta mais vai! Já tô curiosa!
- Relaxem! Já já eu vou anotar no quadro o nome das plataformas, daí cês acompanham cada post, tá? Quem mais interagir com as publicações, terá maior chance de desvendar o conteúdo dessa primeira aparição de profeflor como corpo-cantante.
- A gente pode curtir?
- Oxe! Por favor! Também comentar... compartilhar...Podem ficar bem a vontade mesmo. Atualmente, a distribuição dos conteúdos produzidos pelos artistas, principalmente d_s independentes, é feita através dessas plataformas. Logo, todo amor e engajamento da nossa rede de afetos é sempre bem vinda. Partindo de vocês então, aí é que fica ainda mais lindo esse momento.
- Cê é independente, né?
- Sim! Sou. Toda produção que cês vão ver no próximo mês, assim como dos conteúdos que embrulharão esse clipe foi financiada com o meu holerite de profeflor e com a bolsa do mestrado que faço. Contei também com a colaboração de vários afetos... lindezas que se envolveram com os lampejos e uniram essa história com as histórias delas.
- Que top, fessô! Diz aí então pra nóis como é que cê tá lá no instagram?

- Vou anotar aqui no quadro: No INSTA cês procuram o: @pedrahomemoficial. No FACE coloca só: Pedra Homem. Para que essas páginas façam sentido é preciso curtir, seguir e interagir com as postagens.
- Então nós pode metê o lôco lá?!
- Metam mesmoooooo! Quero muito mesmo o feedback de vocês nessa travessia. Sem a inspiração diária de vocês, a arte que pulsa em mim seria beeeeem xoxinha! Podem meter o lôco mesmo!
- Mas peraí, fessô! Então, kê dizê que o sinhô não vai mais dar aula pra nóis? É isso?
- Como???
- Se o sinhô ficar famoso? Aparecer na televisão? Fazer turnê? Vai dar aula como?
- Caaaalma, Bia! Essa intenção de abandonar a sala de aula não passa meeeesmo pelo corpinho de Pedra! Se atirar na arte, como na vida, como na educação é sempre um risco. É incerteza viva, amore! Não sei ao certo aonde esse trabalho vai me levar, nem no que vai dar... E nesse momento, nem me interessa saber. Só sinto que chegou a hora de botar a cara no sol... de entregá-lo pros olhos do mundo, sabe? Tem quase quatro anos que saltei mortalmente de Salvador pra São Paulo com esse propósito, e em meio a tanto estudo, tomadas de nota, laboratórios, experimentos, lampejos, tropeços e suores, a vida decidiu que vai ser no mês que vem.
- Ah, bom! Mas vai dar pra fazer as duas coisas? Cantar por aí e ser profeflor?
- Eu tô cuidando pra continuar desfrutando das duas delícias!
- Mas se tiver que escolher ser uma coisa só, fessô? O que cê vai escolher?
- Xiiii... melhor nem nos ocuparmos com isso, mesmo porque isso não tá posto no agora. Só sinto que temos potência para fabular, inventar e reinventar váááários corpos usando a mesma matéria. Podemos criar várias formas de existir e todas essas maneiras de ser nutrem umas as outras. Sinto que cada corpo que se fabula no corpo que ocupo é dendê um do outro... cada forma nutre de energia umas as outras. Comigo acontece assim, se Profeflor murcha, a arte de Pedra morre; e se a arte de Pedra morre, Profeflor murcha. Conseguem perceber?
- Hummmm... eu acho que entendi sim, fessô!.
Então, posso contar com o chamego de vocês pra mais um rolezinho pela arte?

PRIMEIRO SERTÃO – Pode a via(da)gem ser pedagógica?

Sertão. Travessia. Ser/tão. Os afetos que moveram o descolamento e deslocamento de corpo-Magno de Salvador para São Paulo sinalizavam um forte desejo de realização artística, no qual, a priori, a docência era vista mais como uma garantia de estabilidade mínima para iniciar a vida em São Paulo do quê como um potente lugar de experimentação do corpo artístico. Os primeiros estudos e experimentações artísticas somadas a essa primeira grande experiência de desterritorialização possibilitaram a potencialização da docência a partir da criação de atos de resistência que fizeram de Pedra Homem, esse modo de agir/ser no mundo, Profeflor. A experiência desse corpo performativo nascido da tensão com a cidade e com o modelo de gestão das escolas da rede estadual de São Paulo na qual atuou/atua, aos poucos, foi aflorando outro estado de corpo artístico de dentro do corpo performativo parido no exercício da docência. Como já dito, a principal "marca" desse modelo era/é o excessivo controle dos corpos e o esfriamento das paixões através de normas impostas sem qualquer espaço para a escuta e participação coletiva. Controle que se intensificou no começo de dois mil e quinze quando o professor Jota, vice-diretor designado pela Diretoria de Ensino, assumiu a direção no lugar de um diretor que deveria assumir o cargo, mas, segundo ele, não aparecia. Desde a sua assunção na gestão escolar, senti progressivamente que a heterossexualidade não seria apenas uma orientação sexual, mas um arquétipo (anti) político que passaria a administrar intensivamente os corpos dentro do espaço escolar.

Foi justamente nesse ambiente onde os desejos tinham cada vez menos espaço, onde os campos de expressão se encontravam limitadíssimos, e a imaginação reprimida por afetos bloqueadores, que o meu estado de poesia e transgeneridade não-binária começou a aflorar. Foi nesse contexto onde tod_s aprendiam a silenciar, dissimular e/ou segregar interesses e desejos distintos da norma que percebi a dimensão social e o potencial político e artístico do meu "estrageirismo" A afirmação das singularidades que me tornavam "estrangeire" dentro desse sistema foi o primeiro passo para a reinvenção da minha atuação na escola. A afirmação destas se daria através da auto-observação e destruição contínua das identidades que me mantinham

identificade (seja por avidez ou aversão) com figuras de autoridade. Logo, a substituição de reações defensivas por afirmações produtivas se tornou a condição *sine qua non* para a abertura de novos circuitos de afetos e desejos. A experiência recente de uma desterritorialização, de um luto amoroso e de parricídio entrou em simbiose com esses processos e subsidiou a emancipação de um "novo" corpo político, de uma "nova" forma atuar no contexto escolar que possibilitou a experimentação dos estados de corpo que dois anos depois seriam expostos em videoclipe.

VIADAGEM

São Paulo, fevereiro/2016.

- KÉ KÉ ISSO? – gritou a aluna ao se deparar com o vermelho intenso que iluminava as unhas do professor de português no primeiro dia de aula.
- Ah, isso aqui? Viadagem.
- KÊ?
- Viadagem, querida! Viii-aaa-daaa-gem. - respondeu novamente e registrou na lousa cada sílaba que soletrava.
- Como assim, professor? Então quer dizer que o sinhô é ...???
- Amô-ô, qual é o significado do substantivo "viadagem"?
- Hummm... Coisa de viado?
- Então. 😉
- Bom, abram o livro na página...

SEGUNDO SERTÃO – Notas sobre primeiras via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem (I)

Os temas norteadores desses sertões ampliam as discussões sobre as seguintes pautas: Seria a sala de aula um espaço legítimo para se discutir gênero e sexualidade? Como tensionar tais discussões em um ambiente marcado por processos disciplinares voltados à normalização de indivíduos? Qual a importância que essas discussões têm para vida de um corpo docente que se propõe a levar essas questões para a sua prática? O atual cenário macropolítico (de reformas educacionais via medida provisória, de escola sem

partido, de neoconservadorismo e neoliberalismo) deve limitar ou potencializar as nossas tomadas de posições na esfera micropolítica? Como ultrapassar o modelo patriarcal-teológico-político de constituição da autoridade? Como a performance de transgeneridade pode contribuir para tensionar a *pedagogia do armário* presente em muitos modelos de gestão que ocupam ideologicamente o tempo/espaço do escolar? O que caracteriza estas ações? E qual a importância de compartilhar essas experiências?

"- E se usássemos a sala de vídeo para assistir um filme na aula de amanhã? – perguntou o professor de português aos alunos do oitavo ano.
- Não vai rolar não, fessô!
- Ué, não vai rolar por quê?
- É que o Jota não deixa!"

O poder "tomou de assalto" a vida, penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. É com essas palavras que Peter Pal Palbert inicia *Vida e Morte em contexto de dominação biopolítica,* ensaio com o qual elucida como o *biopoder* contemporâneo reduz a vida a uma sobrevida biológica para produzir *sobreviventes*. Nesse contexto, segundo o autor, a sobrevida é a vida reduzida ao seu mínimo biológico, e o 'carrasco' torna-se igualmente um cadáver vivo que habita essa zona intermediária entre o humano e o inumano, máquina biológica desprovida de sensibilidade e excitabilidade nervosa. E é com esse sequestro da vitalidade social que Palbert anuncia que permanecemos reduzidos ao sobrevivencialismo biológico, a mercê da gestão biopolítica, cultuando formas de vida de baixa intensidade, submetidos à morna hipnose, mesmo quando a anestesia sensorial é travestida de hiperexcitação. É nesse cenário de pós-política espetacularizada que nos tornamos escravos da sobrevivência e aprendemos a não arriscar a vida.
Desde que comecei a criar instantes poéticos e perceber todo o seu potencial pedagógico, o Jota foi o "personagem" mais observado nos registros e estudos que realizava, ainda sem a clareza de que se tratava de estudos de performance. Traçarei brevemente seu 'perfil' com os dados que tenho registrado no corpo. Trata-se de um homem, branco, cisgênero, de aproximadamente cinquenta anos, casado, pai de uma adolescente, nascido e

criado no interior de São Paulo. Esse filho de uma italiana com um chinês, quando jovem sonhava em ser jogador de futebol, mas se dividia entre as divisões de base de um time e o trabalho na granja do pai. Mas uma violenta crise financeira levou-o a intensificar o apoio ao pai e o distanciou do sonho de ocupar os campos de futebol. No momento da escolha de uma profissão, optou pelo curso de educação física e tornou-se professor da matéria. A narrativa do desejo da adolescência e da escolha profissional foi compartilhada em uma conversa informal à beira do balcão da cantina onde o diretor espontaneamente dividiu comigo e com o Lázaro, funcionário do estabelecimento, um pouco da sua história de vida.

Esse encontro com a narrativa de desejo do diretor quando tinha a idade d_s alun_s foi importante para perceber a pertinência dos conceitos de biopolítica e biopotência para elucidar como a assunção ao poder é capaz de reduzir drasticamente a potência de vida de uma pessoa. O adolescente que abandonou o sonho de ser jogador de futebol em nome do pai se tornou um professor de educação física que ao assumir a direção de uma escola passou a impor leis contra corpos, que em grande maioria, ainda adolesciam.

As características mais marcantes do diretor pareciam partir de uma identificação narcísica com um *Pater poder neoliberal* que vende a ideia de que é capaz de nos garantir a segurança criando leis que imobilizam a produção e circulação do conhecimento**,** mas que na realidade, geri apenas a insegurança social. Além disso, o 'personagem' enfatizava em vários momentos a sua empatia com a pedagogia militar, e buscava sempre exibir socialmente a imagem de um 'pai severo', produtivo, rentista e eficiente. Porém, nos momentos em que tentava controlar e ao mesmo tempo barganhar a empatia do grupo de professor_s com um estilo "bonachão/boa praça" disparava bordões do tipo: *Boa tarde! Mas só pras virgens!*

Na concepção deleuziana, poder é "impedir alguém de se realizar pelo ato. É despotencializar, coagir, desviar a potência do que ela pode. O poder quer dominar, se utilizar do outro". (TRINDADE, 2013). Para ele, quando transferimos a nossa potência ao outro, damos-lhes autoridade porque acreditamos que ele pode atender nossas demandas. Entretanto, nos tornamos seus subordinados, reféns, vítimas. Um poder não é capaz de gerar potência naqueles que governa, se gerasse, não seria um poder e não se colocaria

acima do outro. Por esta razão, todo poder é triste, diz Deleuze, ele é sempre um obstáculo diante da realização das potências. A administração de afetos bloqueadores como o medo, a esperança, o ódio, a culpa, a vingança atestam de que só quer o poder quem é impotente, de quanto mais fraco nos tornamos, mais desejamos o poder. Vale aqui compartilhar uma provocação feita por Palbert que realçou a percepção dos afetos que norteariam minha maneira de lidar com esse contexto. Na abordagem do corpo que não aguenta mais, provoca o autor: “como ter a força de estar à altura de sua fraqueza ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?”

O modelo escolar impresso pela gestão do Professor Jota era centralizador e totalmente dissonante dos *contextos sociais e culturais contemporâneos, nos quais as contingências da ação social é a norma que põe, constantemente, em questão as verdades mais enraizadas.”* (AGUIRRE, 2009, p. 1).Entretanto, este era assimilado e repetido pela maioria dos corpos. Seja por avidez ou por aversão, acreditava-se que a presença do “personagem” tinha de fato o poder de ameaçar ou de garantir uma estabilidade que nunca, de fato, seria/foi conquistada. A frase mais repetida pelos membros da comunidade escolar a qualquer ideia compartilhada era: *“Não, o Jota Não Deixa”*. A dramaturgia presente na frase, como já dito, me inspirou a rebatizar o nome da unidade escolar para *Escola Estadual Professor Jota Não Deixa*. Ficava a sensação de que o modelo convivia assombrosamente com o que ele mais evitava: a instabilidade dos corpos.

PIROCA

São Paulo, março/2016.

- FESSÔÔÔÔ, o Alfredo sentou na PIROCAAA!!! Kákákákáká...
- Como?
- Olha aí! – apontou o Jeremias para o colega que, vermelho feito os 40 graus do esmalte do professor, desviava a bunda do acento para mostrar o desenho que tanto o ameaçava.
- Hummm... Posso experimentar? – disse o professor já ocupando a “cadeira

da discórdia”.

- Então, não sinto nada de especial! Não há aqui nenhuma sensação que vá além de um simples acento plástico sustentando o peso do meu corpo.
- Rá Rá Rá! O professor sentou na pirocaaa! Kákáká... – Insistiu o garoto.
- Como é que você sabe?
- Eu sei, sim.
-Sabe mesmo? Sabe como? Já sentou em uma?
- Sai pra lá, fessô!
- Pois eu já. Em vááááriaaas! Por isso, posso lhe garantir, por experiência, que isto aqui passa muuuuito looonge de ser uma piroca, ok?!
- Bem turma, vamos à primeira questão do nosso desafio de hoje?
- Anotem aí...

TERCEIRO SERTÃO – Notas sobre primeiras via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem (II)

Foi em um contexto de dominação biopolítica que estava posto o desafio de potencializar potências dentro de um modelo que investia/investe em uma “educação” voltada para o analfabetismo das emoções e o silenciamento dos corpos, seus ruídos e movimentos. Foi no encontro com esse ambiente que percebi que seria necessário produzir uma presença que fosse capaz de potencializar as potências afetivas e política dos corpos que ali.aprendiam a sobrevida.

Tanto o clima nas redes sociais quanto a atmosfera na escola traduziam um estado de exceção que era sentido, mas pouco considerado, e muito silenciado nos corpos que eram/são convocados a todo tempo pelo modelo a forjar estabilidade. Havia uma paralisia que afetava tanto os corpos mais à direita quanto os politicamente à esquerda dentro da anti/micropolítica que engessava/engessa a prática do escolar na escola. Enquanto os primeiros se mantinham confortáveis nesse clima, os mais à esquerda se chocavam, confabulavam, e reagiam com uma performance muito similar ao do “pai severo” do qual tinham aversão. Estava nítido para Pedra que não era preciso destruir o pai. Para Pedra cabia educar-se, e desestabilizar as convicções dessa figura de autoridade a partir da emancipação do corpo.

Aquele clima de estado de exceção me convidava a revisitar meus cárceres, ao mesmo tempo em que me convocava a mudar os estados de corpo a cada percepção de absurdidades. Ali revi (e revejo sempre) os estado de exceção que já vividos. A criança que já nasceu sem o direito de ter sua própria pele, de ser deus de si mesm_, de ter direito a ter, de não ter direito de imaginar e realizar o próprio corpo, de pertencer a uma cultura, de não ter direito a amar e ser amad_, e por não ter todos esses direitos, desejar não ser o que se é, e o que sempre teve potência de ser, apenas para se sentir minimamente incluíd_ numa roda de conversa. Pois então, o corpo que ali ocupava/ocupa o espaço do entre desses binarismos que inundavam/inundam as relações entre corpos, sempre esteve maior parte da existência em estado de exceção.

Inúmeras leituras me acompanharam nessa travessia pelos sertões do corpo. Desde os ensaios literários do Octávio Paz aos artigos publicados em várias edições da Revista Cult que se dedicaram às questões de gênero e sexualidade, dentre outros. E foi numa dessas edições que encontrei uma matéria sobre uma obra que se tornaria uma das principais referências dessa prática contínua de borrar e transformar gestos. O livro *Circuito dos Afetos*: *Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* do Vladimir Safatle esclarece como se dá essa dinâmica institucional rentista que cria leis que não se justificam em relação à vida e que administra o medo e a esperança, principais afetos bloqueadores de processos criativos e emancipatórios. A obra aponta para a afirmação do desamparo como principal via para a emancipação política e a arte como principal meio para subversão da linguagem e das práticas normatizadoras. O autor afirma que “estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me despossui dos predicados que me identificam (...) Um corpo político produzido pelo desamparo é um corpo em contínua despossessão e des-identificação de suas determinações. Corpo sem *eu* comum e unicidade, atravessado por antagonismos e marcado por contingências que desorganizam normatividades impulsionando as formas em direção a situações impredicadas (...) esse corpo em errância constrói e integra o que parecia definitivamente perdido através da produção de uma simultaneidade estranha à noção tradicional de presença.” Como já disse, quando comecei a estudar e a realizar performances nesse contexto nem tinha noção do que se tratava. Eu apenas

sentia como se estivesse escrevendo poemas com o corpo e compondo narrativas que reavivavam a experiência física com a palavra e provocava uma conversa interna e externa sobre algum mal-estar silenciado no ambiente. Era uma escrita que convidava a participação do corpo espectante. Saltar no vazio era o único gesto que me cabia naquele ambiente, e esse antagonismo com o modelo se tornou o principal *input* para criação de acontecimentos que tensionavam/tensionam o que era/é tomado como natural e produzem uma dialética que ventila a vida em um espaço ocupado por conceitos coagulados pelo modelo. Aos poucos, como já dito, percebi que a *performance* era um excelente instrumento de desobediência civil, de ocupação de espaço público, e que a expansão da in/consciência do corpo como suporte da docência, provoca conversas em que o encontro com os conteúdos partem do gesto de partilha e intercâmbio entre narrativas de vida. O modelo antagônico quando percebido em nós nos abre a possibilidade de saber se a velha roupa na vitrine ainda serve ou não ao corpo que se vê.

RELIGARE

São Paulo, março/2017.

- O sinhô é de umbanda, fessô! – perguntou a aluna logo após o professor de português incorporar um poema cabraliano.
- Não! Não sou de umbanda. Tampouco sinhô!
-Já sei! Cê é de candomblé, né! – apostou um aluno lá do fundão.
- Também não. – respondeu com olhos de cultivar mistério.
- Então é espírita, é isso! – especulou outra garota.
- Não. Não sou espírita.
- Católico?
- Não. Tem anos que não pratico o catolicismo. Nem sei se um dia de fato o pratiquei ou se apenas o segui por obediência às convenções que mantém tudo organizado para sermos cristãos mesmo quando não desejamos ser. – disse com brisa nas palavras.
- Então, o senhor não crer em Deus?
- Deus não nasceu, logo, não tem história que se possa contar. Tenho empatia por Cristo.

- Mas o sinhô, ops, ké dizê, você frequentava alguma igreja lá na Bahia?
- Na época da catequese, eu tinha muita vontade de não ir. As aulas eram sempre aos sábados em um espaço próximo a igreja onde meses depois faríamos a primeira comunhão. Sempre que encerrava o encontro, a professora nos organizava em fila e seguíamos para missa das três da tarde. Os colegas mais próximos sempre desviavam do caminho e fugiam. Eu também queria desviar, mas era muito bunda mole e sempre recalcava o desvio. Já adulto, me agradava muito cantar o repertório de cânticos no coral que as professoras de música faziam circular por algumas igrejas da Bahia. Mas o fato é que nessa época, eu já não me percebia católico. Se parecia, era por pura covardia em expor esse dado e ser excluído de algum rolé com uma galera que era massa.
- Kê kié, “massa”, fessô?
- É “da hora” em baianês!
- Ah tá! Mas o senhor costuma rezar antes de dormir, né?
- Tem umas duas décadas que não faço isso. Já fiz muito. Eu levei uma boa parte da minha infância e adolescência me odiando em oração.
- Oxe, como assim, fessô?
- Desde cedo aprendi a me negar. A cultura, essa coisa que educa a forma como olhamos para o mundo, costuma separar as coisas que podem e que não podem existir, mesmo quando elas de fato existem e tem potência para existir. Eu costumava sentir muito medo e culpa do comportamento do meu corpo, dos gestos sinuosos que ele desenhava, do que ele desejava e dos abusos que sofria. Por não ser igual a maioria dos meninos da minha idade, pedia diariamente na reza para não ser a possibilidade mais potente de mim. Pedia para ser exatamente como todos ao meu redor queriam que eu fosse. Sabe aquela placa de interdição que vocês veem sempre que a construção de uma obra para de acontecer?
- Hummm... sei sim! Sei como é!
- Então! Era exatamente isso que eu fazia. Pedia diariamente que isso que se nomeia Deus me interditasse.
- CARAAACA, fessô! Zuado, hein?! Então o senhor também não é evangélico, né?
- Também não.
- Já sei, o professor é tipo aqueles caras carecas que faz assim ó: aaa-

ummmm... aaaa-ummmm... – animou-se um aluno que de olhos fechados inventava um mudra.
- Hummmm... você se refere ao Budismo? É isso?
- É isso mesmo. O professor é budistaaaa! Acertei, né?
- Pratico diariamente a técnica milenar de meditação compartilhada por Buda, mas não faço aaa-uummmm.
- Não? Por que não?!
_ Porque não é necessário! O barulho de dentro já é suficiente. E é desse caos que brota em mim o silêncio mais potente, não desse aaaa-ummmm.
- Sabia que o professor era budista! Só eu acertei, né fessô?
- Não. Eu apenas aprecio a sabedoria e me beneficio com algumas práticas de origem oriental e africana, mas não sou budista, nem candomblecista.
- Aaaah fessô! ké ké isso, né? Então quer dizer que o senhor não tem fé?
- Exato.
- Oooxe! Como é isso?
- Eu simplesmente me desfiz da crença e da busca por algo. Ou algo em mim se desfez. Tornei-me parceire da fuga... amigue do risco; desse não controle, desse não saber que me permite o contato, a experiência viva com as coisas, com os seres, com os fatos, com as histórias, com as contradições, com a impermanência, ou seja, com esse mundo que existe no momento em que me acontece. E é com esse material que vou me experimentando... vou criando e recriando verdades... expandindo estados de presença... instantes de gozo... e delírios que vou compartilhando apenas quando convém partilhá-los.
-Ah, fessô! Cê é doidão mesmo, viu?! E que carai de religião é essa que eu nunca ouvi falar, hein?
- P-O-E-S-I-A. – inscreveu e viveu no quadro o tempo de cada risco.
- QUÊ? COMO? – gritou o garoto ao fechar o fole da testa.
- Poesia, queride! É este o único sagrado que me convém.

QUARTO SERTÃO – Notas sobre o despertar da ancestralidade viada em harmonia com arte e docência.

As primeiras experiências que tive com poesia partiram de vozes que performavam. Wally Salomão, voz que também performa, diz que a *memória é*

a nossa ilha de edição. Pois então, é nesse baú que guardo até hoje o momento em que pela primeira vez a poesia me atravessou todo o corpo. Meus músculos tremiam debaixo de um cobertor. Aos quatro anos, experimentei um nó de forças contrárias. Imagens apareciam no grande olho de vidro. Lembro que sempre me escondia na grande tira de algodão que cobria a cama dos meus pais. Era a criança que tentava evadir de um canto grave que entoava gestos. Mas os mistérios ultrapassavam o tecido. A cena fantasmagórica da noite que se cobria com neblina, uivos e tremores, era desenhada pela poética voz do Zé Ramalho. O ano era mil novecentos e oitenta e cinco. Uma telenovela, uma cena, um professor que dentro da voz se transformava em lobisomem. Estava ali um corpo civilizado que se cobria de animalidade, e uma testemunha: a criança assombrada e encantada com a fantástica experiência de pela primeira vez enxergar pelos ouvidos um corpo mudar de forma.

Tanto a imagem do professor que, afetado pelo ambiente, muda de corpo/forma, e produz mistérios que provocam espanto e encantamento quanto da criança que atuava enquanto imaginava a cena compõem uma metáfora que serve como primeira testemunha dos processos que me ensaiam. A revelação poética implica uma busca interior. Busca que não tem nenhuma semelhança com introspecção ou análise; mais que busca, uma atividade psíquica capaz de provocar a passividade propícia à aparição de imagens. (PAZ, p. 61)

Aos trinta dois anos vivia o conflito de não encontrar correspondência entre a minha atuação docente e as minhas realizações/experimentações artísticas, e ao mesmo tempo, uma progressiva des-identificação com os padrões de gênero. Nesse episódio de minha infância em Salvador, estão muitos elementos que ressoam no que me tornei. É relevante ver que essa memória que remonta a experiência dos primeiros contatos com a poesia e com a performance se deu através de uma voz grave que oscilava entre a declamação e o canto popular. Linguagens que hoje traduzem Pedra Homem e os estados de corpo que del_ derivam. Por ser ambígua, a linguagem poética é viada pela própria natureza.

O BATOM DE CAROLINA

São Paulo, maio 2016.

- FESSOOOORRR, posso usar meu batom? – perguntou a aluna durante a atividade.
- Humm...me dá!
- Não fessô! Eu guardo agora!
- Amô-ô, me dá AGORA! – bradou o professor.
- Tá bom, fessô! Toma! Mas no final da aula, cê me devolve, né?!
- Agora me passa o celular!
- Oxe, professor! Deixe ele aqui! Eu juro que não vou mexer!
- Me passa, A-GORA! – bradou novamente.
- Então fessô, cabei! Vai dar o visto? – solicitou uma aluna do outro lado da sala sem se dar conta do que acontecia. O professor abria a câmera do celular e a colocava no modo “self”, quando a mesma aluna reivindicou:
- E o visto no meu caderno, profe... NÃO ACREDITOOOOOO! O PROFESSOR TÁ PASSANDO BATOOOOOOM! Kákákákákáká...
- Dá aqui o caderno! – recebeu-o das mãos da aluna que atônita não desgrudava os olhos do rosa choque que transcendia nos lábios do professor de português.
- Hummm... ok...ok...ok...humm pera aí, observe aqui. O que deve fazer?
- Xô ver! Hummm... ah tá! Eu tenho que ver como se escreve a palavra “intenSão”,é isso?!
- Exatamente. Revise, aí!
- Pronto, fessô! Tá aqui!
- Bom, espera, deixa eu assinar...SMACK!
- Oxe, fessô! Ké ké isso? Pra quê que o sinhô beijou o meu caderno?
- É meu visto.
- OOOOXE! Desde quando?
- Desde agora.
- Tá aqui seu batom, querida! Super baphônico esse rosa, hein?!
- EU QUE NÃO QUERO MARCA DE BEIJO NO MEU CADERNO! NEM VEM, FESSÔ! Nem vem. – retrucou um aluno do fundão.
- QUE MUNDO É ESSE, HEIN? - trovejou o professor.

- Como assim, fessô?
- Me digam aí, que lugar é esse onde os homens dão mais valor e confiança a uma canetada fria do que a um beijo quente? Será que o mundo pode ser melhor? Quem aqui é capaz de ser melhor que esse mundo adoecido em que garotos se sentem ameaçados e incapazes de acolher o beijo de um professor? Repito: quem-aqui-é-capaz-de ser-melhor? – indagou o professor a meia voz e com um olhar firme e afetuoso.
(Pausa)
- Éh...Eu, fessô!...Eu!... eu também!...tá aqui ó!...– respondeu em cânone a maioria da turma que imediatamente se dirigiu a mesa do professor e compôs uma linda instalação de cadernos.
- Hummm... ok...ok...ok... SMACK! Tá ok Renato...

QUINTO SERTÃO – Notas sobre a narrativa de origem das via(da)gens pedagógicas de Pedra Homem.

Foi no último bimestre de dois e quinze ocorreu um episódio que seria um dos principais *stopins* das performances de transgeneridade que as memórias do corpo que ocupo (e que me ocupa) começariam a ensaiar/experimentar no ano seguinte. Um professor de inglês foi cercado por dois alunos do primeiro ano do ensino médio logo após o intervalo. Segundo o relato do docente, os dois jovens de quatorze anos fizeram uma abordagem homofóbica com o professor que se sentiu ofendido e imediatamente acionou a direção para que tomasse alguma medida punitiva/disciplinar contra os jovens. Como dava aula após o intervalo para a turma dos mesmos alunos, os encontrei apreensivos. Segundo os estudantes, eles apenas fizeram uma “zoação inocente” com o professor. A complexidade desse caso me chamou a atenção pela dialética norma x transgressão que se colocava naquele momento e pela percepção da falta de conhecimento e disposição para lidar com as questões de gênero e sexualidade que acometia o sistema. O professor de inglês é também um “corpo” expressivo que merece uma observação. O ‘personagem’ era jovem e hiper discreto no que dizia respeito à exposição de sua sexualidade. Sempre zelava por uma postura condizente com o que o modelo normativo impunha e esperava de todos os corpos. Seus gestos pareciam sempre calculados,

autorregulados. Era um homossexual facilmente “admitido” no sistema já que sua condição era disfarçada a partir da sustentação de uma performatividade cisgênero. Com o episódio, percebi que quanto mais a revolta tornava pública a sua homossexualidade, mais o professor perdia o amparo do modelo onde havia inscrito o seu corpo. Logo, a exigência de uma medida punitiva para os estudantes, própria do modelo que ele assimilava e repetia, foi ignorada. Passado o susto da ameaça de punição, os alunos seguiram tranquilos. Já o professor, tentou até o fim do ano letivo, expelir sentimentos tóxicos durante o horário do almoço com os colegas, mas quase sem escuta. Ficou claro para mim naquele momento que “é insuficiente denunciar o preconceito e apregoar a liberdade de gênero e sexualidade sem desafiar a norma. Em vez de buscar um respeito vago, importava ali desafiar códigos dominantes de significação, desestabilizar relações de poder, fender hierarquizações, perturbar classificações e questionar a produção de identidades reificadas, hierarquizações e segregações.” (JUNQUEIRA, 2015, p. 41) Mas como isso seria/é possível?

O desejo de ocupar uma cadeira na matéria *A performatividade do gênero feminino no teatro: invenção cênica e pedagogia* ministrada pela professora/atriz Lúcia Romano, partiu da minha história de vida. Sempre me percebi meu corpo consonante com códigos e elementos performanciais do feminino. Sempre senti que distintivos e códigos do que se atribuía socialmente como “coisa de mulher” poderiam/podem ocupar o corpo que ocupo e traduzir sua subjetividade. Quando me inscrevi na disciplina, já experimentava performances de transgeneridade no contexto da Escola Estadual Professor Jota Não Deixa. A partir da tensão com um modelo de gestão autocrático, machista e trans/homofóbico tive a oportunidade de esgotar sintomas localizados nas narrativas de educação/repressão que permaneciam inscritas no corpo e com isso emancipar essas performances que “nomeei”, a priori, de *via(da)gens pedagógicas.* As aulas dessa matéria me ampliaram muito o repertório de subversão de gênero a partir da análise de obras, performances e montagens cênicas que mediavam os debates sobre diversas teorias que atravessavam essas produções e que contribuíram muito para a pesquisa.

Os primeiros gestos do ato performativo presente na narrativa *O batom de Carolina*, por exemplo, já havia sido realizada antes de ocupar a cadeira da matéria. Esta configura-se em uma provocação que inicialmente reconstrói o comportamento normativo com o intuito de potencializar o efeito de estranhamento que acontece posteriormente, quando o professor usa o celular apreendido para passar o batom da aluna. É nesse momento em que se reverte a expectativa de comportamento do corpo do professor e ocorre a abertura para a percepção das práticas discriminatórias que coagulam e regulam os papéis sociais de gênero impostos pelo modelo escolar. Essa acontecência inspirou todo o processo composicional da performance que virá na narrativa a seguir.

BEIJO PRETO

São Paulo, Junho/2016.

O professor de português passou o fim de semana inteiro ensaiando um beijo. Investigou a infância. Adolesceu na beira de si. Escutou cada canto do corpo enquanto slides transitavam pela tela da mente. Planou sobre afetos durante o sábado... o domingo... a segunda. Espiou um sanatório geral. Visitou poetas que havia degustado no mesmo instante em que era comido por outros tantos. Desenhou uma receita com palavras.

Na terça, algo decidiu que tinha que pintar os olhos e cobrir os lábios com a luz que mais lhe cabia. E assim o fez. Despossuído de si saiu às ruas. Pegou o trem. Atravessou os portões e grades da escola. Cruzou com o escárnio encantado de uma aluna que se arriscava no corredor. Embrulhou-se com o próprio silêncio. Entrou na sala onde professores se reuniam extraordinariamente. Manteve-se todo tempo atento às pulsões de seu corpo enquanto contemplava a sutileza dos gestos que se esfarelavam da carcaça burocrática até o fim da reunião.

No dia seguinte, o professor cruzou a porta da sala de aula em marcha lenta. Parou bem no centro e mirou os olhos de todos com a paz preta que lhe vestia os lábios. De imediato, uma aluna disparou:

- Cê tá de batom e lápis no olho, fessô?

- Não. Isto aqui é apenas uma caneta de enegrecer lábios e olhos.
- KÊ? Caneta nada! – disparou cheia de si a colega. - Isso aí na boca dele é batom, sim! Olha gente! Olha!
- Por favor, me tragam os cadernos com o desafio da aula passada. – desviou o professor enquanto abria seu computador portátil.
- Ah sim, o sinhô vai dar o visto, né?
- Deixe-me ver! Humm...ok...ok...ok...
O adulto em miniatura com olhos pregados no celular demorou a perceber a energia que atraia o seu caderno ao rosto do professor. Quando o grande nódulo do nariz encostou-se à pauta, deu-se rapidamente o sobressalto:
- SMACK!
- Ké ké isso, fessô?!
- Um beijo, ora essa?! Um beijo preto.
- O quê?
- Nossa! Essa sua dedicação ao desafio foi tão irresistível que atraiu esse beijo preto. Foi mais forte que eu!
- Oxe fessô, como assim? – indagou o aluno da vez enquanto o outro se refazia do estalo negro na pétala do caderno.
- Me traga o seu, Felipe!
- Mas o sinhô vai beijar também? - interrogou o aluno enquanto apertava o caderno no retrato do peito.
- Depende.
- Oxe, depende do quê?
- Se houver uma grande atração entre nós, sim.
- Atração? Tá doido, fessô?
- Esse desejo me possui toda vez que vocês seguem a receita.
- Receita? Que receita?
- Essa aqui ó! – o professor recheou as mãos do aluno com um bolo de impressos, pediu que o menino colhesse um e distribuísse os demais para os colegas.
- É fato que cada um de vocês dispõe desses ingredientes e que todos são capazes de prepará-la. – concluiu enquanto se arrumava para contemplar o terceiro caderno.

Com olhos castos e excitados para o mundo, os mais antigos exemplares da humanidade puseram-se a tomar nota:

“Receita para atrair Beijo Preto

Ingredientes:

500 gramas de inteligência.

3 xícaras de (chá) de respeito.

3 colheres de (sopa) de confiança.

5 gotas de desamparo

1 colher de (sopa) de ética/honestidade.

1 a 10 porções de dúvida/erro/dificuldade.

A mesma medida de consideração.

A mesma medida de crítica.

Doses infinitas de criatividade e amor.

Modo de fazer:

Coloque a sua inteligência na tigela acima da sobrancelha e distribua por todo o corpo. Acrescente o respeito a si mesmo e a confiança em saber lidar com os desafios. Misture bem. Em seguida, reserve a ética/honestidade para usá-la toda vez que seu colega pedir/oferecer/ceder o caderno para copiar as respostas das suas atividades ou pedir/colocar o nome em um trabalho que ele ou você não tenha realizado. Depois, pingue cada gota de desamparo no forno da boca, e observe-as com bastante atenção. Esse ingrediente pode parecer amargo no início, mas é ele que dará mais sabor e potência aos desafios. Ponha em cada porção de dúvida/erro/dificuldade a mesma medida de consideração pelo professor que estará pronto a acolhê-las. Compartilhe a crítica, caso não tenha encontrado sabor no desafio. Esse ingrediente ajuda a apontar novas formas para temperá-lo a seu gosto. Por fim, polvilhe tudo com doses infinitas de criatividade, e sirva com amor.

Rendimento:

Um delicioso beijo preto a cada desafio realizado.”

SEXTO SERTÃO – Um olhar sobre o fazer perfomativo depois de feito/ partilha do olhar de pós-estreia.

Beijo Preto – imagem poética táctil e visual

O artista sente, pensa e reflete sobre um contexto no qual é afetado em um determinado instante da sua vida. Sua obra afeta, pois, não cria um jogo apenas para pura decifração e análise de códigos. O artista no seu fazer (e no ser feito por esse fazer) compartilha sua experiência, e esta vai interagir com as experiências daquelxs que a contemplar. É como se a obra reencarnasse a cada contato com o apreciador.

Tradução da metáfora:

Receita – gênero textual de tipologia injuntiva; descreve ações que se relaciona à regulação mútua de determinados comportamentos, dependendo do objetivo. As receitas mais comuns que conhecemos são: a receita culinária e a receita médica.

Receita culinária – destina-se ao preparo de alimentos, geralmente, saborosos. Serve para preparar alimentos que nutrem e dá sabor a vida.

Receita médica – destina-se ao uso de medicamentos. Serve para orientar a cura de alguma doença.

para – conjunção que neste caso segure a que se destina a receita.

Atrair – verbo da 3ª conjugação, modo infinitivo. Segundo o dicionário, atrair significa provocar uma força de atração entre dois ou mais seres ou coisas.

beijo – contato físico que expressa algum tipo de afeto entre seres. Um tipo de demonstração de afeto.

preto – cor densa que para algumas culturas simboliza luto, morte. É a soma de todas as cores. É também usada para distinção de raça/etnia.

Ação – um professor negro usa batom preto e beija afetuosamente o caderno dxs alunxs a cada atividade realizada. (Qual a metáfora? Que conteúdo provoca? Qual mensagem é transmitida com esse ato?) = prazer de apreciar e acariciar a morte das velhas formas de se relacionar com a vida e com a aprendizagem. A emancipação de todxs nós.

Morte = fim da vida. Fato. Vida é o que é. Cruel (crua)

Metabolismo das células = contrair e expandir (pulsar da vida)/ apega e desapega de outras células (seres/contexto de interação)/ ela afeta e é afetada por outras células. Processo de renovação das células. As células se reinventam.

A vida precisa de várias formas para existir. Se só existisse uma forma, não estaríamos aqui. Permaneceríamos fetos, não nos tornaríamos crianças, não

adolesceríamos nem nos tornaríamos adultos, tampouco envelheceríamos. Quantas coisas, atitudes, formas de pensar, agir e estar no mundo morrem durante a nossa travessia por essa coisa que chamamos vida. Logo, durante a vida muitas formas morrerão em mim. E muitas outras nascerão. Elas durarão o instante, ou seja, enquanto a experiência pulsar, elas permanecerão afetando e sendo afetada. Quando uma forma morre, nasce outra. Se nos recusamos à morte de uma forma, endurecemos. Nos tornamos seres incapazes de afetar e de sermos afetados. Somos desde pequenos educados a endurecermos. A não aceitar a morte das coisas em nós. Geralmente, nós só consideramos que há uma única forma de existir das coisas. Fixamos essa forma, e dificilmente aceitamos de cara uma outra maneira de lidar com a existência. Outras formas de ser e viver. A arte são essas diversas maneiras de lidar com essa potência que é a vida. Um artista enxerga inúmeras maneiras de lidar com as coisas da vida. Nesse sentido, a vida é arte. E a arte é vida.

Que formas, que maneiras de existir, agir, proceder, são ameaçadas de morte com a proposta do “beijo preto”?.

Machismo, homofobia, transfobia, corrupção, ameaça, medo, falta de confiança, perversão, insensibilidade, a burocratização e mecanização da relação com a aprendizagem e com a vida na escola.

Como isso ocorre:

Barganha (trapaça) por nota; competitividade; vaidade; resposta a ameaça da nota vermelha e tudo que ela acarreta; corrupção; falta de confiança em si e no lidar com o outro; Paralisia (não ação/dedicação às atividades; desconsideração; falta de criatividade; e mobilização de métodos e procedimentos “caducos”.

O risco de caneta no caderno representa tudo isso. Quantos professores já deram visto em cópias ou em atividades mecânicas? Quantos olharam para o texto do aluno? Quantos dissimulam atenção?

O beijo preto também é um risco? Em que sentido?

Qual forma, maneira de ver o mundo um menino/garoto que não aceita um beijo preto no caderno, não quer deixar morrer?

Qual forma, maneira de ver o mundo, alguém que não aceita a cor do beijo preto, não aceita que morra?

Qual forma, maneira de ver o mundo, alguém que prefere manter o visto a caneta como único instrumento para apreciação das atividades escolares quer manter?
Morre.

JOGO DA IMITAÇÃO

São Paulo, agosto/2016.

- VÁ TOMÁ NO CU!...TOMÁ NO CU!... TOMÁ NO CUUUUUU!...
- Ôxe, menino! Tá sentindo o quê?
- Raiva, fessô! Muita raiva!
- Mas quem tá com raiva não costuma desejar coisas boas pros outros.
- E tomar no cu é coisa boa, fessô?
- É sim. Coisa super ótima!
- Kákákákáká...só se for pro senhor!
- Querido, milhões de pessoas nesse planeta, há milhares de anos se agradam com isso.
- Ôxe, mas todo mundo sempre fica ofendido quando a gente manda tomá no cu!? ? Ké vê? Ô Jeferson! Se eu mandá você tomá no cu, cê faz o quê comigo?
- Ué! Eu mando você tomá também!
- Tá vendo, fessô?
- Hummm... então vocês costumam trocar agrados quando estão com raiva um do outro? É isso?
- Sai pra lá, fessô! Tomá no cu é errado.
- Ôxe, errado por quê?
- Nenhum homem gosta!
- Como assim? E o que eu faço comigo e com os váááááários amigos que praticam essa “modalidade olímpica”?
- Mas isso é doença psicológica, fessô!
- Então você afirma que eu e todos os meus amigos somos “doentes psicológicos”? É isso?
- Não... pera... é que eu vi no filme que a professora de matemática passou ontem... do rapaz que era homossexual, e os caras fizeram castração química

nele. Mó zoado!
- Quem eram esses caras?
- Os caras do governo, fessô!
- Por que eles fizeram isso?
- Porque ser homossexual era crime, e uma das penas era esse tratamento.
- Hummm... pois então, neste caso, quem era portador de“doença psicológica”? O viado? Ou os caras e o governo que o julgaram e o condenaram por ser homossexual?
- Hehehehe... os caras?
- Humm...qual é mesmo o nome desse filme que vocês viram?
- Éééé... éééé... O jogo da imitação, fessô! O jogo da imitação! É esse o nome do filme.
- Pois bem! Nesse jogo que é a vida, qual desses personagens vocês costumam imitar?
- Kê? Como assim, fessô?
- Digam aí, da cabeça de qual personagem sairia essa ideia que vocês insistem em defender e seguir? Da vítima? Ou da mente desses “doentes psicológicos” que a violentaram?
(pausa de uma tonelada)
Toca o sinal. Os garotos agora partem em marcha fúnebre para o recreio.

SÉTIMO SERTÃO – Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (I)

Viado. Puta. Vadia. Cu. Cuzão. Pau. Pica. Piroca. Buceta. são palavras que compõem o léxicos bastante reprimidos pelo modelo que administra corpos escolares e, como consequência desse excesso de moralismo, vigilância e controle, é também o vocabulário mais usado pel_s estudantes na escola onde atuo. Advertências, suspensões, convocação de pais são instrumentos já banalizados. Tais medidas disciplinares só reforçam o quanto o proibicionismo e a repressão são ineficazes, pois, tendem a coibir e bloquear a comunicação com as questões culturais que brotam dessa forma como xs alunxs se relacionam com esse léxico. É justamente esse vocabulário desvalorizado pelas medidas disciplinares que se torna ouro para as *via(da)gens pedagógicas*

que realizo desde o ano letivo de dois e dezesseis com _s alun_s do 9º e do 8º ano do fundamental II.

Ao observar a recepção d_ alun_ como bem ilustrada na narrativa *Viadagem*, a primeira performance de gênero que levei para a sala de aula, percebe-se, de imediato, o tensionamento de duas exigências naturalizadas em sistemas heteronormativos. A primeira é o lugar reservado ao feminino e a segunda, a crença em uma compatibilidade entre genitália e gênero. A palavra *viadagem*, de valor cultural rebaixado, foi propositalmente elevada ao cume pelo gesto performativo que inverteu a lógica dominante naturalizada no ambiente escolar.

Para o velho imaginário pedagógico, o corpo docente é antes de tudo um corpo dessexualizado, ou seja, um profissional cuja sexualidade, principalmente, as desviantes da norma, devem permanecer silenciadas. Tudo parece está organizado para que professores/as e alunos/as não sejam autores/as da sua história partindo do binômio moderno pessoal x profissional. O controle do Estado inviabiliza a possibilidade de cada singularidade ocupar o espaço público com suas próprias narrativas. Por esta razão, a *performance* tornou-se um instrumento fundamental para minha prática porque justamente "reclama a apresentação do corpo enquanto forma viva, pois, dá voz ao corpo, compreendido como formulador e lugar do discurso de um sujeito sexuado." (ROMANO, p.434.). O caráter antibiográfico intrínseco ao ato performativo me permitiu integrar as experiências pessoais e artísticas em ações que expunha os mecanismos de opressão do patriarcado e a ideologia de hierarquização sexual que oprime os corpos no ambiente escolar.

BURACO

São Paulo, abril/2017.

Um miúdo postiche amarelo-frouxo apareceu grudado à palidez do diário de classe dx professxr no meio da aula de português. Havia apenas cinco linhas grafadas em azul caneta bic. Cinco linhas. Duas interrogativas. Uma pergunta e uma proposta organizada arbitrariamente em quintilha. No verso do papel, lê-se um "Ass: Victor" e um intenso risco que protegia o nome de outro suspeito, integrante do mesmo bando. O conteúdo da pílula cobriu o corpo dx docente

com delírio. A febre guiou suas mãos até a vermelha sacola de feira onde costuma carregar livros. De lá, capturou um livreto marrom escuro e seguiu silenciosamente até o grupo que ocupava o centro da primeira fileira à esquerda. De imediato, o garoto e seus parças perceberam a solenidade do ritual. X professore em transe catou uma cadeira. Pôs-se no horizonte dos olhos do garoto que mal conseguia sustentar um sorriso tão amarelo quanto o postiche. Enquanto mirava profundamente a íris com o livreto ainda preso ao peito, o rosto do Victor adolescia uma vermelhidão semelhante à sacola de feira.

- Oxe, fessô o que foi? – perguntou a aluna do grupo ao lado.

- Eu recebi uma mensagem do Victor e sinto que devo compartilhar com vocês, meninas! – disse referindo-se ao grupo de manas que sentava ao lado do grupo de garotos enquanto mantinha os olhos fixados ao bando.

- E que mensagem é essa, fessô? Cadê?

X professore abriu lentamente o livreto e tirou a pequena tira de papel da página que havia marcado como se já previsse o episódio. Nesse momento, o bando começou a murchar ainda mais. O Victor até ensaiou um: “não, fessô, por fav...”, mas o sussurro impotente desmanchou-se na atmosfera criada pela performance:

- Aqui diz, meninas:

“Eae novinha,
quem que te
come? Vamo lá
no cartório passar
teu cú pro meu nome?”.

- Kakakaka, que engraçado, fessô? – agourou-se uma das garotas.

- Pois então! Eu trago aqui um recado de uma amiga minha para o Victor e todos que pensam, agem ou riem com discursos desse gênero. – Disse. E com solenidade, tranquilidade e uma acidez que se intensificou a cada verso, disparou as palavras da poeta Pam nos olhos de todos os Victors que ocupavam a sala:

- Escuta só Victor, e todes ... per-cebam que...

“quem cai no buraco dela
só pode ser isca

quem cai no buraco dela
só pode ser giro de carrossel
quem cai no buraco dela
só pode ser pássaro de casa
quem cai no buraco dela
só pode ser andarilha, pista, asfalto
quem cai no buraco dela
vai do ser ao agudo, voz baixa
quem cai no buraco dela, mesmo que
a b e r t o
só
cai
se ELA quiser.”

- Pxiiii, toma ae ó! Isso mermo, fessô! Toma ae ó!Kakakaka – comemorou todas as garotas e parte dos garotos da turma.
- Então manas, o buraco dela só pode pertencer a quem, hein? – sondou x professxr.
- A ELA mesma, fessôôôô! A ELAAA... Uhuhuhu... – cantou o coral de sopranos, mezzos e contraltos.
- Bem! Agora já podemos abrir a roda e compartilhar o estudo do texto “O deserto dentro de nós”, né?... Vamos lá! Quem deseja iniciar a leitura?...

OITAVO SERTÃO - Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (II)

As performances experimentadas no contexto da sala de aula pode ser vistas também como uma “experiência estética que designa uma interrupção inesperada no fluxo do cotidiano, uma experiência extracotidiana, não necessariamente prazerosa, porquanto sensível; é experiência que não encerra em si mesma; que catapulta o pensamento, via sensibilidade, a um outro nível de compreensão, de entendimento; opera como forma de captação do sentido que filtra o dado (a sensação) e o significado. Exprime-se como o sentimento, como a sensação de algo que excede as dimensões e os conceitos que utilizamos normalmente para enfrentar o mundo.”(PEREIRA, p. 5).

Em seus estudos sobre performatividade de gênero e do político, a filósofa norte-americana Judith Butler orienta que “não existe um corpo natural, que não há um corpo pré-existente, pois todo corpo está inscrito na cultura e é, portanto, significado pela linguagem e pelas práticas. Logo, todos os corpos são generificados e o gênero pode ser entendido como a estilização do corpo a partir da materialização do sexo. O corpo é, dessa forma, produzido pelos discursos.” Entretanto, o modelo escolar ainda reproduz o discurso em que o feminino continua a representar aquilo que é desvalorizado socialmente. Por esta razão, que a absurdidade da pergunta da aluna imediatamente afetou o professor, que ao encarnar o feminino em um corpo que nasceu com pênis, criou um acontecimento que naquele instante rompeu com as normas de gênero inscritas e reproduzidas pelos corpos que compunham o ambiente da sala de aula.

A rejeição dos alunos ao beijo do professor nos cadernos é outro dado importante. O gesto deles era movido justamente pelo desejo de restabelecimento das normas de gênero, o mesmo gesto que move a repulsa e a violência contra pessoas *trans*.

ESCROTIDÃO

São Paulo, outubro/2017.

- VÁ TOMAR NO CU, SEU FILHO DA PUTA! – imperativou sem nenhuma compaixão com o objeto direto e com a locução adjetiva o rapazinho da turma vizinha que junto com um colega ocupou o fundão no final da aula de recuperação.

- Ué? O que é que o cu do seu colega te fez pra você achar que mandá-lo usar é ofensa?

- KÊ? Como?... Oxe, fessô! É que esse cara é muito escroto!

- Mas quem disse que o cu e as putas são responsáveis pela escrotidão que é lançada no mundo?

- Mas ele que é escroto, professô! Por isso, mandei logo tomá no cu mesmo! hehehe

- Peraê! Você afirma então que eu e a maioria dos meus amigues somos escrotes? É isso?

- Oxe? Não...pera... éééé Oxe? Então ké dizê que cê dá o cu é, fessô? hihihi
- Não só eu, como no mínimo 80% das amigues que estão na minha rede social também dão o cu. – disse com pluma na voz.
- PARA TUDOOO! KÉ KÉ ISSO! ONDE JÁ SE VIU?! – levantou o jovem-irmão-de-cor que ensaiou censura ao se levantar e cruzar a porta da sala, mas retornou imediatamente a conversa feito boomerangue.
- E o sinhô é ativo ou passivo? – disparou a queima roupa.
- Eu sou todos os possíveis que o meu corpo desenhar. E ser esses possíveis é a felicidade, mon amour! – disse enquanto cruzava as pernas, massageava a crespa nuvem com a mão esquerda e se sacudia feito galhos de árvore ao vento.
- ISSO MERMO, FESSÔÔÔÔ!!! SAMBAAAAA! HAHAHA. – animaram-se as manas da turma.
- Por favor, me responda, objetivamente, O que é um cu?
- O cu? É um órgão do nosso corpo, né? – apontou a Bianca.
- Exato! E qual a função desse órgão? Para quê ele serve?
- Pra cagá, né fessô! Hahaha
- Sim. É pelo cu que eliminamos tudo o que o que não convém ficar no nosso organismo. Agora imagine aí, como seria sua vida se você não tivesse um cu?
- Caraaaaca, fessô! Ia ficar tudo podre por dentro da gente, né?
- Pois então! Essa função é muito nobre, não?! O cu nos possibilita eliminar a podridão, e não acumular coisas que apodrecem dentro de nós.
- Verdade, fessô!
- Mas a nobreza do órgão não se limita a isso. Me diga aí, que outra ilustre função tem o cu?
- Afogar o ganso! hihihi – disse com as bochechas vermelhas sem nem olhar no olho dx docente o mesmo rapazinho que deu início a prosa.
- Não só o ganso, como o dedo, o dildo...
- Dildo?
- Sim. Um brinquedinho que nos ajuda a reduzir o risco de ficar refém de piroca de macho.
- Kákákákákáká... esse professô é mó zoêra mesmo!
- É que o cu também é uma zona erógena.
- Zona o quê?

-Zona erógena... é que o cu é um órgão do corpo que também pode proporcionar prazer e bem-estar.
- Mas não dói, fessô?
- Depende do cuidado que se tem, pois, como é uma área com pouca lubrificação, precisa de alguns cuidados sim. Costumo sempre alertar aos convidades que tenham muito cuidado ao entrar, mas que depois podem ficar mais a vontade. – elucidou com o corpo docente coberto de paz enquanto a turma desabava em gargalhadas.
- Mas o uso do cu como zona erógena não se restringe só a vida sexual das gays não, viu minha gente?
- Oxe? Como assim, fessô?
- Conheço váááários homens héteros/cisgênero que são estimulados pelo cu por suas parceiras na hora da transa.
- É meeeesmo! É meeeesmo, fessô! Sempre quis fazer fio terra no meu namorado, mas ele nunca deixou.
- Por que geralmente muitos homens não deixam, Bianca?
- Por causa do machismo né, fessô?
- Pois é! O machismo limita muito o corpo; não só o das mulheres como dos homens também. O repertório de práticas e a potência de ação ficam muito reduzidos mesmo.
- E eles ainda se acham os fodões do rolê, né ?
- Isso é bem zoado mesmo e também tem impacto negativo na saúde pública.
- Oxe, por quê? – perguntou ressabiado o rapazinho.
- Imaginem vocês quantos homens morrem de câncer de próstata por conta desse medo de levar uma dedada no cu?
- Xiiiiiiii...
- Estão percebendo quantas qualidades nobres tem o cu? Além de ser o canal que possibilita limpar nosso organismo daquilo que não convém ficar dentro dele e de nos proporcionar prazer e bem-estar, o cu também é esse órgão que pode livrar muitos homens/cisgênero da morte.
(silêncio fúnebre em olhos de mangá)
- Por favor, Carol! Pegue aquele dicionário ali na mesa e procure o significado da palavra “escrotidão”.
- Tá, fessô! Pera... hummm...peraí... Ah, tá qui ó: Es-cro-ti-dão...palavra que

denota más qualidades ou pensamentos e ações moralmente repulsivas como: torpeza, vileza, crueldade, feiura, desonestidade, covardia etc...escrotice, fessô! É isso.
- Então amores, o que é mais adequado chamar de escrotidão... de escrotice? O cu? Ou a maneira como ele costuma ser desqualificado?
(silêncio ainda mais fúnebre)
- E antes que o sinal nos atravesse, levem na caixa do peito essa questão: Por qual buraco costumamos acumular a podridão que é lançada no mundo? E por qual canal essa escrotidão se espalha, hein?
- Aaaah, fessô! Pelo cu que num é, né?!
(Sinal Sonoro).

178 Escrotidão

NONO SERTÃO – Corpo trans/artístico/docente – interface entre performances de transgeneridade e processos escolares. (III)

A masculinidade tóxica como vista nos relatos e no padrão comportamental d_s vários personagens que ocupam as narrativas aqui partilhadas, parte de uma identificação narcísica com os distintivos construídos socialmente sobre a ideia do que é ser “homem/macho”. Os traços mais comuns desse comportamento é a agressividade excessiva, o bloqueio emocional, a autoafirmação da força e virilidade, busca por ser percebido como altamente sexual, e principalmente, o medo de identificação com o feminino, e com a cultura gay/trans.
Nesse contexto, o corpo, essa potência mutilada pelo velho imaginário pedagógico, é ao mesmo tempo, matriz da comunicação e da cognição. “É no corpo que se inscrevem as marcas permanentes que atribuímos às escolas. Essas marcas são discursos que se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior com os colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições, têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual.” (LOURO, 2010, p.11) Por esta razão, que “é necessária uma proposta de abolição da moldura da disciplina em favor da indisciplina que caracteriza o corpo.” (Katz, 2005, p.3).

Na tese *De quem é esse corpo – A performatividade do feminino no teatro contemporâneo,* a atriz/pesquisadora Lucia Romano sintetiza bem a noção ampliada de performance cultural de Elin Diamond. Esta descreve bem a *via(da)gem pedagógica* que aos poucos foi emancipando performances de transgeneridade a partir da tensão entre a cis/hetero/normatividade que ocupa o espaço escolar e as memórias de corpo de profeflor. Segundo Romano, Diamond compreende a performance cultural como uma ação corporificada, num espaço específico, testemunhado por outros, que produz experiências que incluem as anteriores, numa perspectiva de repetição, mas que também pode alterar o imaginário e resignificar modos de ser. No que tange a crítica feminista (da qual se originam as teorias *queers*), estas abrem espaço para a visualização e consciência da diferença sexual e dos limites de gênero. É com essa desobediência própria da performance cultural que tenho conseguido ampliar cada vez mais as possibilidades de afetar e ser afetado pelos corpos que compõe o ambiente onde atuo, e ao mesmo tempo desnaturalizar o habitat e as relações entre gente, meio, coisa e tradição. Foi dessa vontade performativa que partiu os primeiros experimentos que me conduziram a experiência de descobrir, compor e realizar pela primeira vez a transgeneridade não-binária do corpo que me ocupa. Dito de outra forma, foi no contexto da escola, no exercício da docência/artística que fui emancipando o estado de corpo transgenere (não-binário) que me ocupa e que sempre me ocupou. Esse estado de corpo tão ambíguo, esquizo, que ocupa o espaço do entre no processo transitório de gênero, traduz bem a própria natureza da linguagem que veste Pedra Homem, ou seja, o estado de poesia.

AUTORIA

São Paulo, setembro/2017.

“O assunto da crônica, é quase sempre, um fato vivenciado pelx autxrx. São acontecimentos que...”

- Ooooxe, fessô? Ké ki tá escrito naquela parte ali? – apontou com o queixo para o quadro a jovem testa sanfonada.

-Quê? Ali? Onde? – respondeu x professxrx de português enquanto ainda percutia as mãos na bermuda para tirar a neve giz que lhe cobria as unhas cor

de jabuticaba.
- Aliiiiii, fessôôôô! Depois de “vi-ven-ci-ado....”, tá escrito o quê mesmo?
- Ué?! Não consegue ler?
- Hummm, xô vê! Éééé “peeelo aaautor”, é isso?
- Será?
- Oxe? Como assim?
- Será que só autores, ou seja, apenas homens são capazes de escrever uma experiência e refletir sobre a vida?
- Ah, claro que não, né fessô! Mulheres também escrevem!
-Ok. Pois bem! Se ali estivesse algum morfema...
- Morfema?
- Sim, me refiro àquela pequena unidade de significação, que neste caso, definiria o gênero de quem escreve uma crônica. Se usássemos a norma-padrão, qual a primeira possibilidade que nos seria ofertada?
- Aaaaah, de um autor-homi, né?
- Hummm... e quantas possibilidades de autoria no máximo teríamos?
- Ah fessô! Só duas, né? Ou o autor seria um homem, ou uma autora-mulher, né isso?
- E essa autora certamente seria feita das costelas de Adão, né?!
- Oxe, fessô!! Kkkkkkkkkkk Que lôco!
- E se fizermos agora um rápido exercício de olhar para tudo que existe no universo? Todos os seres que habitam esse planeta. Olhemos para nós humanos. Para os seres que circulam pela cidade. Diga aí, quantas possibilidades de gênero existem no mundo?
- Aaaah, táááá! Lembrei agora daquela vez que você mostrou aquele vídeo da hora que as pessoas definiam o próprio gênero e a tia logo colocava no dicionário, né?
- Exato, Amanda! Quantas possibilidades de existência existiam ali?
- Nooossa, fessô! Um bocado! Um bocadão mesmo!
- Se por acaso, eu colasse ali um “o” ou um “a”, ou um “o(a)” junto àquelas letras, vocês imaginariam que quem apenas seria capaz de narrar, descrever e refletir sobre suas próprias experiências de vida através da escrita?
- Hummmm....Um homem... uma mulher, né?
- Hummm... Se eu usasse ali esses distintivos de gênero, vocês se ateriam a

possibilidade de uma crônica poder ser escrita por uma travesti? Ou por transgêneros? Ou por pangêneros, por exemplo?
- Como assim, fessô?
- Vocês imaginariam que uma crônica poderia ser escrita por alguém como a Pablo Vittar ou como o Ivan da novela das 9, por exemplo?
- Aaah, tá! Claro que não, né fessô?! Eu ia logo pensar que só homens e mulheres normais que escrevem crônicas!
- Oooxe! Não é normal que se fala não, seu tonto! Se diz cisgênero, CISGÊNEROOOO, esqueceu foi?! – retrucou a Vitória.
- Caaalma, amore! Estamos em processo! Leva tempo mesmo para se desplugar de inúmeros costumes que ainda nos vestem com capinhas de invisibilidade. Mas vale sim, orientar quando necessário.
- Então quer dizer que eu não posso mais escrever com “o” ou com “a”, fessô?
- Oxe! Claro que pode, queride! Você tem todo o direito de escolher se mantém o padrão ou se rompe com ele quando sentir a urgência.
- Mas porque então o sinhô não usa o padrão?
- Borro com um “x” essa definição na linguagem escrita, justamente, para abraçar todas as possibilidades de escrita de si que existem no mundo. Enquanto o padrão nega a existência das coisas do mundo, a experiência com a linguagem me permite acolher tudo o que de fato existe e o que tem potência para existir. Quando nego as coisas que existem, mato a mim mesmx.
(Sinal Sonoro)
Beleza, querides! Nos vemos amanhã na roda de leitura, ok?! Leo, não esqueça o mp3 com aquelas duas músicas dos Racionais que você baixou na semana passada, tá?!
- Pó deixá, fessô! Até amanhã.
- Té.

MULHER SEM MEDO

São Paulo, maio/2017.

- “Dominador, o homem queria ser o rei da casa. Suas ordens deveriam ser rigorosamente obedecidas pela mulher...”.
- Aaai fessô! Que raaaaivaaaa! – sussurrou a Renata rangendo os dentes e

com uma das pernas a perfurar o chão feito britadeira.
- “... Mas como impor sua vontade? Como muitos ele recorria a ameaças: quero o café servido às nove horas da manhã, senão... E aí vinham as advertências: senão eu grito com você, se não bato em você, senão eu deixo você sem comida.”
E a britadeira acelerava as quicadas no cinza-chão a medida que a leitura avançava na roda. Assim que a última linha da crônica do Scliar desapareceu no ar, a mana disparou:
- Aaai se fosse comigo, fessô! Esse idiota ia ver só o que era bom! Vai veendo! Vai vendo.
- Esse cara é muito machista, né fessô? – concluiu a mana Tainá buscando anuência.
- Hummm.... que atitudes do personagem fizeram você perceber isto, Tainá?
- Oooxe, fessô! O “bunito” casa com a mulher por interesse só porque ela não tinha medo de nada. Daí começa a tentar dominar e competir com ela pra provar quem manda e quem deve ter medo na relação. Mó Mané, né?!
- Mas no final, ficou claro quem é o grande cagalhão da história?
- Aaah, ficou sim! Era ele mesmo. No fundo, no fundo todo machista é covarde, né fessô?!
- Hummm... sinto que nem precisa ir tão fundo, queride! Os gestos mais superficiais de um machista já são suficientes para revela-lo! – falou o professor enquanto percebia o silêncio agoniado e os olhos de mangá de boa parte dos garotos da turma.
- O pior é que mesmo hoje, que a gente discute mais sobre esse assunto, tem um monte de homi que ainda se comporta desse jeito, né?! – alertou a Letícia.
- Tem sim! E inclusive muitos homens que leem e se interessam por essas questões.
- Mas tem muita mulher também que ainda obedece esses caras, né?! – completou a mana Giovanna.
- Tem sim! Inclusive muitas amigas feministas, que leem muito sobre o assunto, que estão engajadas no processo e ainda assim caem nas armadilhas de um relacionamento abusivo.
- Nossa, fessô! Se hoje é assim imagina antigamente? – ponderou a mana Giulia.

- É, mas isso tem a ver com a educação, né? – replicou a mana Renata.
- BINGO! E se vocês observarem bem, irão perceber que esse modelo machista de educação é violento também para os meninos.
- Oooxe! Como assim? – espantou-se o Matheus com sorriso amarelo-frouxo.
- Percebam que a cultura... os costumes inventam padrões que se impõem a potência dos seres. Isso faz, por exemplo, com que as pessoas vejam como “naturais”, os atributos que eles definem como próprio do feminino.
- Aaaah, já sei, fessô! É aquela história que toda mulher é delicada, meiga, sensível...
- Exato, Renata! São as qualidades da bela, recatada e do lar e/ou seu extremo oposto. Já os atributos do macho, ou seja, a virilidade, a força, o controle, a não expressão de sentimentos, emoções... são “qualidades” que devem ser conquistadas e o tempo todo testadas pelo grupo. Quantas vezes meninos vocês se sentiram ameaçados por perguntas do tipo: “Cê num é homi não é?” ou “Cê é gay é parça?”
- CARAAACA, FESSÔÔÔ... é assim mermo! Assim meeermo! – cantou boa parte do coro de barítonos e tenores.
- Oxe, isso acontece toda hora mesmo, fessô! Outro dia mesmo eu tava na maior bad e fui tentar desabafar com um parça. Quando eu tava prestes a chorar, ele perguntou assim mesmo: “Oxe, sai dessa parça! Cê não é homi não, pô?!” – apontou o Gabriel.
- E o que você fez?
- Tranquei o choro na hora.
- E isto te fez bem?
- Não.
- Tá vendo?! No mês passado, estive em um encontro que discutia masculinidades. Lá, estavam dois psicólogos que desenvolvem um projeto que atende agressores enquadrados na Lei Maria da Penha. Sabe o que eles disseram?
- Não, fessô! Conta aê!
- Bem, eles falaram muito sobre a dificuldade desses homens de se abrirem, de compartilharem suas histórias, de expressar o que sentiam. Disse que em média, é preciso inúúúúúmeras sessões pra um macho começar a narrar sobre suas questões internas.

- É foda mesmo, fessô! Eu vejo o meu tio fazer isso com o meu sobrinho. O moleque tem apenas três anos e meu tio vive mostrando pro menino que ser homi é assim... ser homi é assado... que tem que fazer assim pra ser igual ao paizão. Essas coisa, sabe? E quando a criança chora? Ele usa esse mesmo argumento. O mesmo, fessô! – denunciou a Renata.
-Tá vendo só! Isso gruda que nem chiclete na nossa mente e no nosso corpo e faz com que nos tornemos esse personagem da crônica, e no caso das meninas, esse padrão de mulher que o sujeito idealiza. Durante um longo período da minha vida, eu também fui assombrado com esse enunciado.
- Também, fessô?
- Sim, Giovanni! E naquela época eu estava totalmente vulnerável. Essas questões não chegavam até mim. Eu não tinha referências, experiências e conhecimento suficiente para afirmar a minha sabedoria com um contragolpe do tipo: “Grandes merda é ser esse ser de merda que você exige que eu seja!” toda vez que meu irmão e alguns amigos me lançavam essa pergunta.
- E como é hoje, fessô?
- Hoje? Olha pra mim! Imagine aí a cara do motorista, do cabrador e da maioria dos passageires quando me veem entrar de vestido, colan, brinco, batom, esmalte no busão...?
- Kákakáka. E o que eles fazem, fessô?
- Geralmente, a maioria dos machos me olha de canto de olho, de testa amarrada e me vira a cara toda vez que eu dou um bom dia; um boa tarde ou um boa noite. Algumas mulheres também me olham com a testa sanfonada e o olho esbugalhado.
- Aaff!
- É sintomático! Machistas tendem a ficarem agressivos quando borramos os padrões com os quais foram criados. Não aceitam, se fragilizam, gritam, berram, vomitam de tudo quanto é jeito. A maioria das vezes é em silêncio que agonizam toda vez que afirmo essa potência. De vez em quando passa uns playboys de carro e gritam: VIAAADO! Mas eu sinto compaixão deles, pois o que pra eles é ofensa, pra mim é potência. Imagina só o nível da impotência dessa galera?
- Pois é, fessô! Eu venho do interior de São Paulo. De uma cidade chamada Tietê.

- Eeecaaa, cê mora naquele rio que fede é? – cutucou o Gabriel.
- Nããão, seu besta! É uma cidade com o mesmo nome do rio. Lá também é bem zuado! Tinha um vizinho nosso, fessô, que vivia xingando os gays da cidade. Até rumava pedra. Daí, O QUE É QUE ACONTECEU? O QUE É QUE ACONTECEU, FESSÔ? O filho dele do meio quando cresceu se assumiu homossexual. Pra você ver como é a vida, né?! – narrou a Tainá toda envolvida em alvoroço.
- Pois é! A potência da vida sempre dá sentido às narrativas. rs
- Aaah, eu também passei por isso, fessô! Sabe, eu sou bissexual e minha irmã mais velha é lésbica. Minha mãe sempre teve preconceito, mas agora é nóis que educa ela. – animou-se a Vitória.
- Jura? E como cês fazem isso?
- Ah, ela o tempo inteiro queria que a gente fosse o que era impossível a gente ser. Daí, eu e minha irmã nos juntamos e começamos primeiro a não entrar nesse jogo. Agora, por exemplo, o meu irmão mais novo é adotado. Ele tem quatro anos, e hoje, a minha mãe até troca os brinquedos quando ele tá brincando com minha sobrinha. Tipo assim: ela dá o carrinho pra Amanda e a boneca-bebê para o Rodrigo. Igualzinho como minha irmã faz.
- Uau! Que delícia!
- Mas esse lance dos brinquedo é mó zuado, também, né fessô? – alertou a Gabi.
- É né?E porque que é tão zuado esse lance dos brinquedos, hein Gabi?
- É que, por exemplo, pros meninos é sempre carro, avião, navio, espada, revolver... e pras meninas é boneca-bebê, Barbie, cozinha, conjuntinho de panela, vassourinha...
- Exato! Os brinquedos também reproduzem e contribuem muito para manter esse modelo tóxico de educação, né?
- É mesmo, fessô! Minha mãe, por exemplo, só fala que quando eu tiver minha casa não saberei cuidar. Ela não tem outro assunto comigo a não ser faxina. Já com o meu irmão, nunca toca nesse assunto, e ele é mó baguncêro! – delatou a Giulia.
- E você, fessô?
- Opa! Eu o quê, Giovanna?
- Quando foi que você descobriu que gostava de “coisas de menina”?

- Aaah, desde a mais tenra infância eu já percebia que os atributos do feminino cabiam perfeitamente no meu corpo.
- Oxe, como assim?
- Eu tinha uns quaaatro... ciinco anos e já amaaaava enfiar a cueca toda na bunda para imitar as chacretes.
- Kakakakaka... Chacretes?
- Sim. Eram as panicats da época.
- Ah tá!
- Também a-do-raaava bater cabelo com a toalha de banho de mainha pra imitar as paquitas.
- Kakakakaka... Jura, fessô?
- Sim! Era bem complexo, pois, a TV naquela época já objetificava o corpo feminino e impunha um padrão de mulher branca, magra com cabelos extremamente lisos. Como os nossos cabelos não faziam aqueles movimentos, improvisávamos. Eu e azamiga da época.
- Hahaha...Tendi! E você também brincava de boneca?
- Oxe, eu era cabeleleire oficial das barbies da minha irmã mais nova. Cada semana elas estavam com um corte diferente. Mas claro que eu pedia pra ela assumir a obra.
- Hahaha E foi assim sempre?
- Claro que não! Painho, mainha e principalmente meu irmão mais velho logo trataram de me expulsar do paraíso. Eu era a única bicha da casa. Daí já viu, né? Anos de enquadramento, silenciamento, trancamento, recalque, culpa, medo, ódio...
- Putz! Zuado, fessô! E hoje?
- Hoje é mais de boa! Se perdoar e perdoar é um ótimo antinflamatório. Hoje me dou muito bem comigo mesmo. Aprendi a observar bastante todo lamaçal que me acompanha. E é nas profundezas desse lodo que encontro a beleza dessa viadagem que os machistas temem tanto.
- Pô, chavão, fessô! Então hoje você que é essa “mulher sem medo” da história que a gente leu, né?
- Hahahaha... medo ainda rola, mas hoje posso dizer que temos uma relação mais íntima e amigável.
- Oooxe? Como assim, fessô?

- Percebi que eu me tornava covarde toda vez que fingia pros outros e pra mim mesmo que não sentia medo. Também me vi diversas vezes arrogante quando o escondia, ou achava que deveria escondê-lo. E quando eu falava mal dele compulsivamente pra alguém sem se quer escutá-lo direito? Eram os momentos em que me fazia de vítima, me vitimizava...
- Oxe, fessô, e o que você faz então toda vez que sente medo?
- Eu o observo. Sinto-o e o escuto intensamente até esgotá-lo no corpo. E cada medo tem comunicado algum detalhe de mim que eu ainda não percebia ou percebia pouco. É assim que tenho contragolpeado esse medo de ter medo que tanto me paralisava. rs
- E quanto tempo dura cada medo?
- Ora, você já viu algum medo usando relógio ou consultando calendário?
- Claro que não, né fessô! Oxe!
- E você já parou pra pensar por que o medo não usa relógio, nem calendário?
- Não.
- Bom, então posso contar um segredo sobre o medo que eu descobri faz pouco tempo?
- Conta ae, fessô! Vai! Conta!
- É que cada medo dura o tempo do medo. – sussurrou em tom de presságio o corpo docente.
(barulho oco em olhos de mangá).
(Sinal sonoro).
- Êêêta fessô! E as respostas do questionário do livro? Nem deu tempo da gente por na roda. E o sinhô também nem fez a chamada, né?!... – Dispararam as vozes em cânone rotativo.
- Relaaaaxem, amooores! Vão tranquiles pro intervalo que viver continua sendo esse algo perigosíssimo.

DÉCIMO SERTÃO – O corpo artístico parido de dentro do corpo docente – Anotações do diário de bordo de Cabra Fêmea: da sala de aula para ruas e sertões.

"- Moço, arruma um dinheiro pra eu comprar cigarro!" Foi numa manhã de março, após as gravações na Sé, que encontrei Michele na saída da Estação

Marechal. Ela vestia um conjunto de blusa de viscose com saia que muito lembrava a leveza e simplicidade das peças de minha vó. Nutrid_ de empatia, fiz o convite para que atuasse comigo em uma cena do clipe. De imediato, Michele tirou a blusa e exibiu um exuberante tomara-que-caia que lhe desenhava os contornos. Lemos o gesto como o sim que desejávamos. Desde a concepção do roteiro, ficou claro que não faria o menor sentido contratar profissionais para representar corpos que já performam suas existências nas ruas de essepê. Michele nasceu em um pequeno povoado do interior do Maranhão. Aos 14 anos, não queria mais ser chamada de Elias, e tampouco sustentar predicados que a mantinha presa em um corpo que só fazia “bem” aos outros. Foi com essa pouca idade e muita fome de existir que migrou da pequena São João de Caru para a grande São Paulo. "- Como quer que eu assine? Com o nome social ou o de batismo?" – perguntou assim que entreguei o termo de uso de imagem. "- Assine com o nome que tiver melhor caimento em seu corpo." – respondi enquanto observava as mãos que deixava o espaço do RG em branco. Foi ali, entre a assinatura e o pagamento do cachê que meditei. Olhava para mim e me sentia pedra miúda diante de Michele, uma iluminura que percebeu muito antes que percebesse a mim mesm_, que narrar a si é como apostar no próprio nascimento. Michele assumiu o risco de existir aos 14 anos, idade em que eu ainda me odiava em oração. Hoje, aos trinta e um, ela continua a exibir sua potência pelas ruas de Essepê. E é em tensão constante com as ruas da capital do capital, com o medo e o ódio postos nos olhos da metrópole que desestabiliza sua pressa ao mirar seu corpo em trânsito, é com o sopro mal agourento das estatísticas, que há 17 anos, Michele Jordan performa pelo direito de fabular a si e traduzi-lo em estado de corpo.

O PRESENTE DE GRAÇA

(aquela que viralizou)

São Paulo, setembro/2017.

Abril /2017

- Ô professô, gosto mais quando o sinhô vem desse jeito. - disparou o cabra no momento em que x professxrx de português e a turma de jovens e adultos ensaiavam a migração para a sala de cinema para assistir um filme do Chaplin.

- Desse jeito como, Seu Raimundo?
- Assim...de calça, camisa...
- Ué, mas por quê?
- Ah, porque é estranho quando o sinhô aparece aqui com aqueles vestidos.
- Hummm... estranho? Por quê?
- Ah, professô! Porque é rôpa de mulher, né? – Disparou acanhado sem conseguir atingir os olhos dx professxrx que mirava o nordestino de barba bicolor que lembrava muito os sertanejos da família do pai.
- Xiiii, seu Raimundo! Sobre isso, só tenho a dizer uma coisa.
- O quê professô?
- Vai piorar.

Junho/2017
- Professô, muito obrigado, viu! Você é dez! – disse o senhor com o corpo trêmulo e as mãos apressadas a encontrar as palmas e os olhos dx docente.
- Obrigado? Por que, seu Raimundo?
- Oxe! É que fazia quase duas décadas que eu não estudava. Achava que não era capaz de aprender mais nada. Mas o seu jeito de ser, assim alegre, pra cima, empolga a gente. Muito obrigado mesmo. Continue assim como o sinhô é, viu?!
- Assim como eu sou, seu Raimundo? De vestido, esmalte, brinco, batom e tudo mais? – perguntou com sorriso de brisa de mar.
- Sim. De vestido e tudo, fessô! Isso era besteira minha. Já me acostumei com o seu jeito.

Setembro/2017.
-Fessô! Tô indo amanhã pra Porto de Galinhas! Lá pra minha terra natal! Pernambuco! Vou passar quinze dias por lá, viu?!
- Que maravilha, dona Graça!
- Pois é, professô! Lá tem uns vestido que eu acho a sua cara! Eu bem vejo o sinhô neles!
- Minha cara? Como assim?
- Assim professô.. Vistooooso! Coloriiido! Beem rodado, sabe?! Vou trazer um pro sinhô.

- Hahaha...cê jura?
- Cê vai vê! Aguarde e confie.

22/ setembro/2017.
- Tá aqui, professô! – a senhora por nome Graça sacou da bolsa embrulho transparente e arremessou no colo dx professxr assim que elx cruzou a porta da sala.
Com o corpo vibrátil, x docente largou de imediato a bolsa e disparou para o banheiro. Despiu-se em frente ao espelho. Mergulhou no tecido como se jogasse de cabeça em um rio chamado infância. Rodopiou feito um planeta. Mirou a si terra e sol. Dadivou-se. O caminhar de volta para sala elevou-se na soltura das ancas. Os corredores converteram-se em passarelas. Na escada, cada degrau convidava à dança. Seres se cobriam de amarelo vivo. Inspetorxs, professorxs, alunxs iluminavam olhos, dentes e exclamações do tipo. DIVAAA! ARRASÔ! E x professxrx retornou a sala de aula como se entrasse em cena em dia de estreia. Era Gira com ares de Oxum que via sertão em plena primavera. Rodopios sinuosos logo animaram aparelhos celulares.
- Nooossa, fessô! O sinhô tá parecendo um sol de tão iluminado! Tá tão lindo! Achei que teria até que ajustar, mas de tanto que eu descrevi como o sinhô é, a moça da loja garantiu que ia ficar perfeito! E ficou mesmo, né?
E foi nesse palco chamado ESCOLA, que ontem, mais uma vez, celebramos existências tão possíveis quanto solares.

TRANSFORMER

São Paulo, outubro/2017.

- Fessô, eu mostrei a sua foto de vestido pra minha vó!
- Sério, Alisson? E aí?
- É que eu tava tentando explicar pra ela sobre o seu gênero...
- Jura? E como foi?
- Foi complicado, viu fessô!
- Complicado foi?
- Sim. É que nem eu conseguia chegar a uma conclusão sobre o seu gênero.

Acabei dizendo pra ela que você é TRANSFORMER.
- TRANSFORMER? Eu?
- Sim! Transformer.
- E como é ser transformer?
- É que uma hora o sinhô tá mais masculino que feminino, e muitas vezes tá mais feminino que masculino. Tem dias também que vejo que o sinhô num tá nem uma coisa, nem outra. Noutro dia mesmo, perguntei se preferia que eu te chamasse de professor ou professora, e cê disse que “profeflor” era mais uma possibilidade no rolê. Daí, bagunça tudo, né fessô!? Então o único jeito foi dizê que o sinhô é transformer. Cê muda toda hora mesmo, né?!.
- E sua avó? O que disse?
- Ah! Ela disse que tem na bíblia que isso é errado! Que é doutrinação!
- E você, o que pensa?
- Nada a ver, fessô! Ao contrário, cê é dos poucos aqui que num obriga e nem impõe nada pra gente.
- Hummm.... E você viu algo? Tá lá escrito mesmo que a pessoa não pode ser transformer?
- Que nada, fessô! Pedi pra ela me mostrar o texto; perguntei em que página estava e nada! Só ficou repetindo que é errado! Que não pode! Que Deus castiga.
- Hummmm... Sei! Lembro que em 2015, na outra escola onde eu dava aula surgiu essa questão. Uma aluna disse que tinha na bíblia que pessoas como eu não poderiam existir. Já uma outra afirmou que lá estava escrito o contrário. Então, pedi que as duas trouxessem os respectivos trechos para que olhassemos para aquelas palavras e para o livro de onde elas vinham.
- E aí, fessô?
- Tô aqui disponível até agora e nada do material chegar.
- Hahaha Tá vendo só, fessô! Isso é a maior mentira!
- Ok. Mas vamos supor que esteja mesmo escrito em algum pedaço desse livro, algumas “orientações” desse tipo. Ainda assim, seria justo negar a existência dxs “transformers” e de tudo mais que existe atualmente no mundo?
- Ééé... eta... não tinha pensado nisso!
- Hummm... Me diga aí, por qual conteúdo estamos navegando nesse momento, Alisson?

- Pelas metáforas, fessô!
- E então, o que é uma metáfora?
- Ah, pelo que eu entendi é quando uma palavra se relaciona e se camufla na outra pelas semelhanças que elas tem, né?
- Ao dizer para sua avó a oração: “Meu professor é transformer”, você usou uma metáfora?
- Hummm.... xiii é mesmo! Usei sim.
- Pois então, o que acontece com as palavras quando elas se relacionam e se fundem umas nas outras pelo que elas têm em comum?
- Ah! Elas ficam mais bonitas, né fessô! Elas instiga mais nossos sentidos e nossa inteligência também, né isso?.
- Muito bem! E nesse desafio que fizemos agora a pouco, quantas possibilidades de criação de metáforas diferentes para uma mesma palavra surgiram?
- Nossa, fessô! Um bocado!
- Pense aí! Se nos contentássemos apenas com uma metáfora e nos fechássemos para outras inúmeras possibilidades de construções que existem, teríamos oportunidade de nos encontrar com outras tantas belezas possíveis para uma mesma palavra?
- Claro que não, né fessô!?
- Então, queride! – disse x docente ao bater cabelo e girar todo corpo com um sorriso de passe de mágica.
- Aaaaah! Já entendi tudo... cê tá querendo me dizê então, que o seu gênero é metáfora, é isso fessô?!
- Meu corpo, sim.
- Oxe? Seu corpo é uma metáfora?
- Isso mesmo. Uma e váááárias, queride!
- Como assim, fessô?
- O corpo que ocupo é uma metáfora tão inquieta quanto indomável. Em um só dia, cria váááárias formas de existir. Logo, se o definisse em um só gênero, perderia de vista outras tantas belezas que habitam o porvir desse corpo.
- Aaaaah! Táááá. Tá vendo que eu tô certo, fessô?! Cê é transformer, mesmo! Tendi tudo!! Vou falar pra minha avó desse jeito, com essas palavras que cê

usou. Mas antes vou ter que ensinar a ela o que é metáfora. E vamos ver se dessa vez agora ela entende, né?!

DÉCIMO PRIMEIRO SERTÃO – O corpo artístico parido de dentro do corpo docente.

Em junho de 2014, quando me veio a notícia que nos levou a antecipar a escrita do relatório de qualificação do mestrado, estava as voltas de retornar a Salvador para iniciar o processo de realização de um grande sonho do qual o próprio fluxo da vida foi organizando em conjunto com as experiências da vida docente e da pesquisa. O desafio era reunir instrumentistas em Salvador para ensaio e gravação da canção que posteriormente abriria o processo de criação do videoclipe que lançaria no ano seguinte Pedra Homem na cena musical. Todos os elementos poéticos que compõem canção e roteiro dessa primeira produção audiovisual foram dados pelas experiências vividas na migração e pelos estados de corpo experimentados na escola. *Cabra Fêmea,* esse vir-a-ser inaugurado pela obra, nada mais é do que a soma e expansão da potência de todas as conversas provocadas pelas performances artísticas realizadas a partir dessa tensão com a cidade-pedra e, principalmente com o Cistema de gestão das escolas do Estado de São Paulo. Na obra, atuo com três corpos que se conversam. São estes: um corpo- cis que reflete corpo-Magno apegado às velhas bagagens que trazia na chegança. Ao revisitar as narrativas nesse diário, percebo que tanto o corpo-transnômade que pastora a si e muda de forma a cada travessia em escrevivência, quanto o corpo transbrincante que do sertão da infância brinca serenamente com os sintomas do mundo através da arte de contar e cantar poesia são crias dos estados de corpos Pedra Homem, Profeflor. A junção desses três estados de corpo com o feminino inspirado pelas figuras de minha mãe e minhas avós, uma preta e outra cabocla, uma paterna e outra materna, uma do reconcâvo e ou outra do sertão baiano pariram de dentro de Magno, de Pedra Homem e de Profeflor, Cabra Fêmea.

DEI

São Paulo, maio/2018.

- Fessô, o sinhô tem certeza que deu isso? – desafiou a malandragem juvenil lááá do fundo da ausência de vergonha.
- Oxente, queride?! Assim Profleflor murcha, tá?
- Oxe? Murcha é? Por quê?
- Escutem bem, amores! Quero que saibam, de uma vez por todas que Pedra pode se esquecer de muuuitas coisas nessa vida, mas se tem uma coisa que Pedra não esquece meeesmo é:
1º) SE DEU.
2º) O QUE DEU.
3º) QUANDO DEU.
4º) ONDE DEU.
5º) PRA QUEM DEU.
6º) COM QUE CORPO DEU.
7º) e último-mais-importante tópico desse projeto-vida...
SE DEU GOSTOSO, TÁ?
E é assim que há quase quatro temporadas letivas, descorrompemos, vibramos e colorimos noss_s corpinh_s nas salas de aula de essepê.

DÉCIMO TERCEIRO SERTÃO – *Te perder de vista é bom:* diário de bordo de Cabra Fêmea.

Memórias de si

Passei muitos anos da vida sem compreender (e nem se quer me engajar) no prazer de observar o zelo com o qual a minha avó cuidava (e ainda cuida) dos utensílios domésticos. Em janeiro de 2017, retornei ao sertão de minha infância, no interior da Bahia. Fazia mais de 20 anos. Sim, foram mais de 20 ANOS sem pisar os pés no quintal de Dona Maria. Sem ouvir suas histórias cheias de reviravoltas e desfechos mirabolantes. Sem tomar chá de cidreira e capim santo colhido do pé. Sem degustar a quentura macia do melhor cuzcuz de milho do mundo. Sim, foram 20 ANOS sem se quer perceber a presença

dessa ausência em mim. Ao reencontrá-la na mesma rua, na mesma casa, no mesmo (e outro) quintal que ocupa há mais de 74 dos seus 90 anos de esplendorosa vida, pude perceber o peso da ignorância arrogante que me roubava materialmente a memória. Sim, a mesma memória teorizada e defendida nas minhas punhetas mais acadêmicas. Foi olhando para os gestos simples impressos no ritual cotidiano de Dona Maria, nos movimentos lentos, leves e precisos de seu corpo ao manusear objetos tão comuns (e tão singulares), que percebi o quanto permiti que a aceleração e os processos civilizatórios ocupassem o lugar da ancestralidade. Essa mesma que desde o salto da Bahia para São Paulo há quatro anos me convoca a presença no mundo. O prato no qual partilhava comigo (e ainda partilha) o alimento era o mesmo objeto que eu guardava no HD interno. Com a mesma estampa laranja na borda. O mesmo, o mesmo pratinho da infância que havia abandonado, e que ela conservou sem se quer um arranhão. Foi nesse dia que percebi que minha vó não cuidava, não cuida, nem nunca cuidou apenas de utensílios.

A canção

O xote *Te perder de vista é bom* é uma ode, exaltação, louvação ao devir/porvir que advém da experiência do abandono. Experiência que expressou toda beleza e terror em julho de 2014, quando o cordão umbilical com a Bahia se rompeu, e migrou corpo-bagagem de Salvador para São Paulo. Uma migração de cunho mais existencial que difere da vivida por meus antepassados nordestinos que evadiram da seca e da fome com seus familiares em busca de melhores condições de vida na cidade-pedra. Não foram motivações econômicas e sociais que impulsionaram o movimento de mudança que me arremessou a capital paulista, e sim uma forte pulsão de abandonar velhas bagagens, ou seja, de subverter formas e modus operandis que controlavam o estado de corpo e negava-lhe o direito/desejo de fabular outras maneiras de existir e atuar no mundo. Logo, a fome e a sede, não eram de água, de comida ou de trabalho, e sim de presença. Letra e melodia me surgiram numa travessia de ônibus até o metrô Faria Lima nas primeiras semanas do salto, e em mim soou como um contragolpe nessa maneira narcisista, egocêntrica e perversa com a qual fomos/somos educad_s a lidar com a falta. A canção não

me curou de imediato, mas foi através desse xote que vislumbrei a possibilidade de desenvolver práticas mais equânimes de lidar com essa dor que advém de uma situação de iminência de perda e/ou falta de algo/alguém; gestos que vão se expandindo na medida em que são praticados a cada repetição dessa experiência de salto em direção à morte. Foi essa canção que me impulsionou a revisitar Tucano, o baiano sertão de minha infância, e também a acolher São Paulo, cidade que me colocou frente a frente com esses sertões que em mim habitam.

Roteiro do primeiro clipe

Um corpo são três. Três corpos são um. O roteiro de *"Te perder de vista é bom"* remonta e conecta de forma poética três memórias de experiências migratórias de um mesmo corpo a partir de travessias e rituais performativos. Do sertão da infância, na Bahia, um corpo transnômade pastora a própria existência enquanto caminha em direção a um riacho seco. O caminhar sereno pelo sertão verde ativa memórias de um pretérito antagônico. Em São Paulo, um corpo cisgênero recém-desembarca apegado a três velhas bagagens. O peso das bagagens levará esse corpo a um esgotamento que impulsionará suas primeiras renúncias. Duas bagagens serão abandonadas: a primeira, cheia de livros, pousará nas mãos de uma trans que esmola na rua; a segunda, após uma pausa para descanso, será deixada ao lado de um corpo que dorme sem proteção no chão frio da grande metrópole. Nos primeiros passos após o descanso, a mala de rodas ganhara vida e vontade própria. Ela mudará a rota da travessia e o conduzirá apressuradamente até a entrada de uma antiga fábrica/casa abandonada. Nesse espaço, o corpo cis caído e exausto será atraído para um rito de passagem. Paralelamente, no futuro destes dois corpos, haverá um corpo transbrincante/forrozeir_ a narrar essa tripla travessia em performance/canção. O corpo cis entra na velha fábrica abandonada. Uma luz o atrai para um grande túnel de tijolos. O corpo atravessa a escuridão do túnel, e na medida em que se aproxima da luz, vai se apequenando. No fim da travessia, encontra uma bacia de metal com uma vela de sete dias no centro. A chama ilumina santinhos com imagens de santos juninos. Em meio às imagens, reconhecesse o velho documento de identidade multiplicado entre os santinhos. O corpo cis pega a original do antigo RG, olha por alguns instantes,

e logo em seguida, encosta o documento na chama da vela que começa a queimar pelas digitais. O corpo abandona a velha identidade em chamas na bacia, e se desloca em crescente para a saída da fábrica. Na travessia, vai se despindo das velhas peças de roupa. Ao atravessar a porta de saída, os pés são acolhidos por um chinelo de couro sujo de terra e é coberto por um vestido que sobre seu corpo. A leveza e sinuosidade das peças contaminam _ o comportamento do corpo que começa a dançar xote e perder-se de vista no infinito da cidade junto com corpos que ocupam sertão.

Forró PARA TODES!

Primeira vez que Pedra deu liberdade de vestir Cabra Fêmea e ir a evento de forró foi em 2016. Era domingo. Pedra vestia mesmo vestido escamoso e afetos presentes em clipe-canção. Sinuosidade de tecido (o mesmo vestido e estado de corpo experimentado no exercício da vida em docência) somada a brilho em argolas, lilás em boca, unhas-coco-queimado, lápis em olho sereno-disponível e bigode-barba rala em rosto matuto foram suficientes para lançar bomba em corpo/evento. Rostos brancos exibiam à queima roupa, repulsa e desejo. Manas se encantavam com feminino em corpo de Pedra. Cabras-macho enviesavam olhar, sanfonavam testas e endureciam ombros. Ali estava im/posto que não haveria nenhum par para Cabra Fêmea. Caixas de som faziam companhia. E foi ali, em curral onde nenhum corpo convidaria para bate-coxa que Pedra retornou a sertões de infância/adolescência. Dali, observou casal gay sustentando discrição que condenava mãos e lábios a isolamento. Ali, na espreita, leu conforto eufórico de casais cis dominarem salão. Viu sintomas condenarem festividade, alegria, corporeidade, ancestralidade, espiríto comunitário e afetos de forró a tóxico cheiro de mofo. Foi dali, daquele cercadinho cis-hetero-normativo-branco, que ocupei terreiro com dança tão sinuosa quanto imaginária, tão solitária quanto solidária. Algo ali reafirmou potência de chamado: Sim, Pedra Homem, Cabra Fêmea - bixa-preta--transformer-não-binária-poeta-profeflor-periférica-migrante - foi/é convocada a (re)inventar sertões em imagem-canções. Foi ali, em imensidão sertão de si mesm_, que Pedra redescobriu raízes como combustível de travessia rumo à morte de tudo que rouba direito a vida.

Pai xiô

São Paulo, 15 de junho de 2018.

- Fessôôô, eu vi seu clipe ontem, viu? - disse a aluna no finalzinho da aula.
- Viu foi? E então amore, que nota eu tirei? - disse profeflor com o corpo mezzo-apertado.
- Oxe, foi DEZ! Tá massa mesmo, fessô!
- Sério?
- Aham?! Só meu pai que xiô.
- Foi mesmo?
- Aham?!
- E xiô por quê?
- Ah, ele disse logo: "mas ele aparece assim é? Com a bunda de fora? Onde já viu isso? um professor aparecer com a bunda de fora?"
- Xiiiii... e aí menina?
- Aaaah, fessô, daí eu tive que responder logo pra ele, né? "Oxeeente, meu pai? A bunda é de quem, hein? Me dêxe, viu? E na hora mesmo apertei play de novo!"

DÉCIMO QUARTO SERTÃO – Último ensaio, nova morte celebrada.

Pedra poderia seguir por aqui contando mais e mais histórias que partem dessa interface entre corpo docente e corpo artístico, e as tantas e tantas histórias por trás das histórias desses quatro anos de re/existência em São Paulo. Porém, sinto que não há mais espaço. O corpo-em-escrevivência que atravessa esse primeiro ensaio antibiográfico já se esgota. Não desejo mais seguir pelos sertões dessas laudas onde a ficção ascende como a parte mais sincera de todo texto. Existem pessoas, seres em outros lugares querendo se avizinhar com o corpo que ensaia a desocupação dessa pesquisa. Porém, antes de sair de cena, desejo partilhar aqui a alegria de realizar o projeto que inspirou o movimento de migração para São Paulo, e as lições que todos os processos que envolveram esse sonho me presentearam. As primeiras experiências desse novo ciclo que celebra a inauguração da presença de Pedra Homem na cena musical ampliaram ainda mais as minhas percepções

sobre o quanto vida, docência e processos artísticos se friccionam. Em todos os processos de concepção e realização do clipe-canção de Cabra Fêmea, percebi o quanto o corpo da docência e o corpo artístico conjugam suas potências e se inspiram. Seja no trabalho com os músicos que gravaram a canção quanto com os processos realizados com a Aruanda.mov (produtora de um ex-aluno que se envolvia em processos artísticos/escolares experimentados em Salvador) percebi o quanto o corpo que na sala de aula inspira fazeres estava presente. Cabia a Pedra nessa primeira produção inspirar corpos a se envolverem em processos. Provocar e permitir que estes profissionais se envolvessem e se unisse em um fazer comum que potencializa suas potências. Em vários momentos tanto do ensaio/gravação da canção quanto dos processos de produção do videoclipe, agradecia por ser profeflor, pois, interagia com os músicos e com a equipe técnica praticamente com o mesmo corpo com o qual encontro estudantes diariamente, no qual, a única diferença era o contexto não institucionalizado e ocupado por algum modelo de gestão. Outro movimento que tem acendido ainda mais essa percepção, a distribuição e primeiros retornos que venho recebendo do público que acessa e se afeta com essa primeira produção. Nas mensagens dessas pessoas, percebo o mesmo desejo de estudantes de se avizinhar. Tanto nas mensagens do público que chega a Cabra Fêmea quanto nos gestos de estudantes que se encontram com Profeflor percebo o mesmo desejo de ver e se perceber na experiência do corpo com o qual se relaciona. Tanto a arte quanto a docência tem essa potência de gerar conversas que abrem novos possíveis para existência. De modo geral, percebo que o desejo de se avizinhar existe em qualquer pessoa, porém, a dificuldade de encontrar-se com os próprios desejos, e com os que nos são comuns, parte da desconsideração dos afetos e do corpo na esfera da vida política. A experiência de jogar o corpo no mundo me proporcionou/proporciona encontros com muitas potências. O gesto de substituir a velocidade/ansiedade/desespero de tentar mudar as “coisas”, me abriu as portas para observar e mudar essas mesmas “coisas” em mim a cada travessia. Como Palbert, filósofo que deu muito pitaco por aqui, percebo, que no breu em que vivemos, há muit_s vagalumes, muitas existências já se reinventando e inspirando outras formas de viver e se re/conectar com os desejos comuns. E é justamente nessa máxima que jaz a sabedoria dos

pirilampos que usam a escuridão para se ascender. O Cistema antipolítico de gestão me colocava (e sempre tende a me/nos colocar) diante de um velho corpo repleto de estados de corpo que em mim estavam/estão a perecer eram/são pertinentes ao modelo, mas não a mim. Essa dialética entre estados de corpos desejante e não-desejante era/é o elemento que nutria/nutre o nascimento de “novos” estados de corpo. Ponho as aspas, pois, sempre me vem a memória de que já havia experimentado todos esses estados corpo nas infâncias que já fui/sou. É sempre o mesmo corpo, e outro. Reafirmo que foi em um clima/ambiente pouco favorável a docência e a arte que comecei a experimentar e construir *Cabra-fêmea*. Esse corpo inaugurado pela realização do sonho da migração só legitima ainda mais todas as histórias que vivi/vivo dentro da escola que ocupo, e dessa escola que se/me ergue a cada entrevista com as vozes que ressoam dentro do corpo. Dito de outra forma, a escola foi o espaço que inspirou a emancipação do corpo que sempre desejei e que sinto que sempre me desejou. Saliento novamente que todas as formas só surgiram a partir do nascimento de Pedra Homem, esse modo de agir/ser basilar que se permite as formas porvir pela prática do corpo-em-escrivivência. Logo, Profeflor e Cabra Fêmea não se anulam em Pedra, são formas que se conversam e se complemetam sem cessar.

Vale alertar, mais uma vez, que a prática das tomadas de nota como escrivivência partem da espectação de si em contato com os sintomas do mundo. A outridadade é sempre vista como uma oportunidade para espectação de si. Quando tomar nota é incorporado como prática de registros de fala do outro para o convencimento, assédio, julgamento, acusação, punição das pessoas, deixam de ser escrivivência, e torna-se meramente, repetição do modus operandi do Cistema que administra corpos a partir dos afetos melhor convém a este.

De tudo que partilhei nessa antibiografia, de todas as mortes/ predicados que perdi, e de tantos outros que ainda perderei, de todas as experiências que me conduziram/conduzem ao breu para ascender em mim outras formas de agir/ser, me resta aqui apenas a tensão, a ausência de fôlego, de conectores que unam e harmonizem as frases. A necessidade de terminar essa conversa está há horas em conflito com a dificuldade de encerrá-la. As questões que

notearam essa pesquisa voltam e me pirraçam a coloca-las aqui novamente. Por esta razão, convém sim, perguntar a cada corpo que me acompanhou nessa travessia: a quem convém que as escolas continuem a ser espaço de despolitização? A quem convém que as escolas sejam um lugar onde pouco se reflete sobre gestos, afetos, discursos e práticas? Até quando ser docente permanecerá como sinônimo de ser burocrata elástic_ pront_ a atender tudo o que convém a esse Cistema que se orquestra para colocar a educação a serviço do mercado financeiro? Até quando docentes obedecerão a hierarquias compostas majoritariamente por seres que perderam o contato com o próprio corpo? Até quando aceitaremos que corpos distantes dos processos e dos princípios do escolar, tomem decisões e definam todos os passos da vida na escola?

Para não sair de cena de forma tão brusca, sem uma resposta que nos inspire, recorro a uma passagem do *Circuito dos afetos* que apresenta a maior lição extraída de todas as experiências narradas, descritas e partilhadas nesse diário. Por favor, solicito que peguem papel, caneta e tomem nota já:

Não será com os mesmos corpos construídos por afetos que até agora sedimentaram nossa subserviência que seremos capazes de criar realidades políticas ainda impensadas. Mais do que novas ideias, neste momento histórico no qual a urgência de reconstrução da experiência política e a necessidade de enterrar formas que nos assombram com sua impotência infinita se fazem sentir de maneira gritante, precisamos de outro corpo. Para começar outro tempo político, será necessário inicialmente mudar de corpo. Pois nunca haverá nova política com os velhos sentimentos de sempre". (SAFATLE, p. 37)

INS/PIR(A)ÇÕES

ABRAHÃO, M.H.M.B. Memórias, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, n.14. Pelotas: 2003, p. 79-95.

ABUJAMRA, M. A alma, o olho, a mão ou o uso da autobiografia no teatro. *Sala Preta/ppgac***.** São Paulo: 2013, p. 72-85.

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. In MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

AHLERT, A. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. *Revista de Educación***,** vol. 21, junio, 2011, pp. 219-240.

ALVES, R. *Do universo à Jabuticaba***.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo.* Tradução: Teixeira Coelho. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

BENTO, Berenice. Verônica Bolina e o Transfeminicídio no Brasil. *Revista Cult*. São Paulo; fascículo 202, p. 30-33. Junho, 2015.

BONATTO, Mônica Torres. FUÃO, Anna Schumacher Eder. *Performar o cotidiano: rupturas e transformações do espaço escolar.* Out. 2014 Disponível em > http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1118-0.pdf

BOURCIER, Marie-Hélène/Sam. *Especial Queer: Entrevista***.** Revista Cult: São Paulo; fascículo 205; p. 11-15. Setembro, 2015.

BUTLER, Judith. *A performatividade de gênero e do político: Entrevista.* Revista Cult: São Paulo; fascículo 205; p. 20-26. Setembro, 2015.

COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição do agora.* São Paulo; n-1 edições, 2017.

CONTEÚDO, aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A2nato >acesso em: 12 ago 2017.

CONTEÚDO, aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_(agenda) >acesso em: 13 abr. 2018.

COUTO, Mia. *A menina sem palavras e outras histórias.* 1ª ed. – São Paulo. Boa Companhia, 2013.

COUTO, Mia. *Narrativa e incerteza.* Citado a partir de: http://materialeducativo.32bienal.org.br/

DELEUZE, G. Guattari, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* Tradução em português: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik*.* Vol. 3. São Paulo – Ed. 34, 1997.

DE BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo. 2ª ed. Leya editora, 2013.

DEWEY, J*. Arte como experiência.* (trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan) São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. In: O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços.* Porto Alegre. LP&M, 2002.

GUATTARI, Felix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo.* – 12. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUMBRECHT, H.U. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir* Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2010.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A noção de pessoa na África Negra***.** Tradução para uso didático de: HAMPATÉ BÂ, Amadou. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvin Ferreira Medeiros.

HARTAMANN, L. Interfaces entre a Pedagogia do Teatro e os Estudos da Performance. *Revista Educação* | Santa Maria.; v. 39 , n. 3 p. 515-528 .

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do Armário. *Revista Cult.* São Paulo; fascículo 20s, p. 38-41. Junho, 2015.

KASTRUP, Virginia. *Educação e Incerteza.* Citada a partir de: http://materialeducativo.32bienal.org.br/. São Paulo, 2016.

KATZ, Helena. GREINER, Christine. *Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo.* São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.europeana.eu/portal/pt/record/2022101/urn_axmedis_00000_obj_66efbf1e_e112_4913_b9a9_b21587f1c1f2.html

KINGLER, Diana. A escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada.* n. 12, 2008.

LAROSSA, J.B. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade.* v.28, n.2, p. 101-115, 2003.

LAROSSA, J.B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência**.** *Revista Brasileira de Educação.* Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas; 2002.

LOURO, Guacira Lopes (organizadora). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.* SILVA, Tomaz Tadeu da (tradução dos artigos). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAE, Valter Hugo. *A desumanização.* São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MAE, Valter Hugo. *O filho de mil homens.* São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MASSCHELEIN, J. MAARTEN, S. *Em defesa da escola: uma questão pública.*Tradução: Cristina Antunes. – 2. ed. – Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.

O QUE PODEM os afetos? Programa Café Filosófico com Viviane Mosé e Nelson Lucero. São Paulo, 2013. Canal Julian Neto. son, cor (1:22:17).

PALBERT, P. P. *Vida e morte em contexto de dominação biopolítica.* Conferência proferida no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo "O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão", organizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Disponível em: www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf

PALBERT, P.P. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. Editora Brasiliense. São Paulo: 1ª ed., 1989.

PELBART, P.P. *Elementos para uma cartografia da grupalidade.* Citado a partir de http://www.itaucultural.org.br/proximoato/menu3.html.

PALBERT, P.P. *O avesso do niilismo – cartografias do esgotamento*. Traduzido por Jonh Laudeberg. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PALBERT, P.P. *O terrorismo poético*. *Revista Cult*. São Paulo; fascículo 202, p. 10-15. Junho, 2015.

PANNEK, Wolfgang. BAIOCCHI. (org) *Taanteatro: (Des)construção e esquizopresença.* São Paulo: Taanteatro Companhia, 2016.

PAZ, O. *O arco e a lira.* Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. *A dimensão performativa do gesto na prática docente.* Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/12.pdf

PESSANHA, Juliano Garcia. *Testemunho Transiente.* São Paulo. Cosacnaify, 2015.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual.* Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo; n-1 edições, 2014.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy througj Ubuntu.* Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

RAMOS, C. *A dominação do corpo no mundo administrado.* São Paulo: Escuta, 2004.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual.* Tradução de Lilian do Valle. Autentica: Belo Horizonte, 2002.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado.* Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

ROLNIK, Suely. Cartografia *Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo.* Editora Estação Liberdade. São Paulo,1989.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. *De quem é esse corpo? – A performatividade do feminino no teatro contemporâneo.* São Paulo, ECA/USP, 2009. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-25102010-162044/.../1056874.pdf

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas.* 19. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo.* São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SCHECHNER, R. O que pode a performance na educação. *Revista Educação & Realidade.* Porto Alegre:v. 35, n. 2, 2010, p. 23-35.

WANNER, M.C.A, Gondim, Raoni e Almeida, Tarcísio. *Pó. Boi. Pedra – Percografias/* org. Celeste Wanner, Raoni Gondim e Tarcisio Almeida.

TEZZA, C. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária.* São Paulo: Record, 2012.

TIBURI, Márcia. *A industria cultural da antipolítica – o caráter manipulador.* Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/industria-cultural-da-antipolitica-o-carater-manipulador/

ZUMTHOR, P. *Performance, Recepção, Leitura.* São Paulo: Educ, 2000.